

Perspectivas para a agropecuária

Volume 1 – Safra 2013/2014

BRASÍLIA, 2013



Presidenta da República

Dilma Rousseff

Ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento

Antônio Eustáquio Andrade Ferreira

Presidente da Companhia Nacional de Abastecimento

Rubens Rodrigues dos Santos

Diretor de Política Agrícola e Informações

Silvio Isopo Porto

Superintendente de Gestão de Oferta

Paulo Morceli

Assistência de Superintendência de Gestão de Oferta

Stelito Assis dos Reis Neto

Gerência de Alimentos Básicos

Wellington Silva Teixeira

Gerência de Fibras e Produtos Especiais e Regionais

Djalma Fernandes de Aquino

Gerência de Oleaginosas e Produtos Pecuários

Thomé Luiz Freire Guth

Gerência de Produtos da Sociobiodiversidade

Ianelli Sobral Loureiro

Diretoria de Política Agrícola e Informações
Superintendência de Gestão da Oferta

Perspectivas para a agropecuária

Volume 1 – Safra 2013/2014

ISSN 2318-3241

PERSPEC. AGROPEC., BRASÍLIA, V.1, P. 1-154, SET. 2013



Conab Companhia Nacional de Abastecimento

Copyright © 2013 – Companhia Nacional de Abastecimento - Conab
Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: < <http://www.conab.gov.br> >
Impresso no Brasil

Responsáveis Técnicos: Paulo Morceli e Stelito Assis dos Reis Neto

Colaboradores: Bruno Nogueira , Cláudio Luiz da Silva Chicherchio, Gabriel Pinto Nogueira de Moura, João Figueiredo Ruas, Jorge Queiroz, Leandro Menegon Corder, Leonardo Amazonas, Maria Helena Fagundes, Sérgio Roberto Gomes dos Santos Junior, Thomé Luiz Freire Guth, Wander Fernandes de Sousa, Wellington Silva Teixeira

Editoração: Superintendência de Marketing e Comunicação – Sumac / Gerência de Eventos e Promoção Institucional - Gepin

Diagramação: Eliakim Kaiam, Isac Venâncio Jr, Marília Yamashita, Núbia S. Guerra F de Castro

Fotografias: Arquivo Diges/Conab, Clauduardo Abade, Marcelle Palatucci, Marília Yamashita, Virgílio Neto

Normalização: Thelma Das Graças Fernandes Sousa CRB-1/1843, Adelina Maria Rodrigues – CRB-1/173, Narda Paula Mendes – CRB-1/562.

Catálogo na publicação: Equipe da Biblioteca Josué de Castro

338.5
C737r

Companhia Nacional de Abastecimento.
Perspectivas para a agropecuária / Companhia Nacional de Abastecimento – v.1
– Brasília : Conab, 2013-

v.

Disponível em: <http://www.conab.gov.br>

Anual

1. Produção agrícola. 2. Custo de produção. 3. Comércio interno. 3. Comércio externo. I. Título.

Distribuição:
Companhia Nacional de Abastecimento
Superintendência de Gestão de Oferta
SGAS Quadra 901 Bloco A Lote 69, Ed. Conab - 70390-010 – Brasília – DF
(61) 3312-6240
<http://www.conab.gov.br> / sugof@conab.gov.br



SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 07 |
| Algodão | 09 |
| 1. Introdução | 09 |
| 2. Cenário | 09 |
| 3. Mercado internacional | 11 |
| 4. Mercado nacional | 14 |
| 5. Perspectivas para a safra 2013/14 | 21 |
| Arroz em casca natural | 23 |
| 1. Introdução | 23 |
| 2. Mercado internacional | 23 |
| 3. Mercado Nacional | 28 |
| 4. Fatores Críticos | 30 |
| 5. Perspectivas para a safra 2013/14 | 31 |
| Cacau amêndoa | 33 |
| 1. Introdução | 33 |
| 2. Cenários | 34 |
| 3. Mercado internacional | 34 |
| 4. Mercado nacional | 39 |
| 5. Fatores críticos | 44 |
| 6. Perspectivas para a safra 2013/2014 | 45 |
| Café | 47 |
| 1. Mercado internacional | 47 |
| 2. Mercado interno | 48 |
| 3. Perspectivas para a safra 2013/14 | 56 |
| Cana-de-açúcar | 58 |
| 1. Introdução | 58 |
| 2. Panorama internacional | 59 |
| 3. Panorama nacional | 59 |
| 4. Fatores críticos | 62 |
| 5. Perspectivas | 62 |
| Carnes | 65 |
| 1. Introdução | 65 |
| 2. Cenário | 66 |
| 3. Mercado internacional | 66 |
| 4. Mercado nacional | 68 |
| 5. Fatores críticos | 72 |
| 6. Perspectivas | 73 |
| Feijão | 76 |
| 1. Panorama internacional | 76 |
| 2. Panorama nacional | 77 |
| 3. Intervenção governamental | 81 |
| 4. Perspectiva para a temporada 2013/14 | 82 |
| 5. Perspectivas de preços e tendências | 83 |

| | |
|--|------------|
| Leite | 86 |
| 1. Mercado internacional | 86 |
| 2. Mercado nacional | 96 |
| 3. Considerações finais..... | 106 |
| Mandioca e Principais derivados | 109 |
| 1. Introdução | 109 |
| 2. Cenário | 110 |
| 3. Mercado internacional | 110 |
| 4. Mercado nacional | 112 |
| 5. Fatores positivos e críticos | 120 |
| 6.Perspectivas para a safra 2013/14 | 120 |
| Milho | 122 |
| 1. Introdução | 122 |
| 2. Panorama internacional | 123 |
| 3. Panorama nacional | 126 |
| 4. Perspectivas para a safra 2013/14 | 128 |
| 5. Conclusão | 133 |
| Soja | 134 |
| 1. Panorama internacional | 135 |
| 2. Panorama nacional | 139 |
| 3. Perspectivas para a safra 2013/14 | 143 |
| Sorgo | 146 |
| 1. Introdução | 146 |
| 2. Panorama internacional | 147 |
| 3. Panorama nacional | 149 |
| 4. Perspectivas para a safra 2013/14 | 152 |
| 5. Conclusão | 154 |



APRESENTAÇÃO



A cada nova safra o Brasil se torna mais importante no cenário mundial como fornecedor de produtos agropecuários relevantes para o abastecimento nacional e mundial. No cenário interno, as safras brasileiras disponibilizam os principais produtos que alimentam a população, como arroz; feijão; farinha de mandioca e carnes, além do algodão para a indústria têxtil; e a cana-de-açúcar, que, além de ser a matéria-prima para o açúcar, tem importância ímpar no fornecimento de etanol, contribuindo para a redução das despesas com importação de combustíveis de petróleo e para a redução das emissões de CO₂ na atmosfera. No cenário mundial, o Brasil está entre os primeiros colocados nas exportações de café, soja, carnes de aves e suínos, com forte crescimento na participação no mercado internacional de milho, arroz e outros.

Portanto, a tomada de decisão de “o que”, “quando”, “quanto” e “onde” plantar, é crucial para o produtor rural e pode resultar tanto em importantes ganhos econômicos, como em graves prejuízos. O nível de competição existente no atual mercado agropecuário exige do produtor um maior grau de profissionalização e controle de seus fatores de produção, tornando-os os mais produtivos possíveis. Por outro lado, há a inegável importância da sustentabilidade que impele o produtor a maximizar a eficiência de sua atividade, produzindo mais e em menor área, com redução da agressão ao meio ambiente, em busca da garantia de continuar contando com solos produtivos e ecossistemas equilibrados, que mantenham suporte à produção agrícola, além da manutenção de reservas de água não contaminada, essencial à vida. Para tanto, o produtor rural deve vislumbrar cenários futuros para que, em um meio tão competitivo e exigente, a agropecuária possa auferir renda e abastecer o país.

A ciência das expectativas para a futura safra também auxilia no planejamento da política agrícola, fornecendo importantes indicativos para operações, estoques, orçamentação, dentre outros.

O Governo Federal, por meio dos analistas de mercado da Conab, disponibiliza, anualmente, um estudo de perspectivas para a safra futura, permitindo aos atores da atividade rural projetar cenários para guiar suas tomadas de decisão. Neste trabalho os analistas buscam informações dos mercados nacionais e internacionais, das condições de oferta, demanda e preços e, por meio de suas análises, indicam tendências no comportamento do mercado para a próxima safra. Para a campanha agropecuária 2013/14 foram analisadas e elaboradas as perspectivas para o algodão, arroz, cacau, café, cana-de-açúcar, carnes (avícola, bovina e suínica), feijão, lácteos, mandioca, milho, soja e sorgo.

Assim, esperamos que essas análises, que vêm sendo desenvolvidas e aperfeiçoadas pela Companhia, contribuam para a melhor tomada de decisão do produtor rural, de forma que esta produção continue se fortalecendo e contribuindo, sobremaneira, com o crescimento agropecuário do Brasil.

Sílvio Isopo Porto
Diretor de Política Agrícola e Informações
Companhia Nacional de Abastecimento



ALGODÃO

GABRIEL PINTO NOGUEIRA DE MOURA



1. Introdução

A fibra de algodão é a principal matéria-prima da indústria têxtil brasileira e mundial. Além do uso da fibra na indústria têxtil, o algodão pode ser utilizado de diversas formas. O caroço, cujo mercado tem crescido bastante nos últimos anos, é uma importante fonte energética, de onde se produz, a partir do esmagamento, subprodutos importantes tais como torta para ração animal e óleo, que é utilizado pelas indústria de gênero alimentício, de combustíveis entre outras. A importância do algodão não se traduz somente nas suas diversas formas de utilização, mas também na geração de divisas. O Brasil exportou, de agosto de 2012 a julho de 2013, ou seja, na safra 2012/13, 938 mil toneladas da pluma. Esse valor representou uma entrada de US\$ 1.891,6 milhões no país nesse período.

Este trabalho analisa dados sobre o mercado nacional e mundial de algodão para tentar antever a situação do comércio desse produto num futuro próximo, ou seja, o ano-safra 2013/14. Para realizar tal empreitada, o trabalho apresenta a análise do mercado internacional e do mercado nacional de forma separada para, então, concluir com a análise prospectiva.

2. Cenário

O desempenho do mercado do algodão na safra 2012/13 foi melhor do que se esperava. A área plantada e a produção apresentaram queda em relação à safra 2011/12, e são previstos estoques finais mundiais crescentes, tanto em 2012/13 quanto em 2013/14. Segundo projeção do Comitê Consultivo Internacional do Algodão (ICAC), os estoques mundiais devem atingir 18,22 milhões de toneladas no fim do ano-safra 2012/13 e o recorde de 19,81 milhões de tonela-

das em 2013/14. Considerando tal perspectiva, semelhante à do ano passado, era de se esperar um mercado fraco, com preços em recuo.

De fato, os fundamentos de mercado no ano de 2012, quando os preços sofreram declínio acentuado, apontavam para um clima baixista no mercado mundial de algodão. Entretanto, não foi isso o que aconteceu, e nem parece que será esse o comportamento do mercado no futuro próximo. Analisando-se a relação estoque-preço, apresentada no Gráfico 2, percebe-se uma correlação inversa entre as duas variáveis. Tal relação parece não ser tão visível na safra que finda, nem na safra que se inicia. Apesar dos estoques altos e crescentes, um fator põe-se como freio à queda dos preços: a política econômica adotada pela China. Os estoques oficiais de algodão mantidos pelo governo chinês acumularam volumes extraordinários no último ano, chegando a mais de 10 milhões de toneladas em janeiro de 2013, segundo estimativa da Cotton Outlook.

A política agrícola do governo chinês tornou-se relevante no ano de 2011, quando foi anunciado o preço de compra da reserva estatal para aquele ano. No momento do anúncio, no mês de abril, as cotações internacionais estavam bem acima do preço definido para a compra oficial. Entretanto, ao aproximar-se do ano 2012, o mercado recuou de forma expressiva, de modo que a reserva chinesa cresceu bastante. Em setembro de 2012, foi lançada uma nova política temporária de compras, com um valor de compra consideravelmente acima do preço de mercado, e os estoques continuaram a acumular volumes altos. O governo chinês já informou oficialmente a continuidade da política no corrente ano, devendo comprar boa parte da produção de pluma daquele país.

Uma parte do algodão nas mãos do Estado chinês foi liberada esse ano para o mercado interno por meio de leilões, mas não chegou a reduzir o estoque tanto quanto se esperava. Desse modo, algo próximo da metade dos estoques mundiais permanece fora do mercado. Retirando o montante detido pela China, é possível ver uma redução dos estoques do resto do mundo. Essa conjuntura mundial do mercado, decorrente principalmente da redução da área plantada e da produção, ocasionou a recuperação dos preços no ano de 2013. Permanecendo constantes as condições do mercado, os preços internacionais de comercialização da pluma devem manter-se nos níveis atuais, ou até mais altos.

De modo congruente com a safra mundial, a safra atual brasileira apresentou queda expressiva na produção, decorrente da diminuição da área plantada, o que por sua vez foi resultado da atratividade de outras culturas, como a soja e o milho, em detrimento do algodão. Os preços internos acabaram crescendo no primeiro semestre de 2013, como resultado da oferta mais restrita e do aumento dos preços internacionais.

A safra 2013/14 do Hemisfério Norte, em curso, também deve apresentar reduções na produção, devido a dificuldades relacionadas ao clima nos Estados Unidos e o aumento dos custos na China. Em relação ao apresentado no ano passado, a lavoura estadunidense apresentou redução na área plantada.

3. Mercado internacional

3.1. Oferta e demanda mundial

Dados divulgados pelo ICAC em 01/08/2013 (Tabela 1) mostram que depois de recuar para 22.247 mil toneladas no ano safra 2009/10, nos dois anos subsequentes, a produção mundial de pluma, impulsionada pelos altos preços de mercado, voltou a crescer e atingiu o montante de 27.810 mil toneladas na safra 2011/12, o maior recorde nos últimos trinta anos. No ano safra 2012/13, porém, os dados apontam para uma queda na produção, apesar de manter-se em níveis elevados.

Tabela 1 - Suprimento mundial de algodão em pluma – safra 2008/09 a 2012/2013 (Milhões t)

| Discriminação | Agosto/13 | | | | |
|----------------------|---------------|---------------|---------------|--------------------------|--------------------------|
| | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 ⁽¹⁾ | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| est.inicial | 11,942 | 8,676 | 9,580 | 15,270 | 18,220 |
| produção | 22,247 | 25,368 | 27,81 | 26,42 | 25,59 |
| importação | 7,920 | 7,725 | 9,002 | 9,740 | 8,970 |
| oferta total | 42,117 | 41,760 | 47,192 | 51,430 | 52,780 |
| consumo | 25,520 | 24,502 | 22,100 | 23,470 | 24,000 |
| exportação | 7,798 | 7,636 | 9,834 | 9,740 | 8,970 |
| perdas | 0,123 | 0,051 | (0,012) | - | - |
| estoque final | 8,676 | 9,580 | 15,270 | 18,220 | 19,810 |

Fonte: International Cotton Advisory Committee - ICAC

Legenda: (1) Estimativa; (2) Projeção

Nota:

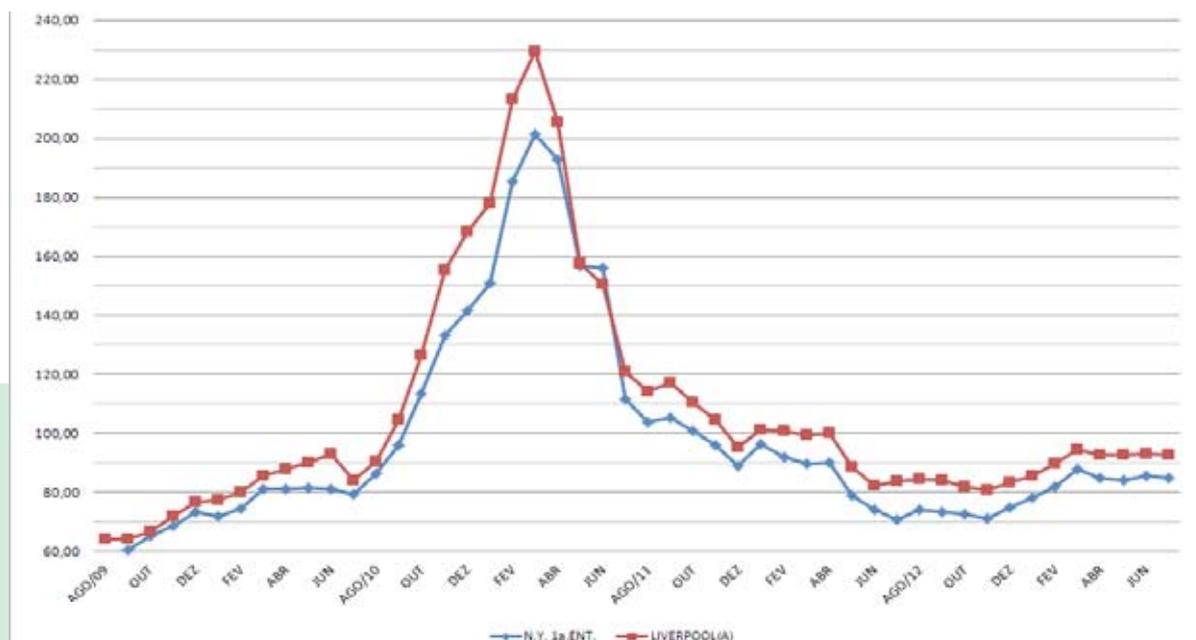
1.Elaborado pela Conab

2.Projeções ICAC para a Safra 2012/13 = 34,057 milhões de hectares e produtividade média de 776 kg/ha

3.Projeções ICAC para a Safra 2012/14 = 32,994 milhões de hectares e produtividade média de 775 kg/ha

Em um movimento oposto ao da produção, o consumo caiu bastante, saindo de 25,52 milhões de toneladas em 2009/10 para 22,1 milhões de toneladas em 2011/12. Essa queda no consumo deve-se à crise que afligiu boa parte das economias do globo. Com os principais mercados em recessão, a demanda por produtos derivados do algodão declinou. Como é possível observar no Gráfico 1, a escassez da oferta decorrente da quebra da safra em 2009/10, elevou, sobremaneira, os preços, que então caíram drasticamente, a partir de 2011, quando a diferença entre oferta e demanda manteve-se positiva e cada vez maior. Sinais de recuperação da economia mundial foram responsáveis por um aumento da demanda no ano safra 2012/13, que ficou estabelecida em 23,470 milhões. O crescimento do consumo, aliado à redução da produção e da disponibilidade de pluma no mercado internacional permitiu que os preços se recuperassem em 2013, em comparação com o ano passado.

Gráfico 1 – Preços internacionais – 2009/10 a 2013/13 (em US\$/libra)



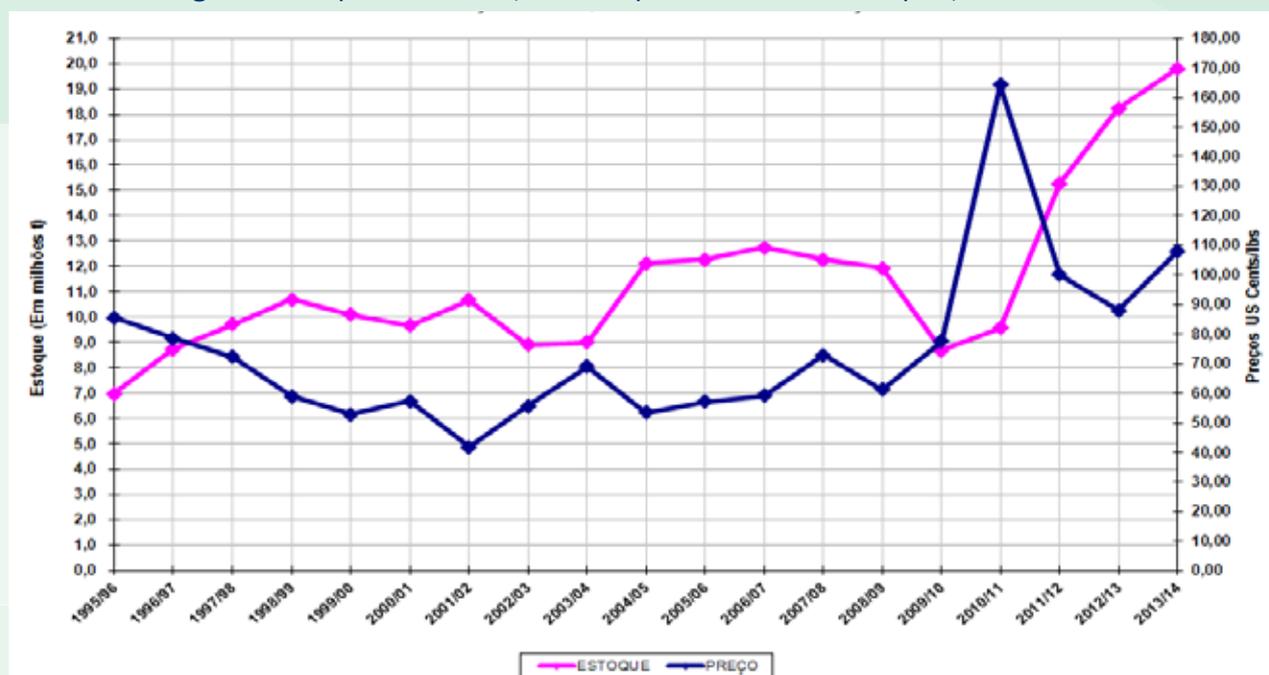
Fonte: Cotton Outlook - Cotlook ; Intercontinental Exchange - ICE

Nota: Elaborado pela Conab

3.2. Cenário para a safra 2013/14

As estimativas atuais do ICAC para a safra 2013/14, apresentadas na Tabela 1, apontam para um volume de produção menor que o observado na safra 2012/13. Ainda assim, o montante é superior à previsão de demanda mundial do setor têxtil, de modo que o estoque final deverá sofrer outro acréscimo, totalizando 19,81 milhões de toneladas. Neste cenário, a relação estoque *versus* consumo passa a ser de 82%. Em que pese o montante elevado dos estoques de passagem, o mercado não espera diminuição nas cotações. As linhas e os dados postados no Gráfico 2 (relação estoques *versus* preços) contribuem para um melhor entendimento e compreensão da situação que será vivenciada pelo mercado de algodão.

Gráfico 2 – Algodão em pluma – relação estoque final mundial x preço

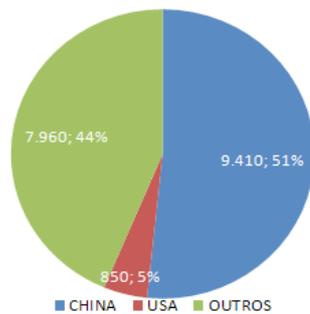


Fonte: Cotton Outlook - Cotlook ; Intercontinental Exchange - ICE

Nota: Elaborado pela Conab

Segundo as projeções do ICAC, boa parte dos estoques mundiais pertence à reserva regulatória do governo chinês. A China deve continuar com a política de compras no presente ano, segundo anúncio das autoridades daquele país. Os leilões para liberação de algodão dos estoques oficiais, por sua vez, não têm previsão oficial de continuidade. Dessa forma, boa parte da produção mundial deve ficar fora do mercado no ano-safra que se inicia. Nos gráficos a seguir é possível observar uma queda nos estoques mundiais, excetuando-se a China.

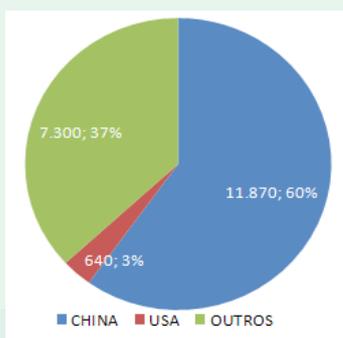
Gráfico 3 – Estoques iniciais 2013/14 (em mil t)



Fonte: ICAC

Nota: Elaborado pela Conab

Gráfico 4 – Estoques finais 2013/14 (em mil t)



Fonte: ICAC

Nota: Elaborado pela Conab

O comércio mundial de algodão em pluma no ano safra 2013/14, ora estimado em 8.970 mil t irá, segundo projeções do ICAC, diminuir em 8% comparativamente ao período anterior. Em 2011/12, ele apresentou bom desempenho, com as exportações totalizando 9.834 mil t, e as importações somando o montante de 9.802 mil t. Na temporada 2012/13 o desempenho foi um pouco menor, mas ainda manteve-se em níveis elevados. A segunda queda consecutiva, projetada pelo ICAC para a safra 2013/14, ainda não será muito significativa, de modo que as transações internacionais devem estar bem aquecidas em relação aos níveis históricos. Há de se notar que os bons níveis de comércio mundial da pluma são influenciados pelo crescimento do consumo por parte das fiações e também nos últimos anos pela recomposição dos estoques de reservas da China, que em parte são formados por algodão importado.

No que diz respeito à situação da safra 2013/14 no Hemisfério Norte, o principal fator a ser acompanhado é o clima. Nos Estados Unidos, a lavoura do algodão apresentou atrasos no plantio devido às condições climáticas adversas. O estado do Texas foi o que sofreu mais dificuldades, principalmente com a seca crônica. Caso persista a condição de baixa umidade em algumas das principais zonas produtoras do Texas, a produção pode ser afetada. A área cultivada nos EUA diminuiu em 17% em relação à safra 2012/13, fechando em 10,3 milhões de acres (4,17 milhões de hectares), segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

A China apresenta uma área plantada (4.727 mil hectares) cerca de 5% inferior que a da safra passada, mas o montante a ser produzido (7.284 mil toneladas) deve manter-se praticamente igual as 7.300 mil toneladas colhidas no período anterior. A redução na área será compensada por um aumento de produtividade. O clima tem ajudado em algumas regiões, mas prejudicado em outras, principalmente por causa de chuvas fortes e temperaturas baixas.

Na Índia, em contrapartida, o plantio foi acelerado estando em estágios bem mais avançados que o observado do ano passado com a área devendo apresentar algum incremento. As chuvas de monção que caíram durante os meses de junho e julho foram benéficas para a lavoura de algodão daquele país e a expectativa com relação ao tempo este ano é de precipitações favoráveis à cultura. Assim, espera-se uma produção elevada, estimada pelo ICAC em 6,21 milhões de toneladas, contra 5,98 milhões da safra anterior.

O ICAC projetou os preços internacionais para a safra 2013/14, representados pelo Índice A da Cotton Outlook, entre US\$ 89,00 e 131,00 *cents* por libra-peso, com ponto médio de US\$ 108,00 *cents* por libra-peso. A projeção é feita a partir de modelo econométrico que se baseia em alguns fatores, quais sejam: razão estoque/consumo do mundo (excluída a China) em 2011/12 (estimativa), 2012/13 e 2013/14 (projeções); proporção das importações líquidas da China com relação às importações mundiais em 2012/13 (estimativa) e 2013/14 (projeção); e o preço médio de 2012/13. A projeção representa um intervalo de confiança de 95%. É importante salientar que o cenário levado em conta para esse resultado é de manutenção da política econômica chinesa, sem a liberação maciça dos estoques oficiais.

Outra forma de auferir a percepção do mercado com relação aos preços é observar as cotações dos contratos futuros na bolsa. Na tabela a seguir estão apresentados os preços de fechamento dos contratos futuros na bolsa de Nova Iorque, do dia 15/08/2013. É possível perceber que, atualmente, o mercado precifica o algodão futuro a níveis mais baixos que o projetado pelo ICAC.

Tabela 2 – Preços dos futuros de algodão na bolsa de Nova Iorque – 15/08/2013 (US\$ cents/libra)

| Contrato | out/2013 | dez/2013 | mar/2014 | mai/2014 | jul/2014 |
|---------------------|----------|----------|----------|----------|----------|
| Preço de fechamento | 91,64 | 91,79 | 88,96 | 87,32 | 85,54 |

Fonte: ICE

Nota: Elaborado pela Conab

4. Mercado nacional

4.1. Produção e mercado

Segundo a Conab, o Brasil diminuiu a produção de algodão na safra atual, que está em fase de colheita, depois das duas maiores safras da história. A queda na temporada 2012/13 foi de aproximadamente 33% em relação ao total da safra anterior. O principal fator foi a redução de área, visto que o comportamento dos preços no ano 2012 levou os produtores a migrarem para outras culturas. Ainda assim, de acordo com os dados do ICAC, o Brasil tem relevância no mercado mundial de algodão. As estimativas do comitê posicionaram o país em terceiro lugar no ranking das exportações mundiais em 2011/12 e as estimativas indicam que o país deve ficar em quarto lugar na temporada 2012/13.

O balanço de oferta e demanda para o Brasil está na Tabela 3. É possível perceber que o estoque inicial de pluma para o ano 2013 foi avaliado em 500,7 mil toneladas e a produção, estimada pela Conab em 1.275,1 mil toneladas. Somando-se esses valores à estimativa de 35 mil toneladas de importação, tem-se uma oferta total de 1.810,8 mil toneladas. Tal montante será suficiente para atender à demanda das indústrias e às exportações, que juntas somam 1.417 mil toneladas, segundo as estimativas. Como resultado, o ano deve terminar com um estoque de passagem de 393,8 mil toneladas, ou seja, 21% menor que o estoque final do ano 2012.

Tabela 3 – Suprimento de algodão em pluma – Brasil - 2008 a 2013 (Em mil t)

| Discriminação | Julho/13 | | | | | | |
|------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------------|---------------------|
| | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 ⁽¹⁾ | 2014 ⁽²⁾ |
| OFERTA | 2.203,2 | 1.903,1 | 1.627,5 | 2.180,0 | 2.418,5 | 1.810,8 | 2.021,8 |
| est.inicial | 567,3 | 675,0 | 394,1 | 76,0 | 521,7 | 500,7 | 393,8 |
| produção | 1.602,2 | 1.213,7 | 1.194,1 | 1.959,8 | 1.893,3 | 1.275,1 | 1.593,0 |
| - Centro-Sul | 1.062,2 | 804,1 | 755,2 | 1.262,4 | 1.343,2 | 867,7 | 1.064,0 |
| - Norte/Nordeste | 540,0 | 409,6 | 438,9 | 697,4 | 550,1 | 407,4 | 529,0 |
| importação | 33,7 | 14,5 | 39,2 | 144,2 | 3,5 | 35,0 | 35,0 |
| DEMANDA | 1.528,2 | 1.509,0 | 1.551,5 | 1.658,3 | 1.917,8 | 1.417,0 | 1.520,0 |
| consumo interno | 995,3 | 1.004,1 | 1.039,0 | 900,0 | 865,0 | 887,0 | 920,0 |
| exportação | 532,9 | 504,9 | 512,5 | 758,3 | 1.052,8 | 530,0 | 600,0 |
| Estoque final | 675,0 | 394,1 | 76,0 | 521,7 | 500,7 | 393,8 | 501,8 |
| Meses de consumo | 5,3 | 3,1 | 0,6 | 3,8 | 3,1 | 3,3 | 4,0 |
| Despesa com importação | 54,8 | 19,6 | 68,3 | 389,8 | 10,7 | 62,4 | 62,4 |
| Receita com exportação | 696,0 | 684,5 | 821,6 | 1.590,0 | 2.104,4 | 1.038,4 | 1.175,6 |

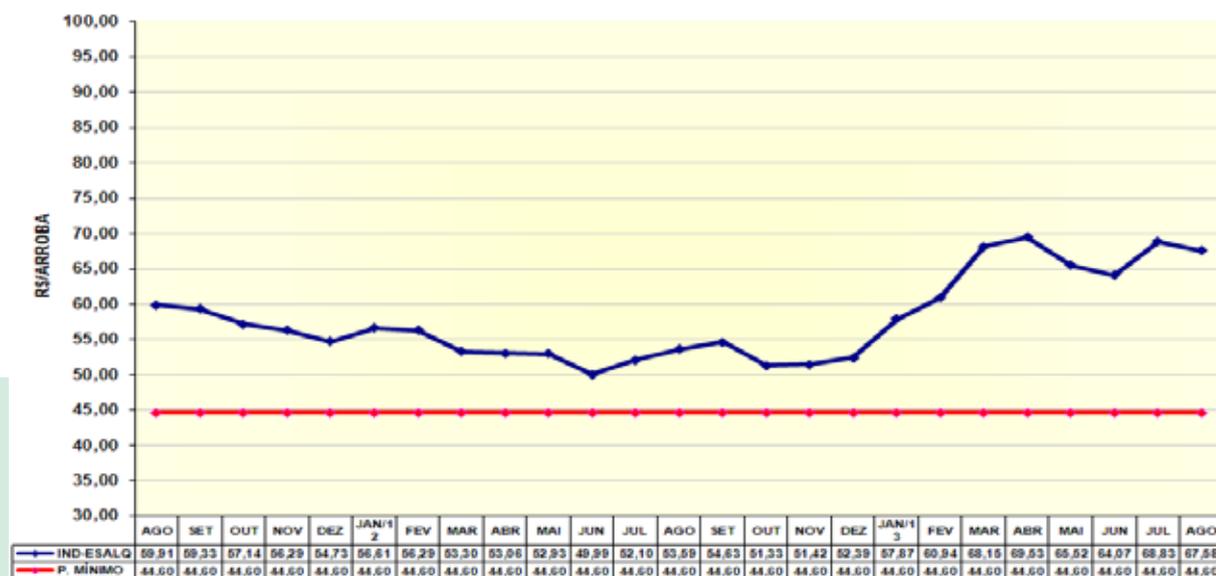
Fonte: Conab/ Secex/SRF-MF/ Sindtextil-ABIT/ANEA/Cooperativas/ICAC

Legenda: (1) Estimativa; (2) Projeção

Nota:

1.Elaborado pela Conab

Conforme pode ser observado no Gráfico 5, os preços internos da pluma apresentaram crescimento moderado entre julho/2012 e julho/2013. Vários são os fatores de incremento nos preços. Apesar da oferta abundante no ano 2012, a demanda também foi elevada. O consumo interno foi mais que compensado pelas exportações que totalizaram 1.052,8 mil toneladas. Dessa forma, o montante elevado da oferta não resultou em queda tão grande dos preços. Já ao entrar o ano 2013, os produtores brasileiros reduziram significativamente a área plantada, o que, aliado às intempéries climáticas sofridas pelas principais zonas produtoras e à evolução dos preços internacionais, influenciou os preços para cima.

Gráfico 5 – Algodão - agosto/2011 a agosto/2013 – evolução dos preços internos


Fonte: Conab, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq

Nota: Elaborado pela Conab

4.2. Cenários de curto prazo para a safra 2013/14

4.2.1. Custo de produção

Trabalhos elaborados pela área de custos da Conab apontam para aumentos dos custos variáveis de produção em todas as regiões produtoras do país. A título de ilustração, a Tabela 4 foi elaborada, tomando como referência os principais estados produtores, no caso Bahia e Mato Grosso. Dessa forma, para o plantio da safra 2013/14 o produtor deverá arcar com custos ainda maiores. Neste sentido, o adicional de desembolso será de 3,97%, saindo de R\$ 4.680,73/ha para R\$ 4.866,50/ha.

Tabela 4 – Algodão - agosto/2011 a agosto/2013 – evolução dos preços internos

| Localidades/UFs | Maio/12 ^(A) | Maio/13 ^(B) | Var % C/A |
|-------------------------|------------------------|------------------------|-----------|
| Barreiras - BA | 3.842,27 | 3.993,94 | 3,95 |
| Campo Novo Parecis - MT | 4.991,69 | 5.180,97 | 3,79 |
| Rondonópolis - MT | 4.966,87 | 5.188,61 | 4,46 |
| Sorriso - MT | 4.922,10 | 5.102,48 | 3,66 |
| Custo médio | 4.680,73 | 4.866,50 | 3,97 |

Fonte: Conab

Na Tabela 5, a seguir, encontram-se relacionados os reajustes percentuais médios de alguns componentes das despesas de custeio e pós-colheita do custo variável de produção nos estados da Bahia e do Mato Grosso para a safra 2013/14 que há de vir.

Tabela 5 – Aumentos percentuais (%) de despesas por item

| Oper. Máquina | Administrador | Agrotox. | Fertilizantes | Sementes | Assist. Técnica | Jur. Financiam. | Seg. Produção | Beneficiamento |
|---------------|---------------|----------|---------------|----------|-----------------|-----------------|---------------|----------------|
| 2,51 | 4,28 | -0,47 | 7,76 | 8,50 | 4,16 | -3,82 | 4,16 | 6,70 |

Fonte: Conab

Dentre as despesas com custeio, observou-se aumentos nos fertilizantes de 7,76%, sementes de 8,5%, administrador 4,28% e por fim operações com máquinas em 2,51%. A redução percentual média do gasto com agrotóxicos não é observada na realidade, sendo resultado de pacote tecnológico defasado na apuração dos custos. Os novos coeficientes do custo de produção levantados pela Conab em 2013 deverão refletir melhor a realidade nesse caso e, quando

publicados, o resultado provável será de aumento das despesas com agrotóxicos.

Nas despesas de pós-colheita o destaque fica por conta dos juros bancários que apresentaram redução média de 3,82%. Com relação aos custos com pagamento de assistência técnica e de seguro de produção, observou-se incremento de 4,16%. Outro item que tem um peso maior no custo atual em relação ao passado é o beneficiamento, que gera um dispêndio 6,7% maior.

4.2.2. Análise de rentabilidade e substituição de culturas

Um exercício de análise de rentabilidade e substituição de culturas foi elaborado tomando como referência o estado do Mato Grosso e a região oeste do estado da Bahia. Para tanto, utilizou-se como parâmetros os custos variáveis de produção da Conab do mês de maio/2013, e como referência de valores, os preços dos contratos futuros negociados nas respectivas bolsas de Nova Iorque e Chicago relevantes para cada cultura no dia 15/08/2013. Os resultados finais apontaram para margens positivas para estes produtos conforme abaixo descrito.

Conforme pode-se observar nas tabelas 6 e 7, a soja apresenta-se como a cultura mais rentável em Mato Grosso, com taxa de retorno de 80,8%, equivalente a R\$ 1.114,90/ha. Na sequência aparece o algodão, considerando no cálculo uma produtividade média de 95 arrobas/ha, conferindo, a partir daí, uma taxa de retorno da ordem de 28,9%, que em valores absolutos equivale a R\$ 1.472,54/ha. Quanto ao milho, a margem de rentabilidade observada foi negativa, -10,3%.

Muitos produtores no país continuarão plantando algodão, notadamente aqueles que são detentores de estrutura específica para produzir e efetuar o beneficiamento. Boa parte da área perdida para outras culturas na safra 2012/13 deverá ser realocada para o algodão, de modo que haverá um incremento da área plantada com essa cultura. Em vista dos atuais preços de mercado e da expectativa de preços futuros, o algodão deverá ser mais rentável que anteriormente. Além disso, em termos absolutos, o cultivo do algodão gera uma renda por hectare mais alta que a soja e o milho segunda safra, considerando a análise apresentada nas tabelas.

Tabela 6 – Análise de substituição de culturas – Mato Grosso - algodão versus soja

| Itens | Unidade | Algodão | Soja |
|---------------------------------------|------------------------|----------|----------|
| 1 - Produtividade/ha | arroba ou saca 60kg | 95 | 50 |
| 2 - Preço FOB ¹ | R\$/unidade | 63,65 | 62,50 |
| 3 - Fretes | R\$/unidade | 4,45 | 12,60 |
| 4 - Preço produtor (2-3) | R\$/unidade | 59,20 | 49,90 |
| 5 - Receita - produção (1*4) | R\$/ha | 5.623,71 | 2.495,06 |
| 6 - Receita caroço ² | R\$/ha | 943,09 | - |
| 7 - Receita bruta (5+6) | R\$/ha | 6.566,80 | 2.495,06 |
| 8 - Custo variável médio ³ | R\$/ha | 5.094,26 | 1.380,16 |
| 9 - Rentabilidade (7-8) | R\$/ha | 1.472,54 | 1.114,90 |
| 10 - Rentabilidade (9/1) | arroba ou saca 60kg/ha | 15,50 | 22,30 |
| 11 - Rentabilidade (7/8) | % | 28,9% | 80,8% |

Fonte: Conab

Legenda: (1) Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; preço da soja: cotação CBOT, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; câmbio: R\$ 2,25/US\$;
(2) Preço caroço: Abrapa – cotação ago/13 (média de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso);
(3) Custo algodão: de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso – maio/13; custo da soja: C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso (plantio direto) – maio/13

Nota:

1. Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 3,69
2. Receita da área de soja: 9.209,00

Tabela 7 – Análise de substituição de culturas – Mato Grosso - algodão versus milho

| Itens | Unidade | Algodão | Milho |
|---------------------------------------|------------------------|----------|----------|
| 1 - Produtividade/ha | arroba ou saca 60kg | 95 | 93 |
| 2 - Preço FOB ¹ | R\$/unidade | 63,65 | 24,75 |
| 3 - Fretes | R\$/unidade | 4,45 | 12,60 |
| 4 - Preço produtor (2-3) | R\$/unidade | 59,20 | 12,15 |
| 5 - Receita - produção (1*4) | R\$/ha | 5.623,71 | 1.130,18 |
| 6 - Receita caroço ² | R\$/ha | 943,09 | - |
| 7 - Receita bruta (5+6) | R\$/ha | 6.566,80 | 1.130,18 |
| 8 - Custo variável médio ³ | R\$/ha | 5.094,26 | 1.260,15 |
| 9 - Rentabilidade (7-8) | R\$/ha | 1.472,54 | (129,97) |
| 10 - Rentabilidade (9/1) | arroba ou saca 60kg/ha | 15,50 | (1,40) |
| 11 - Rentabilidade (7/8) | % | 28,9% | -10,3% |

Fonte: Conab

Legenda: (1) Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; preço do milho: cotação CBOT, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; câmbio: R\$ 2,25/US\$;
 (2) Preço caroço: Abrapa – cotação ago/13 (média de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso);
 (3) Custo algodão: de C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso – maio/13; custo do milho: C. N. Parecis, Rondonópolis e Sorriso (plantio direto) – maio/13

Nota:

1. Quantos ha de milho pelo custo de 1 ha de algodão: 4,04
 2. Receita da área de milho: 4.569,00

Na Região Oeste da Bahia, Tabelas 8 e 9, onde as três culturas concorrem com o mesmo espaço de área, o algodão apresenta-se como a cultura mais rentável com taxa de retorno de 86,7% com rentabilidade equivalente a R\$ 3.461,90/ha. Na sequência aparece a soja com uma boa margem de rentabilidade de 76,2%, o que em valores absolutos equivalem a R\$ 1.169,41/ha. Por fim, o milho apresenta uma rentabilidade negativa de 41,7%

Conclui-se, após o cenário apresentado, que o algodão é a cultura mais vantajosa para o produtor no Oeste da Bahia. Esse resultado deve-se à recuperação dos preços do produto em relação ao ano passado. Os preços da soja também se apresentam vantajosos, porém o mesmo não ocorre com o milho. Ainda assim há que se ressaltar que os custos de produção utilizados podem não refletir a nova realidade proporcionada pelo aparecimento da praga *Helicoverpa*, a qual afetou diversos produtores da região na safra 2012/13. De qualquer maneira, como a praga atacou diversas culturas, e notadamente a soja, a relação entre as rentabilidades das culturas não deve ser tão diferente do resultado obtido. Deverá ocorrer significativa recuperação da área plantada com algodão na safra 2013/14, e os produtores também devem produzir soja e milho, pois essas culturas são extremamente importantes para o sistema de rotação de culturas. No caso do milho, grande parte do abastecimento da Região Nordeste é feita com o produto do oeste baiano.

Tabela 8 – Análise de substituição de culturas – Bahia - algodão versus soja

| Itens | Unidade | Algodão | Soja |
|---------------------------------------|------------------------|----------|----------|
| 1 - Produtividade/ha | arroba ou saca 60kg | 100 | 50 |
| 2 - Preço FOB ¹ | R\$/unidade | 63,65 | 62,50 |
| 3 - Fretes | R\$/unidade | 3,80 | 8,40 |
| 4 - Preço produtor (2-3) | R\$/unidade | 59,85 | 54,10 |
| 5 - Receita - produção (1*4) | R\$/ha | 5.984,69 | 2.705,06 |
| 6 - Receita caroço ² | R\$/ha | 1.471,15 | - |
| 7 - Receita bruta (5+6) | R\$/ha | 7.455,84 | 2.705,06 |
| 8 - Custo variável médio ³ | R\$/ha | 3.993,94 | 1.535,65 |
| 9 - Rentabilidade (7-8) | R\$/ha | 3.461,90 | 1.169,41 |
| 10 - Rentabilidade (9/1) | arroba ou saca 60kg/ha | 34,62 | 23,39 |
| 11 - Rentabilidade (7/8) | % | 86,7% | 76,2% |

Fonte: Conab

Legenda: (1)Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; preço da soja: cotação CBOT, contrato mar/14 – fechamento do dia 15/08/2013; câmbio: R\$ 2,25/US\$;
(2)Preço caroço: Abrapa – cotação ago/13;
(3)Custo algodão e soja: Barreiras – maio/13

Nota:

- 1.Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 2,60
- 2.Receita da área de soja: 7.035,00

Tabela 9 – Análise de substituição de culturas – Bahia - algodão versus milho

| Itens | Unidade | Algodão | Milho |
|---------------------------------------|------------------------|----------|------------|
| 1 - Produtividade/ha | arroba ou saca 60kg | 100 | 140 |
| 2 - Preço FOB ¹ | R\$/unidade | 63,65 | 24,03 |
| 3 - Fretes | R\$/unidade | 3,80 | 12,60 |
| 4 - Preço produtor (2-3) | R\$/unidade | 59,85 | 11,43 |
| 5 - Receita - produção (1*4) | R\$/ha | 5.984,69 | 1.599,95 |
| 6 - Receita caroço ² | R\$/ha | 1.471,15 | - |
| 7 - Receita bruta (5+6) | R\$/ha | 7.455,84 | 1.599,95 |
| 8 - Custo variável médio ³ | R\$/ha | 3.993,94 | 2.744,55 |
| 9 - Rentabilidade (7-8) | R\$/ha | 3.461,90 | (1.144,60) |
| 10 - Rentabilidade (9/1) | arroba ou saca 60kg/ha | 34,62 | (8,18) |
| 11 - Rentabilidade (7/8) | % | 86,7% | -41,7% |

Fonte: Conab

Legenda: (1)Preço do algodão: cotação ICE, contrato jul/14 – fechamento do dia 15/08/2013; preço da milho: cotação CBOT, contrato mar/14 – fechamento do dia 15/08/2013; câmbio: R\$ 2,25/US\$;
(2)Preço caroço: Abrapa – cotação ago/13;
(3)Custo algodão e milho: Barreiras – maio/13

Nota:

- 1.Quantos ha de soja pelo custo de 1 ha de algodão: 1,46
- 2.Receita da área de soja: 2.328,00

4.2.3. Estimativa da produção e suprimento para o ano safra 2013/14

Diante de baixos valores de comercialização na temporada 2011/12, a área plantada com algodão caiu na safra 2012/13, de modo que a cultura cedeu espaço para o milho e a soja, que tinham preços mais remuneradores. Entretanto, o mercado motivado por fatores internos e externos reagiu positivamente ao longo da última safra, principalmente durante o primeiro semestre de 2013. Isso, aliado à queda dos preços do milho, deve resultar em aumento da área plantada na safra 2013/14. Assim, é de se esperar um aumento da produção nacional da pluma.

Considerando os fatos mencionados no trabalho, bem como a perspectiva de preços de comercialização no mercado disponível e futuro, vislumbra-se um cenário de recuperação da

área ocupada pela cultura do algodão. De acordo com a opinião dos setores integrantes da cadeia do algodão, a área deverá ser elevada em aproximadamente 23%, saindo de 894,2 mil ha para 1.100,3 mil ha. Em consequência, a produção do algodão em caroço aumentará em relação à safra precedente, o que significa montantes mais elevados também dos seus derivados, o caroço e a pluma.

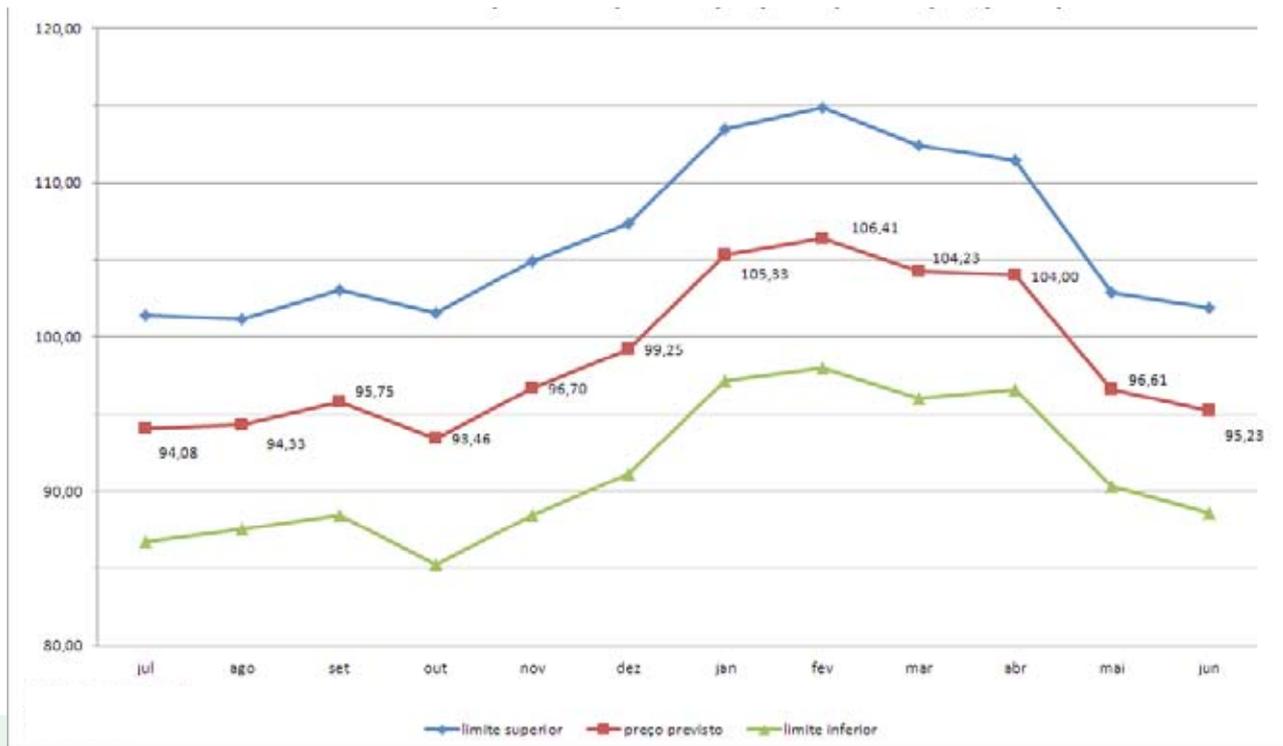
A produção de algodão em pluma devesse ser aproximadamente 30% maior, totalizando 1.661,9 mil toneladas, contra 1.275,1 mil toneladas da temporada 2012/13. Há de se ressaltar que foram considerados os índices normais de produtividade, tendo sido descartados os índices da temporada atual, que contabilizam choques climáticos adversos não usuais. Os desdobramentos numéricos no contexto da oferta e demanda do produto para o ano de 2013 encontram-se configurados na Tabela 3. Destaca-se que, como resultado da produção mais elevada, haverá uma expressiva recuperação dos estoques no ano 2014.

4.2.4. Mercado

As vendas antecipadas da safra 2013/14, cujo plantio será iniciado a partir de novembro, na Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM) até o dia 31/07/2013 somaram 155.579 toneladas de pluma. Esse valor representa 9,8% do valor estimado da produção. Do montante comercializado até agora, 22.459 toneladas são destinadas para o mercado interno e 133.120 para exportação, contando com 56.783 toneladas de contratos *flex*, ou seja, exportação com opção de reversão para o mercado interno. O preço médio dessas vendas para o mercado externo situa-se em torno de US\$ 81,00 *cents/Lbs*. No mesmo período do ano anterior a soma dos registros sinalizava um montante de 193.928 toneladas do algodão 2012/13, indicando, portanto, retração da ordem de 20% nas vendas. Isto é resultado de menor alocação da pluma para a exportação durante o ano de 2013, visto que a paridade de exportação esteve a maior parte do tempo abaixo dos preços internos, e a demanda interna absorveu boa parte das vendas durante o ano.

Levando em conta a tendência e o comportamento da sazonalidade ao longo dos anos-safra de 1995/96 a 2012/13, a Conab fez uma projeção dos preços internos para os próximos onze meses, ou seja, para a safra 2013/14. Os resultados obtidos podem ser observados no Gráfico 6, e se referem à média mensal do índice Cepea/Esalq 8 dias, em dólares por libra. É possível observar que, baseado no comportamento dos preços nas safras anteriores, vislumbra-se níveis bastante semelhantes à projeção do ICAC, mostrando que os preços internos têm forte correlação com os preços internacionais.

Gráfico 6 – Previsão para 2013/14 (çU\$/libra)



Fonte: Conab, Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz - Esalq
 Nota: Elaborado pela Conab

5. Perspectivas para a safra 2013/2014

Segundo projeções do FMI, a economia mundial deve crescer 3,1% no ano de 2013 e 4% no ano 2014. Tal crescimento resultará em maior consumo mundial de uma ampla gama de produtos e dentre estes, os têxteis. Maior consumo de produtos têxteis significa maior consumo de algodão. Desse modo, o ICAC prevê um crescimento de 2,26% na demanda pela fibra no ano-safra 2013/14, quando comparado com o ano-safra anterior. Aliada à demanda em crescimento tem-se uma expectativa de produção um pouco menor que a da temporada 2012/13, em queda pelo segundo ano consecutivo. Ainda, assim, a oferta deve superar a demanda, de modo que o estoque mundial final alcançará nível recorde.

Diante de tal cenário, é de se esperar que os preços mundiais do algodão em pluma caiam na temporada 2013/14. Entretanto, esta não é a expectativa do mercado, dado que mais da metade (cerca de 60%) do volume de algodão estocado estará na China, e que esse país, até o momento, não sinalizou que liberará quantidade expressiva do produto no mercado. O comércio mundial da pluma deve sentir uma restrição na oferta, resultando em preços elevados. É de fundamental importância lembrar que os níveis atuais de preços somente serão mantidos se a política econômica chinesa permanecer como está. Caso os estoques oficiais sejam liberados a preços baixos, o mercado presenciará deflação dos preços da pluma. A situação atual e que se prevê para a próxima safra é uma situação inédita, na qual o comércio mundial fica à mercê da política econômica de um país, que detém elevado poder de mercado.

O algodão brasileiro também sofre influências dos preços internacionais. Preços elevados resultam em maior oferta de algodão para exportação, e as projeções de suprimento indi-

cam maior internacionalização da pluma brasileira na safra 2013/14. Durante a safra 2012/13, os preços internos se elevaram, como resultado de oferta menor e preços internacionais altos. As cotações internas do algodão estão acima do valor de garantia do Governo Federal e as expectativas de preços futuros indicam manutenção desses valores.

Dessa forma, vislumbra-se para a próxima safra 2013/14, a ser plantada no Brasil, uma recuperação na área a ser cultivada próxima a 23%, devendo totalizar aproximadamente 1.100 mil hectares. Consequentemente, haverá aumento expressivo na produção, estimado em 30%, uma vez que foram utilizados números de produtividade normais, chegando-se, então, ao prognóstico de 1.661,9 mil toneladas.



ARROZ EM CASCA NATURAL

SÉRGIO ROBERTO GOMES DOS SANTOS JÚNIOR



1. Introdução

Segundo os dados divulgados pelo Foreign Agricultural Service (FAS) do United States Department of Agriculture (USDA) é previsto o consumo, na safra 2013/14, no total de 2.433,66 milhões de toneladas de grãos no mundo. O arroz, na sua forma beneficiada, participará com 476,84 milhões de toneladas, ou 19,59% do quantitativo. Entre os produtos destinados à alimentação humana, é o segundo em importância, ficando atrás apenas do trigo e, em algumas partes do mundo, especialmente na Ásia, é base da alimentação de sua população.

O arroz, juntamente com o feijão, constitui o principal alimento do povo brasileiro. Tomando-se por base os dados do quadro de suprimento da Conab, e somando-se os dois produtos (arroz beneficiado e feijão), na safra 2013/14, o consumo deverá ser de 12 milhões de toneladas, ou seja, superior ao trigo cuja previsão é o uso de 10,7 milhões de toneladas. Dada a sua relevância no abastecimento interno e na segurança alimentar da população, o arroz sempre teve grande importância na formulação e execução das políticas agrícolas e de abastecimento. É um dos produtos que o governo brasileiro tem dado maior atenção, de modo que quando ocorrem fatores conjunturais dentro do raio de ação dos instrumentos de apoio, o poder público tem sido bem presente.

2. Mercado internacional

Segundo os dados divulgados pelo FAS/USDA, para a safra 2013/14, a produção mundial de arroz deverá ser de 713,9 milhões de toneladas de base casca ou 479,26 milhões de toneladas de arroz beneficiado. Para tanto, foram plantados 161,29 milhões de hectares, sendo esperada uma produtividade média de 4.426 kg/ha. Em comparação com a safra passada haverá acréscimo na área destinada à orizicultura no mundo de 2,26% e incremento de 4,16% na

produção. Todavia a produtividade do setor sofrerá uma retração de 0,31%.

Acerca da demanda mundial, foi previsto consumo de 476,84 milhões de toneladas de arroz beneficiado e exportações de 38,91 milhões toneladas. Esses números representam, em relação à campanha anterior, aumento de 1,49% no consumo mundial e de 0,70% nas exportações. Haja vista que a produção e o consumo crescerão 9,04 milhões de toneladas e 6,99 milhões de toneladas, respectivamente, haverá acréscimo no estoque final de passagem em 2,41 milhões de toneladas (+2,29% em relação ao anterior). Como resultado, a relação estoque/consumo ficará em 22,62%, valor superior ao observado na última safra 2012/13 (+22,44%).

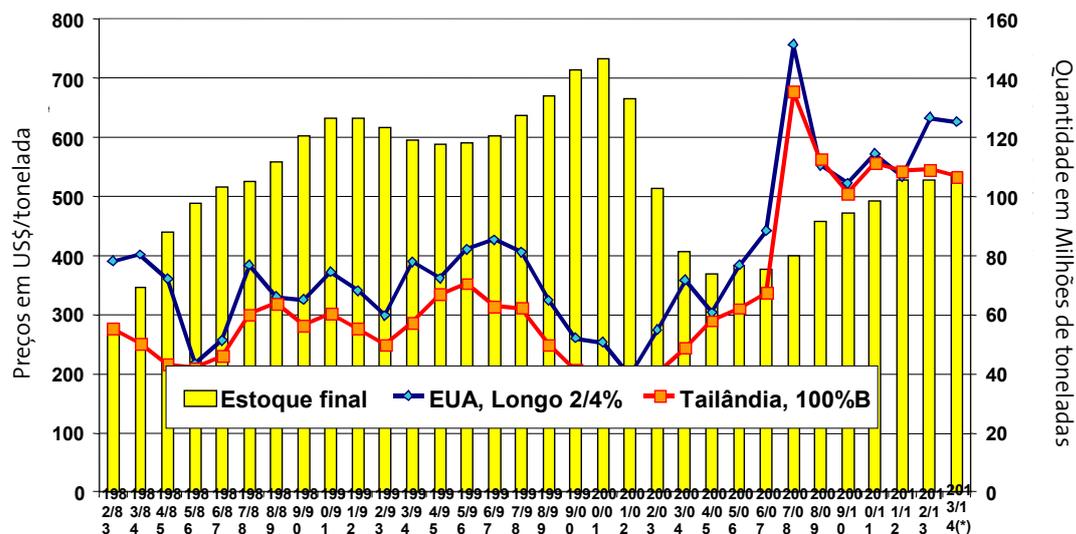
A expressiva relação estoque/consumo da última safra e da atual é resultado da política intervencionista instaurada pelo governo tailandês. Esta política baseia-se na formação de estoque de passagem, objetivando a elevação do preço do arroz tailandês no mercado internacional. Logo, o resultado dessas compras governamentais, no maior exportador mundial dos anos 2000, reverberou negativamente na oferta e no volume transacionado no comércio internacional do arroz. Outro efeito relevante foi o acréscimo da participação indiana no comércio internacional, fazendo da Índia o maior exportador mundial do produto nas safras 2011/12 (10,4 milhões de toneladas) e 2012/13 (8,1 milhões de toneladas). Para a atual safra 2013/14, o USDA estima uma igualdade no volume transacionado no mercado internacional pelos dois maiores players, Índia e Tailândia, em 8,5 milhões de toneladas. Logo, projeta-se para a Tailândia uma expansão absoluta de 0,5 milhões de toneladas no montante exportado, todavia, os estoques tailandeses continuarão sua trajetória de crescimento e atingindo no período, 14,23 milhões de toneladas.

No Quadro 1, são mostrados os dados do quadro de suprimento para os principais players mundiais no mercado do arroz. A Índia, maior exportador mundial atual e segundo maior produtor, sofrerá uma expansão de sua produção na safra 2013/14 de 4 milhões de toneladas. A estimativa de menor crescimento do consumo (+2,4 milhões de toneladas), frente ao crescimento da produção (+4 milhões de toneladas) e, juntamente, com a redução de 0,5 milhão de grãos exportados, refletirão em aumento do volume indiano estocado de 1 milhão de toneladas. Com isso é esperado um aumento da relação estoque/consumo de 24,97% na safra 2012/2013 e 25,38% na safra 2013/2014.

Como informação relevante sobre o mercado do arroz indiano, cabe destacar que, após a crise dos preços dos alimentos e a forte preocupação com uma possível escassez de alimentos observada no final de 2007 e início de 2008, o governo indiano proibiu a exportação de algumas variedades deste produto. Essa política foi adotada com o objetivo de garantir a segurança alimentar no país. Com o recuo das expectativas pessimistas, o governo indiano decidiu retirar esse veto de exportação, o que conseqüentemente corroborou para um aumento da participação indiana no comércio internacional.

A China, maior produtor mundial, não participa de forma ativa no comércio internacional, sendo a sua produção fortemente controlada pelo seu governo, o qual busca o equilíbrio entre a oferta e a demanda interna. Esse controle busca mitigar a dependência chinesa dos mercados externos, garantindo, juntamente com um alto estoque de passagem, a segurança no abastecimento do produto no país. No caso chinês, nos últimos anos, as importações e as exportações têm sido utilizadas como pequenos ajustes da demanda e da oferta do arroz.

Gráfico 1 – Arroz beneficiado – Relação entre estoques finais e preços internacionais



Fonte: USDA, jul. 2013

Notas:

(*) Provisão Infoarroz até ago./2013

1.Elaborado pela Conab

Tabela 1 – Arroz beneficiado - Balanço de ofertas e demandas dos principais *players* mundiais – Ano safra 2010/11 a 2013/14 – em milhões de toneladas

| Safra | Eventos | Produtores | | | Exportadores | | | Importadores | | | Mundo |
|-----------|-------------------------------|------------|--------|-----------|--------------|-----------|-------|--------------|-----------|-----------|--------|
| | | China | Índia | Tailândia | Vietnã | Paquistão | EUA | Nigéria | Filipinas | Indonésia | |
| 2010/2011 | 1 - Estoque inicial | 40,53 | 20,50 | 6,10 | 1,47 | 1,10 | 1,18 | 0,47 | 3,52 | 6,58 | 95,19 |
| | 2 - Produção | 137,00 | 95,98 | 20,26 | 26,37 | 5,00 | 7,59 | 2,62 | 10,54 | 35,50 | 449,09 |
| | 3 - Importação | 0,54 | 0,00 | 0,20 | 0,50 | 0,03 | 0,58 | 2,40 | 1,30 | 3,10 | 32,86 |
| | 4 - Suprimento total (1+2+3) | 178,07 | 116,48 | 26,56 | 28,34 | 6,13 | 9,35 | 5,49 | 15,56 | 45,18 | 577,14 |
| | 5 - Consumo | 135,00 | 90,21 | 10,30 | 19,40 | 2,25 | 4,32 | 5,03 | 12,90 | 39,00 | 445,60 |
| | 6 - Exportação | 0,50 | 2,77 | 10,65 | 7,00 | 3,34 | 3,53 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 34,90 |
| | 7 - Demanda total (5+6) | 135,50 | 92,98 | 20,95 | 26,40 | 5,59 | 7,85 | 5,03 | 13,13 | 39,00 | 480,50 |
| | 8 - Estoque Final (4-7) | 42,57 | 23,50 | 5,62 | 1,94 | 0,50 | 1,51 | 0,47 | 2,46 | 6,18 | 98,68 |
| | 9 - Relação estoque x consumo | 31,53 | 25,05 | 54,56 | 10,00 | 22,22 | 34,95 | 9,34 | 18,51 | 15,85 | 22,15 |
| 2011/2012 | 1 - Estoque inicial | 42,57 | 23,50 | 5,62 | 1,94 | 0,50 | 1,51 | 0,47 | 2,46 | 6,18 | 98,68 |
| | 2 - Produção | 140,70 | 105,31 | 20,46 | 27,08 | 6,50 | 5,89 | 2,71 | 10,70 | 36,50 | 466,19 |
| | 3 - Importação | 1,79 | 0,00 | 0,60 | 0,10 | 0,06 | 0,62 | 3,20 | 1,50 | 1,96 | 35,98 |
| | 4 - Suprimento total (1+2+3) | 185,06 | 128,81 | 26,68 | 29,12 | 7,06 | 8,02 | 6,38 | 14,43 | 44,64 | 600,85 |
| | 5 - Consumo | 139,60 | 93,33 | 10,40 | 19,65 | 2,56 | 3,47 | 5,20 | 12,85 | 39,55 | 459,39 |
| | 6 - Exportação | 0,44 | 10,38 | 6,95 | 7,72 | 3,50 | 3,22 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 39,13 |
| | 7 - Demanda total (5+6) | 140,04 | 103,71 | 17,35 | 27,37 | 6,06 | 6,69 | 5,20 | 13,00 | 39,55 | 498,52 |
| | 8 - Estoque Final (4-7) | 45,02 | 25,10 | 9,33 | 1,75 | 1,00 | 1,30 | 1,18 | 1,81 | 5,09 | 105,48 |
| | 9 - Relação estoque x consumo | 32,25 | 26,89 | 89,71 | 8,91 | 39,06 | 37,46 | 22,69 | 11,00 | 12,87 | 22,96 |

| Safr | Eventos | Produtores | | | Exportadores | | | Importadores | | | Mundo |
|---------------------------------|-------------------------------|------------|--------|-----------|--------------|-----------|-------|--------------|-----------|-----------|--------|
| | | China | Índia | Tailândia | Vietnã | Paquistão | EUA | Nigéria | Filipinas | Indonésia | |
| 2012/2013 (Estimativa jul/2013) | 1 - Estoque inicial | 45,02 | 25,10 | 9,33 | 1,83 | 0,75 | 1,30 | 1,12 | 1,51 | 5,09 | 105,06 |
| | 2 - Produção | 143,00 | 104,00 | 20,20 | 27,65 | 6,00 | 6,33 | 2,37 | 11,35 | 37,50 | 470,22 |
| | 3 - Importação | 2,90 | 0,00 | 0,60 | 0,10 | 0,04 | 0,68 | 2,90 | 1,50 | 1,50 | 35,72 |
| | 4 - Suprimento total (1+2+3) | 190,92 | 129,10 | 30,13 | 29,58 | 6,79 | 8,31 | 6,39 | 14,36 | 44,09 | 611,00 |
| | 5 - Consumo | 144,00 | 96,10 | 10,50 | 20,10 | 2,69 | 3,81 | 5,70 | 12,93 | 40,00 | 469,85 |
| | 6 - Exportação | 0,30 | 9,00 | 8,00 | 7,40 | 3,20 | 3,43 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 38,64 |
| | 7 - Demanda total (5+6) | 144,30 | 105,10 | 18,50 | 27,50 | 5,89 | 7,24 | 5,70 | 13,00 | 40,00 | 508,49 |
| | 8 - Estoque Final (4-7) | 46,62 | 24,00 | 11,63 | 2,08 | 0,90 | 1,08 | 0,69 | 1,43 | 4,09 | 105,43 |
| | 9 - Relação estoque x consumo | 32,38 | 24,97 | 110,76 | 10,35 | 33,46 | 28,35 | 12,11 | 11,00 | 10,23 | 22,44 |
| 2013/2014 (Previsão jul/2013) | 1 - Estoque inicial | 46,62 | 24,00 | 11,63 | 2,08 | 0,90 | 1,08 | 0,69 | 1,43 | 4,09 | 105,43 |
| | 2 - Produção | 144,00 | 108,00 | 21,10 | 27,85 | 6,20 | 6,04 | 3,10 | 11,70 | 37,70 | 479,26 |
| | 3 - Importação | 3,00 | 0,00 | 0,60 | 0,10 | 0,00 | 0,71 | 2,90 | 1,20 | 1,50 | 36,31 |
| | 4 - Suprimento total (1+2+3) | 193,62 | 132,00 | 33,33 | 30,03 | 7,10 | 7,83 | 6,69 | 14,33 | 43,29 | 621,00 |
| | 5 - Consumo | 147,00 | 98,50 | 10,60 | 20,60 | 2,70 | 3,66 | 5,90 | 12,93 | 40,30 | 476,84 |
| | 6 - Exportação | 0,20 | 8,50 | 8,50 | 7,70 | 3,20 | 3,12 | 0,00 | 0,00 | 0,00 | 38,91 |
| | 7 - Demanda total (5+6) | 147,20 | 107,00 | 19,10 | 28,30 | 5,90 | 6,78 | 5,90 | 13,00 | 40,30 | 515,75 |
| | 8 - Estoque Final (4-7) | 46,42 | 25,00 | 14,23 | 1,73 | 1,20 | 1,05 | 0,79 | 1,41 | 2,99 | 107,84 |
| | 9 - Relação estoque x consumo | 31,58 | 25,38 | 134,25 | 8,40 | 44,44 | 28,69 | 13,39 | 11,00 | 7,42 | 22,62 |

Fonte: USDA, jan./2010 e 2011, fev./2012, jul./2013 – Disponível em: <http://fas.usda.gov>. Acesso em: 08 ago. 2013

Nota: Eventuais divergências nas somas devem-se ao fato de que os dados foram copiados tal qual aparecem nas publicações originais

Buscando mostrar a correlação entre os estoques de passagem mundiais, a produção e os preços nas duas principais praças de formação de comércio externo do arroz é apresentado o Gráfico 1. De certa forma, pode-se afirmar que em momentos de estoques elevados e de produção similar ou superior ao da safra anterior, os preços tendem a sofrer decréscimos. É certo que existem vários fatores que interferem na formação dos preços de mercado de quaisquer produtos, como exemplo, pode-se citar o ocorrido no ano de 2008 no mercado do arroz, no qual existiam suspeitas de que haveria falta desse grão. Frente essas expectativas pessimistas, alguns países do Leste Asiático resolveram restringir as exportações, enquanto que outros buscavam antecipar suas compras externas. Como consequência, houve aumento exacerbado nos preços do produto, de modo que em maio chegaram a atingir a média de US\$ 1.024 por tonelada para o tailandês 100%B e de US\$ 988 por tonelada para o americano tipo 2, com 4% de quebrados. A partir de então, tendo o mercado percebido o equívoco, os preços recuaram de modo que em dezembro valiam US\$ 564/t (51,37%) e US\$ 553/t (65,99%) daqueles valores, respectivamente.

Após os eventos tratados anteriormente, os preços internacionais mostraram quão fracos estavam e iniciaram o movimento de queda, cujos menores preços, depois da safra 2007/08, foram US\$ 523 e US\$ 506 por tonelada para o arroz americano e tailandês, respectivamente, nas safras 2008/09 e 2009/10. Esse enfraquecimento se deu em razão da elevação do volume de estoques de passagem, com a safra produzindo em quantidade suficiente para atender a demanda. Atualmente, observa-se relativa estabilidade nos preços nos principais mercados, estando o arroz norte-americano cotado em US\$ 605/tonelada e o argentino em US\$ 625/tonelada. Todavia, o preço atual do arroz tailandês (US\$ 467/tonelada) representa uma desvalorização anualizada de 19,06%; resultado este que ilustra o insucesso da política intervencionista do governo tailandês, do qual seu objetivo inicial era a valorização do arroz a patamares de US\$ 800 por tonelada.

Tabela 2 – Mercosul – Quadro de ofertas e demandas (em mil toneladas)

| Safr | Atributos | Territórios Regionais | | | | |
|------------|---------------|-----------------------|----------|----------|---------|----------|
| | | Argentina | Brasil | Paraguai | Uruguai | Mercosul |
| 2010/2011 | Produção | 1.750,8 | 13.676,5 | 404,5 | 1.642,9 | 17.474,6 |
| | Consumo | 518,5 | 12.352,9 | 109,0 | 100,0 | 13.080,4 |
| | Exportação | 992,3 | 1.838,2 | 298,5 | 1.424,3 | 4.553,3 |
| | Estoque final | 340,0 | 1.176,5 | 0,0 | 187,1 | 1.703,6 |
| 2011/2012 | Produção | 1.550,8 | 11.600,0 | 383,6 | 1.424,3 | 14.958,6 |
| | Consumo | 600,0 | 11.658,8 | 52,2 | 114,3 | 12.425,3 |
| | Exportação | 935,4 | 1.625,0 | 391,0 | 1.508,6 | 4.460,0 |
| | Estoque final | 269,2 | 794,1 | 0,0 | 144,3 | 1.207,6 |
| 2012/2013 | Produção | 1.560,0 | 12.000,0 | 400,0 | 1.360,0 | 15.320,0 |
| | Consumo | 630,8 | 11.617,6 | 55,2 | 121,4 | 12.425,1 |
| | Exportação | 961,5 | 1.250,0 | 373,1 | 1.285,7 | 3.870,4 |
| | Estoque final | 244,6 | 1.029,4 | 47,8 | 132,9 | 1.454,6 |
| 2013/2014* | Produção | 1.600,0 | 12.500,0 | 425,4 | 1.440,0 | 15.965,4 |
| | Consumo | 630,8 | 11.470,6 | 58,2 | 128,6 | 12.288,1 |
| | Exportação | 961,5 | 1.250,0 | 373,1 | 1.285,7 | 3.870,4 |
| | Estoque final | 260,0 | 1.397,1 | 44,8 | 158,6 | 1.860,4 |

Fonte: USDA, jul./2013 – Disponível em: <http://ers.usda.gov>. Acesso em: 08 ago. 2013

Notas:

(*) Previsão de julho de 2013 no Wasde do FAS/USDA

1. Elaborado pela Conab

Com base nos dados divulgados pelo FAS/USDA e expostos no Quadro 2, os países integrantes do Mercosul deverão produzir, na safra 2013/14, o total de 15,9 milhões toneladas de arroz em casca (evolução de 16,92% desde a safra 2006/07), sendo o Brasil responsável por 78,29% da produção do bloco. Argentina e Uruguai, segundo a estimativa, produzirão 1,6 milhão de toneladas e 1,4 milhão de toneladas, respectivamente. Estes países, na série histórica da balança comercial brasileira se apresentam como importantes mercados importadores, suprimindo, quando necessário, os déficits brasileiros entre a oferta e a demanda interna. Mais recentemente, o Paraguai, com uma produção estimada de 0,4 milhão de toneladas para a próxima safra, apresenta-se como supridor de parte da demanda por arroz das indústrias de beneficiamento localizadas na Região Centro-Oeste. Esta demanda brasileira por arroz paraguaio elevou-se, principalmente, em face do alto custo logístico de escoamento da produção da Região Sul e da recente retração da produção da Região Centro-Oeste.

Acerca do consumo, o Brasil destaca-se como maior mercado consumidor, com uma demanda estimada de 11,4 milhões de toneladas. Os outros integrantes do Mercosul não possuem uma forte cultura de consumo do produto, sendo as suas produções, em grande parte, não destinadas ao consumo interno e sim ao mercado internacional (o Brasil é o mais importante destino). Sobre as exportações brasileiras, estimadas em 1,2 milhão de toneladas, o principal destino são países não pertencentes ao grupo, com destaque para algumas nações africanas. Por meio dos dados disponibilizados pelo Aliceweb/MDIC para Julho/13, cabe destacar que os preços efetivos de exportação (US\$ 608,20/tonelada) apresentaram ser significativamente superiores aos preços efetivos de importação (US\$ 562,10/tonelada).

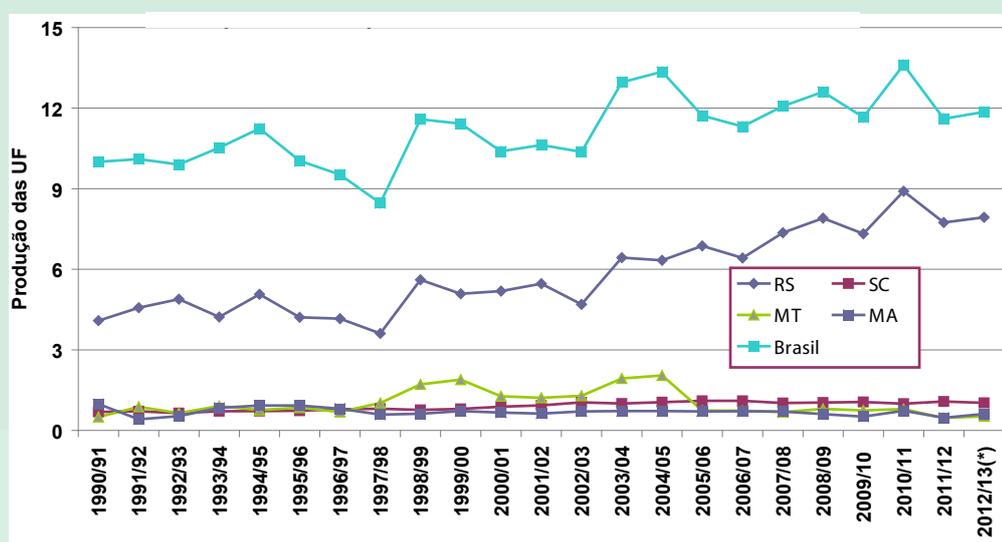
As estimativas do USDA sobre estoques de passagem divergem das estimativas realizadas pela Conab (em 1,43 milhão de toneladas) para a safra 2012/13 para o Brasil. Segundo aquela instituição, o estoque de passagem da próxima safra será de 0,7 milhão de toneladas. Na Argentina e no Uruguai, os estoques expandirão em relação à safra passada em 6,29% e

19,35%, respectivamente. Na ótica absoluta dos estoques argentino e uruguaio, ambos possuirão baixos números, porém, na ótica relativa (razão estoque/consumo), ambos possuirão elevados números. Como observação, cabe destacar que o valor do estoque brasileiro estimado pelo USDA foge da realidade atual, pois apenas os estoques públicos ultrapassam o montante de 1 milhão de toneladas de arroz.

3. Mercado Nacional

Analisando o mercado brasileiro no Gráfico 2, observa-se o crescimento apresentado pela orizicultura nos últimos anos. Entre as safras 1990/91 e 2012/13, a produção expandiu-se 20,53%, com aumento da produtividade do setor. O grande impulsionador do crescimento do arroz no Brasil foi o estado do Rio Grande do Sul, o qual aumentou em 96,55% sua produção entre as safras 1990/91 e 2012/13. Atualmente, o RS sozinho é responsável por volta de 2/3 de toda produção do grão no Brasil.

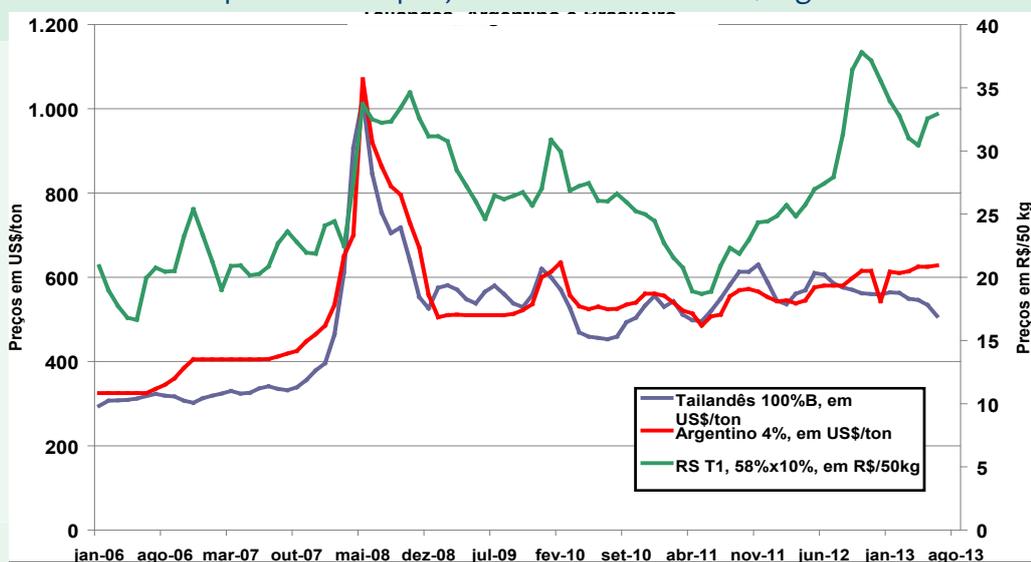
Gráfico 2 – Arroz em casca – principais estados produtores, e Brasil, em milhões de toneladas



Fonte: Conab. Levantamento de Safras, 2013

Nota: (*) Estimativa

Gráfico 3 – Comparativos de preços de arroz – tailandês, argentino e brasileiro



Fonte: Conab. Sistema de Informações Agropecuárias e de Abastecimento – Siagro; Infoarroz. Disponível em: <http://www.infoarroz.org>

Acerca dos preços, no Gráfico 3, são mostrados os comportamentos do arroz gaúcho, tailandês e argentino. Nota-se, pelo comportamento do gráfico, a pouca aderência dos preços internos aos das cotações internacionais analisadas, ou seja, o mercado brasileiro apresenta certa independência às volatilidades internacionais. Por outro lado, as curvas de preço dos mercados argentino e tailandês possuem comportamentos bem ajustados.

Os resultados estatísticos ilustram a análise gráfica realizada, na qual a correlação entre os preços brasileiros com os tailandeses é de 0,6896, ou seja, pouca aderência (quanto mais se aproximar de 1,000 é mais aderente). Já entre os mercados argentino e brasileiro, o índice melhora um pouco chegando a 0,7676, porém, quando se calcula para o produto argentino em relação ao tailandês, a estatística passa para 0,9152. Tal resultado é esperado, frente ao fato de ambos os países serem atuantes no mercado internacional (tomadores de preço internacional), direcionando relevante parte de suas respectivas produções ao comércio internacional. O Brasil, todavia, direciona majoritariamente sua produção para o mercado interno, o que corrobora para a independência das cotações nacionais frente o mercado internacional.

Ainda analisando o Gráfico 3, mais especificamente os preços no RS – na safra 2011/12 – os preços de mercado operaram abaixo do preço mínimo estabelecido. Esse desaquecimento no preço foi essencialmente resultado do excesso de oferta na safra em questão. No período de comercialização da safra 2011/12, a cotação do arroz aqueceu, atingindo em meados de 2012 o patamar recorde de R\$ 38,19 por saco de 50 Kg. Esta alta nos preços foi resultado da baixa produção da Região Sul (Brasil), Uruguai e Argentina. Cabe ressaltar que os dois países destacados configuraram-se como importantes supridores de oferta para o mercado brasileiro. Outro fator que exerceu pressão de alta nos preços foi a política de compras governamentais tailandesas.

A expressiva alta observada a partir de meados da safra 2012/13 foi parcialmente dissipada com o início da colheita, porém, essa tendência de queda foi revertida já no início da janela de análise da safra 2013/14. A formação de estoque do montante colhido por parte da cadeia produtiva, reduzindo a oferta do grão, em busca de preços atrativos na entressafra, aparece como fator significativo na antecipada dinâmica de reversão de tendência dos preços. Analisando as outras regiões do Brasil, observa-se que na maioria das praças o mercado segue movimento semelhante ao do mercado gaúcho. Para a próxima safra (2013/14), todavia, a expectativa é de que os preços mantenham-se acima do estabelecidos nos específicos preços mínimos de cada região, garantindo uma boa rentabilidade para o setor.

Ao analisar a Tabela 3 de rentabilidade das diferentes culturas, com base no município de Sorriso/MT, observa-se que a previsão de rentabilidade (margem bruta/receita) do arroz de sequeiro para a próxima safra é estimada em 4,05%. Na comparação com a rentabilidade da soja, que é estimada em 48,04%, nota-se a grande disparidade de rentabilidade entre as culturas. Em relação ao milho, outro bem substituto do arroz na ótica do produtor, observa-se uma rentabilidade prevista de -43,53% para a safra 2013/14, sendo este retorno significativamente inferior ao estimado para o arroz de sequeiro. Ou seja, utilizando o município de Sorriso como proxy para estas estimações, conclui-se que a forte concorrência da soja por área de plantio tem desestimulado o plantio de arroz nas Regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste. Segundo o mesmo estudo, para que as rentabilidades de soja e arroz sejam equivalentes, é necessário que o preço do arroz esteja por volta de R\$ 62,00 (R\$/60Kg). Na Região Sul, a rentabilidade prevista para a safra 2012/13 do arroz irrigado é de 38,52%.

Tabela 3 – Análise de rentabilidade entre produtos substitutos, em R\$ / hectare (com base na produtividade efetiva nos levantamentos da Conab, em kg/ha e porcentagem)

| Produtos | Arroz sequeiro - MT | | | Arroz irrigado | | | Milho em grãos | | | Soja em grãos | | |
|--|---------------------|----------|----------|----------------|----------|----------|----------------|----------|----------|---------------|----------|----------|
| | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 | 2011/12 | 2012/13 | 2013/14 |
| Safras | | | | | | | | | | | | |
| Preço (R\$/50kg) | 23,08 | 31,17 | 27,82 | 25,43 | 21,52 | 33,5 | 14,81 | 14,90 | 7,75 | 31,86 | 46,89 | 41,25 |
| Produtividade do pacote (Kg/ha) | 3.600 | 3.600 | 3.600 | 6.500 | 6.500 | 6.500 | 5.400 | 5.400 | 5.400 | 3.200 | 3.200 | 3.200 |
| Análise financeira | | | | | | | | | | | | |
| A - Receita bruta (I*II) | 1.435,32 | 1.937,94 | 1.729,64 | 3.865,36 | 3.271,04 | 5.092,00 | 1.747,09 | 1.757,90 | 914,35 | 2.032,56 | 2.991,69 | 2.631,75 |
| B - Despesas: | | | | | | | | | | | | |
| B1 - Despesas de custeio (DC) | 1.007,22 | 1.251,14 | 1.304,89 | 2.079,70 | 2.215,01 | 2.449,52 | 736,94 | 902,35 | 965,20 | 859,40 | 1.016,54 | 1.037,37 |
| B2 - Custos variáveis (CV) | 1.334,03 | 1.533,21 | 1.659,57 | 2.642,95 | 2.786,78 | 3.130,68 | 1.037,39 | 1.208,48 | 1.312,35 | 1.118,55 | 1.283,77 | 1.367,35 |
| B3 - Custo operacional (CO) | 1.512,94 | 1.703,35 | 1.801,15 | 3.138,40 | 3.215,27 | 3.459,75 | 1.145,42 | 1.310,19 | 1.388,17 | 1.271,41 | 1.425,98 | 1.483,21 |
| a) Margem bruta s/ DV (A-B1) | 428,10 | 686,80 | 424,75 | 1.785,66 | 1.056,03 | 2.642,48 | 1.010,15 | 855,55 | (50,85) | 1.173,16 | 1.975,15 | 1.594,38 |
| b) Margem bruta s/ CV (A-B2) | 101,29 | 404,73 | 70,07 | 1.222,41 | 484,26 | 1.961,32 | 709,70 | 549,42 | (398,01) | 914,01 | 1.707,92 | 1.264,40 |
| c) Margem líquida s/ CO (A-B4) | (77,62) | 234,59 | (71,51) | 726,96 | 55,77 | 1.632,25 | 601,67 | 447,71 | (473,83) | 761,15 | 1.565,71 | 1.148,54 |
| Indicadores | | | | | | | | | | | | |
| Receita sobre o custeio (A/B1) | 1,43 | 1,55 | 1,33 | 1,86 | 1,48 | 2,08 | 2,37 | 1,95 | 0,95 | 2,37 | 2,94 | 2,54 |
| Receita sobre o custo variável (A/B2) | 1,08 | 1,26 | 1,04 | 1,46 | 1,17 | 1,63 | 1,68 | 1,45 | 0,70 | 1,82 | 2,33 | 1,92 |
| Receita sobre o custo operacional (A/B3) | 0,95 | 1,14 | 0,96 | 1,23 | 1,02 | 1,47 | 1,53 | 1,34 | 0,66 | 1,60 | 2,10 | 1,77 |
| Margem bruta (DC)/receita (a/A) | 29,83% | 35,44% | 24,56% | 46,20% | 32,28% | 51,89% | 57,82% | 48,67% | -5,56% | 57,72% | 66,02% | 60,58% |
| Margem bruta (CV)/receita (b/A) | 7,06% | 20,88% | 4,05% | 31,62% | 14,80% | 38,52% | 40,62% | 31,25% | -43,53% | 44,97% | 57,09% | 48,04% |
| Margem líquida (CO)/receita (c/A) | -5,41% | 12,11% | -4,13% | 18,81% | 1,70% | 35,06% | 34,44% | 25,47% | -51,82% | 37,45% | 52,34% | 43,64% |

Fonte: Conab/Siagro

Nota:

- Os preços de milho e soja são do ano civil 2010 e 2011 e de 03/2011 a 02/2012 safra de jan./2013
- Para a safra 2013/14 foram utilizados os preços da semana 05/08/2013 a 09/08/2013.

4. Fatores críticos

Por meio da análise da demanda por alimentos da população brasileira, o arroz apresenta-se como principal produto da base nutricional do indivíduo comum, estando presente na mesa de todas as camadas sociais. Por meio de diversos trabalhos acadêmicos, é evidenciada a elasticidade-renda negativa do produto, o que classifica o arroz como sendo um bem inferior. Ou seja, elevações no nível de renda influenciam na redução do consumo de arroz, pois os agentes demandantes – ao disponibilizarem de mais renda – alteram seus hábitos alimentares, passando a consumir outros alimentos (especialmente comidas rápidas e massas).

Para o próximo período comercial, estima-se que o país terá uma taxa de crescimento menor que o previsto anteriormente, de modo que o Banco Central estima uma expansão do Produto Interno Bruto (PIB) abaixo de 2% para 2013. Este resultado refletirá na demanda interna de arroz, que se manterá, possivelmente, nos níveis atuais – em torno de 12 milhões de toneladas – *ceteris paribus*. Cabe destacar, todavia, que o comportamento dos preços do arroz

e de seus bens substitutivos é variável fundamental na determinação da demanda nacional de arroz. Logo – apesar de não haver indícios de que estes fatores irão influenciar na comercialização do produto, expressivas variações desses, podem alterar a previsão de consumo do grão.

Outro fator que pode influenciar na demanda total do setor é o comportamento do mercado externo. A taxa de câmbio encontra-se, no presente momento, significativamente desvalorizada em relação à série histórica dos últimos anos, o que seguramente exercerá pressão por saldos positivos na balança comercial. Para a presente semana – de 05/08/2013 até 09/08/2013 –, o câmbio está cotado em R\$ 2,2748/US\$, valor este que reverbera em ganho de competitividade do produto nacional. Todavia, no último mês disponibilizado pela Secex/MDIC de Junho, as importações brasileiras foram de 122,1 mil toneladas de arroz e as exportações de 73,1 mil toneladas. No acumulado do período comercial 2013/14, observa-se um déficit no montante de 117,7 mil toneladas, todavia, como já enfatizado, é esperada uma reversão desse fluxo comercial.

Por último, o fator mais relevante na determinação dos preços nacionais é a quantidade de produção interna, pois a capacidade de gerar mercado para a safra brasileira é reduzida à demanda interna, sendo o mercado externo de exportações limitado. Desta forma, uma oferta mais abundante do setor, redundando, seguramente, em preços deprimidos. Ou seja, fatores como variações climáticas e incidência de pragas, por influírem na quantidade produzida, possuem significativa importância na definição do preço de mercado vigente.

5. Perspectivas para a safra 2013/2014

Pelo lado da demanda para o período de comercialização da safra 2012/13, pode-se estimar que o consumo, como já ressaltado anteriormente, deverá ser igual ao da safra presente, ou seja, 12,1 milhões de toneladas base casca, incluindo perdas, consumo humano e industrial e sementes. Com relação às exportações brasileiras, estima-se que essas se acomodem em 1,1 milhão de toneladas, considerando que o arroz é um produto de tradição e o industrial brasileiro mantenha os mercados conquistados, pelo menos os mais tradicionais.

Pelo lado da oferta, o presente ano de menor liquidez é devido ao comportamento dos produtores em reter parte do montante colhido, visando à busca de preços mais remuneradores. Todavia, a produção da safra 2012/13 de 11.858,3, segundo o último levantamento da Conab, é superior em 2,23% à passada. Logo, pelo fato da relevante disponibilidade estocada pelo setor privado e da atual cotação do produto (R\$ 33,50), valor este que garante boa rentabilidade ao setor, projeta-se para esse segundo semestre estabilidade das cotações do grão nos padrões atuais. Fundamenta-se esse resultado no equilíbrio entre a oferta e a demanda projetada para a atual entressafra, dinâmica essa não observada nos últimos períodos comerciais, nos quais os desequilíbrios entre a oferta e a demanda resultaram em pressão de alta nos preços.

Para o início do próximo período comercial 2013/14, projetam-se uma área plantada (+1%) e uma produção (12,1 milhões toneladas de arroz) do setor ligeiramente superiores, *vis-à-vis* a boa disponibilidade hídrica das regiões produtoras e os atrativos preços de entressafra nos principais mercados (RS e SC). Ainda sobre a produção, estima-se um intervalo de confiança entre 11,8 e 12,4 milhões de toneladas, desconsiderando a influência de fatores exógenos. Caso a produção se aproxime do limite superior estimado, seguramente haverá uma maior pressão de baixa sobre os preços estimados.

Ao ponderar todas as variáveis de influência expostas ao longo deste estudo, o volume de estoque público de passagem de 1008,8 mil toneladas e a análise da sazonalidade histórica, é esperado um preço médio do arroz no RS e SC de R\$ 29,00 por saco de 50kg para o início do próximo período de comercialização da safra 2013/14. Como apoio a essa projeção, foi desenvolvido um estudo utilizando o Capital Asset Pricing Model (CAPM), no qual o modelo para o mercado nacional de arroz foi estabelecido como:

$$E(R_i) = \text{Taxa Selic} + \text{Beta} \times (\text{Retorno do Ibovespa} - \text{Taxa Selic})$$

Sendo *Beta* igual à covariância entre o retorno do Ibovespa e o retorno do mercado de arroz dividido pela variância do Ibovespa. Para o cálculo da rentabilidade histórica do setor foram utilizadas as séries de dados de custo de produção disponibilizadas pela Conab e os preços de mercado – média do RS – disponibilizados pelo Siagro/Conab.

Como resultado do CAPM, encontra-se que o retorno ajustado ao risco tomado pelo orizicultor para o arroz é de 12,82%^{aa}. Com isso, dado que o atual custo operacional do saco de 50kg de arroz em casca é de R\$ 28,16, aplica-se esta rentabilidade no custo citado, chegando a um valor de R\$ 31,77 por saco. O valor encontrado no CAPM é a cotação no qual o retorno desse produto é condizente com os riscos assumidos pelo setor. Logo, pode-se afirmar que o preço de equilíbrio do mercado é R\$ 31,77, o que corrobora com a projeção realizada neste trabalho para o início do próximo período de comercialização, momento o qual haverá maior oferta do produto e os preços seguramente encontrar-se-ão mais deprimidos do que o de equilíbrio.

CACAU AMÊNDOA

BRUNO NOGUEIRA



1. Introdução

O cacau (*Theobroma cacao*) apresenta importância social e econômica no mundo todo, sendo a matéria-prima para a fabricação do chocolate. A África é responsável por cerca de 70% da produção mundial, tendo como principal país produtor Costa do Marfim, com mais de 1,4 milhão de toneladas da amêndoa na safra 2011/12. Em seguida, aparece Gana com cerca de 870 mil, Indonésia, 450 mil e Nigéria com 235 mil toneladas de amêndoa de cacau.

Segundo dados da Organização Internacional do Cacau (ICCO), o Brasil ocupou a 5ª colocação na safra 2011/12, com cerca de 230 mil toneladas. Por volta de 60 mil agricultores cultivam o cacau, a maioria agricultores familiares. O Brasil tem seis estados produtores da commodity. A Bahia concentra cerca de 60% da produção nacional. Depois vem o Pará, seguido pelos Estados de Rondônia, Amazonas, Espírito Santo e Mato Grosso.

O crescimento da produção mundial de cacau verificado nos últimos anos é explicado pelo aumento da demanda. De acordo com dados da ICCO, o volume de moagem entre os anos de 2002/03 e 2010/11 apresentou crescimento em torno de 5% ao ano. A previsão para a safra 2011/12 (de outubro a setembro) era a de uma produção levemente abaixo das moagens, porém, a realidade mostrou o contrário. A desaceleração da demanda de chocolate, em grande parte causada pela persistente crise econômica na Europa e a desaceleração da economia norte-americana, diminuiu o crescimento das moagens em 2012, e apenas uma modesta recuperação é esperada para este ano.

O Brasil é o terceiro maior produtor mundial de chocolate. O setor fechou 2012 com crescimento de 3,1%, em relação a 2011, com 732 mil toneladas produzidas. O país continua sen-

do o quarto maior consumidor de chocolate do mundo, com consumo *per capita* de 2,2 kg por ano, há três anos era de 1,65 kg, o que mostra um cenário otimista para os próximos anos.

2. Cenários

Em um contexto de aumento do poder aquisitivo ocorrido nos últimos anos no Brasil, o consumo de chocolate, que é um bem superior sob a ótica da elasticidade-renda da demanda, cresceu acima dos 10% ao ano na década passada. No âmbito mundial há um aumento do gosto asiático pelo produto e crescimento do consumo nos países ditos emergente. Porém, em contrapartida, as crises nos EUA e na Europa nos últimos anos, importantes consumidores mundiais, desaceleraram as taxas de crescimento das moagens mundiais de cacau.

No Brasil, foi aprovada a entrada do cacau na Política de Garantia de Preço Mínimo (PGPM), executada pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab). Ainda é cedo para prever o real impacto que esta ação trará para o mercado nacional, mesmo porque, com o crescente aumento dos custos com mão de obra no país, o preço necessário para aumentar a atração de produtores para a atividade é cada vez maior. Com a alta do dólar, já é notada uma significativa recuperação dos preços ao longo dos últimos meses. Além disso, outro fator que virá para agregar na recuperação da lavoura cacauzeira brasileira, é a prorrogação, até o dia 31 de dezembro de 2013, do prazo para renegociação das dívidas dos cacauicultores.

Já no cenário mundial, do lado da demanda, deve-se ficar atento à recuperação da economia americana e, claro, aos desfechos da crise europeia. Já do lado da oferta, a África, com cerca de 70% do cacau produzido no mundo, tem papel decisivo nas variações do mercado. Além da oferta e demanda convencionais, os mercados de cacau são movidos por ações de forte cunho especulativo, motivo que confere às cotações internacionais um elevado grau de volatilidade e vulnerabilidade.

Outro ponto fundamental é o controle das diversas pragas que atingem o cacauzeiro. As principais doenças do cacau, a vassoura-de-bruxa na América do Sul, a podridão-parda na África e a monilíase na América Central, são de difícil controle, e deixam os produtores pelo mundo em constante estado de alerta. Na maioria das vezes, determinados fatores climáticos são agravantes da disseminação destas doenças, dando um elevado grau de imprevisibilidade nos resultados finais das safras.

3. Mercado internacional

O período de safra mundial de cacau vai de outubro a setembro. Os dados sobre produção, moagens e estoques mundiais de cacau, são mostrados no Tabela 1.

Tabela 1 – Cacau – Produção, moagem e estoque mundiais

| Safra Mundial | Produção | | Moagem | | Superávit/déficit | Estoque final | Estoque/moagem |
|---------------|----------|-------|--------|-------|-------------------|---------------|----------------|
| 2003/04 | 3.548 | 11,6% | 3.237 | 5,2% | 287 | 1.682 | 52.0 |
| 2004/05 | 3.378 | -4,8% | 3.382 | 4,5% | -38 | 1.644 | 48.6 |
| 2005/06 | 3.808 | 12,7% | 3.522 | 4,1% | 248 | 1.892 | 53.7 |
| 2006/07 | 3.430 | -9,9% | 3.675 | 4,3% | -279 | 1.613 | 43.9 |
| 2007/08 | 3.737 | 9,0% | 3.775 | 2,7% | -75 | 1.538 | 40.7 |
| 2008/09 | 3.592 | -3,9% | 3.537 | -6,3% | 19 | 1.557 | 44.0 |
| 2009/10 | 3.635 | 1,2% | 3.737 | 5,7% | -138 | 1.419 | 38.0 |
| 2010/11 | 4.311 | 18,6% | 3.938 | 5,4% | 330 | 1.749 | 44.4 |
| 2011/12 | 4.078 | -5,4% | 3.953 | 0,4% | 84 | 1.833 | 46.4 |
| Forecasts | | | | | | | |
| 2012/13 | 3.967 | -2,7% | 3.987 | 0,9% | -60 | 1.773 | 44.5 |

Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

A produção mundial de 2011/12 foi de pouco mais de 4 milhões de toneladas de cacau, queda de 5,4% em relação à safra recorde do ano anterior. Já para a safra que se encerra agora em setembro, estima-se ainda outra queda, que deve fechar, segundo dados da ICCO, por volta dos 3,96 milhões de toneladas.

Os números de moagem indicam quantas toneladas de cacau foram transformadas em pó e são vistos como uma medida da demanda por chocolate. De acordo com os últimos dados fornecidos pela ICCO, em maio, a quantidade moída na safra 2012/13, em comparação com a safra anterior, deve ficar quase estável, fechando com cerca de 3,98 milhões de toneladas da amêndoa. Diante deste cenário de produção e demanda, o resultado seria uma queda no estoque de passagem de cerca de 60 mil toneladas de amêndoa de cacau, o que deixaria o mundo numa relação “Estoque Final X Consumo Total” da ordem de 44,5%, ou seja, número bem próximo da média dos últimos 10 anos.

O crescimento da produção mundial de cacau verificado nos últimos anos é explicado pelo aumento da demanda. De acordo com dados da ICCO o volume de moagem entre os anos de 2002/03 e 2010/11, apresentou crescimento em torno de 5% ao ano.

O continente africano é responsável por cerca de 70% da produção mundial. O maior produtor é a Costa do Marfim, que passou de 1,51 milhão de toneladas para cerca de 1,48 milhão de toneladas na última estimativa de fechamento da safra 2011/12. Para a safra em curso, que vai até setembro, as estimativas de maio da ICCO eram de uma leve queda, porém, diante de alguns problemas, a safra daquele país deve ser ainda menor que a apresentada na tabela abaixo. O segundo maior produtor é Gana, que no ano agrícola de 2011/12 apresentou queda na produção em relação à safra anterior, passando de 1,02 milhão de toneladas para 879 mil toneladas, e segundo as estimativas de maio da ICCO, a previsão é de mais uma queda, que pode ficar em torno de 5% a menos de amêndoa de cacau colhida no país. Porém, diante de alguns fatos observados recentemente, possivelmente estas previsões não venham a se confirmar.

Dentro do contexto de domínio africano da maioria da produção mundial de cacau, qualquer movimento atípico nesses países pode acarretar reflexo imediato no bolso dos produtores. Isso significa um grande problema para os cacauicultores, pois o fato do cacau ser uma lavoura perene impede a adoção de medidas utilizadas por produtores de culturas de ciclos curtos, que adotam cautela quando o momento é desfavorável.

O terceiro maior produtor, a Indonésia, se encontra no continente asiático. Este país é dono de uma produção de mais de 400 mil toneladas, valor que representa apenas metade da produção de Gana, a segunda colocado no ranking. Segundo a Associação de Cacau da Indonésia (ASKINDO), a produção deve superar as 450 mil toneladas previstas pela ICCO, devido à melhora nas técnicas agrícolas. Além disso, poderá ocorrer uma queda na quantidade de amêndoa exportada nos próximos anos, pois a capacidade moageira do país deve aumentar com a atual instalação de novas fábricas no país.

O Brasil, que segundo dados apresentados no Tabela 2, ocupou a quinta colocação na safra 2011/12, com uma colheita estimada, segundo a ICCO, de 220 mil toneladas, deverá cair uma posição na safra 2012/13, sendo ultrapassado por Camarões. A provável piora na safra nacional será discutida em tópico específico mais à frente.

Tabela 2 – Produção mundial por países (mil toneladas)

| Continente/País | 2010/2011 | | Estimado 2011/2012 | | Previsto 2012/2013 | |
|------------------|-----------|--------|--------------------|-------|--------------------|-------|
| África | 3.224 | 74,8% | 2.918 | 71,6% | 2.826 | 71,2% |
| Camarões | 229 | | 207 | | 225 | |
| Costa do Marfim | 1.511 | | 1.486 | | 1.475 | |
| Gana | 1.025 | | 879 | | 820 | |
| Nigéria | 240 | | 235 | | 220 | |
| Outros | 220 | | 112 | | 86 | |
| América | 561 | 13,0% | 639 | 15,7% | 606 | 15,3% |
| Brasil | 200 | | 220 | | 195 | |
| Equador | 161 | | 190 | | 185 | |
| Outros | 201 | | 229 | | 226 | |
| Ásia e Oceania | 526 | 12,2% | 521 | 12,8% | 534 | 13,5% |
| Indonésia | 440 | | 450 | | 450 | |
| Papua-Nova Guiné | 48 | | 39 | | 45 | |
| Outros | 39 | | 32 | | 39 | |
| Total Mundial | 4.311 | 100,0% | 4.078 | 100% | 3.967 | 100% |

Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

Entretanto, ainda há muita incerteza em relação a esses dados apresentados pela Organização Internacional do Cacau. Na Costa do Marfim tudo caminha para uma queda na produção um pouco maior que a apresentada na tabela acima. Além das chuvas, que começaram mais tarde que o esperado em grande parte do território, o governo do presidente Alassane Ouattara prometeu retirar milhares de produtores de cacau de florestas protegidas no país. Fatores como estes certamente irão reduzir as safras, devendo impor um movimento altista dos preços nos principais mercados mundiais.

Em relação aos números de Gana, poderá haver algum acréscimo na produção. O que acontece é que a Costa do Marfim fixou um preço mínimo para o quilo da amêndoa em seu território, preço este visto como demasiadamente alto por muitos. Diante disto, muitos intermediários se recusam a pagar o preço fixado, fazendo valer a pena para muitos produtores contrabandearem sua produção em busca de melhores preços na vizinha Gana.

O consumo de chocolate é o grande motor do mercado de cacau como um todo. Deste modo, os dados de moagem são considerados um termômetro para medir a demanda por chocolate. No mês de julho deste exercício foi anunciada a quantidade moída ao redor do mundo no segundo trimestre deste ano de 2013.

Depois de uma queda de 3,9% nas moagens europeias no primeiro trimestre, a Associação Européia de Cacau (ECA) divulgou que o continente processou no segundo trimestre deste ano o total de 310.408 toneladas de cacau, volume 6,1% superior ao mesmo período de 2012. O aumento ficou dentro das expectativas do mercado, que era entre 4 e 10%. A desaceleração no consumo de chocolate em decorrência da crise econômica na Europa proporcionou uma queda significativa nas moagens em 2012, e para este ano é aguardada apenas uma aca-nhada recuperação.

Depois de um aumento de 5,7% no primeiro trimestre de 2013, as moagens de cacau na América do Norte subiram novamente no segundo trimestre, fechando em 126.044 toneladas de cacau, volume 11,77% superior ao mesmo período de 2012. O número surpreendeu, pois o esperado pelos analistas era uma alta em torno de 4%. O maior processamento da amêndoa pode ser um sinal da retomada do crescimento da economia americana, já visualizada por analistas econômicos nos últimos meses.

No primeiro trimestre de 2013, o processamento asiático havia caído 10,8%, perante igual intervalo de 2012. Já o segundo trimestre apresentou alta de 2% em relação ao mesmo período do ano passado, o que representa um total de 153.790 mil toneladas de cacau. Apesar da tímida recuperação nos números do processamento de cacau na região, os países da Ásia-Pacífico vêm apresentando uma demanda crescente pelos produtos derivados de cacau.

Na Tabela 3, podem ser visualizadas as quantidades moídas nos principais países envolvidos nesta atividade. Segundo informações das principais indústrias processadoras de cacau, metade da produção mundial do produto deve ser processada nos países produtores em até cinco anos, como forma de atender de uma maneira mais eficiente à crescente demanda por chocolate da China, Rússia e de países do Leste Europeu.

Como pode ser notado, Holanda, Alemanha e Estados Unidos da América não são produtores expressivos. Todavia, processam juntos quase 1,5 milhão de tonelada de amêndoa. Desse modo, para se ter uma produção mais sustentável, as grandes empresas de processamento estão investindo pesado na implantação de indústrias moageiras nas regiões produtoras. A Cargill, por exemplo, está em fase de implantação de uma unidade na Indonésia, a primeira na Ásia, que terá capacidade para processar 70 mil toneladas de cacau por ano. É previsto o início das operações em meados de 2014. Os grãos de cacau recebidos serão processados em produtos, incluindo licor, manteiga e pó de cacau.

Tabela 3 – Cacau – Moagens mundiais por países (mil toneladas)

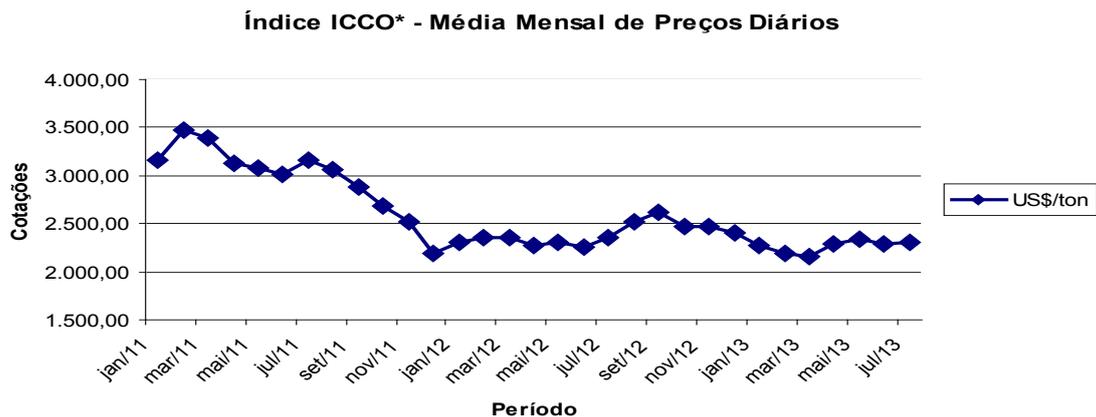
| Continente/País | 2010/2011 | | Estimado 2011/2012 | | Previsto 2012/2013 | |
|-----------------|-----------|--------|--------------------|-------|--------------------|-------|
| Europa | 1.624 | 41,20% | 1.521 | 38,5% | 1.540 | 38,6% |
| Alemanha | 439 | | 407 | | 395 | |
| Holanda | 540 | | 500 | | 515 | |
| Outros | 646 | | 614 | | 630 | |
| África | 658 | 16,7% | 717 | 18,1% | 710 | 17,8% |
| Costa do Marfim | 361 | | 431 | | 420 | |
| Gana | 230 | | 212 | | 220 | |
| Outros | 67 | | 74 | | 70 | |
| América | 861 | 21,9% | 845 | 21,4% | 863 | 21,7% |
| Brasil | 239 | | 242 | | 240 | |
| Estados Unidos | 401 | | 387 | | 400 | |
| Outros | 221 | | 216 | | 223 | |
| Ásia e Oceania | 795 | 20,2% | 871 | 22,0% | 874 | 21,9% |
| Indonésia | 190 | | 270 | | 280 | |
| Malásia | 305 | | 297 | | 290 | |
| Outros | 299 | | 304 | | 304 | |
| Total Mundial | 3.938 | 100,0% | 3.953 | 100% | 3.987 | 100% |

Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

O cacau tem os preços definidos, sobretudo, nas bolsas de mercadorias internacionais de Nova Iorque e Londres. A oferta e demanda quase sempre não são lógicas para formação de preço, pois há uma forte influência da especulação em todo o processo. Isso faz o cacau ser umas das *commodities* mais difíceis de se trabalhar. No Gráfico 1, utilizou-se o Índice ICCO de preços, que é uma média mensal feita pela Organização, na qual é utilizada a média das cotações de três ativos futuros negociados na NYSE Liffe Futures and Options e na ICE Futures US, até o horário de fechamento de Londres. Os preços de Londres são convertidos em dólares dos Estados Unidos por tonelada, utilizando a taxa de câmbio futura de seis meses no fechamento em Londres. É uma forma de visualizar, conjuntamente, as bolsas de Londres e Nova Iorque.

A Costa do Marfim adotou um novo regime de comercialização de sua safra. Desde janeiro de 2012 decidiu abandonar o sistema de livre comércio e instituir um programa de vendas futuras de 70 a 80% de suas safras previstas em leilões diários, sob controle e com garantia de um órgão estatal. Neste contexto, o país comercializou de forma simultânea as safras de 2011/12 e 2012/13, sendo que cerca de 70 a 80% desta última foram vendidas para entrega futura, por meio de contratos fechados por leilões eletrônicos. Segundo analistas da Ceplac, a produção mundial ofertada por meio de contratos de livre negociação teria se expandido, em face dos fechamentos de contratos futuros da Costa do Marfim. Deste modo, por ser um mercado altamente especulativo, o que se vê no Gráfico 1 são os preços recentes e sensivelmente inferiores aos alcançados no fim de 2011.

Gráfico 1 – Média mensal das cotações (Bolsas de NY e Londres)



Fonte: International Cocoa Organization - ICCO

Assim, depois do índice ICCO atingir média de US\$ 2.980 no ano de 2011, com pico acima dos US\$ 3.470 por tonelada da amêndoa, em 2012 a média das cotações ficou cerca de US\$ 1.000 abaixo deste patamar, fechando em US\$ 2.391 por tonelada.

Em 2013, o mercado continuou num patamar abaixo dos níveis de 2011, e a média até o mês de julho fechou em US\$ 2.265/t. Se for levado em consideração a média de 2010, a queda ainda é maior, pois no referido ano a média da tonelada da amêndoa ficou acima dos US\$ 3.000.

Deste modo, o que se viu nesses últimos 19 meses foram oscilações em níveis relativamente baixos e estreitos, mesmo diante das expectativas de déficit na produção da safra 2012/13. Durante quase toda a safra anterior a expectativa também era de déficit na produção, e as cotações não reagiram. Ao que parece, mais uma vez, oferta e demanda devem continuar relativamente próximas; o que em curto prazo poderá contribuir para que não ocorram mudanças muito bruscas no mercado cacauero internacional, principalmente devido às grandes ações especulativas vendedora e compradora.

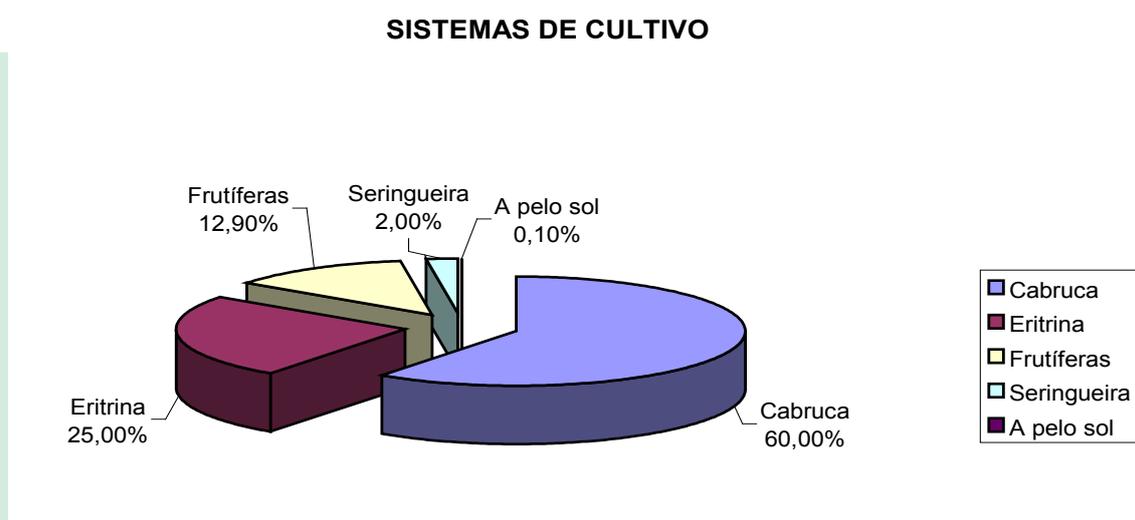
4. Mercado nacional

O cacau nativo extrativo é encontrado na Região Norte do país. Só no estado do Amazonas, segundo a Ceplac são mais de 40 municípios produzindo cacau. Estima-se uma produção comercializada de 5 mil toneladas de amêndoa, o que equivale a 5% da produção nacional. Todo o cacau produzido nessa região sofre apenas o beneficiamento primário, que vai até a secagem da amêndoa.

Sua comercialização é difícil, sendo feita por ribeirinhos ao longo das várzeas dos rios, o que gera um potencial não aproveitável de produção. É comum encontrar muitos mananciais sem coleta, pois a remuneração frente às dificuldades não chega a ser atrativa em determinadas regiões. Sem grande atratividade, não há incentivo em se melhorar a produção. Só para se ter uma ideia, a produtividade sem manejo é de cerca de 265 kg por hectares por ano, já com manejo, esse número pode chegar a 600 kg. Segundo estudiosos da Ceplac, com preços um pouco mais atrativos, algum apoio à comercialização e a realização de um manejo adequado, essa produção poderia chegar a 30 mil toneladas de amêndoa do cacau.

Além dos cacauzeiros nativos da Região Amazônica, estima-se que a área cultivada é de aproximadamente 560 mil hectares. No Brasil, as regiões se destacam por diferenças no sistema de cultivo e materiais botânicos, mas com predominância de híbridos do cacau forasteiro. Segundo dados da Ceplac são três as principais regiões com alterações no manejo adotado, níveis tecnológicos e produtividade. São elas: Sul da Bahia, Região Amazônica e tabuleiros costeiros do extremo Sul da Bahia e norte do Espírito Santo. Entre os sistemas adotados destaca-se o cultivo sob a mata raleada conhecido como cabruca, o cultivo sob sombreamento de árvores cultivadas e o cultivo em pleno sol irrigado.

Gráfico 2 – Participação percentual de cada sistema de cultivo



Fonte: Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira - Ceplac

A safra internacional do cacau é calculada de outubro a setembro. Já na Bahia, a safra do cacau é comumente dividida em duas colheitas; a chamada temporã, que acontece entre maio e setembro, e a principal, que vai de outubro a abril. Deste modo, é comum encontrar variações nas divulgações de safra fornecidas pela Ceplac e pela ICCO.

Após alcançar 348 mil toneladas de amêndoas na safra 1989/90, um ano depois da chegada da vassoura-de-bruxa ao Sul da Bahia, a lavoura brasileira reduziu para pouco mais de 100 mil toneladas dez anos depois. Com esse desequilíbrio entre oferta e demanda, na safra 1997/98, o Brasil passou de exportador a importador de amêndoa e derivados, como cacau em pó. Nas últimas safras, contudo, estimulada pela demanda interna e externa e pelos significativos avanços nas pesquisas fitossanitárias, a produção nacional voltou a crescer.

Assim, praticamente, a tão buscada autossuficiência chegou na safra de 2011/12, pois segundo a Ceplac a produção atingiu cerca de 240,4 mil toneladas de cacau, número bem próximo da capacidade de processamento nacional. Esta quantidade produzida representa um aumento de 40,75%, se comparada à safra de 2004/05, que foi de 170,8 mil toneladas.

Tabela 4 – Quadro de oferta e demanda nacional – Safra 01/05 a 30/04

| Ano safra brasileiro | Produção | | Importação | Exportação | Consumo aparente prod.+import-export | Moagem Brasil | Sup/def antes imp. | Sup/def depois imp. |
|----------------------|----------|---------|------------|------------|--------------------------------------|---------------|--------------------|---------------------|
| | Bahia | Brasil | | | | | | |
| 90/91 | 356.327 | 384.327 | 0 | 111.952 | 272.375 | 224.884 | 47.491 | 47.491 |
| 91/92 | 253.796 | 280.796 | 0 | 67.688 | 213.108 | 205.744 | 7.364 | 7.364 |
| 92/93 | 245.997 | 271.997 | 2.171 | 88.805 | 185.363 | 190.552 | -7.360 | -5.189 |
| 93/94 | 294.775 | 319.775 | 1.402 | 105.422 | 215.755 | 219.770 | -5.417 | -4.015 |
| 94/95 | 234.504 | 257.504 | 8.278 | 67.841 | 197.941 | 190.843 | -1.180 | 7.098 |
| 95/96 | 160.390 | 181.390 | 259 | 15.345 | 166.304 | 173.687 | -7.642 | -7.383 |
| 96/97 | 177.315 | 199.815 | 29.501 | 29.026 | 200.290 | 179.812 | -9.023 | 20.478 |
| 97/98 | 152.381 | 180.049 | 23.765 | 5.550 | 198.264 | 182.458 | -7.959 | 15.806 |
| 98/99 | 134.383 | 164.750 | 20.886 | 4.171 | 181.465 | 188.092 | -27.513 | -6.627 |
| 99/00 | 98.617 | 123.006 | 85.102 | 3.888 | 204.220 | 199.487 | -80.369 | 4.733 |
| 00/01 | 105.454 | 129.347 | 60.865 | 2.064 | 188.148 | 194.068 | -66.785 | -5.920 |
| 01/02 | 129.329 | 157.209 | 32.996 | 3.204 | 187.001 | 179.605 | -25.600 | 7.396 |
| 02/03 | 101.118 | 130.334 | 75.461 | 3.285 | 202.510 | 190.394 | -63.345 | 12.116 |
| 03/04 | 144.195 | 175.567 | 40.100 | 1.676 | 213.991 | 206.117 | -32.226 | 7.874 |
| 04/05 | 122.344 | 170.800 | 47.303 | 983 | 217.120 | 201.474 | -31.657 | 15.646 |
| 05/06 | 139.584 | 164.773 | 53.695 | 1.035 | 217.433 | 215.000 | -51.262 | 2.433 |
| 06/07 | 115.675 | 147.014 | 74.712 | 397 | 221.329 | 220.000 | -73.383 | 1.329 |
| 07/08 | 102.480 | 140.137 | 90.037 | 764 | 229.410 | 225.000 | -85.627 | 4.410 |
| 08/09 | 118.477 | 164.918 | 70.190 | 354 | 231.754 | 225.000 | -60.436 | 9.754 |
| 09/10 | 109.299 | 154.702 | 63.533 | 270 | 217.965 | 230.000 | -75.568 | -12.035 |
| 10/11 | 154.071 | 201.613 | 40.528 | 374 | 241.767 | 239.122 | -37.883 | 2.645 |
| 11/12 | 131.780 | 182.578 | 59.471 | 739 | 241.310 | 242.490 | -60.651 | -1.180 |
| 12/13* | 180.527 | 240.402 | 28.016 | 361 | 268.057 | 241.970 | -1.929 | 26.087 |

Fonte: Associação Comercial da Bahia – ACB; TH Consultoria; Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC

A consolidada experiência brasileira na produção de cacau levou a estruturar, ao longo dos anos, um dos principais parques de beneficiamento de amêndoas do mundo e que vem ganhando importância a cada ano. Concentradas no sul da Bahia e em São Paulo, as indústrias moageiras abastecem cada vez mais o mercado nacional da indústria do chocolate e derivados. E neste contexto, como pode ser visualizado na Tabela 4, diante de uma capacidade atual de processamento de 241 mil toneladas, foi a primeira vez, desde a safra 1997/98, que a produção ficou praticamente igual à capacidade de moagem. Apesar deste fato importante, o que também chama atenção é que a quantidade importada também foi relativamente alta nas safras 2011/12 e 2012/13.

O Brasil importou mais de 80 mil toneladas do cacau inteiro ou partido nas últimas duas safras, número elevado se considerar, sobretudo, a boa safra no período. Na visão do produtor, essa quantidade elevada se deu por motivos estratégicos, além de empresários da indústria do chocolate estarem buscando importar quantidade significativa de amêndoas de cacau com o objetivo de forçar a queda do preço. Já a indústria se defende, apontando que muito desse valor é resultado da expectativa que havia se formado de quebra de safra, ou seja, houve um erro de dimensionamento do tamanho da safra. Deste modo, previa-se uma quebra de safra que não ocorreu, e os contratos de importação seriam firmados em um período de cerca de um ano e meio. Independentemente disso, o fato é que com o incremento da oferta, o valor da arroba de cacau teve queda significativa.

As mais de 240 mil toneladas de cacau produzidas, maior produção dos últimos 18

anos, geraram mais de um bilhão em receita aos produtores. Cerca de 75% foram apurados na Bahia. No entanto, as previsões para a safra brasileira 2013/14, segundo Thomas Hartmann, analista de mercado de *commodities*, parecem indicar que a produção poderá, possivelmente, não passar das 200 mil toneladas, ou seja, valor bem próximo das 195 mil toneladas previstas pela ICCO.

A Bahia é o estado que mais produz o fruto no Brasil, mas sem o vigor do passado. Atualmente, a produção baiana responde por cerca de 60% do total produzido no país, enquanto que até a década de 1980, a participação chegou a 95%. A boa safra colhida entre maio de 2012 e abril de 2013, de cerca de 180 mil toneladas, não deve se repetir.

A expectativa é de queda significativa na produção, que pode ser de 20% a 30%. As causas dessa diminuição são diversas, entre elas, a redução da área plantada, a estiagem ocorrida na Bahia no final do ano passado e início deste, e os persistentes ataques de vassoura-de-bruxa. Além disso, apesar de existir uma boa carga de frutos, segundo Thomas Hartmann, seu amadurecimento foi retardado devido ao clima frio e úmido. Somando a isso, dificuldades no transporte das fazendas mais distantes, devido às más condições das estradas, devem ser consideradas.

O Pará, segundo maior produtor de cacau, está em franca expansão. Segundo a Ceplac, depois de uma produção de cerca de 70 mil toneladas de cacau em 2011, estima-se que a safra 2013 deva alcançar de 85 mil a 90 mil toneladas, ante as 80 mil toneladas em 2012. Em 2009, a produção era de cerca de 40 mil toneladas. A estratégia do estado é duplicar a produção até 2019, tanto que este ano foram adicionados cerca de 7 mil novos hectares à produção. Mesmo com altos custos de produção, o cacauicultor paraense ainda consegue remunerar melhor a produção que o produtor baiano. Segundo os custos de produção estimados pela Conab, enquanto se gasta R\$ 70,41 no Pará, na Bahia o custo da arroba sai por R\$ 83,83. Além da produtividade, que no Pará chega a ser mais que o dobro da baiana.

Porém, estes números da safra paraense são passíveis de discussão. A Ceplac utiliza o cálculo das deduções de impostos sobre a movimentação do produto no estado e leva em conta que cerca de 30% de produção seja sonogada. Diante disso, a indústria se diz meio cética quanto aos dados de produção, tanto dados passados, atuais e previstos. Mesmo assim, enquanto despontam iniciativas de pequenas fábricas para a produção de chocolate, empresas importantes, a exemplo da Cargill, estudam instalar indústria processadora no local.

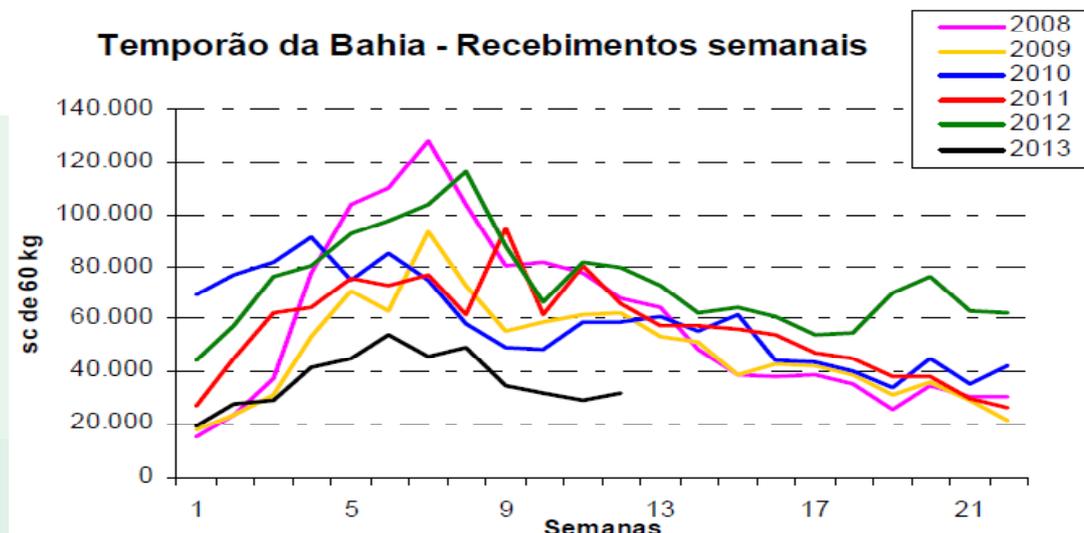
Já Rondônia é o terceiro produtor entre os estados brasileiros, participando com cerca de 7% da safra nacional. Segundo estimativas, a safra deve crescer cerca de 10% em relação ao ano passado, e atingir quase 19 mil toneladas da amêndoa. Segundo os produtores, a boa safra é resultado, sobretudo, das boas técnicas de manejo, que são uma forma de controlar a disseminação da vassoura-de-bruxa, chegando hoje a perdas que não passam de 5%.

Produtores da cidade de Ariquemes, por exemplo, estão recebendo cerca de R\$ 3,80 pelo quilo da amêndoa. Preço este bem abaixo do recebido no ano de 2012, porém, o aumento na quantidade compensará a queda no valor do cacau. O perfil da produção atual no estado migrou das grandes propriedades rurais para as pequenas, o que, além de fortalecer a agricultura familiar, tem ajudado a diversificar este tipo de agricultura.

Como já foi dito, os dados de moagem são considerados um termômetro para medir a demanda por chocolate. As moagens brasileiras de cacau do primeiro trimestre registraram um total de 59.696 toneladas, ou seja, valor 1,29% abaixo que no mesmo período do ano anterior. E de acordo com o relatório semanal da TH Consultoria e Estudos de Mercado, no segundo trimestre o processamento da amêndoa alcançou 54.426 mil toneladas, recuo de 8,83% em relação aos primeiros três meses de 2013 e redução de 5,68%, sobre igual intervalo de 2012, o que mostra a relação estreita entre a demanda por chocolate e o crescimento econômico do país. A indústria moageira tem capacidade instalada de processamento em torno de 240 mil toneladas por ano; Cargill, Delfi, Joanes, Barry Callebaut e Indeca são as principais.

Quanto aos preços, como foi dito, além de uma supersafra 2011/12, ocorreu também uma grande importação de amêndoa de cacau, fazendo com que os preços se mantivessem em patamares baixos, até meados do primeiro semestre de 2013. Porém, depois disso, ao se iniciar em maio a safra temporã, notou-se uma redução significativa das entregas de cacau, como poder ser visualizado no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Recebimento semanais de cacau (Bahia e outros Estados)

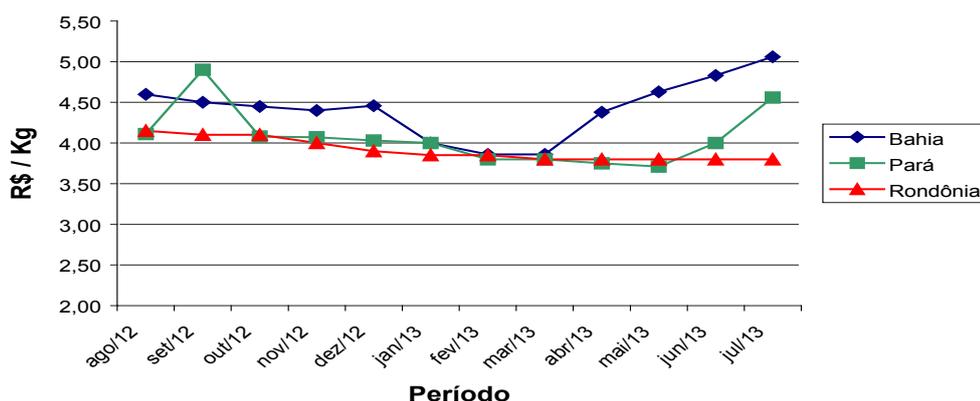


Fonte: ACB; TH Consultoria

O impacto desta diminuição nas entregas de cacau pode ser visualizado nas cotações do já consolidado mercado baiano. Ou seja, a partir de meados de abril ocorreu uma reação nos preços da amêndoa, que saiu de valores próximos a R\$ 4,00, para cotações próximas de R\$ 5,00 o quilo da amêndoa de cacau. Já no Pará, apesar de se esperar uma boa safra para o ano de 2013, o que se vê é um aumento também nas recentes cotações, em grande parte devido ao final da principal colheita paraense, que vai de março a outubro.

Mesmo com uma queda de 5,68% nas moagens deste segundo trimestre de 2013, em relação ao mesmo período do ano passado, a diminuição no ritmo das importações e, sobretudo, nas entregas de cacau substancialmente menores neste início de safra brasileira, impôs um ritmo altista nos preços, a partir da metade deste ano.

Gráfico 4 – Média mensal de preços da Bahia, Pará e Rondônia
(Jul-Jun)



Fonte: Conab/Siagro

5. Fatores críticos

Do lado da demanda, os produtos derivados do cacau são apreciados quase que em todas as partes do mundo. Países desenvolvidos da Europa e dos Estados Unidos da América são os principais consumidores mundiais. Aliado a isso, um crescente gosto asiático por tais produtos, e o ganho de poder aquisitivo nos países ditos emergentes, conferem ao setor uma demanda global que está intrinsecamente ligada à necessidade de boas taxas de crescimento econômico do mundo como um todo.

Já sob a ótica da oferta, a África com cerca de 70% da produção global tem papel decisivo na dinâmica dos mercados mundiais de cacau. Além disto, as características climáticas das regiões de produção tradicional, principalmente a Bahia, são ambientes propícios a disseminação de pragas extremamente difíceis de se controlar, a exemplo, cita-se, a popularmente conhecida de vassoura-de-bruxa. As pragas são apenas parte de um grave problema enfrentado pela cacauicultura tradicional brasileira, que é a baixa produtividade, pois o modelo de cultivo sob árvores nativas ou exóticas se depara com barreiras técnicas, econômicas e da legislação ambiental, fatores estes que podem vir a inviabilizar a cadeia produtiva, caso não haja uma resposta mais significativa dos preços frente aos altos custos de produção.

Ao mesmo tempo, as interações entre oferta e demanda parecem ser apenas o pano de fundo para um mercado altamente especulativo. O cacau, como foi dito, tem os preços definidos, sobretudo, nas bolsas de mercadorias internacionais de Nova Iorque e de Londres, contudo, oferta e demanda quase sempre não são lógicas para formação de preço, o que faz o cacau ser uma das *commodities* mais difíceis de se trabalhar.

Assim, especulações à parte, pontos cruciais como a recuperação econômica europeia e americana aliada ao firme crescimento de países da Ásia-Pacífico são vitais na sustentabilidade da cultura. Outro ponto complicado para o setor é conviver com as incertezas vindas de países africanos, a exemplo da Costa de Marfim, que sozinha detém mais de 30% da produção mundial. Notícias como a retirada de plantações de áreas de reserva ambiental, que diminui a produção, ou mesmo o uso de mão de obra extremamente barata para conseguir aumentar sua produção demasiadamente são fatores críticos que tornam o mercado de difícil previsão.

No Brasil há o interesse da indústria em comprar no mercado interno, porém, além

da falta de uma estatística confiável de previsão de safra, a produção, que na safra passada foi satisfatória para suprir a demanda da indústria, apresenta na safra atual um cenário que novamente é de um déficit. Deste modo, reivindicações como o fim do *drawback* perdem um pouco de força, frente a um mercado relativamente incerto.

Quanto à remuneração, segundo dados da Secretaria da Agricultura Familiar, a elevação nos custos de produção de cacau nos últimos 10 anos fez com que houvesse redução em mais de 50% na rentabilidade efetiva da atividade. Além disso, calcula-se que os cacauicultores baianos acumulem em torno de R\$ 800 milhões em dívidas. O quadro de baixo investimento nas lavouras acaba comprometendo ainda mais a produtividade

6. Perspectivas para a safra 2013/2014

O que pode ser visto nas safras mundiais 2011/12, e estimada, 2012/13, é um crescimento quase nulo da quantidade processada de cacau, de 0,4% e 0,9%, respectivamente, isso depois de crescer a uma média anual de 5% entre os anos de 2002/03 e 2010/11. Deste modo, a desaceleração no consumo na Europa e EUA, mesmo tendo como contrapartida a boa fase de alguns países asiáticos e dos emergentes, freou momentaneamente as expectativas de uma continuidade de crescimento a taxas da primeira década do século XXI.

De tal modo, o que se verifica desde o final de 2011 é a variação das cotações internacionais em níveis estreitos e relativamente baixos. A dificuldade nas projeções dos preços internacionais é uma realidade. Como exemplo, toma-se o ano de 2012, quando mesmo diante da expectativa de déficit na produção mundial frente à demanda, não se verificou uma reação nos preços da amêndoa de cacau, pelo menos, em curto prazo. Tudo indica que os efeitos das interações entre produção e moagem serão mais uma vez amortecidos pelas ações de fundos especulativos compradores e vendedores.

Como fator positivo, os dados das moagens da América do Norte, que cresceram 5,7% e 11,7% no primeiro e segundo semestre, respectivamente, são um bom sinal para a cadeia mundial de cacau. Os EUA, por serem um grande consumidor de cacau, são uma espécie de termômetro da economia global, ou seja, a recuperação de sua economia pode ser o início de uma melhora no cenário econômico mundial.

Deste modo, para a safra mundial 2013/14, que se iniciará em outubro, é estimado um déficit de 119 mil toneladas, de acordo com a Macquarie Group Ltda. Na Costa do Marfim, principal produtor mundial de cacau, as chuvas nas áreas de cultivo estão 25% abaixo do normal, o que deve provocar queda na safra deste país para pouco mais de 1,4 milhão de toneladas. Diante de fatores climáticos como este, estima-se queda na produção mundial de 1,2%, a maior queda dos últimos 4 anos, alcançando cerca de 3,94 milhões de toneladas. Assim, os cenários para a safra mundial 2013/14 apontam para preços melhores que os alcançados em 2012, ou seja, acima dos US\$ 2.500,00 a tonelada da amêndoa na Bolsa de Nova Iorque.

Já no Brasil, a demanda por cacau pela indústria apresentou queda no primeiro semestre de 2013. Em se tratando da economia brasileira como um todo, a expectativa do mercado é de um crescimento a taxas não muito animadoras. Além disso, tudo indica que a safra em andamento na Bahia deva ser menor esse ano, fato que, somado a alta do dólar, deve continuar impondo um movimento altista nos preços internos.

No Pará, as safras estão cada vez maiores, atraindo o interesse de algumas grandes indústrias em ampliarem a sua atuação no estado. Enquanto isso, o incentivo ao processamento local para os pequenos produtores vem abrindo novas perspectivas de agregar valor e gerar emprego e renda.

Todavia, o fator que dá vida e sustenta toda esta cadeia é o seu principal produto final, o chocolate. A indústria do chocolate fatura em todo o mundo cerca de US\$ 60 bilhões por ano. O Brasil é o quarto maior produtor de chocolate do planeta. Nos últimos 10 anos o consumo de chocolate no Brasil cresceu, em média, 10% ao ano. Além disso, o país tem uma das maiores taxas de acréscimo de consumo de chocolate *per capita* no mundo. Pesquisas recentes apontam que o consumo interno passou de 0,2 kg por ano em 2002 para 1,3 kg por ano em 2010. Porém, este valor ainda está bem distante de países como Alemanha, Dinamarca, Noruega, Suíça, Reino Unido e Romênia, onde o consumo per capita chega a ser superior a 9 kg por ano.

Deste modo, o que se vê é um mercado ainda em tendência de expansão no Brasil e em muitos outros países, onde há uma inclusão das classes mais baixas no mercado consumidor destes produtos. Diante de todo este cenário, mesmo com a queda nas moagens brasileiras no primeiro semestre de 2013, o que se espera para a safra brasileira 2013/14, que se iniciou em maio e vai até abril de 2014, é uma melhora nos preços do cacau. Esta pressão altista tem como dois fatores fundamentais a alta do dólar e a previsão de queda na produção nacional, que deve ficar em torno de 200 mil toneladas, ou seja, número abaixo da capacidade de moagem do país.

Com isso, a tendência é que média de preços na safra nacional 2013/14 deva ser maior que a média na safra anterior, que ficou em R\$ 4,42 na Bahia e 4,07 no Pará. Em se confirmando a queda na produção nacional e o fortalecimento do dólar, os cenários apontam para uma média acima de R\$ 5,50 o quilo da amêndoa de cacau cultivado no país.



1. Mercado internacional

O United States Department of Agriculture (USDA) está projetando uma produção mundial para o ano-safra 2013/14 de 146,325 milhões de sacas de café. Quanto ao consumo mundial, este organismo internacional, que monitora dados sobre a agricultura americana e global, está prevendo que será consumido no ano 2013/14, um total de 147,817 milhões de sacas. Nos últimos 12 anos a taxa de crescimento médio anual do consumo mundial de café, segundo o próprio USDA, foi de 1,65%. Acredita-se que essa taxa deverá ser mantida para o próximo ano, portanto, diante dessa expectativa estima-se que para 2014/15, o consumo global deverá atingir 144,206 milhões de sacas, o maior volume já registrado até aqui para essa série histórica.

É oportuno ressaltar a existência de um descompasso entre a produção e o consumo mundial de café nos últimos 12 anos. Enquanto a produção vem crescendo a uma taxa média de 1,02% ao ano, a demanda mundial pelo grão registra um incremento médio anual da ordem de 1,65%, no mesmo período, ou seja, a taxa de crescimento do consumo mundial é 60% superior à taxa da produção global.

Sobre outros números relativos ao quadro de oferta e demanda mundial, referentes à projeção para o ano 2014/15, chegou-se à seguinte conclusão: estoque inicial: 30,525 milhões de sacas; produção: 147,817 milhões de sacas; importação: 111,679 milhões de sacas; exportação: 115,689 milhões de sacas; consumo: 144,206 milhões de sacas; e estoque final: 30,126 milhões de sacas, conforme pode ser constatado na Tabela 1.

Tabela 1 – Oferta e demanda mundial (em mil sacas de 60 kg)

| Ano | Estoque inicial | Produção | Importação | Oferta total | Exportações | Consumo | Demanda total | Estoque final |
|---------|-----------------|----------|------------|--------------|-------------|---------|---------------|---------------|
| 2002/03 | 25.237 | 126.968 | 87.976 | 240.181 | 93.936 | 112.832 | 206.768 | 47.628 |
| 2003/04 | 47.628 | 110.896 | 87.734 | 246.258 | 90.171 | 116.307 | 206.478 | 39.780 |
| 2004/05 | 39.780 | 121.591 | 89.728 | 251.099 | 93.878 | 115.792 | 209.670 | 41.429 |
| 2005/06 | 41.429 | 117.599 | 91.388 | 250.416 | 93.747 | 123.633 | 217.380 | 33.036 |
| 2006/07 | 33.036 | 133.618 | 97.298 | 263.952 | 104.804 | 123.036 | 227.840 | 36.112 |
| 2007/08 | 36.112 | 123.948 | 97.568 | 257.628 | 98.209 | 127.714 | 225.923 | 31.705 |
| 2008/09 | 31.705 | 136.239 | 97.536 | 265.480 | 101.012 | 124.619 | 225.631 | 39.849 |
| 2009/10 | 39.849 | 128.491 | 100.722 | 269.062 | 102.937 | 137.182 | 240.119 | 28.943 |
| 2010/11 | 28.943 | 140.447 | 106.405 | 275.795 | 113.579 | 133.583 | 247.162 | 28.633 |
| 2011/12 | 28.633 | 143.798 | 108.996 | 281.427 | 114.565 | 141.567 | 256.132 | 25.295 |
| 2012/13 | 25.295 | 150.711 | 110.571 | 286.577 | 115.626 | 140.715 | 256.341 | 30.236 |
| 2013/14 | 30.236 | 146.325 | 109.921 | 286.482 | 114.092 | 141.865 | 255.957 | 30.525 |
| 2014/15 | 30.525 | 147.817 | 111.679 | 290.021 | 115.689 | 144.206 | 259.895 | 30.126 |

Fonte: USDA

Nota: Os dados correspondentes ao ano-safra 2014/2015 são estimativas deste estudo

2. Mercado interno

2.1. Análise do comportamento do mercado de café

O ano-safra 2013/14 é um ano classificado como de bialidade negativa, ou seja, é um ano de baixa produção. Esse fenômeno acaba provocando um estresse fisiológico na planta, que reduz a sua capacidade produtiva. Entretanto, apesar de uma expectativa de baixa produtividade, o volume projetado para esta safra, de 2013/14, será elevado: 48,59 milhões de sacas, de acordo com a 2ª estimativa da Conab, que foi divulgada em maio deste ano.

Para uma melhor avaliação, essa já é considerada a maior safra de ciclo baixo de que se tem registro no país. Esse número apresentou apenas uma pequena diferença de 4,4% em relação à safra anterior, de 2012/13, que foi uma safra de bialidade positiva (de produção elevada), o que é considerado, também, um fato inédito.

Esse incremento na produção só foi possível uma vez que os cafeicultores, nos anos de 2010 e 2011, receberam preços bastante remuneradores por suas mercadorias.

A Bolsa de Nova Iorque por exemplo, onde o café arábica é comercializado, registrou uma expansão de 110,14%, no período de maio de 2010 a abril de 2011, saindo de 134,51 centavos de dólar por libra-peso em maio/10, para 282,66 centavos de dólar por libra-peso, em abril/11, isto, levando-se em consideração as médias mensais, como pode ser visto no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Evolução dos preços do café – NY – café arábica (centavos de dólar por libra-peso)



Fonte: Bolsa de NY
Nota: Elaborado pela Conab

No mercado físico, o café arábica também atingiu o seu ápice, em termos de preço, no mês de maio/2011, quando a saca de 60 Kg do café tipo o6, bebida dura, foi vendida a R\$ 530,76 (média mensal).

Portanto, esse quadro de preços favoráveis acabou contribuindo para que os agricultores adotassem tratamentos culturais adequados nas suas lavouras, o que, por consequência, levou a uma expansão na oferta do grão.

O que está ocorrendo atualmente é que o mercado brasileiro está com uma oferta de café arábica relativamente folgada frente à demanda. É importante destacar que o país é o maior produtor de café arábica do mundo, por isso, qualquer distorção interna acaba refletindo no mercado bursátil mundial. Isso vem acontecendo pelo seguinte motivo: muitas indústrias torrefadoras, visando melhorar suas margens de comercialização, vêm aumentando a participação do café conilon nos seus *blends*, exatamente por essa variedade (o conilon) ter o seu preço menor do que o café arábica. Por isso, a demanda por arábica reduziu no país.

O caso concreto é que a safra de café conilon brasileira, no ano-safra 2012/13, segundo a Conab, foi de 12,482 milhões de sacas. Naquele mesmo ano/safra, os embarques de conilon ao exterior, segundo o Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafe), foram de 1,202 milhão de sacas. Portanto, ficou no mercado doméstico um total de 11,280 milhões de sacas de conilon para serem consumidas.

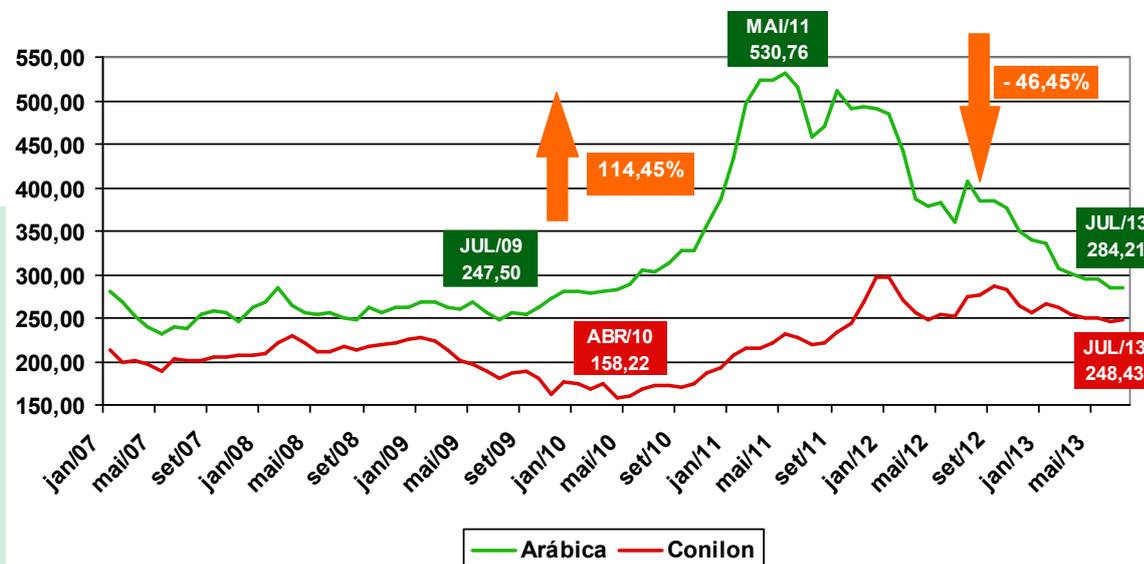
Se for levado em consideração que o consumo total de café no Brasil, em 2012 (ano civil), foi de 19,0 milhões de sacas, chega-se à conclusão que foram consumidas internamente 7,720 milhões de sacas de café arábica. Ou seja, o café consumido pelos brasileiros, em 2012, foi composto, em média, por 60% de café conilon e 40% de café arábica.

Diante desse quadro de maior oferta de café arábica nos dias atuais, os preços dessa variedade acabaram sofrendo uma expressiva contração nos últimos dois anos.

A Bolsa de Nova Iorque, no período de abril de 2011 a junho de 2013, apresentou uma queda de 56,27%, passando de 282,66 centavos de dólar por libra-peso, em abril/11, para 123,61 centavos de dólar por libra-peso, em junho/13 (médias mensais), conforme consta na Tabela 2.

Os preços no mercado físico também despencaram. A saca de arábica de 60 kg, que estava sendo vendida a R\$ 530,76, em maio de 2011, passou a ser comercializada a R\$ 284,21, em junho de 2013 (médias mensais), ou seja, um recuo de 46,45%, conforme demonstrado na Gráfico 2.

Gráfico 2 – Comparativo dos preços arábica e conilon (em reais)



Fonte: Cooperativa dos Cafeicultores do Cerrado – Expocaccer; Esalq/Cepea

O governo divulgou recentemente medida de apoio à cafeicultura brasileira, no sentido de implantar um programa de Opções Públicas de Venda num total de 3,0 milhões de sacas de 60 kg de café, para exercício em março de 2014, a um preço de R\$ 343,00 a saca. É de se supor que esse apoio governamental dará um alívio aos produtores, exatamente no momento em que os preços do arábica estão muito pressionados.

Entretanto, é conveniente monitorar o mercado de uma forma mais estreita, uma vez que a partir de setembro/2013, começam a ser efetuados os tratos culturais nos pomares brasileiros de café, o que poderá definir a perspectiva de produção para a próxima safra.

Um outro fator que poderá influenciar nas cotações do café, no curto e médio prazos, está relacionado ao dólar, que nos últimos dias apresentou uma expressiva valorização.

Basicamente esse incremento da moeda norte-americana está relacionado a fatores externos. O presidente do Federal Reserve System (FED), que é o Banco Central dos Estados Unidos, Benjamin S. Bernanke, sugeriu nos últimos dias, que até o final deste ano, a autoridade monetária daquele país poderá reduzir as compras mensais que vêm sendo feitas em títulos do Tesouro Americano, e papéis lastreados em hipotecas – atualmente no valor de US\$ 85,0 bilhões mensais, os quais estão sendo injetados na economia americana, na expectativa de reativá-la.

Para que esse programa seja colocado em prática, é imprescindível que alguns indicadores macroeconômicos da economia americana venham a apresentar melhora nas suas performances.

Essa declaração, que foi formulada por Bernanke, acabou desencadeando um novo re-

posicionamento dos ativos ao redor do mundo. Diante da perspectiva de um possível reaquecimento da economia daquele país, muitos investidores passaram a retirar dólares de países emergentes, que até então vinham proporcionando taxas atrativas de retorno aos seus investimentos, e aplicando no mercado americano.

No caso brasileiro, a moeda americana que até o mês de fevereiro de 2013 era adquirida por R\$ 1,97, média mensal, no mês de julho do mesmo ano foi comercializada a uma média de R\$ 2,25, o que significou um incremento de 14,21%. No dia 21/08/2013, o dólar fechou a R\$ 2,45.

Mesmo o Banco Central Brasileiro dispondo, ainda, de uma reserva cambial substantiva em torno de US\$ 373,0 bilhões, e por várias vezes tendo atuado no mercado na ponta vendedora, não conseguiu reverter a atual tendência de valorização da moeda americana.

Apesar de ainda indefinida, fica evidente que a economia americana começa a melhorar seu desempenho. A taxa de desemprego em julho de 2013 ficou em 7,4%, ou seja, 0,2% abaixo da taxa registrada no mês anterior. Esse é o menor nível dos últimos quatro anos.

Por outro lado, os custos de produção das indústrias dos Estados Unidos estão sendo reduzidos com a utilização do *shale gas*, proveniente das minas de xisto.

Para uma melhor avaliação sobre o impacto competitivo que esse tipo de combustível poderá causar, salienta-se que em meados de 2008 o preço do gás extraído da forma convencional nos Estados Unidos era de US\$ 11,00 / MMBTU. Agora, em 2013, essa relação caiu para US\$ 4,00 / MMBTU, uma queda que representou 63%.

Portanto, com a perspectiva de uma solução para a crise econômico-financeira americana é de se prever que grande parte do capital aplicado mundo afora, principalmente nos países de economias emergentes, deverá se deslocar para os Estados Unidos.

Assim, é de se prever que o dólar no Brasil não deverá voltar para o patamar daquela banda cambial informal que perdurou por algum tempo no ano de 2012, entre R\$ 2,00 e R\$ 2,10.

O dólar, no médio prazo deverá oscilar entre R\$ 2,20 e R\$ 2,30.

2.2. Perspectiva para a safra 2014/15

No Brasil a área em produção de café tem decrescido. De 2007 a 2013, essa área apresentou um decréscimo de 6,29%, passando de 2,177 milhões de hectares em 2007, para 2,040 milhões de hectares em 2013.

Por outro lado, o que se constata é que a produção de café nos últimos anos tem apresentado números crescentes. Para o ano-safra 2013/14, apesar de ser um ano de baixa produtividade (de bialidade negativa), está prevista a colheita de um volume bastante substantivo. A se confirmar os números da 2ª estimativa da Conab, o Brasil deverá colher a maior safra para um ano de baixa produção: 48,59 milhões de sacas. Esse número ficou apenas 4,4% em relação ao que foi produzido no ano de 2012/13, que foi um ano de safra cheia. Paradoxalmente (área

menor e produção maior), o que se constata, é que a produtividade tem aumentado. Tudo isso é fruto de pesquisas que vêm sendo realizadas, e que contribuem para a criação de novas variedades mais resistentes às doenças e pragas, e por sua vez, mais produtivas. Por outro lado, modelos de plantios mais adensados também colaboram para esse incremento na produtividade.

Com relação à área em formação, constata-se um aumento de 8%, entre os anos de 2012 e 2013, saindo de 279.616 hectares, em 2012, para 302.084 hectares, em 2013.

Esse avanço na área em formação pode ser atribuído aos preços competitivos que os cafeicultores obtiveram ainda durante os anos de 2010 e 2011. Essa é uma praxe recorrente toda vez que as cotações se elevam. As margens de comercialização melhoram e os cafeicultores, motivados, aumentam a sua área de plantio.

Entretanto, o quadro atual está bem diferente daqueles anos promissores. Nos últimos meses as cotações do café no mercado bursátil têm sofrido sistemáticas depreciações. A alegação principal difundida pelo mercado para essa queda está relacionada à perspectiva de uma boa safra brasileira. Afinal, o país produz, em média, um terço de toda a produção mundial de café. Com isso, no mês de julho de 2013, a Bolsa de Nova Iorque registrou um recuo de 2,47%. No ano, até o dia 02/08/2013, as perdas atingiram 20,85%, e nos últimos 12 meses a redução já alcançou 31%. Muitos agricultores estão retraídos, aguardando um melhor momento com relação a preços para vender suas mercadorias.

Portanto, em função dos preços reduzidos que estão sendo praticados no mercado físico é de se prever que a área em formação para o ano 2014/15 sofrerá uma redução de 25%, em relação à área constatada na estimativa para a safra 2013/14, que é de 302.084,4 hectares. Assim, a área em formação para a próxima safra (2014/15), deverá ser de 226.563,3 hectares.

Com relação à área em produção para o ano de 2014/2015, a mesma deverá praticamente manter-se nos mesmos patamares do ano 2013/14, ou seja, por volta de 2,040 milhões de hectares. A área em formação que entrará na fase produtiva, em torno de 75,5 mil hectares, muito possivelmente será equivalente à área que deverá ser erradicada da área em produção. Culturas concorrentes como a soja, que vem apresentando preços remuneradores já há algum tempo, deverão substituir áreas que anteriormente eram destinadas ao plantio de café.

No que se refere, especificamente, à área em produção de café arábica para o ano de 2014/15, esta deverá permanecer inalterada, no tocante ao previsto para o ano de 2013/14 (2ª estimativa da Conab). Desta forma, a área em produção de arábica, para 2014/15, deverá atingir um total de 1,570 milhão hectares.

Já a área em formação de café arábica deverá registrar um decréscimo de 25% sobre o número estimado para a safra 2013/14, que foi de 260.910. Portanto, a área em formação de café arábica deverá atingir 195.682 mil hectares.

Na sequência, conclui-se que a área total de plantio de café arábica no Brasil, incluindo a área em formação e a área em produção, para o ano safra 2014/15 será de 1.765.682 hectares.

No que tange à produtividade, observa-se que o crescimento médio anual no período de 2004 a 2012, levando-se em consideração apenas anos de bienalidade positiva, foi de 6,54%. Levando-se em consideração que os preços que vêm sendo praticados nos dias de hoje deverão impossibilitar que os agricultores adotem os tratos culturais mais adequados para a sua lavoura, estima-se que aquela taxa média de crescimento anual de 6,54%, que foi identificada no período de 2004 a 2012, deverá apresentar um recuo de 15%, ficando em 5,56%. Essa taxa de crescimento deverá ser aplicada sobre a produtividade do arábica no ano de 2012/13, que foi de 24,38 sacas por hectare. Portanto, estima-se que a produtividade do arábica deverá alcançar em 2014/15, algo em torno de 25,73 sacas por hectare.

Multiplicando-se, então, a área de café arábica em produção prevista para o próximo ano, 2014/15, de 1,570 milhão de hectares, pela expectativa de produtividade média nacional (relativa também ao café arábica), para o próximo ano, 25,73 sacas por hectares, se chegaria a um volume de 40.396.100 sacas de café arábica a serem produzidas para a próxima safra.

Com relação ao café conilon, é de se supor que deverá haver um incremento na área em formação, uma vez que as cotações desse tipo de café estão bastante favoráveis, apesar de algumas quedas registradas no período. Como os produtores da espécie estão um pouco mais capitalizados, estes deverão realizar tratos culturais adequados aos seus pomares, obtendo, por consequência, um aumento no volume produzido.

O conilon continua sendo muito demandado pelas indústrias torrefadoras para compor os seus *blends*, e melhorarem, em contrapartida, as suas margens de comercialização.

O Gráfico 3 refere-se à Bolsa de Londres, local onde se comercializa o café robusta. Nele, é possível constatar a volatilidade ocorrida nos últimos anos.

Gráfico 3 – Bolsa de Londres – café robusta (US\$/tonelada)



Fonte: Bolsa de Londres

Estima-se, portanto, que a área em formação deverá apresentar um crescimento de 10%, passando de 41,174 mil hectares, em 2013/14, para 45,291 mil hectares em 2014/15.

É de se prever que, além do crescimento da área em formação deverá ocorrer, também, um incremento da área em produção. Esse aumento de área em produção se materializará em função da entrada de novos cafezais, oriundos das áreas plantadas em formação. Estima-se

que a área plantada em produção de conilon, para o ano 2014/15, ficará 6,29% (média do crescimento da área em produção Brasil nos últimos anos), acima do que a Conab está projetando para a safra 2013/14: 469,256 mil hectares. Portanto, a área em produção de conilon deverá ficar em 498,772 mil hectares.

Frente a essa realidade prevê-se que a área total de conilon no Brasil, para o ano-safra 2014/15, atingirá 544,063 mil hectares.

Com relação à produtividade nas áreas de conilon, acredita-se que em 2014 haverá um incremento de 6,54% (a mesma taxa obtida para o crescimento da produtividade, em anos de bialidade positiva), em relação ao número apurado pela Conab, na sua 2ª estimativa para a safra 2013/14 – 25,97 sacas por hectares. Convém ressaltar que os efeitos da bialidade negativa afetam muito pouco as plantações de conilon. Portanto, a produtividade do conilon para o ano 2014/15 será de 27,67 sacas por hectares.

Multiplicando-se, então, a área de café conilon em produção prevista para o próximo ano, 498,772 mil hectares, pela expectativa de produtividade média nacional, de 27,67 sacas por hectares, se chegaria a um volume de 13.801.021 sacas de café conilon a serem produzidas para a próxima safra – 2014/15.

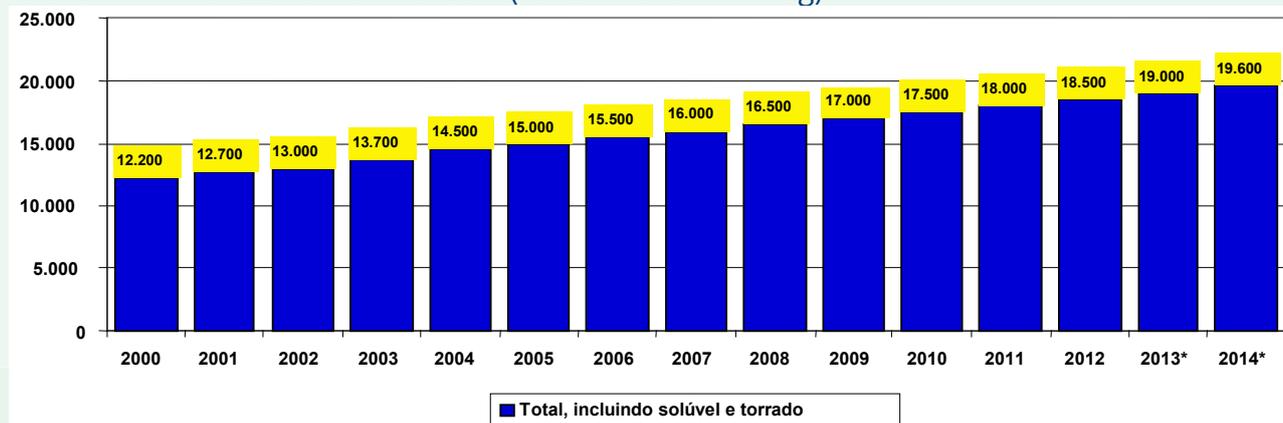
Somando-se a expectativa de produção de café arábica de 40.396.100 sacas, com a projeção de produção para o café conilon, 13.801.021 sacas, se obterá uma expectativa de produção total para a safra brasileira de 2014/15, de 54.197.121 de sacas de 60 kg.

Visando identificar um intervalo de confiança, aplicar-se-ia um percentual de 2% (para cima e para baixo), sobre a previsão de produção total brasileira – 54.197.121 sacas de 60 kg -, e se teria, então, um limite inferior de 53.113.179 sacas de 60 kg, e um limite superior de 55.281.063 sacas de 60 kg.

2.3. Consumo interno

Com relação ao consumo doméstico, estima-se que deverá apresentar um incremento de 3% em relação à previsão do ano anterior de 2013/14, que era de 19,0 milhões de sacas. Portanto, o consumo interno, relativo ao ano de 2014/15, deverá alcançar 19,6 milhões de sacas, como consta no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Consumo interno de café (em mil sacas de 60 kg)



Fonte: Conab

2.4. Exportações

No mês de julho de 2013 as exportações atingiram 2,243 milhões de sacas de 60 kg, incluindo aí os verdes, os solúveis, os torrados e outros extratos, o que representou um avanço de 5,39%, em relação ao mesmo mês do exercício anterior. No comparativo com junho/2013 (mês anterior), registrou-se uma queda de 5,58%. Em junho foram exportadas 2,376 milhões de sacas.

No acumulado dos últimos doze meses, de agosto de 2012 a julho de 2013, os embarques ao exterior apresentaram uma expansão de 3,5% em relação a igual período anterior, passando de 30,17 milhões de sacas (2011/12), para 31,23 milhões de sacas (2012/13), como observa-se na Tabela 2.

Tabela 2 – Comparativo das exportações brasileiras de café – Volume (Sacas de 60 Kg)

| Mês | Café verde | | | Café solúvel | | | Café torrado | | | Café out. ext. | | | Total | | |
|-------------|------------|------------|---------|--------------|-----------|---------|--------------|-----------|---------|----------------|-----------|---------|------------|------------|---------|
| | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% |
| Ago | 2.280.883 | 2.592.483 | -12,02% | 362.917 | 306.976 | 18,22% | 4.423 | 4.820 | -8,23% | 6.023 | 16.380 | -63,23% | 2.654.246 | 2.920.656 | -9,12% |
| Set | 1.968.533 | 2.664.733 | -26,13% | 325.823 | 324.350 | 0,45% | 3.630 | 6.525 | -44,38% | 13.867 | 16.987 | -18,37% | 2.311.853 | 3.012.595 | -23,26% |
| Out | 2.669.067 | 2.867.300 | -6,91% | 339.690 | 254.497 | 33,48% | 3.332 | 6.525 | -48,94% | 6.630 | 7.627 | -13,07% | 3.018.719 | 3.135.949 | -3,74% |
| Nov | 2.503.617 | 2.783.150 | -10,04% | 292.500 | 278.807 | 4,91% | 2.459 | 3.709 | -33,69% | 12.523 | 20.627 | -39,29% | 2.811.099 | 3.086.292 | -8,92% |
| Dez | 2.622.367 | 2.628.833 | -0,25% | 348.053 | 404.777 | -14,01% | 2.519 | 8.092 | -68,87% | 13.130 | 20.713 | -36,61% | 2.986.069 | 3.062.415 | -2,49% |
| Jan | 2.352.900 | 1.951.567 | 20,56% | 278.503 | 214.153 | 30,05% | 1.904 | 4.324 | -55,96% | 17.550 | 7.627 | 130,10% | 2.650.857 | 2.177.671 | 21,73% |
| Fev | 1.897.383 | 1.990.450 | -4,68% | 246.350 | 240.110 | 2,60% | 2.102 | 3.967 | -47,00% | 14.733 | 10.703 | 37,65% | 2.160.569 | 2.245.230 | -3,77% |
| Mar | 2.296.950 | 1.996.517 | 15,05% | 305.110 | 265.460 | 14,94% | 2.797 | 5.196 | -46,18% | 20.973 | 13.347 | 57,14% | 2.625.830 | 2.280.520 | 15,14% |
| Abr | 2.458.433 | 1.755.950 | 40,01% | 308.837 | 250.077 | 23,50% | 3.213 | 3.372 | -4,71% | 14.213 | 18.200 | -21,90% | 2.784.696 | 2.027.598 | 37,34% |
| Mai | 2.295.983 | 1.815.550 | 26,46% | 285.393 | 297.657 | -4,12% | 4.621 | 3.927 | 17,68% | 17.810 | 23.313 | -23,61% | 2.603.808 | 2.140.447 | 21,65% |
| Jun | 2.083.600 | 1.685.350 | 23,63% | 270.183 | 248.387 | 8,78% | 3.868 | 2.261 | 71,05% | 18.330 | 16.640 | 10,16% | 2.375.981 | 1.952.638 | 21,68% |
| Jul | 1.922.750 | 1.822.050 | 5,53% | 300.257 | 280.453 | 7,06% | 3.193 | 4.820 | -33,74% | 17.290 | 21.407 | -19,23% | 2.243.490 | 2.128.730 | 5,39% |
| Total | 27.352.467 | 24.731.883 | 10,60% | 3.663.617 | 3.085.247 | 18,75% | 38.060 | 52.717 | -27,80% | 173.073 | 172.164 | 0,53% | 31.227.217 | 30.170.740 | 3,50% |
| jan/ mar | 6.547.233 | 5.938.533 | 10,25% | 829.963 | 719.723 | 15,32% | 6.803 | 13.487 | -49,56% | 53.257 | 31.677 | 68,12% | 7.437.256 | 6.703.420 | 10,95% |
| abr/ jun | 6.838.017 | 5.256.850 | 30,08% | 864.413 | 796.120 | 8,58% | 11.702 | 9.560 | 22,41% | 50.353 | 58.153 | -13,41% | 7.764.485 | 6.120.683 | 26,86% |
| jan/ jun | 13.385.250 | 11.195.383 | 19,56% | 1.694.377 | 1.515.843 | 11,78% | 18.505 | 23.046 | -19,71% | 103.610 | 89.830 | 15,34% | 15.201.741 | 12.824.103 | 18,54% |

Fonte: MDIC/Secex

No primeiro trimestre deste ano os embarques alcançaram 7,44 milhões de sacas, número 10,95% maior do que foi constatado no período de janeiro a março de 2012, onde foram exportadas 6,70 milhões de sacas.

No segundo trimestre de 2013, a taxa de crescimento foi ainda maior, 26,86% em relação a idêntico período do ano de 2012 – 6,12 milhões de sacas (2º trimestre de 2012) e 7,76 milhões de sacas (2º trimestre de 2013).

Apesar das incertezas quanto ao cenário internacional, com relação às crises financeiras, europeia e americana, a perspectiva de crescimento do consumo global de café ainda é considerável. O USDA registrou nos últimos 12 anos um crescimento médio da ordem de 1,65%, e essa taxa deverá se manter para o próximo ano.

O café é o sexto item de importância na pauta de exportação do agronegócio brasileiro. Nos últimos doze meses, de agosto de 2012 a julho de 2013, a receita apurada com as exportações do produto atingiu a cifra de US\$ 5,98 bilhões, o que representou um recuo de 23,6%, em relação a idêntico período anterior, como pode ser visto na Tabela 3.

Tabela 3 – Comparativo das exportações brasileiras de café – Valores (mil dólares)

| Mês | Café verde | | | Café solúvel | | | Café torrado | | | Café out. ext. | | | Total | | |
|-------------|------------|-----------|---------|--------------|-----------|---------|--------------|-----------|---------|----------------|-----------|---------|-----------|-----------|---------|
| | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% | 2013/2012 | 2012/2011 | Var% |
| Ago | 465.101 | 722.788 | -35,65% | 71.320 | 62.312 | 14,46% | 1.986 | 2.199 | -9,69% | 974 | 2.202 | -55,77% | 539.381 | 789.501 | -31,68% |
| Set | 411.489 | 776.722 | -47,02% | 63.933 | 65.680 | -2,66% | 1.568 | 2.497 | -37,20% | 1.777 | 2.182 | -18,56% | 478.767 | 847.031 | -43,48% |
| Out | 570.857 | 826.063 | -30,89% | 65.641 | 55.153 | 19,02% | 1.370 | 2.685 | -48,98% | 876 | 954 | -8,18% | 638.744 | 884.855 | -27,81% |
| Nov | 528.480 | 803.554 | -34,23% | 57.194 | 57.904 | -1,23% | 1.091 | 1.372 | -20,48% | 1.614 | 2.841 | -43,19% | 588.379 | 865.671 | -32,03% |
| Dez | 538.420 | 744.670 | -27,70% | 67.277 | 84.069 | -19,97% | 1.147 | 3.261 | -64,83% | 1.808 | 2.760 | -34,49% | 608.652 | 834.760 | -27,09% |
| Jan | 468.505 | 559.167 | -16,21% | 54.570 | 43.686 | 24,91% | 978 | 1.420 | -31,12% | 2.464 | 939 | 162,41% | 526.517 | 605.212 | -13,00% |
| Fev | 362.447 | 532.176 | -31,89% | 50.756 | 48.609 | 4,42% | 1.069 | 1.472 | -27,38% | 2.358 | 1.386 | 70,13% | 416.630 | 583.643 | -28,62% |
| Mar | 423.579 | 510.749 | -17,07% | 57.662 | 55.843 | 3,26% | 1.278 | 2.152 | -40,61% | 3.471 | 1.762 | 96,99% | 485.990 | 570.506 | -14,81% |
| Abr | 432.854 | 436.050 | -0,73% | 60.170 | 53.465 | 12,54% | 1.657 | 1.489 | 11,28% | 2.543 | 2.950 | -13,80% | 497.224 | 493.954 | 0,66% |
| Mai | 397.769 | 427.415 | -6,94% | 53.829 | 62.360 | -13,68% | 980 | 1.504 | -34,84% | 2.718 | 3.992 | -31,91% | 455.296 | 495.271 | -8,07% |
| Jun | 339.029 | 365.681 | -7,29% | 51.268 | 53.169 | -3,58% | 1.671 | 1.002 | 66,77% | 2.739 | 2.742 | -0,11% | 394.707 | 422.594 | -6,60% |
| Jul | 294.465 | 376.173 | -21,72% | 55.078 | 55.985 | -1,62% | 1.217 | 2.175 | -44,05% | 2.022 | 3.033 | -33,33% | 352.782 | 437.366 | -19,34% |
| Total | 5.232.995 | 6.705.035 | -21,95% | 708.698 | 642.250 | 10,35% | 16.012 | 21.053 | -23,94% | 25.364 | 24.710 | 2,65% | 5.983.069 | 7.830.414 | -23,59% |
| jan/ mar | 1.254.531 | 1.602.092 | -21,69% | 162.988 | 148.138 | 10,02% | 3.325 | 5.044 | -34,08% | 8.293 | 4.087 | 102,91% | 1.429.137 | 1.759.361 | -18,77% |
| abr/ jun | 1.169.652 | 1.229.146 | -4,84% | 165.267 | 168.994 | -2,21% | 4.308 | 3.995 | 7,83% | 8.000 | 9.087 | -17,39% | 1.347.227 | 1.411.819 | -4,58% |
| jan/ jun | 2.424.183 | 2.831.238 | -14,38% | 328.255 | 317.132 | 3,51% | 7.633 | 9.039 | -15,55% | 16.293 | 13.771 | 18,31% | 2.776.364 | 3.171.180 | -12,45% |

Fonte: MDIC/Secex

Diante dessa realidade, pode-se concluir que as exportações continuarão a se expandir e a previsão é de que o Brasil deverá exportar cerca de 32,0 milhões de sacas em 2013/14. Para 2014/15 os embarques deverão atingir 33,0 milhões de sacas.

3. Perspectivas para a safra 2013/2014

Quanto ao panorama internacional a expectativa para o ano 2014/2015 é de que o consumo mundial de café continue crescendo nas mesmas proporções que vêm sendo constatadas nos últimos anos, a uma taxa média de 1,65% ao ano. Por outro lado, o incremento médio da produção mundial de café, que vem sendo registrado nos últimos 12 anos é de 1,02%. Estima-se que a produção em 2014/2015 deverá atingir 147,8 milhões de sacas.

Com base no comentado acima, fica evidente que existe um descompasso entre a oferta e a demanda.

Assim que o cenário mundial apresente alguma melhora, com relação à crise europeia e a americana, e ainda, que os países emergentes voltem a apresentar taxas mais robustas de crescimento dos seus PIB's, essa demanda pelo grão deverá aumentar, vindo a complicar, ainda mais esse balanço de abastecimento.

Momentaneamente, o mercado de café, mais especificamente no caso do arábica, está atravessando um período de preços baixos, tendo em vista a existência de uma oferta substantiva do grão no país. O Brasil é o maior produtor dessa espécie (arábica) no mundo. Por outro lado, além da existência de um volume considerável de café arábica no país, pesa, ainda, o fato do consumo interno por esse tipo de grão ter se arrefecido. Conforme já foi comentado, anteriormente, muitas indústrias torrefadoras estão aumentando a participação do conilon nos seus *blends*, para melhorarem as suas margens de comercialização.

A tendência, no curto prazo, é de que não haja muita alteração desse patamar de pre-

ços, o qual vem sendo praticado nos dias atuais. Afinal, a próxima safra, a de 2014/15, será de bienalidade positiva, ou seja, de alta produção, o que poderá contribuir para o aumento da oferta do grão. Entretanto, acredita-se que, no médio prazo esse quadro de oferta e demanda deverá se ajustar em função do consumo externo que se ampliará, tendo em vista a melhora do cenário mundial, do incremento dos PIBs dos países emergentes, e ainda, com a entrada de novos bebedores de café, oriundos desses países de economias emergentes. Nesse momento, as cotações voltarão a ascender.

No que se refere às questões relacionadas à economia internacional, mais especificamente à crise europeia, o cenário está ainda muito indefinido. O aperto fiscal continua resultando no aumento do desemprego e da recessão econômica. O sistema bancário de alguns países (Espanha e Itália, por exemplo) começa a mostrar fragilidade. Enfim, o desfecho dessa crise ainda apresenta muitas incertezas, e ao que parece, está longe do fim.

No que se refere ao mercado interno a previsão é de que a área em produção continue estagnada, sem apresentar um crescimento expressivo. A produção para o ano 2014/15 também não deverá apresentar incremento significativo, tendo em vista que os preços praticados nos dias atuais estão inviabilizando a adoção de tratos culturais adequados por parte dos agricultores nas suas lavouras.

Neste cenário, o consumo interno deverá manter-se crescente, como tem sido constatado nos últimos anos, a uma taxa de 3% ao ano, atingindo 19,6 milhões de sacas.

As exportações em 2014/15 deverão atingir, aproximadamente, 33,0 milhões de sacas.

É importante que os produtores evitem aumentar as suas áreas de plantio de café, pelo menos nos próximos dois anos, quando se espera que haja um equilíbrio entre a oferta e a demanda. O aumento da produtividade e, conseqüentemente, o incremento da produção do grão deverão vir através de uma melhora nos tratos culturais, e ainda, por meio da substituição de alguns pomares antigos por variedades mais produtivas e resistentes a doenças e pragas.

CANA-DE-AÇÚCAR

WELLINGTON SILVA TEIXEIRA



1. Introdução

Alimento e energia renovável são os grandes produtos gerados pelo setor sucroenergético. E isso vai ao encontro das necessidades humanas em um cenário de crescimento econômico mundial e necessidade de adoção de fontes renováveis de energia.

No que diz respeito ao açúcar, alimento amplamente consumido no mundo todo, o seu mercado é tradicional e já está consolidado. Já em relação ao etanol, o seu uso como combustível no mundo ainda é tímido, sendo o Brasil e os Estados Unidos seus principais produtores e consumidores.

As discussões em torno das mudanças climáticas arrefeceram nos últimos anos, assim como a escassez do petróleo. Assim, a substituição do combustível fóssil pelo renovável ainda não alcançou a magnitude que se espera e que se previa há alguns anos.

São muitos os entraves para que o mercado mundial do etanol seja impulsionado. O potencial produtivo é muito grande. No entanto, muitas questões ainda devem encontrar soluções no âmbito produtivo e comercial.

Aqui no Brasil o setor canavieiro desempenha um papel fundamental na geração de divisas, emprego e superávit da balança comercial. As exportações do complexo sucroalcooleiro ocupam o segundo lugar em valor exportado, superando importantes cadeias como a das carnes e do café, ficando atrás apenas do complexo soja.

A despeito de o setor se apresentar como uma das mais importantes cadeias produtivas, nos últimos anos ele tem enfrentado dificuldades para crescer. Os reflexos da crise ocorrida em 2008 frearam bruscamente os investimentos em novas plantas industriais e na implantação e melhoria dos canaviais existentes. Além disso, condições climáticas desfavoráveis têm castigado os canaviais nas últimas safras.

O objetivo deste trabalho é apresentar um panorama do passado recente do setor, procedendo a uma análise prospectiva da próxima safra, no que tange à produção, preços e ao abastecimento de açúcar e etanol.

2. Panorama internacional

De acordo com as estimativas do United States Department of Agriculture (USDA) em seu relatório de maio de 2013, na safra 2013/14 serão produzidas cerca de 174,8 milhões de toneladas de açúcar, volume praticamente idêntico ao produzido no ciclo atual. O Brasil continuará como maior produtor mundial com aumento de 4,66%. Já na Índia, segundo maior produtor, haverá redução de 7,66%. Na Tailândia, importante exportador de açúcar, haverá aumento de 6,06% na produção.

A produção mundial na safra 2013/14 será 4,4% superior ao consumo. A variação do consumo em relação a safra anterior será de 2,26%, o que acarretará em uma ligeira queda nos estoques finais. A Índia, EU-27 e China são os três maiores consumidores de açúcar. A despeito da crise enfrentada pela Europa, a expectativa de que o consumo de açúcar iria cair naquele continente não se concretizou.

As cotações do açúcar na bolsa de Nova Iorque estão ao redor de $\text{c}\$ 16,00/\text{libra-peso}$, enquanto que neste mesmo período do ano passado estavam acima de $\text{c}\$ 20,00/\text{libra-peso}$. Há dois anos, as cotações eram da ordem de $\text{c}\$ 30,00/\text{libra-peso}$, quando representavam níveis recordes e altamente rentáveis.

Os superávits no suprimento mundial nas últimas três safras e ainda a previsão de que isso se repita no próximo ciclo, estão trazendo este cenário de preços deprimidos.

O mercado internacional do etanol é ainda muito pequeno. Os grandes consumidores do produto são também produtores. O Brasil utiliza a cana-de-açúcar para produção de etanol, enquanto que os Estados Unidos utilizam o milho como matéria prima. Portanto, os preços do milho, que são altamente influenciados pelo mercado mundial, poderão definir a oferta americana de etanol.

3. Panorama nacional

O 2º Levantamento da safra 2013/14, realizado pela Conab, em agosto de 2013, apontam para uma produção de cerca de 652,0 milhões de toneladas de cana-de-açúcar, registrando aumento de 10,7% em relação à safra anterior. Deste total, 47,8% serão destinados para a produção de açúcar, enquanto que o restante (52,2%) será para a produção de etanol. Na safra anterior esta distribuição era mais favorável ao açúcar, já neste ano houve uma inversão para a produção do biocombustível, recuperando a tendência que vinha ocorrendo em safras anteriores.

A safra atual apresenta recuperação depois de sofrer as consequências de eventos climáticos desfavoráveis por dois anos consecutivos. Além disso, o setor sucroenergético está colhendo os frutos da crise enfrentada em 2008, quando os canaviais deixaram de passar pelos tratamentos culturais adequados para o bom desenvolvimento da lavoura.

A safra atual também está sob a influência de efeitos climáticos negativos. Houve grande ocorrência de chuvas nos meses de junho e julho nas principais regiões produtoras do Centro-Sul, o que acarreta em queda de produtividade agrícola e industrial. Além disso, canaviais paraenses, paulistas e sul-matogrossenses foram afetados por uma geada no mês de julho, porém, com consequências ainda não mensuradas.

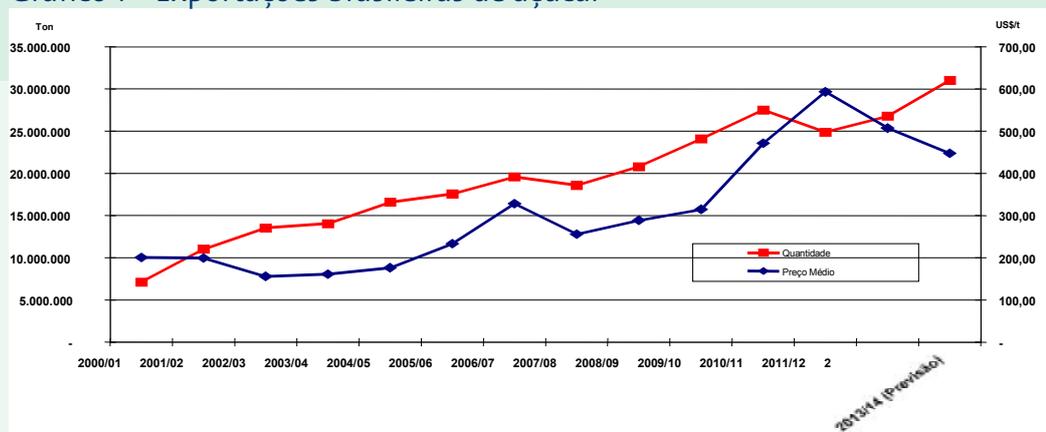
A previsão é de que serão produzidas na safra atual, cerca de 40,9 milhões de toneladas de açúcar, volume 6,88% superior ao apurado na safra 2012/13. A produção de etanol terá aumento de 14,94% em relação à safra anterior. Para o ciclo atual estão estimados 27,2 bilhões de litros, contra 23,6 bilhões de litros na safra anterior. Haverá uma recuperação da produção do etanol hidratado, já que sua produção foi estabilizada na última safra, porém o maior aumento será novamente do etanol anidro.

3.1. Açúcar

O Brasil responde por aproximadamente 48% das exportações mundiais de açúcar, estando já consolidado como um grande *player* no cenário internacional. A tendência é de que o país mantenha esta posição, haja vista a necessidade de produção de alimentos para a crescente população mundial. Diante dessas necessidades, o único país que apresenta condições e área disponível para atender esta demanda é o Brasil. Os demais países enfrentam fortes restrições no que diz respeito à disponibilidade de área para produção de alimentos e energia.

Tradicionalmente, cerca de 70% da produção de açúcar no Brasil é destinada ao mercado externo. No mercado brasileiro, o consumo de açúcar cresce a uma taxa próxima a do crescimento da população brasileira, pouco menos de 2% ao ano. Já o mercado mundial apresenta tendência de crescimento do consumo à despeito da crise atual e da crise europeia.

Gráfico 1 – Exportações brasileiras de açúcar



Fonte: MDIC/Secex

As exportações brasileiras de açúcar alcançaram recordes nos últimos anos, frente a crescente demanda mundial. Nos primeiros três meses da safra atual, o volume exportado representa 46,1% de alta frente ao mesmo período da safra passada. Portanto, pode-se esperar que o mercado mundial continue aquecido e que neste ano safra o volume embarcado com

destino ao mercado externo seja superior ao exportado no período anterior, batendo, inclusive, recorde verificado em 2010/11.

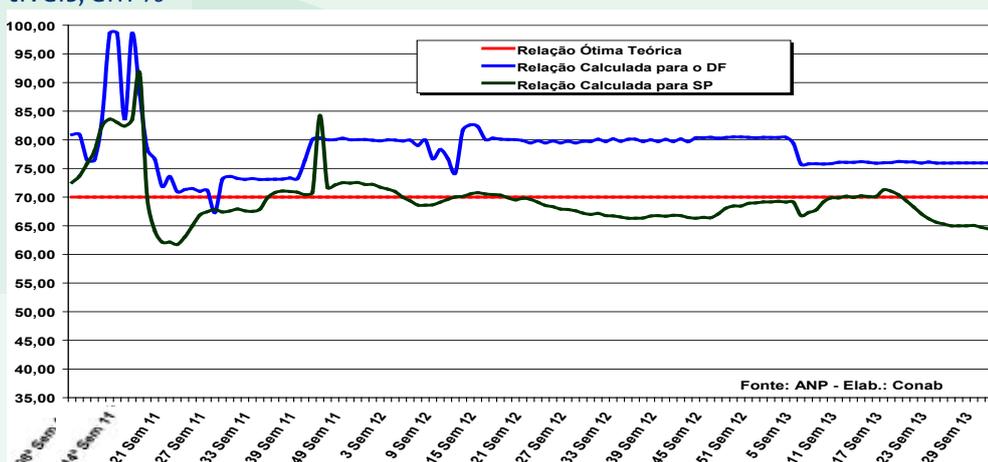
3.2. Etanol

Por volta do ano de 2006 o etanol despontou como uma alternativa sustentável em substituição à gasolina. Vislumbrou-se a possibilidade de o Brasil tornar-se o fornecedor mundial de etanol em função de suas grandes áreas agricultáveis. No entanto, com o avanço do número de veículos *flex-fuel* e da redução da produção do biocombustível, a produção voltou-se ao mercado interno. A adesão mundial ao programa de uso do etanol ainda é insipiente e isso se deve ao fato de ainda não haver um comércio mundial estabelecido, onde o produto possa ser obtido em várias fontes.

As vendas de veículos *flex-fuel* representam aproximadamente 90% das vendas de veículos leves no Brasil e apesar do grande mercado potencial surgido em função da criação dos motores bicompostíveis, os preços de mercado do etanol hidratado não estiveram competitivos em relação à gasolina na maioria dos estados brasileiros, nas últimas safras. A consequência é a migração dos consumidores para a gasolina que hoje está com 25% de etanol anidro em sua mistura.

Observa-se a partir do Gráfico 2 que no estado de São Paulo, o preço do etanol ficou muito próximo da relação de 70% em relação ao preço da gasolina nos últimos 30 meses, sendo que em alguns períodos foi vantajoso abastecer com etanol. Mesmo assim, não foi uma grande economia, mesmo se tratando do maior produtor nacional. Já no Distrito Federal, que importa todo o combustível que consome, a gasolina foi mais vantajosa em praticamente todo o período.

Gráfico 2 – Álcool hidratado do carburante e gasolina tipo C – Relação dos preços dos combustíveis, em %



Fonte: Agência Nacional do Petróleo - ANP

Segundo dados da ANP, o consumo de etanol hidratado alcançou seu ápice em 2009 quando foram consumidos 16,5 bilhões de litros. No entanto, este consumo decresceu atingindo em 2012 cerca de 9,8 bilhões de litros, o que significa em termos percentuais 40,6% de redução. Neste mesmo período, a gasolina que apresentava crescimento tímido, passou de 25,4 bilhões de litros para 39,6 bilhões de litros (+56%), ocupando o espaço do etanol hidratado e puxando o consumo do anidro.

No primeiro semestre deste ano, o etanol anidro registrou aumento no consumo de 13,15% em relação ao mesmo período de 2012. Em seguida a gasolina contabilizou 4,2% e o etanol hidratado 2,12%. A maior variação percentual do anidro se explica por dois motivos: primeiramente o maior consumo de gasolina e depois a mudança de 20% para 25% na mistura a partir de 1º de maio.

4. Fatores críticos

A situação vivida hoje pelo setor sucroenergético está calcada não apenas no fator clima, mas a falta de investimentos no setor corrobora de maneira crucial para que a oferta dos seus subprodutos esteja limitada. Nos últimos anos, grandes grupos internacionais fizeram aquisições de indústrias brasileiras, em sua maioria gerida por grupos familiares. No entanto, estas aquisições não implicaram na instalação de novas usinas, mas sim na expansão das já existentes. Além disso, houve uma concentração das usinas sob controle de grandes grupos estrangeiros.

Cabe ressaltar que, caso os investimentos fossem concentrados na instalação de novas unidades, a oferta de cana-de-açúcar poderia atender ao crescimento do mercado interno e externo dos seus subprodutos, o que deixaria o país em uma situação de maior credibilidade frente ao potencial mercado mundial, principalmente no que diz respeito ao etanol.

Nos últimos anos, houve o fechamento de várias unidades produtoras como reflexo da crise vivida em 2008. Esta situação trouxe um agravante, pois a cana-de-açúcar migrou para ser processada em outras unidades vizinhas, o que as deixou muito próximo da sua capacidade máxima de moagem, o que é um fator limitante de crescimento para o setor.

O clima tem sido um grande fator crítico para o setor produtor de cana-de-açúcar. Na safra 2009/10 as principais regiões produtoras tiveram uma safra bastante chuvosa, o que prejudicou a qualidade da matéria-prima e atrapalhou os trabalhos de colheita. Como consequência, parte da cana teve que ser colhida na safra seguinte. Em 2010/11 ocorreu o inverso. O período muito seco durante a colheita prejudicou a rebrota da cana-de-açúcar e trouxe queda de rendimento, o que se repetiu no ano seguinte. Além disso, o clima seco impede que os tratamentos culturais e a renovação dos canaviais sejam realizados. Na safra atual houve excesso de chuvas em algumas regiões e ocorrência de geadas que acometeram os canaviais do Paraná, Mato Grosso do Sul e parte de São Paulo.

5. Perspectivas

O clima ao longo deste ano, exerce impacto na safra seguinte, pois a cana colhida agora, rebrota e será colhida na próxima safra, assim como aquela que foi plantada neste ano. Apesar da ocorrência de chuvas em excesso e geadas no centro-sul, ainda não se tem notícia do nível de dano para o próximo ciclo, no entanto, sabe-se que haverá perdas. Em relação à Região Nordeste, como ainda não começou a safra 2013/14, ainda é muito cedo fazer qualquer inferência a respeito do resultado do clima na safra 2014/15.

A tendência de abertura de novas usinas é bastante tímida. Já a expansão dos canaviais se mantém nas principais regiões onde a cana-de-açúcar está em crescimento, quais sejam: Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e São Paulo. São regiões que apresentam condi-

ções edafoclimáticas ideais para desenvolvimento da cultura, além de grandes extensões de pastagens degradadas.

Segundo os dados apurados no segundo levantamento de safra da Conab, as áreas de expansão das usinas totalizam 498,1 mil hectares, sendo 97,4% na região centro-sul. Isto representa as novas áreas de plantio que estão sendo incorporadas e serão colhidas em parte na safra 2014/15. Além disso, deverão ser renovados em torno de 969,0 mil hectares. A área renovada será 5,73% superior à área renovada no ciclo passado e cerca de 52,8% superior à renovação verificada em 2010/11.

Estima-se que na média, 45,0% das áreas de expansão e renovação utilizarão cana de ciclo de 12 meses e considera-se ainda a produtividade média de 100 toneladas por hectare em áreas de primeiro corte.

Assim, infere-se que as áreas de expansão irão contribuir com um adicional de 22,1 milhões de toneladas para a próxima safra. Já as áreas de renovação somarão 19,8 milhões de toneladas a mais do que elas produziram se não fossem renovadas, totalizando adicional de 41,9 milhões de toneladas.

Portanto, considerando a produção proveniente dos canaviais nesta safra, com o mesmo nível de produtividade, somando o incremento das áreas renovadas e das áreas de expansão, estima-se que serão produzidas em 2014/15 cerca de 694,0 milhões de toneladas, o que significa um incremento de 6,44% em relação à safra atual. Acredita-se que esta estimativa seja bastante plausível ao verificar que nas últimas cinco safras, descartando a de 2011/12 que foi totalmente atípica em função do clima, o crescimento médio verificado foi de 6,18% ao ano.

Considerando o mix de produção da safra atual em cerca de 47,9% da cana direcionada à fabricação de açúcar, estima-se que no próximo ciclo o Brasil produza 43,5 milhões de toneladas de açúcar e 28,9 bilhões de litros de etanol, o que representa aumento de 6,35% e 6,25%, respectivamente. A estimativa foi feita com base no rendimento da safra atual de 131kg de açúcar por tonelada de cana e de 80 litros de etanol por tonelada de cana. Deve-se levar em conta que estes rendimentos são fortemente influenciados pelas condições climáticas, já a produção está condicionada ao mercado, uma vez que as usinas direcionam a cana para o açúcar ou para o etanol, em função dos preços praticados.

O mercado mundial do açúcar poderá continuar aquecido, assim como as exportações brasileiras. No entanto, variações muito significativas na safra dos principais países produtores em função de condições climáticas, tanto para cima, quanto para baixo poderão mudar o cenário previsto.

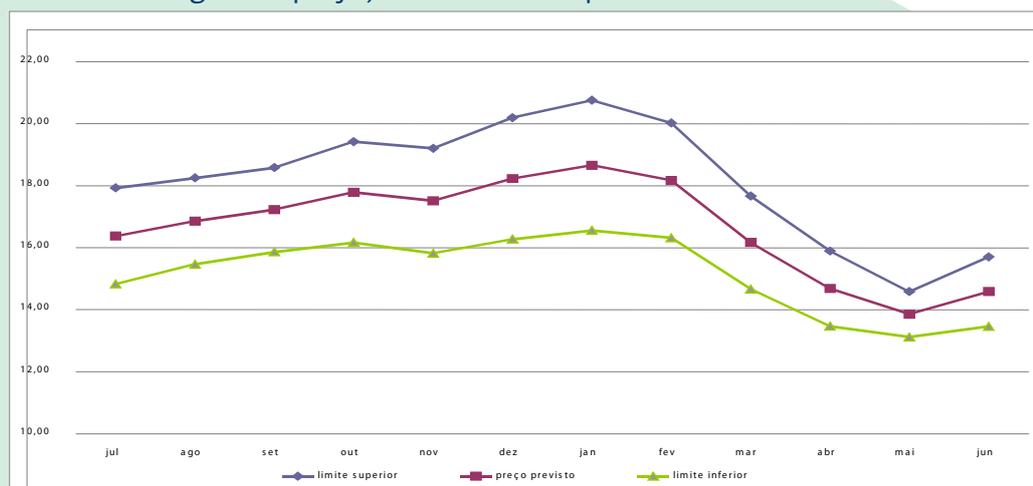
Nas últimas cinco safras mundiais, a produção tem crescido a uma taxa média de 3,99% ao ano, enquanto que o consumo cresceu em média 1,75% ao ano. Isto tem gerado um excedente mundial de açúcar. O mercado está precificado de acordo com este cenário de sobras, pois conforme dito anteriormente, a cotação atual em Nova Iorque acumula perdas da ordem de 46,6% nos últimos 24 meses.

Apesar de o Brasil ser o maior produtor e exportador mundial de açúcar, a formação

de preço no mercado mundial sofre forte influência dos demais países produtores como Índia e exportadores como a Tailândia. Portanto, do ponto de vista da comercialização, caso a safra nacional alcance os patamares aqui projetados e caso se confirme a projeção do USDA de que na safra mundial que se iniciará em outubro próximo não haverá redução significativa dos estoques finais, vislumbra-se para a próxima safra nacional um cenário de preços em patamares não diferentes dos que estão praticados no momento.

Observando a sazonalidade das cotações na bolsa de Nova Iorque no último quinquênio (Gráfico 3), a projeção para os próximos doze meses corrobora com as perspectivas apresentadas no parágrafo anterior.

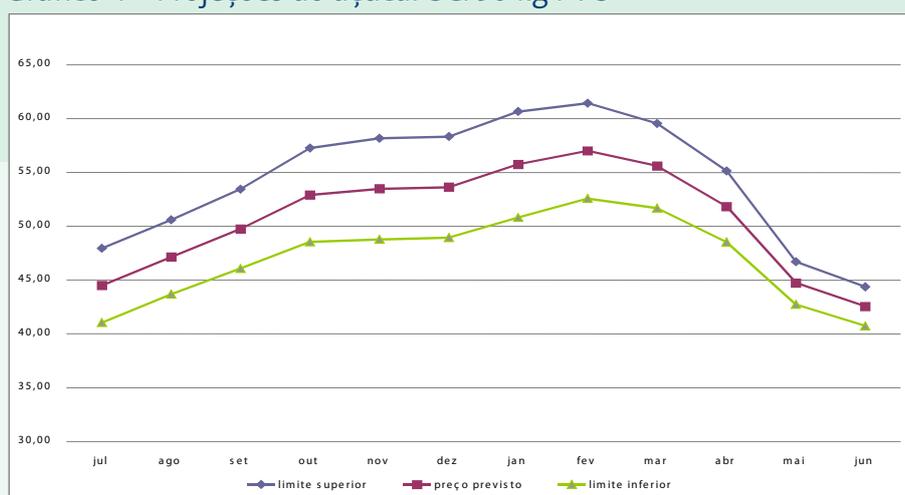
Gráfico 3 – Sugar 11 – projeções - ¢U\$/libra peso



Fonte: Conab

Ao analisar o Gráfico 4, observa-se que no que diz respeito aos preços do açúcar no mercado interno, com base na mesma metodologia anterior, ou seja, projeção dos próximos doze meses com base no último quinquênio, realmente se confirma a idéia de que os preços ficarão nos mesmos patamares do verificado na safra atual.

Gráfico 4 – Projeções do açúcar SC/50 kg PVU



Fonte: Conab

Em relação ao etanol, o abastecimento interno continuará na próxima safra o grande desafio do setor sucroenergético. No entanto, há que se observar que neste ano safra, observa-se uma forte recuperação das exportações, o que poderá criar uma concorrência entre o mercado externo e o interno, puxando os preços para cima. Há ainda no mercado interno, uma forte demanda potencial de etanol, hoje atendida pela gasolina.

CARNES

WANDER FERNANDES DE SOUSA



1. Introdução

O Brasil se mantém em destaque como um dos maiores produtores e consumidores de carnes no mundo. A Tabela 1 mostra o *ranking* brasileiro na produção, consumo e exportação de carne bovina, de frango e suína, frente ao mercado mundial. A receita estimada para 2013 com as exportações de carnes é da ordem de US\$ 16 bilhões.

Tabela 1 – Brasil - Participação no suprimento mundial de carnes 2013

| | Bovino | Frango | Suíno |
|------------|--------|--------|-------|
| Produção | 2° | 3° | 4° |
| Consumo | 2° | 3° | 5° |
| Exportação | 2° | 1° | 4° |

Fonte: USDA, abr./2013
Nota: Elaborado pela Conab/Geole

O setor de carnes é também importante elo na cadeia produtiva de grãos, uma vez que consome significativa parte da produção de milho e farelo de soja, principais componentes da ração animal.

Como maior exportador mundial de carne de frango, o país tem o reconhecimento do mercado internacional, relativamente à qualidade e sanidade do produto. A agroindústria nacional utiliza as melhores tecnologias disponíveis, assegurando aos consumidores produtos de qualidade a preços competitivos.

O mercado interno também tem grande expressividade no consumo de carnes, considerando que cerca de 70% da produção de carne de frango são consumidos internamente. Já para as carnes bovina e suína, o consumo interno supera a 80% da produção.

2. Cenário

Segundo os dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) há uma redução da oferta mundial de carne bovina em razão da diminuição da produção dos EUA e da estabilização da produção europeia. Portanto, a pressão da demanda favorece a sustentação dos preços em níveis elevados, abrindo espaço aos países emergentes para o acesso a novos mercados, sobretudo, aqueles menos exigentes em questões de sanidade animal.

Como os níveis de oferta da carne bovina exercem forte influência na comercialização de carne de frango e suína, há espaço para expansão do consumo pelo efeito da substituição.

A melhora da oferta de grãos (milho e soja) em 2013 também contribui para a redução dos custos relacionados à alimentação animal.

3. Mercado Internacional

3.1. Oferta e Demanda

Os dados divulgados em abril de 2013 pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) indicam que a produção mundial de carne bovina em 2013 deverá se manter estável em relação ao ano de 2012 (0,5%), conforme se observa na Tabela 2.

O consumo mundial apresenta desempenho similar, uma vez que no setor de carnes a produção é bem ajustada ao consumo em razão dos altos custos de armazenamento.

Tabela 2 – Suprimento mundial de carne bovina (em 1.000 t equivalente carcaça)

| | 2010 | 2011 | 2012 | 2013* | Variação | | |
|------------|--------|--------|--------|--------|-----------|-----------|-----------|
| | | | | | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 |
| Produção | 57.303 | 57.058 | 57.257 | 57.527 | -0,4% | 0,3% | 0,5% |
| Consumo | 56.151 | 55.367 | 55.759 | 56.044 | -1,4% | 0,7% | 0,5% |
| Exportação | 7.822 | 8.090 | 8.134 | 8.601 | 3,4% | 0,5% | 5,7% |
| Importação | 6.619 | 6.421 | 6.674 | 7.077 | -3,0% | 3,9% | 6,0% |

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2013

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

É importante ressaltar que o Brasil foi o maior exportador de carne bovina até 2010, perdendo essa liderança para a Índia. Embora o Brasil tenha recuperado a liderança sobre a Austrália – que em 2012 foi o segundo maior exportador mundial – esta se mantém como forte concorrente do produto brasileiro. A Índia deverá elevar suas exportações de 917 mil toneladas (equivalente carcaça) em 2010 para, aproximadamente, 1.700 mil toneladas em 2013. Um incremento de 85%, conforme os dados divulgados pelo USDA.

A Índia tem surpreendido o mercado internacional de carne bovina nos últimos três anos, assumindo a liderança nas exportações mundiais. O produto indiano tem origem basicamente em carnes de búfalo, com um rebanho de cerca de 105 milhões de cabeças (57% do rebanho mundial) sendo o abate permitido somente para touros e novilhas não produtivas. As exportações de carne de búfalo cresceram, significativamente, devido à crescente demanda por carne bovina que não foi suprida pelos exportadores tradicionais nos últimos três anos, em função das secas, da queda no tamanho do rebanho e da crise financeira.

Como não existe um sistema de criação e a carne de búfalo é um subproduto da indústria leiteira, não é fácil atribuir um custo de produção de carne de búfalo. A Índia é o maior produtor de leite do mundo. O abate de bovinos não é aceito pela religião Hindu, onde as vacas são associadas com santidade. O consumo interno de carne de búfalos é baixo, sendo esta consumida somente pela população não Hindu (cerca de 20% da população). Assim, a produção tem por principal destino o mercado externo.

O governo indiano tem um agressivo programa de incentivo à produção e melhoramento genético com vistas à exportação de carne de búfalos, prestando assistência técnica e distribuição pública subsidiada de serviços veterinários. Contudo, a Índia ainda não é um país livre de febre aftosa, o que limita o alcance de mercado da indústria, restringindo a demanda para regiões emergentes, sensíveis a preços. Com isso, embora ainda não tenha adquirido um grau de excelência em qualidade para atingir os mercados mais exigentes, abastece boa parte do Sudeste da Ásia, Oriente Médio e África do Norte, a preços muito competitivos. As exportações são unicamente permitidas na forma desossada.

Por outro lado, a Austrália deverá aumentar em 7% suas exportações de carne bovina em 2013, comparativamente a 2010, saltando de 1.368 mil toneladas para 1.465 mil toneladas.

Já o Brasil deverá fechar 2013 com um volume exportado de cerca de 1.600 mil toneladas, 2,7% sobre o volume exportado em 2010, que foi de 1.558 mil toneladas, segundo os dados do USDA.

No caso da carne de frango, o USDA prevê um aumento de 2,2% na produção mundial em 2013 (Tabela 3), em função do aumento do consumo mundial, sobretudo, na China, Índia e Rússia.

O Brasil continua liderando as exportações mundiais de carne de frango com cerca de 3.607 mil toneladas em 2013, seguido muito de perto pelos EUA que deverão fechar o ano com 3.266 mil toneladas exportadas, também de acordo com os dados do USDA.

Tabela 3 – Suprimento mundial de carne frango (em 1.000 t)

| | 2010 | 2011 | 2012 | 2013* | Variação | | |
|------------|--------|--------|--------|--------|-----------|-----------|-----------|
| | | | | | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 |
| Produção | 77.893 | 80.811 | 82.774 | 84.610 | 3,7% | 2,4% | 2,2% |
| Consumo | 76.775 | 79.563 | 81.209 | 83.255 | 3,6% | 2,1% | 2,5% |
| Exportação | 8.874 | 9.532 | 10.088 | 10.314 | 7,4% | 5,8% | 2,2% |
| Importação | 7.833 | 8.270 | 8.628 | 8.882 | 5,6% | 4,3% | 2,9% |

Legenda: (*) Projeção USDA

Fonte: USDA, abr./2013

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

Quanto à carne suína, a produção mundial em 2013, segundo dados do USDA, deverá crescer por volta de 1,8%, em relação a 2012 (Tabela 4).

As exportações brasileiras de carne suína correspondem a aproximadamente um quarto do volume exportado pelos EUA, o maior exportador mundial. As exportações de carne suína brasileira ainda são bastante concentradas para a Rússia, fato que traz muita instabilidade à produção nacional.

Tabela 4 – Suprimento mundial de carne suína (em 1.000 t equivalente carcaça)

| | 2010 | 2011 | 2012 | 2013* | Variação | | |
|------------|---------|---------|---------|---------|-----------|-----------|-----------|
| | | | | | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 |
| Produção | 102.015 | 102.015 | 105.519 | 107.412 | -0,9% | 3,4% | 1,8% |
| Consumo | 102.770 | 101.610 | 104.929 | 106.978 | -1,1% | 3,3% | 2,0% |
| Exportação | 6.081 | 6.997 | 7.305 | 7.245 | 15,1% | 4,4% | -0,8% |
| Importação | 5.886 | 6.606 | 6.904 | 6.844 | 12,2% | 4,5% | -0,9% |

Legenda: (*) Projeção USDA
 Fonte: USDA, abr./2013
 Nota: Elaborado pela Conab/Geole

China, União Europeia e EUA, além de serem os maiores produtores, são também os maiores consumidores mundiais de carne suína. Contudo, o acesso a esses mercados é bastante restrito, protegido fortemente por barreiras sanitárias.

4. Mercado nacional

4.1. Oferta e demanda

Os dados de abate bovino, divulgados pelo IBGE relativos ao primeiro trimestre de 2013 indicam para este ano um incremento no volume de carne a ser produzido da ordem de 2,7%. O bom desempenho das exportações neste ano, contribuem para o aumento da produção.

Tabela 5 – Carne bovina

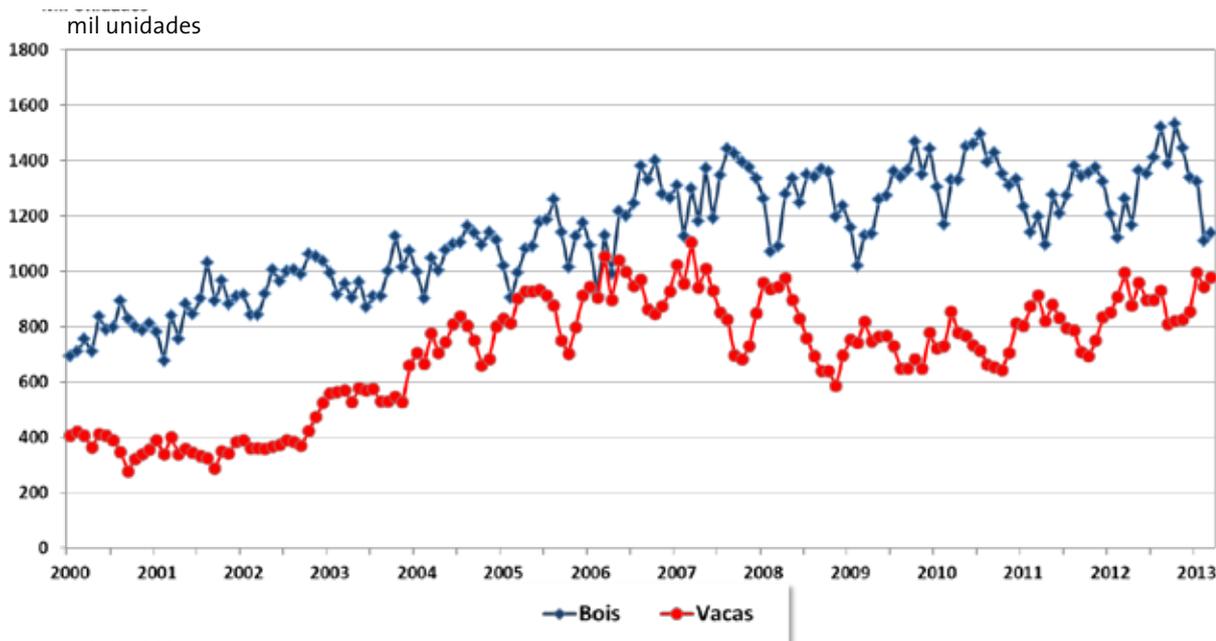
| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013* |
|---|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Rebanho (1000 cabeças) | 205.308,0 | 209.541,1 | 212.815,3 | 216.289,2 | 218.712,7 |
| Produção de carne (1000 t equiv. carcaça) | 8.474,1 | 8.782,5 | 8.448,4 | 8.751,7 | 8.992,3 |
| Importação (1000 t equiv. carcaça) | 41,3 | 40,8 | 44,8 | 60,1 | 57,2 |
| Exportação (1000 t equiv. carcaça) | 1.767,0 | 1.701,5 | 1.494,6 | 1.684,4 | 1.821,6 |
| Disponibilidade interna (1000 t equiv. carcaça) | 6.748,4 | 7.121,9 | 6.998,6 | 7.127,5 | 7.227,9 |
| População (milhões de habitantes) | 191,48 | 190,75 | 192,38 | 193,95 | 195,69 |
| Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano) | 35,2 | 37,3 | 36,4 | 36,7 | 36,9 |

Legenda: (*) Projeção USDA
 Fonte: USDA, abr./2013
 Nota: Elaborado pela Conab/Geole

Os preços internos encontram-se em patamares elevados, sustentados por uma oferta ajustada, resultante do abate de fêmeas em 2005 e 2006, para atender a forte demanda internacional provocada pelos surtos epidêmicos, sobretudo, na Europa. A retenção de fêmeas reprodutoras remanescentes pelos pecuaristas; a queda de fertilidade dessas fêmeas em função de alimentação deficiente; a redução dos níveis de confinamento e as dificuldades de crédito para confinadores provocaram a escassez de bois prontos para o abate nos últimos anos.

Contudo, esse cenário restritivo da oferta começa a se normalizar e a oferta atualmente encontra-se bem ajustada à demanda. O abate de fêmeas, típico do primeiro trimestre do ano para aquelas não prenhas no período de estação de monta (outubro), tem aumentado ultimamente como se vê no Gráfico 1. A rentabilidade desfavorável cria, também, reflexos nos níveis de abate de fêmeas.

Gráfico 1 – Brasil – Evolução dos abates bovinos



Fonte: IBGE

A disponibilidade de carne bovina *per capita* em 2013 deverá se manter estável em relação a 2012, com aproximadamente 36,9kg/habitante/ano.

A avicultura de corte deverá fechar 2013 com níveis de produção semelhantes ao ano de 2012 (Tabela 6). O alto nível de consumo *per capita* não dá muito espaço para o crescimento do consumo interno.

A quebra da safra americana de grãos teve reflexos na oferta mundial de milho até setembro de 2013, quando se inicia a colheita da nova safra. Este fato contribuiu para a queda da produção de carnes, haja vista os elevados custos de produção, sobretudo aqueles relacionados à ração.

Com a demanda interna aquecida, os preços atualmente praticados se encontram em patamares mais elevados em relação a 2012, alavancados pelos preços da carne bovina. A disponibilidade de carne de frango sinaliza para uma redução de aproximadamente 1kg/habitante/ano em relação a 2012.

Tabela 6 – Avicultura de corte

| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013* |
|--|----------|----------|----------|----------|----------|
| Alojamento de pintos de corte (milhões de cabeças) | 5.557,0 | 5.986,7 | 6.232,6 | 5.998,7 | 6.104,1 |
| Produção de carne de frango (1000 t) | 11.021,2 | 12.312,3 | 12.863,2 | 12.645,1 | 12.516,6 |
| Exportação (1000 t) | 3.634,5 | 3.819,7 | 3.942,6 | 3.917,6 | 3.878,3 |
| Disponibilidade interna (1000 t) | 7.386,7 | 8.492,6 | 8.920,6 | 8.727,5 | 8.638,3 |
| População (milhões de habitantes) | 191,48 | 190,75 | 192,38 | 193,95 | 195,69 |
| Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano) | 38,6 | 44,5 | 46,4 | 45,0 | 44,1 |

Legenda: (*) Estimativa Conab;

Fonte:

1. Produção – Fonte: Assoc. Brasileira de Produtores de Pintos de Corte - APINCO;
2. Exportações – Fonte: MDIC/Secex;
3. População - Fonte: IBGE.

Nota: O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne

A carne suína poderá ter um incremento de produção de 1% em 2013 (Tabela 7). O fraco desempenho das exportações neste ano, a concentração de mercados e a dificuldade de acesso a novos mercados contribuem para a estagnação da produção. O clima também contribuiu para conter o aumento da produção, onde o período do verão foi muito quente e o inverno muito frio. O ciclo produtivo, bem mais longo (cerca de 170 dias), dificulta o planejamento do volume de alojamento para ajuste da oferta à demanda, diante de um cenário futuro incerto.

Tabela 7– Carne suína

| | 2009 | 2010 | 2011 | 2012* | 2013* |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|
| Rebanho (1000 cabeças) | 38.045,5 | 38.956,8 | 39.307,3 | 39.395,7 | 39.395,9 |
| Produção de carne (1000 t equiv. carcaça) | 3.190,0 | 3.237,5 | 3.397,8 | 3.483,0 | 3.517,8 |
| Importação (1000 t equiv. carcaça) | 8,7 | 9,6 | 11,0 | 13,3 | 12,9 |
| Exportação (1000 t equiv. carcaça) | 627,1 | 557,1 | 534,6 | 590,4 | 493,1 |
| Disponibilidade interna (1000 t equiv. carcaça) | 2.571,6 | 2.690,0 | 2.874,2 | 2.905,8 | 3.037,6 |
| População (milhões de habitantes) | 191,48 | 190,75 | 192,38 | 193,95 | 195,69 |
| Disponibilidade <i>per capita</i> (kg/hab/ano) | 13,4 | 14,1 | 14,9 | 15,0 | 15,5 |

Legenda: (*) Estimativa Conab;
Fonte:

1. Rebanho - Fonte: IBGE. Pesquisa da Pecuária Municipal
2. Exportação e Importações – Fonte: MDIC/Secex;
3. População – IBGE;
4. Produção de carne: Assoc. Brasileira da Ind. Prod. e Exportadora de Carne Suína - ABIPECS

Nota: O alojamento, e não a produção de pintos de corte, reflete o plantel que irá produzir carne

O setor produtivo continua em seu esforço na difusão do aumento do consumo interno de carne suína, através do programa denominado Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura (PNDS), cujos objetivos são: a modernização da comercialização da carne suína e a generalização de boas práticas de produção da granja à mesa, que contribuem para consolidá-la como um produto saudável e nutritivo, produzido de forma tecnicamente correta, socialmente justa e ambientalmente responsável. A comercialização em cortes embalados a vácuo nas gôndolas dos supermercados, como ocorre com a carne de frango, contribui para o aumento desse consumo.

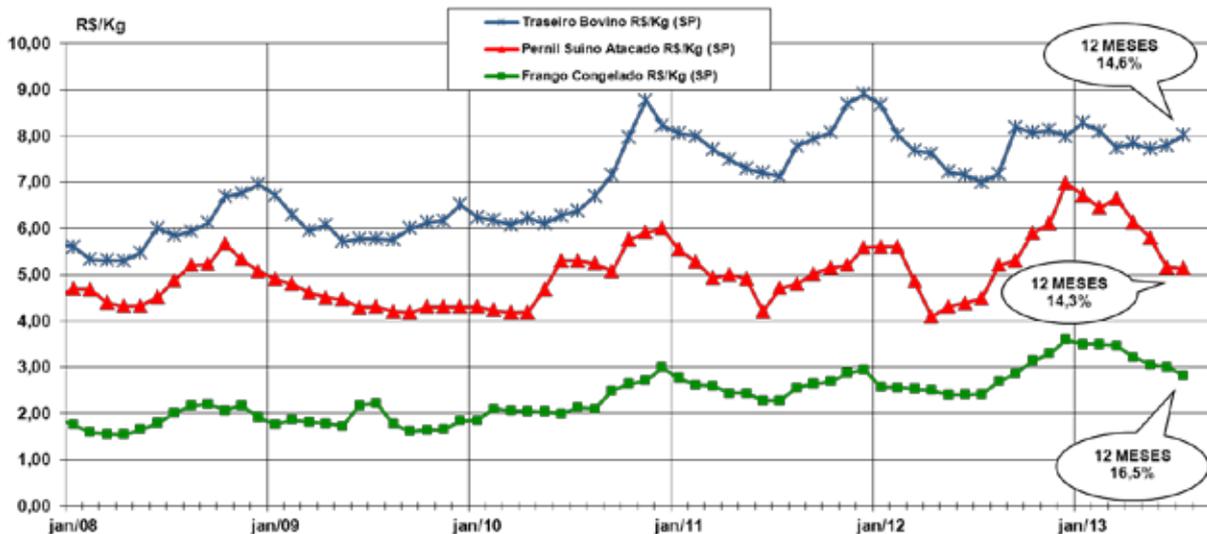
Isso tem resultado no aumento da produção e do consumo nos últimos anos, como se observa na Tabela 7.

4.2. Preços

De um modo geral, as carnes apresentaram recuperação de preços nos últimos doze meses. O Gráfico 2, a seguir, mostra o desempenho dos preços nominais das carnes no atacado, desde 2008. Como se observa, a carne bovina teve uma elevação de 14,6%, a suína de 14,3% e a carne de frango 16,5%, no período acumulado de agosto/2012 a julho/2013.

Releva ressaltar que o atual período (mês de julho) é historicamente de preços mais baixos, mas com tendência de elevação, atingindo o pico no mês de dezembro.

Gráfico 2 – Brasil – Evolução de preços nominais de carnes - atacado

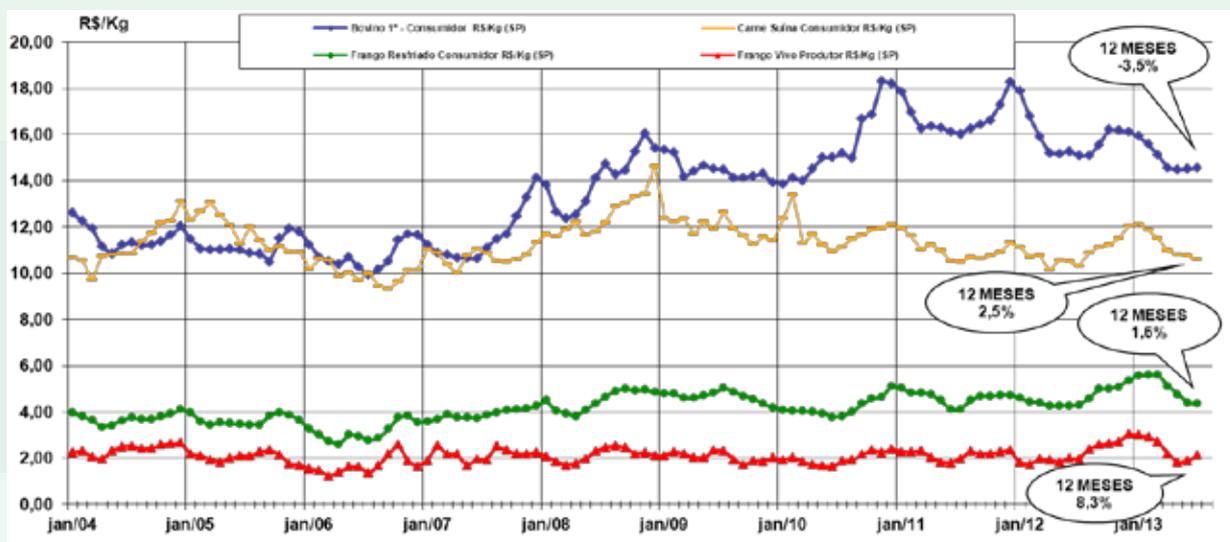


Fonte: Conab/Geole

Já os preços reais, para consumidor, deflacionados pelo IPCA, demonstram queda para a carne bovina de 3,5% em julho 2013, comparativamente ao mesmo período de 2012, como se vê no Gráfico 3.

A carne suína aumentou 2,5% e a carne de frango 1,6%, nesse mesmo período.

Gráfico 3 – Brasil – Evolução de preços nominais de carnes - consumidor



Fonte: Conab/Geole

4.3. Importação/Exportação

Considerando os dados de 2013, as exportações de carne bovina representam, aproximadamente, 20% da produção nacional. Para a carne de frango representam 31% e para a suína, 14%. Em 2012 a participação das exportações de carne suína na produção era de 17%. Os embargos efetuados pela Rússia e Ucrânia afetaram, consideravelmente, os níveis das exportações de carne suína neste ano.

Os volumes de exportação de carnes em 2012 apresentaram elevação média da ordem de 3,3% (Tabela 8) em relação ao ano anterior. Apenas a carne de frango teve um volume pró-

ximo aos níveis de 2011, com queda 0,6%. Os volumes exportados de carne bovina cresceram 13,4% e da carne suína, 11,8%.

Com a recente abertura do mercado japonês para a carne suína espera-se a recuperação nos volumes de exportações até o final do ano.

A receita em 2012 teve uma leve queda em função da redução de 3,8% nos preços internacionais por tonelada de carnes, comparativamente a 2011.

Tabela 8 – Brasil – Exportações anuais de carnes

| Ano | Tipo | Receita US\$ FOB | Var | Volume t líquida | Var | US\$/t | Var |
|------|--------|------------------|--------|------------------|--------|----------|--------|
| 2009 | Bovina | 4.118.482.028 | -22,7% | 1.245.139 | -10,0% | 3.307,65 | -14,0% |
| | Frango | 5.814.101.484 | -16,3% | 3.634.502 | -0,3% | 1.599,70 | -16,1% |
| | Suína | 1.225.148.661 | -17,1% | 606.312 | 14,8% | 2.020,65 | -27,8% |
| | Total | 11.157.732.173 | -18,9% | 5.485.954 | -1,3% | 2.033,87 | -17,8% |
| 2010 | Bovina | 4.795.356.990 | 16,4% | 1.230.570 | -1,2% | 3.896,86 | 17,8% |
| | Frango | 6.807.836.332 | 17,1% | 3.819.710 | 5,1% | 1.782,29 | 11,4% |
| | Suína | 1.339.622.156 | 9,3% | 539.584 | -11,0% | 2.482,69 | 22,9% |
| | Total | 12.942.815.478 | 16,0% | 5.589.865 | 1,9% | 2.315,41 | 13,8% |
| 2011 | Bovina | 5.348.770.021 | 11,5% | 1.095.669 | -11,0% | 4.881,74 | 25,3% |
| | Frango | 8.252.985.776 | 21,2% | 3.942.635 | 3,2% | 2.093,27 | 17,4% |
| | Suína | 1.433.043.048 | 7,0% | 515.833 | -4,4% | 2.778,11 | 11,9% |
| | Total | 15.034.798.845 | 16,2% | 5.554.138 | -0,6% | 2.706,95 | 16,9% |
| 2012 | Bovina | 5.744.134.848 | 7,4% | 1.242.491 | 13,4% | 4.623,08 | -5,3% |
| | Frango | 7.702.997.392 | -6,7% | 3.917.580 | -0,6% | 1.966,26 | -6,1% |
| | Suína | 1.488.446.476 | 3,9% | 576.769 | 11,8% | 2.580,66 | -7,1% |
| | Total | 14.935.578.716 | -0,7% | 5.736.841 | 3,3% | 2.603,45 | -3,8% |
| 2013 | Bovina | 6.296.144.533 | 9,6% | 1.434.166 | 15,4% | 4.390,11 | -5,0% |
| | Frango | 8.268.779.137 | 7,3% | 3.878.334 | -1,0% | 2.132,04 | 8,4% |
| | Suína | 1.457.822.151 | -2,1% | 557.795 | -3,3% | 2.613,54 | 1,3% |
| | Total | 16.022.745.821 | 7,3% | 5.870.295 | 2,3% | 2.729,46 | 4,8% |

Fonte: MDIC/Secex

Nota: Elaborado pela Conab/Geole

Para 2013 estima-se uma redução do ritmo nos volumes das exportações de carnes, em comparação com 2012, com 2,3% de crescimento. Entretanto, os preços por tonelada líquida de carnes deverão fechar 2013 com um acréscimo de 4,8%, contribuindo para a recuperação dos níveis de receitas que deverão chegar a US\$ 16 bilhões.

5. Fatores Críticos

A maior preocupação do setor produtivo está relacionada aos custos com ração. Milho e farelo de soja, principais componentes da ração, têm apresentado preços em crescimento, desde 2011. Em 2012 e até meados de 2013 houve aumento desses custos, considerando a redução da oferta mundial desses grãos. Porém, esses preços já apresentam quedas e com a normalização da safra norte-americana em 2013, espera-se que os preços voltem aos patamares anteriores, equilibrando custos e receitas.

Exigências do mercado internacional relacionadas à sanidade e rastreabilidade, ainda

interferem negativamente na expansão de mercados externos. O Brasil tem plenas condições de expandir sua produção de carnes e atender uma demanda maior por esse produto. Contudo, barreiras não tarifárias se resumem no principal entrave para o acesso a novos mercados. A União Europeia é o mercado que mais impõe barreiras à carne brasileira, sobretudo, bovina e suína.

6. Perspectivas

Muito embora a Conab não opere diretamente com carnes, as políticas governamentais voltadas à produção de grãos beneficiam os produtores deste setor, principalmente aquelas relacionadas ao milho e soja, principais componentes das rações. Cumpre lembrar que, aproximadamente 70% do milho produzido destinam-se ao consumo animal.

Instrumentos governamentais de apoio à comercialização de grãos como o Prêmio para o Escoamento de Produto (PEP), a Aquisição do Governo Federal (AGF) e o Prêmio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro) refletem, positivamente, na manutenção e regulação do abastecimento de soja e milho para a fabricação de ração animal.

Linhas especiais de crédito destinadas ao setor, com taxas favorecidas, também visam fomentar a produção.

O cenário para 2013/14 é de oferta ajustada e produção/consumo globais relativamente estabilizados, em razão da redução da produção dos EUA e manutenção dos níveis de produção da União Europeia.

Os EUA seguem como forte concorrente na exportação de carne de frango, porém, o Brasil deverá manter a liderança mundial no fornecimento de carne de frango no mercado internacional.

Assim, a produção brasileira de carnes em 2014 aponta para níveis muito próximos daqueles observados em 2013.

Considerando que o Brasil já exporta carne de frango para cerca de 154 países, torna-se cada vez mais difícil o acesso a novos mercados. Contudo, a recente ocorrência de *influenza aviária* no México comprometeu o abastecimento desse país, obrigando-o a abrir seus mercados para a carne brasileira.

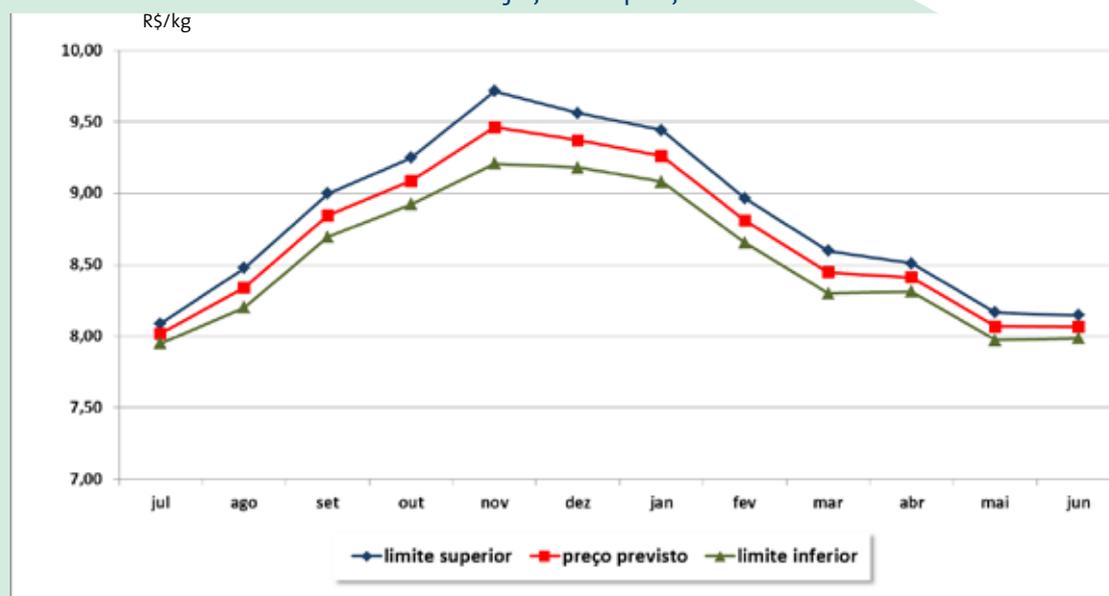
Quanto às carnes bovina e suína, as barreiras sanitárias impostas pelos maiores consumidores mundiais continuam como principais entraves ao aumento das exportações. A forte concorrência da Índia dificulta o acesso aos mercados mais sensíveis a preços. Dessa forma, as exportações brasileiras tendem a se manter nos níveis atuais.

O aumento da demanda interna por carnes favorece o desenvolvimento do setor que, disponibiliza para a sociedade, proteína animal de alta qualidade a preços comparativamente mais baixos que nos países de primeiro mundo.

Considerando os preços praticados no quinquênio julho/2008 a junho/2013, utilizou-se um modelo estatístico levando-se em conta a sazonalidade do produto nesse período para a projeção de preços entre julho/2013 a junho/2014. Desta maneira, prevê-se que os preços mensais em 2013/14 tenham o comportamento demonstrado nos gráficos 4 a 6. Entretanto, convém alertar que o comportamento futuro da oferta e dos preços da ração pode modificar substancialmente estas previsões.

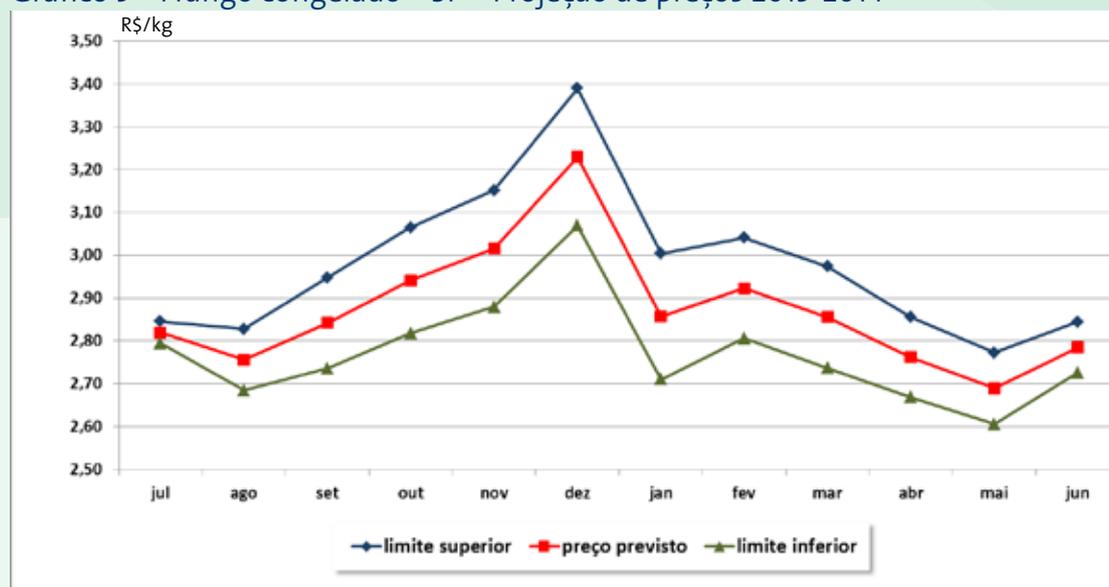
Observa-se claramente nestas projeções o comportamento sazonal dos preços das carnes que tendem a elevar-se no segundo semestre do ano com o aumento da demanda e os efeitos da entressafra.

Gráfico 4 – Traseiro Bovino – SP – Projeção de preços 2013-2014



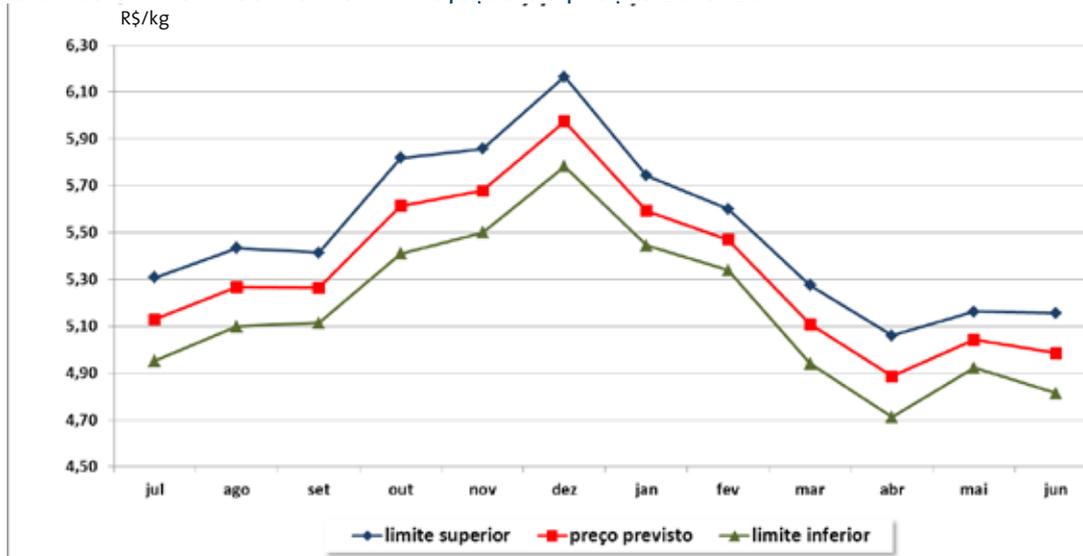
Fonte: Conab/Geole

Gráfico 5 – Frango congelado – SP – Projeção de preços 2013-2014



Fonte: Conab/Geole

Gráfico 6 – Perfil suíno – SP – Projeção de preços 2013-2014



Fonte: Conab/Geole

A busca de novos mercados na África e no continente asiático tem sido o foco dos produtores e da indústria de carnes brasileira. A migração de boa parte da população chinesa dos campos para as cidades aumenta a demanda por alimentos. Por outro lado, a China encontra limites para o aumento da sua produção, devendo, necessariamente, recorrer ao mercado externo para suprir suas necessidades.

Este cenário favorece o Brasil, que vê surgir oportunidades de incrementar sua produção. Certamente acordos bilaterais podem dificultar essas negociações para o Brasil que tem como maiores concorrentes os EUA, Canadá, União Europeia, Austrália, Nova Zelândia, México e Índia.

Finalmente, e após o cenário analisado, há de se ressaltar que a atuação diplomática do Governo Brasileiro é fundamental para auxiliar nessas negociações, fortalecendo a participação do país no comércio internacional.



1. Panorama internacional

1.1. Produção mundial

A pouca importância comercial do produto, no âmbito mundial, aliada à falta de um real conhecimento do seu mercado, e ao pequeno consumo entre os países do primeiro mundo limitam a expansão do comércio internacional. A pouca expressão, uma vez que quase todos os países produtores são também grandes consumidores, torna pequeno o excedente exportável, fato que gera um comércio internacional bastante restrito.

Em se tratando dos hábitos alimentares, estes são bastante diversificados entre os países, e mesmo entre regiões de um mesmo país, no que se refere à preferência por tipos, variedades e classes.

Cerca de 3/4 da produção mundial deste produto origina-se de apenas sete países. A Índia é o maior produtor mundial dessa leguminosa, seguida, logo após, pelo Brasil. Surgem, ainda, como maiores produtores, Myanmar, China, EUA e México.

Tabela 1 – Feijão – Produção mundial – 2009 a 2013

| Países | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 |
|--------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|
| Brasil | 3.502.700 | 3.322.500 | 3.723.800 | 2.918.400 | 2.828.200 |
| Índia | 2.430.000 | 4.890.000 | 4.470.000 | 4.470.000 | 4.470.000 |
| Myanmar | 3.375.000 | 3.000.000 | 3.721.950 | 3.721.950 | 3.721.950 |
| China | 1.489.135 | 1.338.693 | 1.583.498 | 1.583.498 | 1.583.498 |
| EUA | 1.150.310 | 1.442.470 | 899.610 | 1.400.000 | 1.400.000 |
| México | 1.041.350 | 1.156.250 | 567.779 | 1.150.000 | 1.150.000 |
| Outros | 8.006.130 | 7.986.043 | 8.274.616 | 7.256.152 | 7.346.352 |
| Total | 20.994.625 | 23.135.956 | 23.250.253 | 22.500.000 | 22.500.000 |

Fonte: FAO/Conab

1.2. Produção no mercosul

Nos últimos cinco anos, a produção média de feijão em países que compõem o Mercosul ficou em 3,7 milhões de toneladas, sendo o Brasil o principal produtor, com cerca de 3,3 milhões de toneladas, seguido da Argentina, com cerca de 331,8 mil toneladas, Paraguai, com 47,3 mil toneladas, e Uruguai, com 3,3 mil toneladas.

A Argentina, segundo maior produtor, registra consumo *per capita* em torno de 470 g/ano, com saldo exportável médio de 180.000 toneladas anuais. O feijão é produzido, principalmente, na região noroeste do país, nas províncias de Salta, Santiago del Estero, Jujuy e Tucuman.

As principais classes de feijão produzidas na Argentina são o comum branco e o comum preto que são comercializadas em mercados distintos. Cerca de 90% do branco são destinados à exportação. A União Européia é a principal importadora dessa classe, e a Espanha a sua principal consumidora, seguida de Portugal, Itália e França. O feijão-preto é exportado em sua totalidade, pois não existe consumo na Argentina para essa cultivar. O Brasil se destaca como o principal importador dessa variedade. Outro importante comprador é a Venezuela.

2. Panorama nacional

O consumo do feijão comum preto se concentra nos estados do Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, sendo destinada ao Rio de Janeiro a maior parte das importações da Argentina. Em menor escala o consumo também abrange os estados do Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo. O feijão comum cores, por sua vez, tem o consumo concentrado nos estados centrais e em parte do Paraná e de Santa Catarina, enquanto o feijão caupi, mais conhecido como feijão de corda, é de consumo típico da Região Nordeste.

O Brasil se destaca como o maior produtor e consumidor, com participação superior a 90% na produção e no consumo.

Na safra em curso 2012/2013, cujos dados são mostrados na Tabela 2, a produção de feijão comum cores representou 67,9% do volume produzido, a de feijão preto, 19,6%, e a de macaçar, 12,5%. O feijão comum cores está distribuído de forma uniforme nas três safras anuais. O feijão comum preto concentra-se no sul do país e cerca de 63,45% de sua produção é oriunda da 1ª safra. A variedade caupi, cultivada na Região Norte/Nordeste e no Mato Grosso, concentra-se na 2ª safra, à exceção da produção do estado da Bahia.

Tabela 2 – Estimativa da produção por tipo 2012/13 (em mil t)

| Classe | 1ª Safra | 2ª Safra | 3ª Safra | Total |
|--------------|--------------|----------------|--------------|----------------|
| C. Cores | 576,3 | 677,7 | 667,2 | 1.921,2 |
| C. Preto | 327,0 | 201,1 | 26,3 | 554,4 |
| Caupi | 61,3 | 251,1 | 39,6 | 352,0 |
| Total | 964,6 | 1.129,9 | 733,1 | 2.827,6 |

Fonte: Conab

2.1. Comportamento da temporada - 2012/13

1ª Safra ou Safra das Águas: colheita de novembro a abril – concentração nas Regiões Sul, Sudeste, Goiás, Piauí e Bahia.

Na primeira safra ou safra das águas cultivada na Região Centro-Sul do país, e nos estados da Bahia, Maranhão, Piauí e Tocantins, houve redução de 9,2% na área plantada, quando comparada com a safra anterior, se constituindo na menor superfície cultivada no país, desde 1976/77, quando foi iniciado, pela Conab, o acompanhamento de safras a nível de campo. Nem mesmo a trajetória de preços elevados em 2012, foi suficiente para estimular o plantio, explicado, em parte, pelos riscos climáticos da lavoura, o elevado custo de produção, e as boas alternativas para as culturas de soja e milho que contam com maior estabilidade e liquidez. A perda de espaço para aludias culturas foi bastante expressiva, com destaque para o estado do Paraná, onde a redução foi de 15,5%, ou menos, 47,7 mil hectares.

Nesta 1ª safra, predomina o plantio da cultivar comum preto, variedade que vem sendo bastante prejudicada pela elevada importação do produto proveniente da Argentina e China, além da forte competitividade com a soja e o milho.

Em função da menor área plantada e produtividade, devido a adversidades climáticas, a produção foi estimada em 964,6 mil toneladas, 21,9% abaixo da registrada em 2011/12.

A queda de 271,0 mil toneladas na produção, em relação a safra anterior, manteve o mercado pouco ofertado e preços aquecidos, acima da média do último ano. A saca de 60 kg, ao produtor, passou de R\$ 136,00 a R\$ 199,00, no Paraná, e de R\$ 142,00 a R\$ 242,00, em Minas Gerais.

2ª Safra ou Safra da Seca: colheita de abril a julho – concentração nas Regiões Nordeste, Sul, Sudeste, Mato Grosso, Rondônia e Goiás.

A área plantada ficou 6,5% abaixo da cultivada na safra anterior. Este declínio foi mais acentuado no Nordeste do país, em função da seca que em muitas localidades impediu o plantio, e até mesmo o replantio da cultura. No Centro-Sul do país, notadamente em Goiás, Minas Gerais e São Paulo, os preços elevados praticados no mercado e as condições climáticas favoráveis eram fatores suficientes para estimular o crescimento da área. No entanto, nos referidos estados, ocorreu uma expressiva retração no cultivo, provocado pela forte incidência da mosca branca. Apesar da queda da área, a produtividade ficou bem acima da registrada na safra passada, e a produção, por sua vez, cresceu em 6,2%, ou mais 66,0 mil toneladas.

O acréscimo de 66,0 mil toneladas na produção em relação ao registrado em 2012, contribuiu para a redução dos preços a partir de meados de julho, para valores em torno de R\$ 160,00, no Paraná, e R\$ 150,00, em Minas Gerais.

3ª Safra ou Safra de Inverno: Colheita de julho a outubro – concentração em Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Bahia, Pará, Pernambuco e Alagoas.

Essa safra começou a ser cultivada no final de abril, com a colheita prevista para os meses de julho a outubro. No Distrito Federal e noroeste de Minas Gerais, a cultura é conduzida sob irrigação. Nessas localidades, devido ao risco, o custo elevado e muitas vezes ineficiente para o controle da mosca branca ensejou a adoção da implantação do vazio sanitário. Este procedimento visa o manejo da praga e, conseqüentemente, do vírus mosaico dourado, para que a incidência da virose seja reduzida a níveis satisfatórios e os prejuízos minimizados.

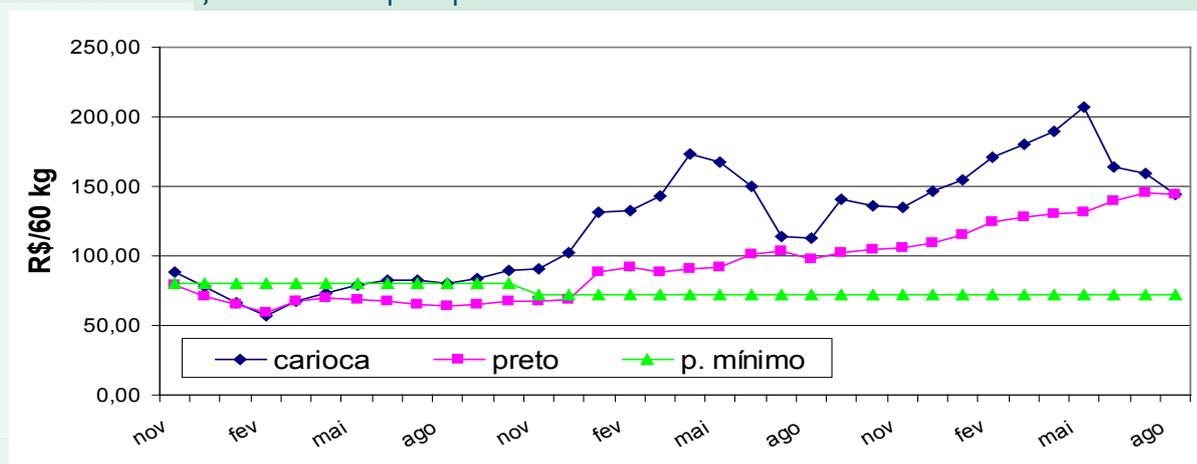
Assim, ficou definido o período de 15 de setembro a 20 de outubro. Nesta época não é permitida a existência de plantas vivas de feijoeiro comum em áreas de cultivo tradicional, sob sistema de irrigação ou qualquer outra modalidade de cultivo.

Cabe esclarecer que, com a implantação do vazio sanitário, o período para a semeadura nas localidades acima mencionadas ficou limitado a meados de junho, reduzindo, em um mês e meio, o calendário tecnicamente recomendável ao plantio que iria até final de julho. Desta forma, e ainda com o índice de ocupação de áreas de pivôs com milho semente e, em menor proporção, o algodão, cuja colheita avança o período ora recomendado, algumas áreas ficaram impossibilitadas de plantio.

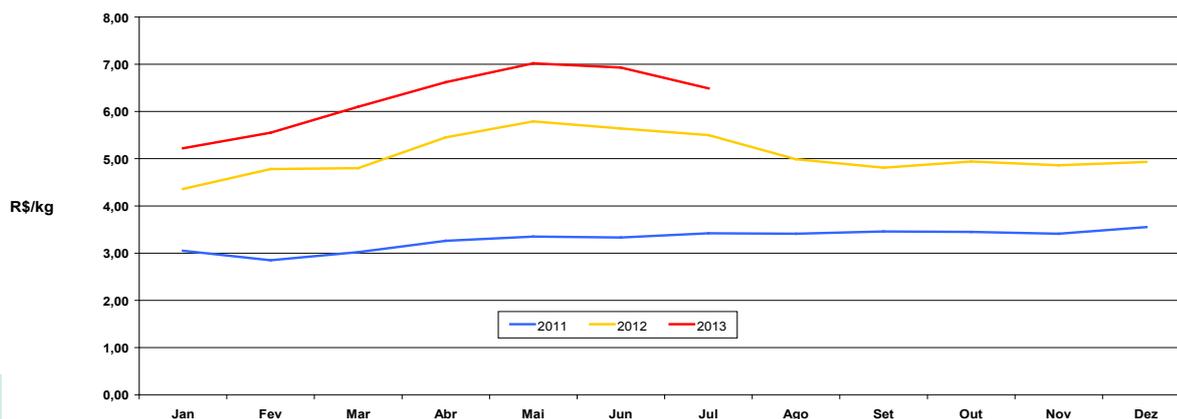
A partir de meados de julho observou-se uma menor pressão na demanda, com o início da colheita na Região Nordeste e a continuidade das áreas irrigadas que devem prosseguir até outubro. Em Minas Gerais e Goiás, os preços recuaram cerca de R\$ 10,00 por saca e muitos produtores passaram a negociar a menor quantidade possível, para liquidar as despesas mais urgentes e aguardar um melhor momento para a comercialização. Mesmo com os atuais preços proporcionando um excelente retorno econômico, agentes de mercado acreditam que, a partir de meados de setembro, as cotações tendem a ficar mais atrativas.

Nesta temporada - 2012/13, o mercado esteve pouco ofertado, com preços altamente remuneradores, chegando a atingir em média a cifra de R\$ 250,00/sc, ao produtor. Essa realidade, por um lado, está favorecendo os produtores que estão recebendo mais um ano de preços atrativos, entretanto, redundando em cotações elevadas no varejo, conforme indica a tabela IV.

Gráfico 1 – Preços recebidos pelo produtores no Paraná



Fonte: Conab

Gráfico 2 – Preços do feijão cariquinho – tipo 1 – no varejo (SP)


Fonte: Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Econômicos - Dieese

Cabe mencionar que, somente a partir do mês de novembro próximo é que o país contará, ainda de forma incipiente, com a produção da próxima safra (temporada 2013/14). No citado período normalmente ocorre uma queda da demanda em função das festividades de fim de ano e férias escolares, período em que o varejo dá preferência às vendas dos produtos de época. De qualquer forma, a tendência é que os preços continuem remuneradores devido a pouca oferta.

2.3. Suprimento

Tabela 3 – Quadro de suprimento Brasil – Comum cores, preto e caupi

| Ano - Safra | Estoque inicial | Produção Nacional | Importação | Suprimento | Consumo aparente | Exportação | Estoque de passagem |
|-------------|-----------------|-------------------|------------|------------|------------------|------------|---------------------|
| 2007/08 | 81,4 | 3.520,9 | 209,7 | 3.812,0 | 3.580 | 2,0 | 230,0 |
| 2008/09 | 230,0 | 3.502,7 | 110,0 | 3.842,7 | 3.500,0 | 25,0 | 317,7 |
| 2009/10 | 317,7 | 3.322,5 | 181,2 | 3.821,4 | 3.450,0 | 4,5 | 366,9 |
| 2010/11 | 366,9 | 3.732,8 | 207,1 | 4.306,8 | 3.600,0 | 20,4 | 686,4 |
| 2011/12 | 686,4 | 2.918,4 | 312,3 | 3.917,1 | 3.500,0 | 43,3 | 373,8 |
| 2012/13 | 373,8 | 2.828,2 | 400,0 | 3.602,0 | 3.400,0 | 50,0 | 152,0 |

Legenda: (*) Dados estimados

Fonte: Conab

O quadro de oferta está bastante ajustado, com um estoque de passagem de apenas 152,0 mil toneladas. O consumo médio, no período 2008/09 a 2012/12, está em torno de 3,5 milhões de toneladas, e as importações na ordem de 204,1 mil toneladas anuais, com a maior parte de feijão comum preto de origem Argentina e da China. Contudo, a expectativa para este ano é que esse número dobre. Contudo, a Argentina, maior fornecedor do Brasil, teve a safra comprometida por adversidades climáticas. Já na China, além do baixo estoque do produto, a mercadoria da nova safra começa a ser colhida a partir de setembro próximo.

O mercado está sendo abastecido com a produção oriunda da 2ª e 3ª safras, e uma pequena parcela de produto importado. A colheita da 3ª safra começou em julho, e o volume a ser produzido complementar o abastecimento interno até o mês de outubro, quando, a partir daí, terá início a colheita da 1ª safra – 2013/14, em São Paulo e no sul do país.

O feijão continua sendo a base da alimentação da maioria da população que possui deficiência alimentar devido à baixa renda per capita. Na composição da cesta básica, ele se

destaca pelas suas qualidades nutricionais.

Urge incentivar o consumo do grão no país, que vem diminuindo desde a década de 1980. A cultura perdeu, nos últimos anos, cerca de 2,8 milhões de hectares para outras culturas com melhores condições de comercialização, com destaque para a soja e o milho. Mesmo em anos com boas cotações de mercado, como 2012 e 2013, não foram suficientes para recuperar parte da área perdida pela leguminosa.

Observa-se nitidamente redução de área nas regiões tradicionais de plantio, especialmente no Sul do país e parte da Região Sudeste. Os avanços tecnológicos têm compensado, de alguma forma, essas perdas graças às pesquisas com descoberta de variedades mais produtivas e resistentes a pragas e doenças e, ainda, à profissionalização do produtor.

O mercado mundial movimentada, anualmente, cerca de 22,5 milhões de toneladas do grão, com o Brasil sendo o segundo maior produtor e consumidor do grão. Um dos principais entraves à exportação está no fato do maior volume da produção nacional, cerca de 40%, ser do grupo carioca, de alta deterioração, que apesar de contar com a preferência nacional, tem aceitação limitada em outros países.

Portanto, quando ocorre quebra de safra, e o produto fica escasso no mercado, não existe alternativa de substituição e, ao contrário, quando ocorre excesso de oferta, não há como desová-lo, e a mercadoria fica escurecendo nos armazéns, perdendo qualidade, onerando os custos de carregamento e sofrendo forte deságio na venda.

Um ponto positivo que se destaca é que variedades como o feijão comum preto, vermelho e outras não têm maiores problemas para serem estocadas. Desde que bem acondicionadas, não perdem a qualidade.

3. Intervenção governamental

Os excelentes preços praticados no mercado, ao produtor, e a postura do Governo Federal promovendo um expressivo reajuste no preço mínimo, que entrará em vigor a partir de novembro próximo, devem render um efeito bastante positivo para a cadeia produtiva, trazendo uma certa estabilidade ao setor. Entre os grãos, o feijão foi o produto que apresentou melhor rentabilidade, e se na safra passada perdeu área para outras culturas, desta vez os produtores devem apostar no produto.

Tabela 4 – Preços mínimos – Safra 2013/14

| Variedade | Regiões e Estados amparados | Tipo | Unidade (kg) | 2013/13 | 2013/14 | % | Período de vigência |
|-----------|-----------------------------|------|--------------|---------|---------|------|---------------------|
| C. Cores | S, SE, C-O e BA-Sul | 1 | 60 | 74,16 | 95,00 | 28,1 | Nov/13 a Out/14 |
| | N e NE (exceto BA-Sul) | | | | | | Jan a Dez/14 |
| C. Preto | S, SE, C-O e BA-Sul | 1 | 60 | 74,16 | 105,00 | 41,6 | Nov/13 a Out/14 |
| | N e NE (exceto BA-Sul) | | | | | | Jan a Dez/14 |
| Caupi | Norte e Nordeste | 1 | 60 | 54,59 | 60,00 | 9,9 | Jan a Dez/14 |

Fonte: Conab

4. Perspectiva para a temporada 2013/14

Nesses dois últimos anos, um desajuste no quadro de oferta e demanda fez com que os preços do produto disparassem, havendo reflexos negativos para os índices de preços, e para a política de melhoria de renda do Governo. As empresas multinacionais sempre trabalham fortemente junto ao produtor, estimulando o plantio da soja e do milho. Assim, não devem faltar incentivos compensadores, por parte do Governo, para o cultivo do feijão. Cabe esclarecer que para a perspectiva em questão, trabalhou-se com a média das produtividades registradas nas últimas safras, eliminando as atípicas, e a recuperação das áreas que ficaram impossibilitadas de plantio devido à insuficiência hídrica e a migração dos produtores para outras culturas, com destaque para a soja.

1ª Safra

O Estado do Paraná é o maior produtor nacional desta primeira safra, contribuindo geralmente com um terço da colheita. O cenário favorável deve permitir aos agricultores semear 21,0 mil hectares a mais que os 210,2 mil ha da safra anterior. Nos demais Estados produtores também ocorrerão aumentos de área, permitindo uma recuperação parcial do espaço que ficou impossibilitado de plantio devido ao clima adverso, e a migração dos produtores para a cultura da soja.

Espera-se que, com os estoques elevados de milho, tanto a nível nacional como mundial, e preços em baixa, muitos produtores optem pela cultura da soja, que apresenta melhores condições de mercado. Essa cultura deverá expandir na área anteriormente ocupada com a gramínea e o feijão, em um espaço bem menor, na oleaginosa.

Como o plantio é proporcionalmente dividido com as variedades comum cores e preto, a provável elevação da oferta, aliada à retração da demanda em dezembro, poderá levar o produto a ter seus preços pressionados para baixo. Tal impacto será menor para o comum preto, em razão da elevação do dólar que garantirá preços atrativos para o produto importado.

2ª Safra

Até mesmo em uma situação de mercado bem ofertado, implicando em queda dos preços, não deverá alterar a intenção dos produtores em investir nas lavouras e ampliar suas áreas de cultivo. A principal cultura concorrente com essa leguminosa é o milho, e essa gramínea não atravessa um bom momento. Nessa safra o custo de produção é menor ao da 1ª safra, a qualidade do produto é superior e o agricultor ainda conta com o amparo do Governo Federal, garantindo a compra do excedente da produção. Tais fatores deverão manter o ânimo do produtor em continuar plantando a quantidade de área necessária a disponibilização de mercadoria suficiente para manter o abastecimento tranquilo e incentivar o consumo.

No nordeste do país, é provável que sejam agregados cerca de 533,9 mil ha que ficaram impossibilitados de plantio em 2013, devido à severa seca, pelo segundo consecutivo, naquela região.

3ª Safra

Já para a 3ª e última safra, cultivada a partir de abril, torna-se prematuro qualquer prognóstico. Entretanto, optou-se pela manutenção dos números de área, e produção, registrados na safra anterior. No tocante a área, é uma das menores já cultivada no inverno, semelhante a registrada em 2008/09. Já a produção fica próxima a média das últimas safras.

A nível nacional, caso não ocorram problemas de ordem climática, a expectativa para a temporada 2013/14 é de uma produção de 3.562,2 mil toneladas, em uma área de 3.562,2 mil toneladas, em uma área de 3.802,7 mil ha em 2012/13.

Em 2007/08, quando o mercado passou por uma situação parecida com a que se vivencia no momento, na safra seguinte, obteve-se um incremento de 15,6% na superfície cultivada, sendo 18,0%, no Sul do país, estimulado, principalmente, pelo reajuste de 65,2% no preço mínimo.

Tabela 5 – Comparativo de área, produtividade e produção

| Safra | Área (em mil ha) | | | Produtividade (kg/ha) | | | Produção (em mil t) | | |
|-------|------------------|----------------|------------|-----------------------|----------------|------------|---------------------|----------------|------------|
| | 2012/13 (a) | 2013/14 (b) | % (b/a) | 2012/13 (c) | 2013/14 (d) | % (d/c) | 2012/13 (e) | 2013/14 (f) | % (f/e) |
| 1ª | 1.127,2 | 1.261,4 | 11,9 | 852 | 1.034 | 21,4 | 960,3 | 1.304,7 | 35,9 |
| N/NE | 468,9 | 525,2 | 12,0 | 194 | 357 | 84,0 | 90,9 | 187,2 | 105,9 |
| C/S | 658,3 | 736,2 | 11,8 | 1.321 | 1.518 | 14,9 | 869,4 | 1.117,5 | 28,5 |
| 2ª | 1.304,3 | 1.879,1 | 44,1 | 866 | 811 | -6,4 | 1.129,6 | 1.524,3 | 34,9 |
| N/NE | 611,9 | 1.156,3 | 89,0 | 292 | 418 | 43,2 | 178,8 | 483,4 | 170,4 |
| C/S | 692,4 | 722,8 | 4,4 | 1.373 | 1.440 | 4,9 | 950,8 | 1.040,9 | 9,5 |
| 3ª | 662,2 | 662,2 | 0,0 | 1.107 | 1.107 | 0,0 | 733,1 | 733,1 | 0,0 |
| N/NE | 471,8 | 471,8 | 0,0 | 555 | 555 | 0,0 | 261,8 | 261,8 | 0,0 |
| C/S | 190,4 | 190,4 | 0,0 | 2.475 | 2.475 | 0,0 | 471,3 | 471,3 | 0,0 |
| Total | 3.093,7 | 3.802,7 | 22,9 | 913 | 937 | 2,6 | 2.823,4 | 3.562,2 | 26,2 |
| N/NE | 1.552,6 | 2.153,3 | 38,7 | 342 | 433 | 26,6 | 531,6 | 932,6 | 75,4 |
| C/S | 1.541,1 | 1.649,4 | 7,0 | 1.487 | 1.594 | 7,2 | 2.291,8 | 2.629,6 | 14,7 |

Fonte: Conab

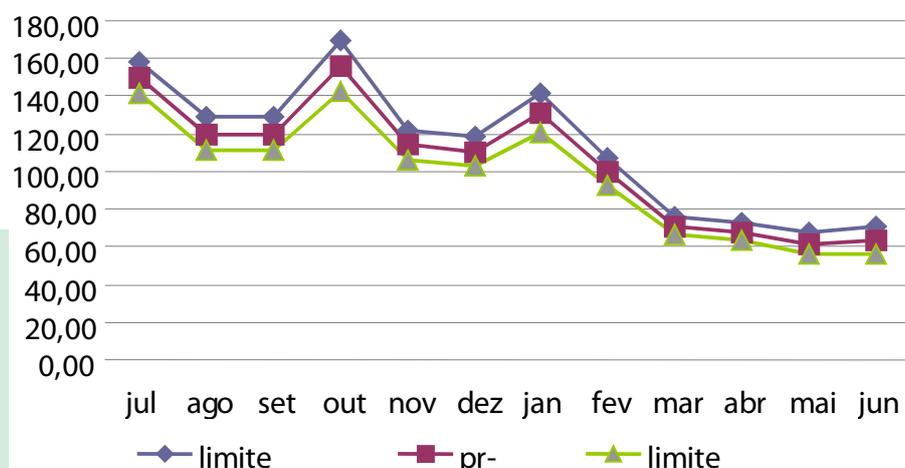
5. Perspectivas de preços e tendências

Em função da retração da área cultivada e da quebra da safra nordestina, o mercado passou a operar com uma menor oferta do produto, ocasionando preços elevados em todos os segmentos do setor – atacado, produtor e varejo; valores esses acima dos verificados no exercício anterior. A partir do mês de julho, verificou-se uma expressiva desvalorização do produto. Contudo, os preços devem continuar remuneradores até a entrada da próxima safra prevista para novembro, dado que o mercado opera com baixos estoques e está sujeito à demanda varejista.

Cabe frisar que para o presente trabalho levou-se em consideração a recuperação da área que deixou de ser semeada na Região Nordeste do país, em função da seca, bem como parte da superfície que foi migrada para outras culturas, com destaque para a soja. Caso se confirme o cenário acima, a expectativa é de uma safra e preços semelhantes ao verificado em 2008/09, que em determinados períodos poderão cair para valores inferiores ao mínimo

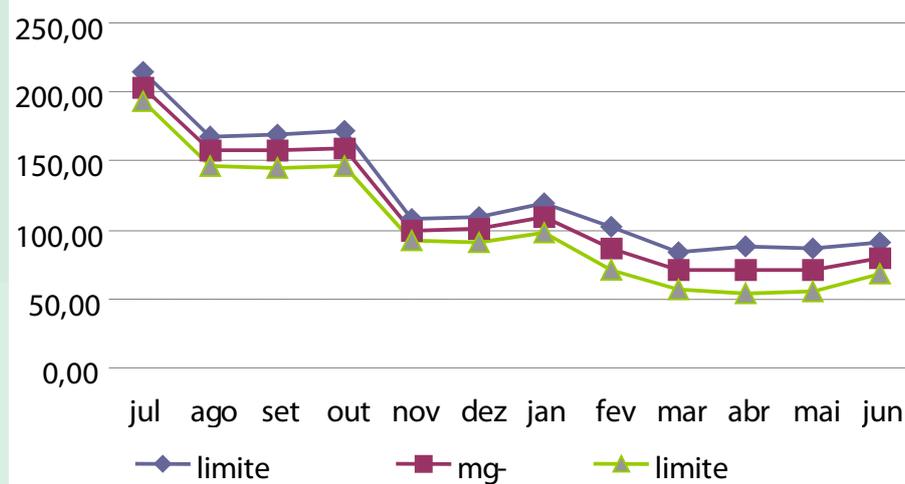
oficial. Nos gráficos estão acrescentados os intervalos de confiança, isto é, o limite superior e inferior do preço previsto em cada mês, indo de julho/13 a junho/14.

Gráfico 3 – Preços recebidos pelos produtores – PR – R\$ 60 kg



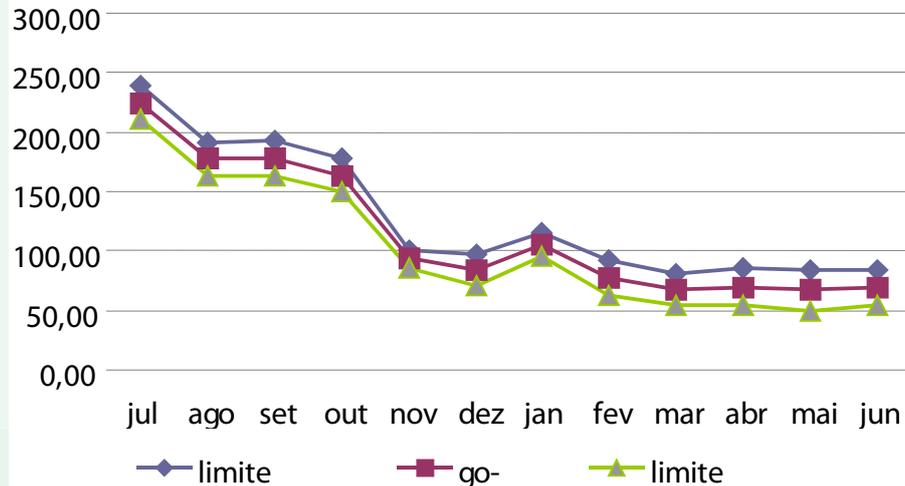
Fonte:Conab

Gráfico 4 – Preços recebidos pelos produtores – MG – R\$ 60 kg



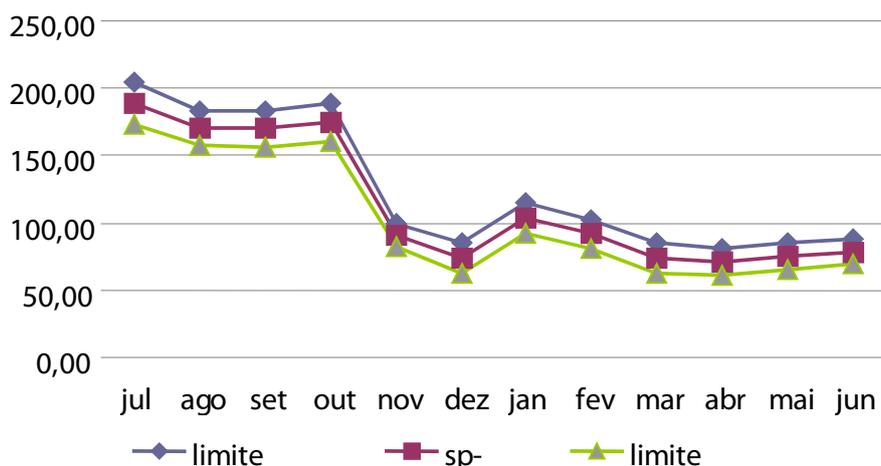
Fonte:Conab

Gráfico 5 – Preços recebidos pelos produtores – GO – R\$ 60 kg



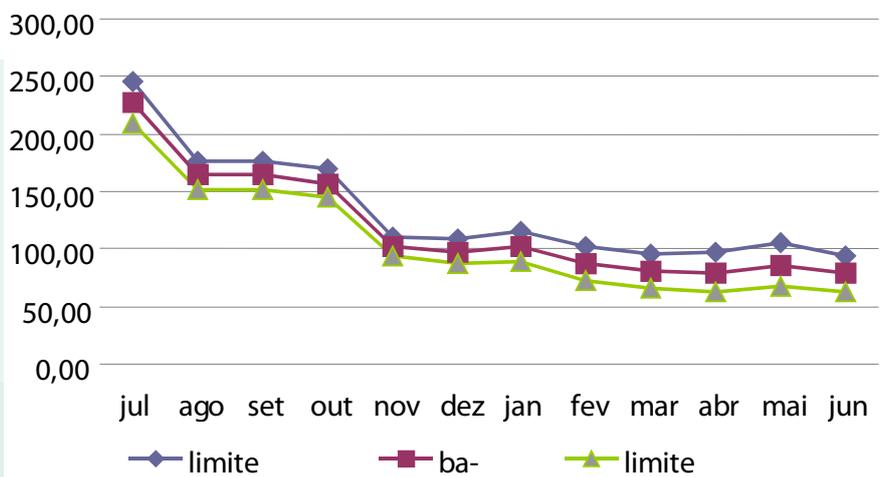
Fonte:Conab

Gráfico 6 – Preços recebidos pelos produtores – SP – R\$ 60 kg



Fonte: Conab

Gráfico 7 – Preços recebidos pelos produtores – BA – R\$ 60 kg



Fonte: Conab



Neste capítulo, são apresentados alguns aspectos do setor lácteo, no mercado mundial e no país, no que se refere à produção, consumo, comércio e preços, com o objetivo de apresentar informações que auxiliem o setor a vislumbrar a situação de mercado para a estação 2013/14 e na próxima década.

1. Mercado internacional

1.1. Principais países produtores

Conforme as informações do United States Department of Agriculture / Foreign Agricultural Service (USDA/FAS), Dairy: World Markets and Trade, de julho/2013, a produção de leite de vaca de países selecionados, evoluiu a uma taxa de + 1,7% aa entre 2008 e 2012, sendo estimada em + 1,0% em 2013, quando deverá alcançar 469,1 milhões de t (Tabela 1).

De acordo com as informações da edição de 2012, do Agricultural Outlook 2012 - 2021, da OECD/FAO (Organization for Economic Cooperation and Development / Food and Agriculture Organization), a produção mundial de leite advém de 626 milhões de animais, sendo 83% vacas; 13% búfalos, 2,0% cabras; 1% ovelhas e 1% camelos. Nos países desenvolvidos a produção advém, em sua maioria, de vacas leiteiras (Estados Unidos 100% e União Européia - 27 97%), enquanto nos países em desenvolvimento esses percentuais são menores: Etiópia (82%), Argélia (78%) e Índia (40%).

De acordo com a publicação da FAO, Milk and Dairy Products in Human Nutrition, de 2013, as proporções, no Brasil, são: 99,5% da produção é de leite de vaca e 0,5% de leite de cabra, considerando a média do período 2006 - 09.

A seguir comenta-se a situação atual e as perspectivas de produção para os principais países produtores e exportadores.

A UE (27) deverá aumentar a sua produção em + 0,1% em 2013, inferior aos + 0,6% do ano anterior, alcançando 139,2 milhões de t, com pequeno aumento da demanda interna e exportações estimadas em 7,8% de sua produção. Essa região experimentou um inverno rigoroso e longo no primeiro semestre de 2013 e altos custos de produção, o que diminuiu a lucratividade da atividade, reduzindo a produção.

O segundo semestre deverá apresentar preços altos para os produtores e menores preços das rações, o que terá efeito positivo na produção. A UE - 27 destina uma proporção crescente de leite para a produção de queijos. A tendência de redução do rebanho permanece, sendo estimada em - 0,6% em 2013 relativamente ao ano anterior, totalizando 22,7 milhões de cabeças.

De acordo com dados divulgados pela Organization for Economic Cooperation and Development e Food and Agriculture Organization (OECD/FAO), Agricultural Outlook 2013 -2022, de 2013, para a produção de leite de diversos animais, a produção da UE - 27 deverá aumentar em + 0,6% aa até 2022, considerando-se como base a média de produção do período entre 2010 e 2012. O fim do sistema de quotas na UE - 27, em abril/2015, não deverá ter efeitos significativos na produção, devido ao atual não preenchimento das quotas e à reestruturação que ocorre atualmente no sistema europeu de produção de lácteos.

Nos Estados Unidos, a produção aumentou + 2,1% em 2012 e deverá aumentar + 0,9% em 2013, alcançando 91,6 milhões de t. No primeiro semestre de 2013 houve um aumento dos preços pagos ao produtor, o que impulsionou a recuperação da atividade. Conforme as projeções da OECD/FAO, o aumento da produção nos próximos dez anos, considerando a média entre 2010 - 12 e 2022, deverá ser de + 1,7% aa.

De acordo com o relatório da Food and Agriculture Organization (FAO), Food Outlook, de junho/2013, as exportações norte-americanas de lácteos, em equivalente leite, aumentaram de 4,1 milhões de t, no período 2009 - 11, para uma estimativa de 5,1 milhões de t em 2013 em equivalente leite (ou + 22,3%), principalmente de leite em pó desnatado, aumentando a sua participação no mercado internacional de 8,9% para 9,3% das exportações totais mundiais, sendo o terceiro maior exportador em equivalente leite, depois de Nova Zelândia e UE - 27.

Tabela 1 – Leite: produção mundial (países selecionados)

| País/Bloco | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 (e) ¹ | 2013 (p) ¹ | Prod. média | Part. média | Taxa de crescimento | | | |
|------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------------|-----------------------|----------------|--------------|---------------------|-------------|--------------|-----------------|
| | | | | | | | no período | na prod. (%) | 2008-12 | 2013/12 | 2012/11 | 2008-12 |
| | | | | | | | 2008-2012 | % | % | % | 2010-12-2022 | % |
| | | | | | | | | | % | aa | % | aa ² |
| UE (27) | 133.848 | 133.700 | 135.472 | 138.220 | 139.000 | 139.200 | 136.048 | 30,5% | 0,1% | 0,6% | 0,9% | 0,6% |
| Estados Unidos | 86.174 | 85.880 | 87.474 | 88.978 | 90.865 | 91.640 | 87.874 | 19,7% | 0,9% | 2,1% | 1,3% | 1,7% |
| Índia | 44.500 | 48.160 | 50.300 | 53.500 | 55.500 | 57.780 | 50.392 | 11,3% | 4,1% | 3,7% | 5,7% | 3,7% |
| Brasil | 28.468 | 30.016 | 31.698 | 33.118 | 34.111 | 34.794 | 31.482 | 7,1% | 2,0% | 3,0% | 4,6% | 2,1% |
| China | 34.300 | 28.445 | 29.300 | 30.700 | 32.600 | 34.650 | 31.069 | 7,0% | 6,3% | 6,2% | -1,3% | 3,4% |
| Rússia | 32.500 | 32.600 | 31.847 | 31.646 | 31.917 | 31.600 | 32.102 | 7,2% | -1,0% | 0,9% | -0,5% | 1,5% |
| Nova Zelândia | 15.580 | 16.983 | 17.173 | 18.965 | 20.567 | 19.169 | 17.854 | 4,0% | -6,8% | 8,4% | 7,2% | 2,8% |
| Argentina | 10.010 | 10.350 | 10.600 | 11.470 | 11.815 | 12.230 | 10.849 | 2,4% | 3,5% | 3,0% | 4,2% | 3,8% |
| México | 10.907 | 10.866 | 11.033 | 11.046 | 11.274 | 11.270 | 11.025 | 2,5% | 0,0% | 2,1% | 0,8% | 0,9% |
| Ucrânia | 11.524 | 11.370 | 10.977 | 10.804 | 10.900 | 11.050 | 11.115 | 2,5% | 1,4% | 0,9% | -1,4% | 1,2% |
| Austrália ² | 9.500 | 9.326 | 9.327 | 9.568 | 9.790 | 9.738 | 9.502 | 2,1% | -0,5% | 2,3% | 0,8% | 1,5% |
| Canadá | 8.270 | 8.80 | 8.350 | 8.400 | 8.450 | 8.500 | 8.350 | 1,9% | 0,6% | 0,6% | 0,5% | 0,8% |
| Japão | 7.982 | 7.910 | 7.721 | 7.474 | 7.631 | 7.575 | 7.744 | 1,7% | -0,7% | 2,1% | -1,1% | -0,1% |
| Total | 433.563 | 433.886 | 441.272 | 453.889 | 464.420 | 469.196 | 445.406 | 100% | 1,0% | 2,3% | 1,7% | 2,3% |

Legenda:

1. 2012 (estimativa), 2013 (previsão). Para o Brasil considerou-se 1 litro = 1,032 kg;
2. Para o período até 2008 considera-se ano safra encerrado em 30/junho;
3. Projeções OCDE/FAO Agricultural Outlook 2013-2022 para produção de leite entre 2010 - 12 e 2022

Fonte: IBGE; USDA

Nota: As projeções da OCDE/FAO até 2022 consideram a produção de leite de bovinos, búfalos, cabras, ovelhas e camelos

Os produtores norte-americanos de leite propõem que a nova Farm Bill contemple, não só a proteção contra a queda de preços, mas também contra a redução das margens de rentabilidade da atividade causada pelo aumento dos custos de produção, devido, principalmente, à alta dos preços dos grãos forrageiros.

O Brasil, quarto maior produtor mundial, aumentou a sua produção de leite de vaca a um ritmo de + 4,6% aa no período 2008 - 2012, estimando-se haver alcançado 34,1 milhões de t em 2012, um aumento de + 3,0% em relação ao ano anterior. A depender do comportamento da produção no segundo semestre deste ano, a produção deverá aumentar + 2,0%, atingindo 34,7 milhões de toneladas, mesmo em um cenário de custos de produção altos, seca no Nordeste e déficit na balança comercial de lácteos.

Para os próximos dez anos (média entre 2010 - 12 e 2022), a taxa média anual estimada de aumento da produção é de + 2,1% aa.

A produção na China continuará em expansão em 2013 a uma taxa de + 6,3%, devendo alcançar 34,6 milhões de t. A taxa média anual de redução foi de - 1,3% aa nos últimos cinco anos e deveu-se à reorganização do setor lácteo no país, com o governo intervindo para reestruturar a indústria nacional e melhorar a qualidade e confiança nos produtos domésticos. De acordo com as projeções da OECD/FAO, a produção chinesa de leite deverá aumentar a uma taxa média de + 3,4% aa até 2022, assumindo como base a média de produção do período 2010 - 12.

A produção na Nova Zelândia está estimada em 19,1 milhões de t em 2013, uma redução de - 6,8% na comparação com o ano anterior, devido à seca que atingiu o país e ao aumento dos custos de produção. A previsão de aumento médio da produção para o período 2010 - 12 a 2022 está estimada em + 2,8% aa.

Suas exportações deverão representar 33,5% do total das exportações em equivalente leite mundiais em 2013, tendo sido de 30,8% no período 2009 - 11, sendo o maior exportador mundial, devendo exportar 93,5% de sua produção no ano corrente.

Prevê-se, de acordo com o USDA/FAS, as seguintes participações percentuais das exportações neozelandesas das principais commodities em 2013: 63,8% (1,4 milhão de t) do total das exportações mundiais de leite em pó integral; 88,9% (480 mil t) das de manteiga; 24,8% (405 mil t) das de leite em pó desnatado; e 16,0% (270 mil t) das de queijo.

O rebanho leiteiro do país deverá se reduzir em - 0,1% em 2013 e a região enfrenta crescentemente bruscas alterações climáticas como a recente severa seca.

A produção na Argentina deverá ser de 12,2 milhões de t em 2013, um aumento de + 3,5% sobre o ano anterior, tendo sido de + 3,0% em 2012, devido ao aumento da demanda externa. Para os próximos dez anos (base no período 2010 - 12), a OECD/FAO estima que a sua produção deverá aumentar + 3,8 % aa. Sua participação, em equivalente leite, no mercado mundial deverá diminuir de 3,7% no período 2009 - 11 para uma estimativa de 3,4% em 2013.

De acordo com o relatório do USDA/FAS, em 2013 a Argentina deverá exportar 239 mil t de leite em pó integral (terceiro maior exportador); 62 mil t de queijo (sexto maior exportador); 25 mil t de manteiga (quinto maior exportador); e 20 mil t de leite em pó desnatado (quinto maior exportador).

Após um período de pouco aumento da produção entre 2008 e 2012, a produção de leite na Austrália deverá se reduzir em - 0,5% em 2013, alcançando 9,7 milhões de t. O rebanho deverá se reduzir em - 0,3% em 2013. O crescimento da produção até 2022 (base 2010 - 12) está estimado em + 1,5 % aa. Suas exportações diminuirão de 6,9% do total das exportações mundiais no período 2009 - 11 para uma estimativa de 6,3% em 2013, sendo o quarto maior exportador em equivalente leite. De acordo com as informações do USDA/FAS, o país deverá exportar, em 2013: queijo (185 mil t); leite em pó desnatado (165 mil t); leite em pó integral (100 mil t); e manteiga (60 mil t).

As projeções da OECD/FAO para o crescimento da produção mundial de leite de vaca e outros animais na próxima década indicam um aumento de + 22,8% entre a média do período 2010 - 12 a 2022, a uma taxa média anual de + 2,3% aa, um acréscimo de 168,0 milhões de t, evoluindo de 737,1 milhões de t para 905,1 milhões de t. Na década anterior, o aumento da produção mundial ocorreu a uma taxa de + 2,4% aa, entre 2003 e 2012. A produção de leite estará crescentemente sujeita a limitações de falta de água e de terras apropriadas nos países em desenvolvimento e nos desenvolvidos, nesses últimos adicionando-se restrições ambientais, estritas regulamentações sobre o bem-estar dos animais e aumento dos custos de produção.

Os países desenvolvidos deverão aumentar a sua produção em + 12,0%, entre a média 2010 - 12 e 2022, um acréscimo de 44,1 milhões de t, ou 26,3% do acréscimo da produção mundial, a uma taxa de + 1,3 % aa, alcançando 412,2 milhões de t no final do período.

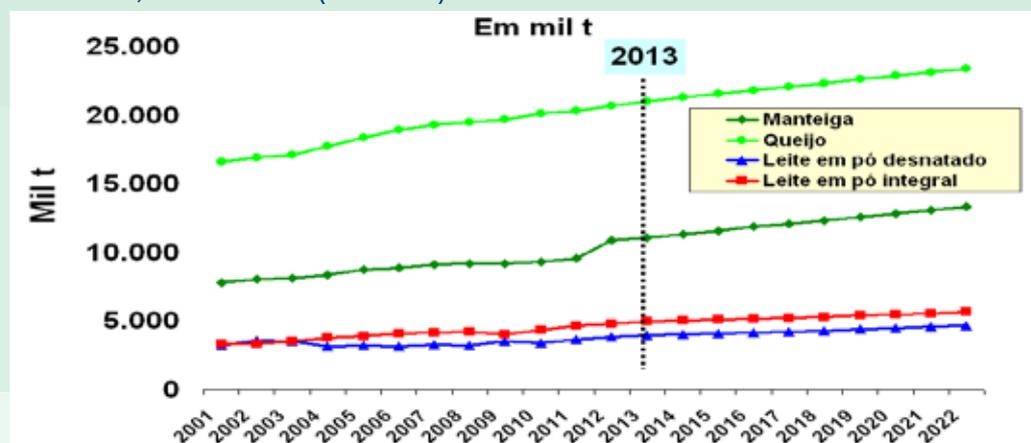
No mesmo período, os países em desenvolvimento terão um aumento de sua produção de + 33,6%, ou 123,8 milhões de t, a uma taxa de + 3,3% aa, alcançando 492,9 milhões de t

em 2022, participando com 73,7% do acréscimo da produção mundial nos próximos dez anos, principalmente devido ao acréscimo da produção na Ásia: a Índia, que inclui leite de búfalos, participará com 29,3% do acréscimo e a China participará com 9,0% do aumento previsto da produção. Será seguida pela América Latina que participará com 13,4% do acréscimo, sendo o Brasil responsável por 3,9% e a Argentina por 2,6% do aumento; pela Europa (9,3% do aumento), sendo 4,6% do acréscimo devido à UE - 27. A África participará com 7,0% do aumento. Os Estados Unidos com 8,7%; e a Nova Zelândia participará com 3,1% da produção adicional entre 2010 - 12 e 2022.

Quando se compara o aumento da produção de derivados lácteos entre a média 2010 -12 e 2022, entre países desenvolvidos e em desenvolvimento, as participações são aproximadamente as mesmas, de 49,0% e 51,0%, respectivamente.

Nos próximos dez anos, o aumento da produção mundial de derivados lácteos será a seguinte: a produção de manteiga aumentará + 34,8%, a uma taxa média anual de + 3,4% aa, evoluindo de 9,8 milhões de t, no período 2010 - 12, para 13,3 milhões de t em 2022; a produção mundial de queijo deverá aumentar + 14,7%, a uma taxa de + 1,5% aa, evoluindo de 20,3 milhões de t para 23,3 milhões de t no mesmo período; a produção de leite em pó desnatado aumentará + 29,1%, a uma taxa de + 2,9 % aa, evoluindo de 3,61 milhões de t para 4,66 milhões de t no final do período; e a produção estimada de leite em pó integral deverá aumentar + 23,2 %, a uma taxa média de + 2,3 % aa, de 4,57 milhões de t, no período base de 2010 - 12, alcançando 5,63 milhões de t em 2022 (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Mundo: Produção de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, histórica e estimada, 2001 a 2022 (em mil t)



Fonte: OEDC/FAO

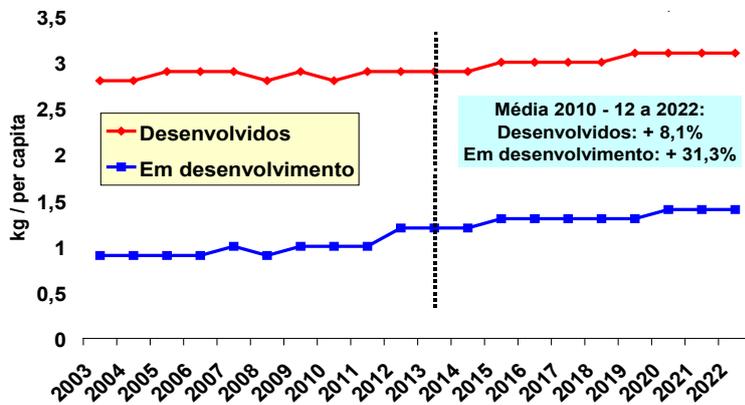
1.2. Mercado consumidor

Na média do período 2010 - 12, o consumo per capita dos principais derivados lácteos, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, foram os seguintes, respectivamente: manteiga (2,87 kg/per capita e 1,07 kg/per capita); queijo (11,53 kg/per capita e 0,80 kg per capita); leite em pó desnatado (1,03 kg/per capita e 0,33 kg/per capita); e leite em pó integral (0,40 kg/per capita e 0,77 kg per capita).

A estimativa do aumento do consumo dos derivados lácteos, entre 2010 - 12 e 2022, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, é a seguinte, respectivamente: manteiga (+ 8,1% e + 31,3%); queijo (+ 6,6% e + 12,5%); leite em pó desnatado (+ 16,1% e + 20,0%); leite em pó integral (estável e + 4,3%).

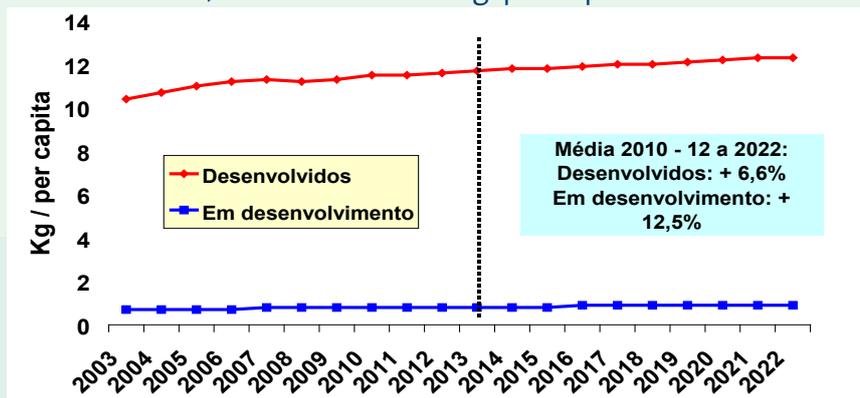
De acordo com o relatório da OEDC/FAO, o consumo de leite entre 2010 - 12 e 2022, nos países desenvolvidos deverá crescer menos do que + 1,0% aa, enquanto nos em desenvolvimento aumentará em torno de + 2,2% aa. O crescimento da renda, da população, da urbanização, acesso à refrigeração e ocidentalização das dietas impulsionam o consumo dos países em desenvolvimento.

Gráfico 2 – Manteiga: Consumo per capita, histórico e estimado, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, de manteiga, 2003 a 2022 – Em kg/per capita



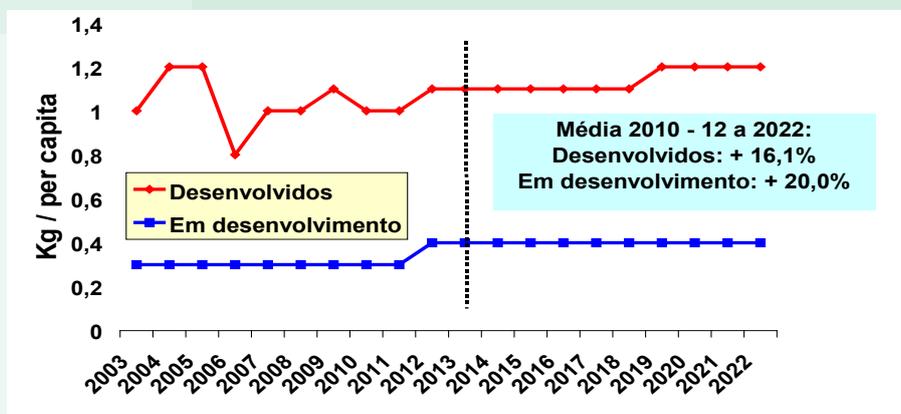
Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 3 – Queijo: Consumo per capita, histórico e estimado, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, 2003 a 2022 - Em kg/per capita



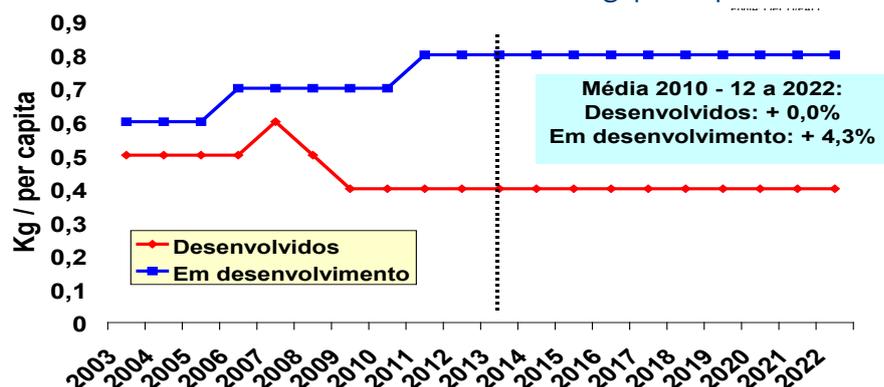
Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 4 – Leite em pó desnatado: Consumo per capita, histórico e estimado, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, 2003 a 2022 - Em kg/per capita



Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 5 – Leite em pó integral: Consumo per capita, histórico e estimado, nos países desenvolvidos e em desenvolvimento, 2003 a 2022 - Em kg/per capita



Fonte: OEDC/FAO

1.3. Comércio internacional

De acordo com o International Monetary Fund, nas publicações World Economic Outlook, de abril/2013 e no World Economic Outlook Update, de julho/2013, o comércio mundial de bens, exportações e importações, em volume, deverá aumentar + 3,5% em 2013 e + 5,3% em 2014. Medido em dólares norte-americanos, após aumentar + 1,1% em 2013, deverá diminuir - 0,4% em 2014.

As exportações mundiais de bens, em volume, dos países desenvolvidos deverão aumentar de + 2,4% em 2013 para + 4,3% em 2014, e as dos países emergentes e em desenvolvimento deverão aumentar de + 4,7% em 2013 para + 6,3% em 2014. As importações, em volume, dos países desenvolvidos deverão aumentar de + 2,1% em 2013 para + 4,3% em 2014 e as dos países emergentes e em desenvolvimento deverão aumentar de + 6,5% em 2013 para + 7,5% em 2014.

O comércio global de alimentos, medido em dólares norte-americanos, que deverá diminuir - 2,4% em 2013 deverá diminuir adicionais - 6,1% em 2014 e o de matérias primas agrícolas, cuja redução estimada é de - 1,1% em 2013, deverá se reduzir em adicionais - 0,9% em 2014, acompanhando a redução de preços das demais commodities primárias, agrícolas e metais, com exceção das do setor de bebidas (- 11,9% em 2013 e + 1,1% em 2014). O preço do petróleo, depois de diminuir - 4,7% em 2013, deverá reduzir-se em adicionais - 4,7% em 2014.

O Japão, maior importador líquido mundial de alimentos, reduzirá o seu crescimento de + 2,0% em 2013 para + 1,2% em 2014. A China, que deverá importar quase 700,0 mil t de leite em pó em 2013, tem o seu crescimento estimado em + 7,8% em 2013 (+ 7,7% em 2014); a Índia deverá crescer + 5,6% em 2013 (+ 6,3% em 2014); a Rússia deverá crescer + 2,5% em 2013 (+ 3,3% em 2014); e o Brasil em + 2,5% em 2013 (+ 3,2% em 2014).

Os cinco países pertencentes à Associação das Nações do Sudeste da Ásia (ASEAN - 5), Indonésia, Tailândia, Malásia, Filipinas e Vietnam, grandes importadores de lácteos, principalmente de leite em pó, aumentarão levemente o seu crescimento de + 5,6% em 2013 para + 5,7% em 2014.

A Argélia, grande importador de leite em pó, aumentará seu crescimento de + 3,3% em

2013 para + 3,4% em 2014. O México, grande importador de leite em pó desnatado, crescerá + 2,9% em 2013 e + 3,2% em 2014.

O crescimento dos países importadores e os diversos acordos de livre comércio e acordos regionais de comércio que estão sendo negociados no momento, entre eles o Trans-Pacific Partnership, envolvendo América do Norte, os países da Oceania, Vietnã, Malásia, Chile, Singapura, Brunei e Peru, deverão dar impulso adicional ao comércio internacional de lácteos.

Conforme o relatório da OECD/FAO, os principais exportadores de produtos lácteos na próxima década permanecem sendo Nova Zelândia, UE - 27, Estados Unidos, Austrália e Argentina, responsáveis por mais de 75,0% do comércio global, sendo os importadores bastante diversificados, mas principalmente China, Sudeste da Ásia, Oriente Médio, Norte da África e México.

O leite em pó desnatado será a commodity que mais ampliará o seu comércio mundial, no conceito de exportações, o qual deverá aumentar + 27,4% entre a média do período 2010 - 12 e 2022, evoluindo de 1,7 milhão de t para 2,1 milhões de t no final do período. Será seguido pelo queijo, que aumentará as suas exportações em + 21,6%, de 2,3 milhões de t para 2,8 milhões de t em 2022; pela manteiga, cujas exportações devem evoluir + 19,2%, de 842,3 mil t para 1,0 milhão de t no mesmo período; e pelo leite em pó integral, cujas exportações aumentarão de 2,1 milhões de t em média no período 2010 - 12 para 2,5 milhões de t em 2022, ou + 18,3%.

Considerando a média anual entre os anos 2010 - 12, os principais exportadores de manteiga foram: Nova Zelândia (419,5 mil t); UE - 27 (134,9 mil t); Austrália (59,4 mil t); Estados Unidos (55,3 mil t); e Argentina (19,6 mil t), atingindo 81,8% do total exportado.

Os maiores exportadores de queijo foram: UE - 27 (705 mil t); Arábia Saudita (287,4 mil t); Nova Zelândia (267,2 mil t); Austrália (164,2 mil t); Egito (157,4 mil t); Estados Unidos (151,3 mil t); e Argentina (52,9 mil t), sendo responsáveis por 76,6% das exportações totais de queijo.

Os principais exportadores de leite em pó desnatado, na média do período 2010 - 12, foram: UE - 27 (484,9 mil t); Estados Unidos (427,6 mil t); Nova Zelândia (404,1 mil t); e Austrália (140,7 mil t), responsáveis por 85,3% das exportações totais dessa commodity.

Os maiores exportadores de leite em pó integral foram: Nova Zelândia (1.030,4 mil t); UE - 27 (399,0 mil t); Argentina (188,8 mil t); e Austrália (100,7 mil t), responsáveis por 79,4% das exportações totais no período 2010 - 12.

Entre os maiores exportadores, o estudo da OECD/FAO estima que a Nova Zelândia deverá perder participação no mercado mundial, entre 2010 - 12 e 2022, no comércio de manteiga (- 1,4%) e de leite em pó desnatado (- 22,3%), ganhando participação em queijo (+ 13,9%) e leite em pó integral (+ 18,1%). A Austrália deverá perder participação, na comparação dos dois períodos, em manteiga (- 10,5%); queijo (- 9,2%); leite em pó desnatado (- 9,1%); e leite em pó integral (- 13,1%). A Argentina deverá perder participação no mercado mundial de queijo (- 28,7%), mas aumentando a sua participação no comércio mundial de manteiga (+ 44,6%) e leite em pó integral (+ 13,4%). A UE - 27 deverá reduzir sua participação no mercado mundial de leite em pó integral (- 22,4%), e aumentar a sua participação em manteiga (+ 2,1%), queijo

(+ 8,7%) e leite em pó desnatado (+ 7,4%). Os Estados Unidos ganham participação no mercado internacional de manteiga (+ 29,4%), queijo (+ 11,4%) e leite em pó desnatado (+ 28,3%) (Tabela 2).

Na média anual do período 2010 - 12, os principais importadores de manteiga foram: Rússia (136,6 mil t); Egito (81,9 mil t); Arábia Saudita (51,2 mil t); Irã (48,9 mil t); China (35,8 mil t); México (22,9 mil t); Filipinas (21,6 mil t); Indonésia (14,6 mil t); e Tailândia (11,5 mil t), responsáveis por 51,7% das importações mundiais dessa commodity.

Os maiores importadores de queijo, na média anual entre 2010 - 12, foram: Rússia (384,7 mil t); Japão (211,8 mil t); Estados Unidos (136,0 mil t); México (91,6 mil t); Coreia do Sul (71,4 mil t); Egito (50,8 mil t); Nigéria (32,4 mil t); China (30,1 mil t); Brasil (30,1 mil t); Casaquistão (26,5 mil t); Argélia (22,0 mil t); Filipinas (17,6 mil t); Indonésia (17,3 mil t); Tailândia (13,2 mil t); Ucrânia (12,0 mil t); Vietnã (9,1 mil t); e África do Sul (8,7 mil t); representando 50,0 % das importações médias anuais mundiais de queijo no período.

Os principais importadores de leite em pó desnatado, no período 2010 - 12, foram: México (209,3 mil t); Indonésia (133,7 mil t); China (128,6 mil t); Argélia (112,1 mil t); Filipinas (108,1 mil t); Malásia (96,3 mil t); Vietnã (68,7 mil t); Egito (53,5 mil t); e Rússia (44,2 mil t), representando 58,7% do total das importações mundiais no período.

Os maiores importadores de leite em pó integral, na média do período 2010 - 12, foram: China (349,3 mil t); Argélia (183,3 mil t); Arábia Saudita (113,0 mil t); Nigéria (106,7 mil t); Brasil (75,3 mil t); Indonésia (58,6 mil t); Vietnã (47,9 mil t); Tailândia (32,1 mil t); México (31,6 mil t); Sudão (29,4 mil t); Filipinas (29,3 mil t); e Bangladesh (27,1 mil t), representando 51,2% do total das importações mundiais dessa commodity.

Tabela 2 – Lácteos: principais exportadores, históricos e estimados, 2010-12 e 2022 - em mil toneladas e %

| Derivado | 2010-12 | Part. % | 2022 | Part. % | Var. Part. % |
|-----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| Manteiga | | | | | |
| Nova Zelândia | 419,5 | 49,8% | 493,4 | 49,1% | -1,4% |
| UE - 27 | 134,9 | 16,0% | 164,2 | 16,3% | 2,1% |
| Estados Unidos | 55,3 | 6,6% | 85,3 | 8,5% | 29,4% |
| Austrália | 59,4 | 7,1% | 63,4 | 6,3% | -10,5% |
| Argentina | 19,6 | 2,3% | 33,8 | 3,4% | 44,6% |
| Países acima | 688,7 | 81,8% | 840,1 | 83,7% | 2,3% |
| MUNDO | 842,3 | 100,0% | 1004,3 | 100,0% | 0,0% |
| Queijo | | | | | |
| UE - 27 | 705 | 30,2% | 932,5 | 32,9% | 8,7% |
| Nova Zelândia | 267,2 | 11,5% | 370,2 | 13,1% | 13,9% |
| Austrália | 164,2 | 7,0% | 181,3 | 6,4% | -9,2% |
| Egito | 157,4 | 6,8% | 208,1 | 7,3% | 8,7% |
| Estados Unidos | 151,3 | 6,5% | 205,1 | 7,2% | 11,4% |
| Argentina | 52,9 | 2,3% | 45,9 | 1,6% | -28,7% |
| Países acima | 1498 | 64,2% | 1943,1 | 68,5% | 6,6% |
| MUNDO | 2331,6 | 100,0% | 2836,1 | 100,0% | 0,0% |

| Derivado | 2010-12 | Part. % | 2022 | Part. % | Var. Part. % |
|------------------------------|---------------|---------------|---------------|---------------|--------------|
| Leite em pó desnatado | | | | | |
| UE - 27 | 484,9 | 28,5% | 663,5 | 30,6% | 7,4% |
| Estado Unidos | 427,6 | 25,1% | 698,9 | 32,2% | 28,3% |
| Nova Zelândia | 401,1 | 23,5% | 396,8 | 18,3% | -22,3% |
| Austrália | 140,7 | 8,3% | 163,0 | 7,5% | -9,1% |
| Países acima | 1454,3 | 85,3% | 1922,2 | 88,6% | 3,8% |
| MUNDO | 1704,0 | 100,0% | 2170,6 | 100,0% | 0,0% |
| Leite em pó integral | | | | | |
| Nova Zelândia | 1030,4 | 47,6% | 1438,8 | 56,2% | 18,1% |
| UE - 27 | 399,0 | 18,4% | 366,3 | 14,3% | -22,4% |
| Argentina | 188,8 | 8,7% | 253,2 | 9,9% | 13,4% |
| Austrália | 100,7 | 4,7% | 103,5 | 4,0% | -13,1% |
| Países acima | 1718,9 | 79,4% | 2161,8 | 84,5% | 6,3% |
| MUNDO | 2163,5 | 100,0% | 2558,6 | 100,0% | 0,0% |

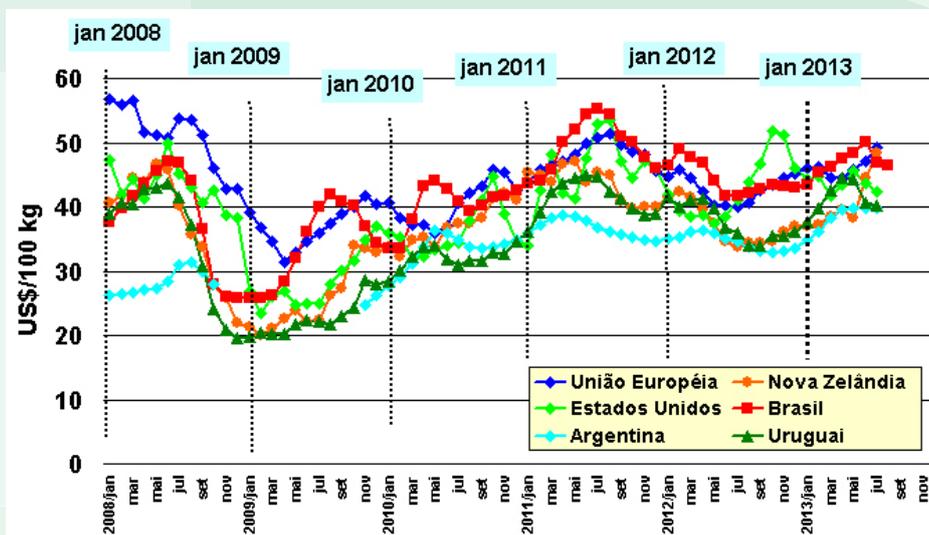
Fonte: OCDE/FAO

1.4. Preços internacionais: ao produtor e de commodities

Os preços pagos ao produtor nos principais países produtores, em julho, foram os seguintes: Argentina (US\$ 39,72/100 kg); Uruguai (US\$ 40,19/100 kg); Estados Unidos (US\$ 42,39/100 kg); Brasil (US\$ 46,82/100 kg); Nova Zelândia (US\$ 48,40/100 kg); e União Europeia - 27 (US\$ 49,16/100 kg) (Gráfico 6).

Esses preços apresentaram recuperação nos últimos doze meses, refletindo o aumento dos custos de produção, a diminuição da produção devida às adversidades climáticas, principalmente nos Estados Unidos e Nova Zelândia, aliados à demanda internacional firme pelos produtos lácteos. Os aumentos foram: Argentina (+ 14,0%); Uruguai (+ 11,9%); Estados Unidos (+ 3,2%); Brasil (+ 12,0%); Nova Zelândia (+ 43,4%); e UE - 27 (+ 23,1%). Para 2014, estimam-se aumentos dos preços pagos ao produtor nas principais regiões produtoras, devido ao ainda alto custo de produção, ao menor aumento previsto da produção e à pouca rentabilidade da atividade.

Gráfico 6 – Preços pagos ao produtor na EU (27), Nova Zelândia, Estados Unidos, Brasil, Argentina e Uruguai, jan./2008 a jun.2013 – Em US\$ 100 kg



Fonte: OEDC/FAO

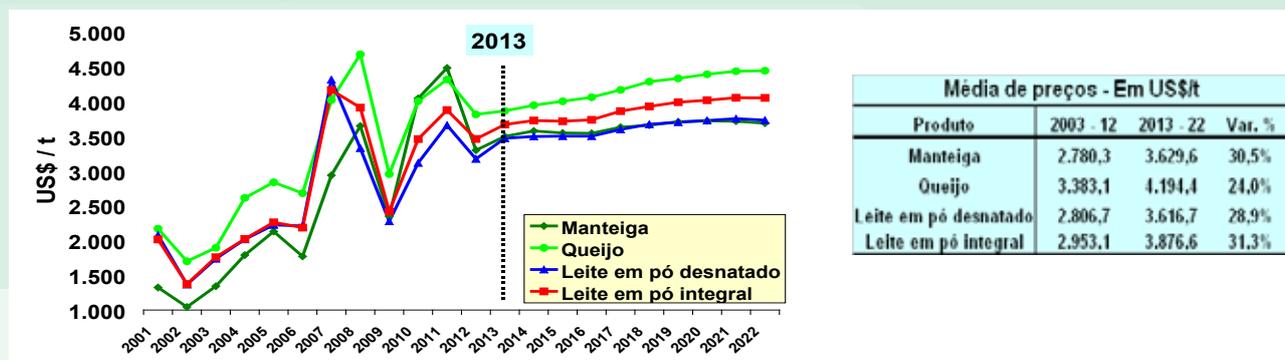
No que se refere às *commodities* lácteas, seus preços internacionais nominais apresentaram recuperação a partir do segundo semestre de 2012 e deverão manter-se em patamares elevados na próxima década.

Na comparação da média de preços nominais dos últimos dez anos (2003 a 2012) com os preços nominais dos próximos dez anos (2013 a 2022) encontram-se os seguintes resultados: manteiga, preço médio evoluindo de US\$ 2.780,3/t para US\$ 3.629,6/t, ou + 30,5%; queijo com preço médio evoluindo de US\$ 3.383,1/t para US\$ 4.194,4/t, ou + 24,0%; leite em pó desnatado, preço médio evoluindo de US\$ 2.806,7/t para US\$ 3.616,7/t, ou + 28,9%; e leite em pó integral, com preço médio evoluindo de US\$ 2.953,1/t para US\$ 3.876,6/t, ou + 31,3% (Gráfico 3).

Os preços deverão permanecer altos e voláteis devido à estimativa de pouco aumento da produção nos principais exportadores, à pequena proporção da produção que é comercializada no mercado mundial (estimativa de 7,0% em 2013), ao reduzido número de exportadores, aos baixos estoques públicos na UE - 27 e nos Estados Unidos e às freqüentes e imprevistas adversidades climáticas. A esses fatores alia-se o crescimento econômico, ainda em taxas elevadas, da Ásia e dos países do Sudeste Asiático, com demanda crescente devido ao aumento da população, aumento da renda, urbanização e ocidentalização das dietas.

Para 2014, as projeções da OEDC/FAO estimam uma média anual de US\$ 3.576,8/t para o preço da manteiga (+ 2,2% na comparação com o ano anterior); de US\$ 3.946,4/t para o queijo (ou + 2,1% na comparação com 2013); de US\$ 3.498,1/t para o leite em pó desnatado (+ 0,8% na comparação com o ano anterior); e de US\$ 3.727,3/t para o leite em pó integral (ou + 1,6% na comparação com 2013).

Gráfico 7 – Preços internacionais nominais, históricos e estimados, de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2001 a 2022 – Em US\$/t



Fonte: OEDC/FAO

2. Mercado nacional

2.1. Produção e consumo de leite e derivados

A Tabela 3 apresenta o quadro de oferta e demanda em equivalente leite no país entre 2008 e 2014, sendo estimativas as informações para os dois últimos anos.

A produção nacional de leite aumentou a uma taxa média anual de + 4,1% aa entre 2008 e 2013, evoluindo de 27,5 bilhões de litros para 33,7 bilhões de litros (estimativa para o último ano). Para 2014, estima-se um crescimento da produção de + 3,0%, podendo alcançar 34,7 bilhões de litros.

No mesmo período, a produção sob inspeção aumentou a uma taxa média anual de + 3,6% aa, devendo alcançar 23,0 bilhões de litros em 2013, ou 68,4% da produção total. Espera-se um aumento de + 3,0% em 2014, ou seja, uma produção sob inspeção federal, estadual ou municipal de 23,6 bilhões de litros.

Em 2013, as exportações devem aumentar + 10,0%, alcançando 198,0 milhões de litros e para as importações se estima uma redução de - 10,0% devendo situar-se em 1,057 bilhão de litros. A balança comercial de lácteos em 2014 deverá continuar sendo deficitária, com importações de 1,0 bilhão de litros e exportações de 217,8 milhões de litros.

Estima-se que o consumo *per capita* nacional de equivalente leite aumentou + 23,3% entre 2008 e 2013, a uma taxa média anual de + 4,3% aa, evoluindo de 142,2 litros/per capita/ano para 175,4 litros/per capita/ano, ainda bastante inferior ao consumo aparente, por exemplo, em 2010, na Argentina, de 208,3 litros/per capita/ano ou no Uruguai, em 2011, de 239,0 litros/per capita/ano.

O consumo interno previsto para 2014 é de 178,0 litros/*per capita*/ano. A média para os países desenvolvidos, em 2013, está estimada em 238,0 kg/*per capita*/ano e a dos países em desenvolvimento em 75,9 kg/*per capita*/ano.

O aumento da produção interna irá depender da evolução dos custos de produção, da disponibilidade de terras apropriadas para pastagens e água, dos preços do milho e farelo de soja, da mão-de-obra e energia, e da ocorrência de condições climáticas apropriadas, fatores aliados à continuidade do crescimento do mercado consumidor interno.

Tabela 3 – Brasil: quadro de oferta e demanda de leite (equivalente)*** - 2008 a 2014 (estimativa) - em milhões de litros

| Ano | Produção total | | Produção sob inspeção | | | Exportações | | | Importações | | | Consumo interno total aparente | Consumo <i>per capita</i> ** | |
|-------|----------------|----------|-----------------------|----------|----------------------|-------------|----------|--------------------|-------------|----------|--------------------|--------------------------------|------------------------------|----------|
| | Total | Var. (%) | Total | Var. (%) | Sob. insp./total (%) | Total | Var. (%) | Xs/prod. insp. (%) | Total | Var. (%) | Ms/prod. insp. (%) | | Litros/hab. | Var. (%) |
| 2008 | 27.585 | 5,5% | 19.285 | 7,8% | 69,9% | 1.088,0 | 58,6% | 5,6% | 474,0 | 21,5% | 2,5% | 26.971 | 142,2 | 3,3% |
| 2009 | 29.085 | 5,4% | 19.597 | 1,6% | 67,4% | 343,0 | -68,5% | 1,8% | 792,0 | 67,1% | 4,0% | 29.534 | 154,2 | 8,4% |
| 2010 | 30.715 | 5,6% | 20.976 | 7,0% | 68,3% | 428,0 | 24,8% | 2,0% | 789,0 | -0,4% | 3,8% | 31.076 | 160,8 | 4,3% |
| 2011 | 32.091 | 4,5% | 21.795 | 3,9% | 67,9% | 126,0 | -70,6% | 0,6% | 1.243,0 | 57,5% | 5,7% | 33.208 | 170,4 | 5,9% |
| 2012* | 33.054 | 3,0% | 22.339 | 2,5% | 67,9% | 180,0 | 42,9% | 0,8% | 1.306,0 | 5,1% | 5,8% | 34.180 | 173,9 | 2,1% |
| 2013* | 33.715 | 2,0% | 23.009 | 3,0% | 68,4% | 198,0 | 10,0% | 0,9% | 1.175,0 | -10,0% | 5,1% | 34.692 | 175,4 | 0,8% |
| 2014* | 34.726 | 3,0% | 23.699 | 3,0% | 68,3% | 217,8 | 10,0% | 0,9% | 1.057,5 | -10,0% | 4,5% | 35.566 | 178,0 | 1,5% |

Fonte: IBGE; MDIC/Alice; MAPA/AGE; OCB/CBCL; CNA; Leite Brasil; Embrapa Gado de Leite

Legenda:

* Estimativas para a produção total em 2011, 2012 e 2013, para a produção sob inspeção, exportação e importações em 2012 e 2013;

** População estimada residente em 1º de julho (Fonte: IBGE);

*** Leite de vaca.

Nota: A partir de 2007, os dados de comércio exterior incluem leite modificado, doce de leite e coalho em seus concentrados

Relativamente aos principais derivados lácteos, as projeções da OECD/FAO estimam um crescimento da produção brasileira, entre o período 2010 - 12 e 2022, de + 16,3% para a manteiga, evoluindo de 79,3 mil t para 92,3 mil t em 2022; de + 24,3% para o queijo, cuja produção deverá aumentar de 674,0 mil t para 838,1 mil t em 2022; de + 24,7% para o leite em pó desnatado, de 135,3 mil t no período 2010 - 12 para 168,7 mil t no final do período; e de + 21,0% de crescimento na produção do leite em pó integral, que deverá evoluir de 520,0 mil t para 629,4 mil t em 2022 (Gráficos 8 a 10).

Para os quatro derivados lácteos mais importantes, o país permanecerá, nos próximos dez anos, um importador líquido, complementando o abastecimento interno. Na comparação dos períodos 2010 - 12 e 2022, o país aumentará suas exportações líquidas de manteiga de - 0,53 mil t para - 4,3 mil t (ou + 706,3%); deverá diminuir as suas exportações líquidas de queijo de - 26,7 mil t para - 15,2 mil t (ou - 43,1%); as exportações líquidas de leite em pó desnatado aumentarão de - 0,2 mil t para - 25,2 mil t (ou + 12.500,0%); e as exportações líquidas de leite em pó integral devem se reduzir de - 73,1 mil t para - 47,5 mil t (ou - 35,1%).

Ainda conforme o relatório da OECD/FAO, Agricultural Outlook 2013 – 2022, o consumo nacional por habitante de manteiga deverá aumentar + 25,0% até 2022, alcançando 0,5 kg/per capita; o de queijo deverá aumentar + 12,1%, alcançando 4,0 kg/per capita; o de leite em pó desnatado, deverá alcançar 0,6 kg/per capita em 2022; e o de leite em pó integral deverá alcançar 3,2 kg/per capita no final do período (Gráfico 8).

A comparação do consumo per capita dos quatro principais derivados lácteos no Brasil e na média dos trinta e quatro países da OECD mostra os seguintes quantitativos, na média do período 2010 - 12, respectivamente: manteiga (0,4 kg/per capita e 2,7 kg/per capita, ou 14,6% do consumo dos países da OECD); queijo (3,6 kg/per capita e 11,8 kg/per capita, ou 30,2 % do consumo dos países da OECD); leite em pó desnatado (0,5 kg/per capita e 1,2 kg/per capita, ou 41,7% do consumo dos países da OECD); e leite em pó integral (3,0 kg/per capita e 0,7 kg/per capita, ou 428,6% do consumo dos países da OECD).

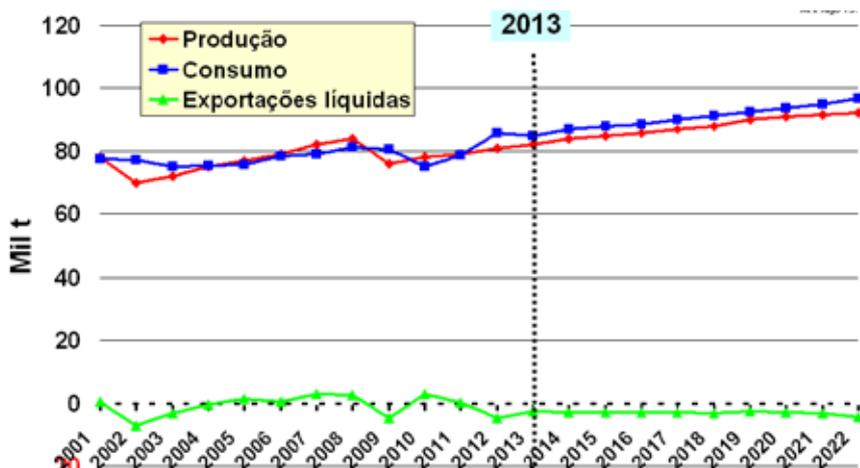
A rentabilidade da produção de lácteos irá depender da evolução dos custos de produção, com ênfase nos preços das terras para pastagens, da mão-de-obra, da energia e das rações, as últimas altamente dependentes dos preços do milho e o farelo de soja, comparativamente à evolução dos preços de mercado. A diminuição das taxas de aumento da produção estimadas para os próximos dez anos deve-se, fundamentalmente, à redução da rentabilidade da atividade.

De acordo com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o rebanho brasileiro de vacas ordenhadas foi de 23,2 milhões de cabeças em 2011, um aumento de + 1,3% sobre o ano anterior.

Os produtores classificados como pertencentes à agricultura familiar (Lei nº 11.326) representaram 58,1% da produção de leite em 2006 e os da não familiar 41,9%, em um total de 1,3 milhão de estabelecimentos produtores de leite.

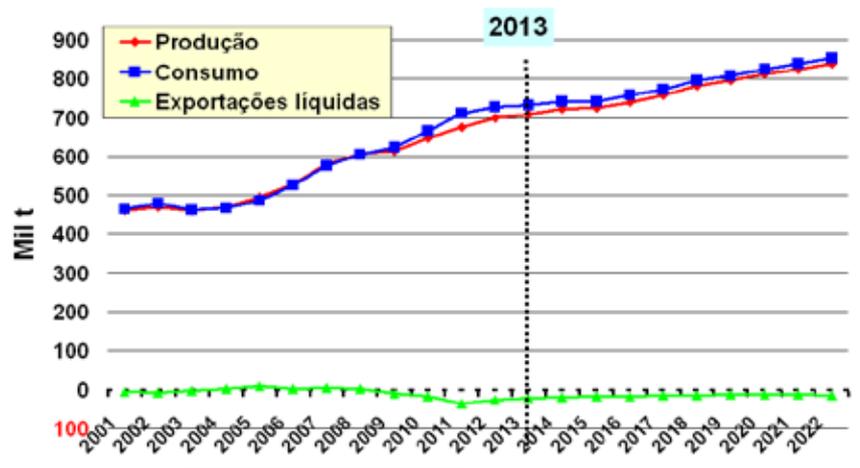
De acordo com a Confederação de Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA Brasil), o valor bruto da produção primária de leite em 2013 deverá alcançar R\$ 32,9 bilhões, um aumento de + 9,4% na comparação com o ano anterior, sendo que o valor bruto total da produção agrícola e pecuária evoluiu + 9,5%, de R\$ 396,2 bilhões em 2012 para R\$ 433,8 bilhões em 2013.

Gráfico 8 –Brasil – Manteiga: produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2022 - Em mil t



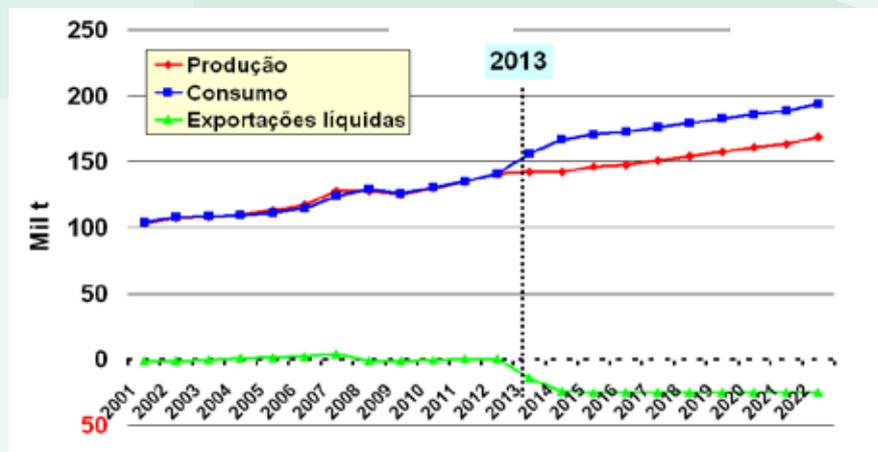
Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 9 –Brasil – Queijo: produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2022 - Em mil t



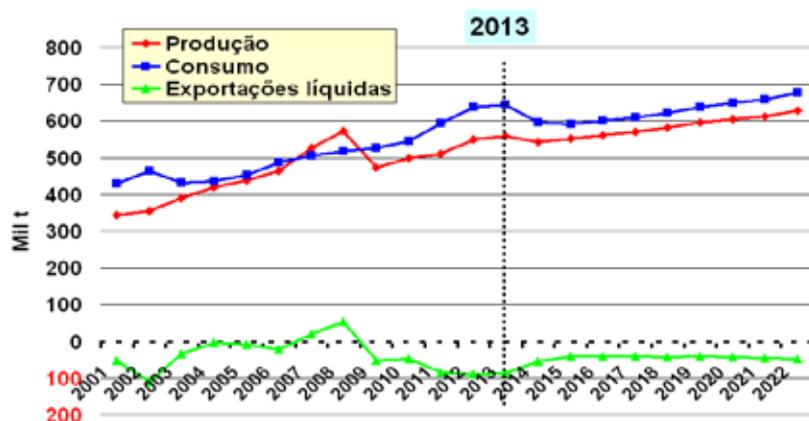
Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 10 –Brasil – Leite em pó desnatado: produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 a 2022 - Em mil t



Fonte: OEDC/FAO

Gráfico 11 – Brasil – Leite em pó integral: produção, consumo e exportações líquidas, históricas e estimadas, 2001 A 2022 - Em mil t

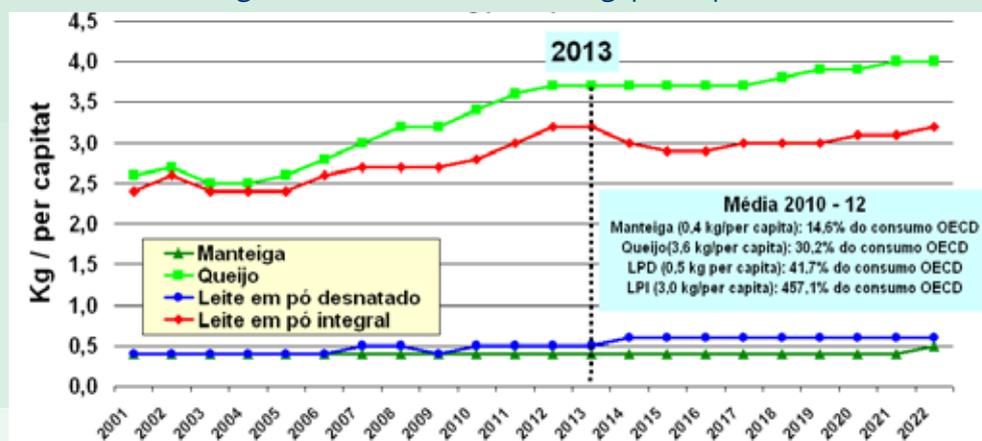


Fonte: OEDC/FAO

**Brasil: Produção de derivados
Perspectivas para 2022 (base 2010-12)**

Manteiga: +16,3%, de 79,3 mil toneladas para 92,3 mil toneladas
 Queijo: + 24,3%, de 674,0 mil toneladas para 838,1 mil toneladas
 Leite em pó desnatado: + 24,7%, de 135,3 mil toneladas para 168,7 mil toneladas
 Leite em pó integral: +21,0%, de 520,0 mil toneladas para 629,4 mil toneladas

Gráfico 12 – Brasil: Consumo per capita, histórico e estimado, de manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, 2001 A 2022 - Em mil kg/per capita

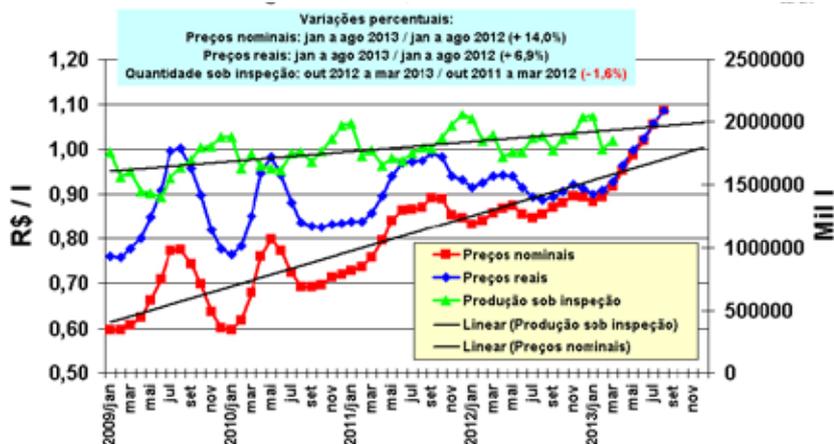


Fonte: OEDC/FAO

2.2. Preços pagos ao produtor e preços dos derivados

O Gráfico 13 apresenta os preços nominais e reais (corrigidos pelo IGP-M, base agosto/2013), entre janeiro/2009 e agosto/2013, e as quantidades produzidas de leite sob inspeção no Brasil, entre janeiro/2009 e março/2013.

Gráfico 13 – Brasil: Preços nominais e reais (IGP-M base jul 13) pagos ao produtor (até jul. 2013) e quantidades adquiridas pelos laticínios (até mar/2013), jan/2009 a jul/2013 – Em R\$/l e mil litros



Fonte: IBGE; Esalq/Cepea

O período janeiro a agosto/2013 comparado com o período janeiro a agosto/2012 mostra que houve um aumento de + 14,0% nos preços nominais médios pagos ao produtor (de R\$ 0,8539/l para R\$ 0,9737/l) e de + 6,9 % nos preços reais (de R\$ 0,9191/l para R\$ 0,9824/l). Entre outubro/2012 e março/2013 a produção sob inspeção diminuiu - 1,6% na comparação com o mesmo período do ano anterior, evoluindo de uma média mensal de 1,945 bilhões de litros para 1,914 bilhão de litros.

O início da alta estação produtiva no segundo semestre poderá significar preços estáveis ou mesmo em alta devido à redução da produção nacional sob inspeção no primeiro trimestre em - 1,4% relativamente ao mesmo período do ano anterior e à estimativa de uma menor taxa de aumento da produção em 2013, ao consumo interno firme aliado ao aumento das exportações e aos custos de produção ainda elevados.

Estima-se que o aumento do consumo interno e das exportações irão sustentar o aumento dos preços pagos ao produtor, em torno de US\$ 0,50/litro, mas a redução da rentabilidade da atividade impedirá um aumento maior da produção.

A Tabela 4 apresenta o aumento da produção sob inspeção no primeiro trimestre de 2013, na comparação com o mesmo período do ano anterior. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram reduções no primeiro trimestre de 2013 de - 1,8%, - 24,5% e - 3,1%, respectivamente, na comparação com o mesmo período do ano anterior e as regiões Sul e Sudeste apresentaram aumento de produção de + 1,2% e de + 0,5%, respectivamente, também na comparação com o mesmo período do ano anterior.

Enquanto na região Nordeste a redução da produção deveu-se à seca, na região Sul e Sudeste o pouco aumento da produção deveu-se principalmente ao aumento do custo de produção vis-à-vis os preços pagos ao produtor.

Minas Gerais, principal estado produtor, representando 24,8% da produção nacional sob inspeção, reduziu a sua produção no primeiro trimestre na comparação com o mesmo período do ano anterior, de 1,48 para 1,45 bilhões de litros, ou - 2,0%.

O Rio Grande do Sul, segundo maior estado produtor, representando 15,9% do total na-

cional, produziu 829,4 milhões de litros no primeiro trimestre de 2013, uma redução de - 5,5% na comparação com o mesmo o trimestre do ano anterior.

O Paraná, terceiro maior produtor, produziu 711,6 milhões de litros nos três primeiros meses de 2013, ou + 10,1% na comparação com o ano anterior.

São Paulo, quarto maior estado produtor em 2012, aumentou a sua produção em + 3,0% na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior, para 602,6 milhões de litros, mesmo com os produtores pressionados pelo alto custo das rações e preços insuficientes.

Santa Catarina aumentou a sua produção, em + 1,3%, alcançando 515,3 milhões de litros.

A queda de - 24,5% da produção na região Nordeste no primeiro trimestre de 2013 relativamente ao mesmo período do ano anterior, deveu-se à seca que ocasionou quedas expressivas de produção na Bahia (- 20,3%), Sergipe (- 24,5%), Alagoas (- 27,9%), Pernambuco (- 30,3%), Paraíba (- 39,4%), Rio Grande do Norte (- 23,8%) e Ceará (- 30,2%). As exceções foram o Maranhão (+ 1,6%) e Piauí (+ 45,0%).

No Nordeste a queda da produção tem sido crítica e o MAPA autorizou a reconstituição, durante os próximos três anos, de leite longa vida e pasteurizado a partir de leite em pó, com o objetivo de evitar problemas de abastecimento, desde que limitado à 35% da capacidade produtiva de cada fábrica (Instrução Normativa nº 14, de 22/4/2013, DOU de 23/4/2013).

Tabela 4 – Produção de leite *sob inspeção* (federal, estadual e municipal), 2008 A 2013, por estados, regiões e total Brasil - em mil litros

| Brasil/ Regiões/ Estados | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | janeiro a março | | | Part. prod. 2012 (%) | Variação | | |
|--------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|-----------------|----------------|---------------|-------------------------------|----------------------|----------------------|--------------------------|
| | | | | | | 2012 | 2013 | Var. (%) | | 2012/ 2011 (%) | 2011/ 2010 (%) | 2008 a 2011 (% aa) |
| Brasil | 19.285.077 | 19.601.655 | 20.975.503 | 21.795.000 | 22.338.503 | 5.766.904 | 5.685.844 | -1,4% | 100% | 2,5% | 3,9% | 4,2% |
| RO | 725.583 | 787.446 | 792.870 | 782.958 | 768.650 | 208.983 | 195.430 | -6,5% | 3,4% | -1,8% | -1,3% | 2,6% |
| AC | 12.715 | 11.149 | 10.126 | 11.177 | 14.347 | 3.178 | 3.091 | -2,7% | 0,1% | 28,4% | 10,4% | -4,2% |
| AM | 674 | x | x | 3.972 | 5.073 | 961 | 1.302 | 35,5% | 0,0% | 27,7% | - | 80,6% |
| RO | 292 | x | x | 317 | 1.059 | 148 | 386 | 160,8% | 0,0% | 234,1% | - | 2,8% |
| PA | 332.298 | 337.876 | 309.529 | 308.379 | 297.471 | 68.957 | 74.565 | 8,1% | 1,3% | -3,5% | -0,4% | -2,5% |
| TO | 123.795 | 124.297 | 126.503 | 118.718 | 116.748 | 30.810 | 32.486 | 5,4% | 0,5% | -1,7% | -6,2% | -1,4% |
| Norte | 1.195.352 | 1.352.912 | 1.243.625 | 1.225.520 | 1.203.348 | 313.037 | 307.260 | -1,8% | 5,4% | -1,8% | -1,5% | 0,8% |
| MA | 58.785 | 50.922 | 62.992 | 62.916 | 69.824 | 17.532 | 17.811 | 1,6% | 0,3% | 11,0% | -0,1% | 2,3% |
| PI | 16.066 | 12.769 | 11.573 | 9.663 | 13.214 | 2.601 | 3.771 | 45,0% | 0,1% | 36,7% | -16,5% | -15,6% |
| CE | 179.500 | 197.890 | 215.945 | 252.461 | 226.754 | 63.363 | 44.229 | -30,2% | 1,0% | -10,2% | 16,9% | 12,0% |
| RN | 78.690 | 75.524 | 75.443 | 69.041 | 58.777 | 14.916 | 11.370 | -23,8% | 0,3% | -14,9% | -8,5% | -4,3% |
| PB | 49.211 | 45.791 | 48.251 | 51.199 | 48.039 | 14.432 | 8.742 | -39,4% | 0,2% | -6,2% | 6,1% | 1,3% |
| PE | 170.568 | 162.380 | 245.100 | 273.350 | 271.938 | 74.900 | 52.181 | -30,3% | 1,2% | -0,5% | 11,5% | 17,0% |
| AL | 119.185 | 101.663 | 101.529 | 100.809 | 79.971 | 23.673 | 17.059 | -27,9% | 0,4% | -20,7% | -0,7% | -5,4% |
| SE | 89.275 | 68.339 | 85.501 | 125.169 | 116.737 | 35.838 | 27.069 | -24,5% | 0,5% | -6,7% | 46,4% | 11,9% |
| BA | 320.887 | 342.198 | 381.059 | 408.583 | 331.489 | 100.518 | 80.163 | -20,3% | 1,5% | -18,9% | 7,2% | 8,4% |
| Nordeste | 1.082.150 | 1.058.976 | 1.225.423 | 1.353.191 | 1.216.743 | 347.773 | 262.395 | -24,5% | 5,4% | -10,1% | 10,4% | 7,7% |
| MG | 5.339.419 | 5.224.538 | 5.597.929 | 5.648.763 | 5.546.817 | 1.489.141 | 1.458.976 | -2,0% | 24,8% | -1,8% | 0,9% | 1,9% |
| ES | 225.098 | 275.677 | 309.018 | 295.642 | 302.209 | 77.956 | 75.103 | -3,7% | 1,4% | 2,2% | -4,3% | 9,5% |
| RJ | 346.901 | 267.536 | 314.900 | 326.886 | 387.195 | 96.344 | 123.566 | 28,3% | 1,7% | 18,4% | 3,8% | -2,0% |
| SP | 2.294.278 | 2.113.896 | 2.316.078 | 2.515.106 | 2.332.034 | 585.138 | 602.668 | 3,0% | 10,4% | -7,3% | 8,6% | 3,1% |

| Brasil/ Regiões/ Estados | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | janeiro a março | | Var. (%) | Part. prod. 2012 (%) | Variação | | |
|--------------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|--------------|-------------------------------|----------------------|----------------------|--------------------------|
| | | | | | | 2012 | 2013 | | | 2012/ 2011 (%) | 2011/ 2010 (%) | 2008 a 2011 (% aa) |
| Sudeste | 8.205.699 | 7.899.992 | 8.545.841 | 8.786.396 | 8.568.255 | 2.248.588 | 2.260.313 | 0,5% | 38,4% | -2,5% | 2,8% | 2,3% |
| PR | 1.751.837 | 1.966.364 | 2.350.265 | 2.429.652 | 2.589.353 | 646.569 | 711.636 | 10,1% | 11,6% | 6,6% | 3,4% | 11,5% |
| SC | 1.289.194 | 1.386.357 | 1.580.195 | 1.795.887 | 2.103.820 | 508.680 | 515.338 | 1,3% | 9,4% | 17,1% | 13,6% | 11,7% |
| RS | 2.785.987 | 2.762.436 | 2.977.976 | 3.196.155 | 3.551.609 | 877.669 | 829.480 | -5,5% | 15,9% | 11,1% | 7,3% | 4,7% |
| Sul | 5.827.019 | 6.118.546 | 6.908.504 | 7.421.693 | 8.244.782 | 2.032.918 | 2.056.454 | 1,2% | 36,9% | 11,1% | 7,4% | 8,4% |
| MS | 205.979 | 217.056 | 210.881 | 200.699 | 209.940 | 52.562 | 54.632 | 3,9% | 0,9% | 4,6% | -4,8% | -0,9% |
| MT | 451.814 | 515.587 | 510.953 | 542.511 | 584.374 | 161.762 | 151.625 | -6,3% | 2,6% | 7,7% | 6,2% | 6,3% |
| GO | 2.301.849 | 2.415.025 | 2.303.954 | 2.237.105 | 2.290.603 | 603.400 | 590.054 | -2,2% | 10,3% | 2,4% | -2,9% | -0,9% |
| DF | 15.213 | 23.558 | 26.322 | 27.887 | 20.292 | 6.868 | 3.110 | -54,7% | 0,1% | -27,2% | 5,9% | 22,4% |
| Centro-Oeste | 2.974.856 | 3.171.228 | 3.052.112 | 3.008.199 | 3.105.209 | 824.592 | 799.421 | -3,1% | 13,9% | 3,2% | -1,4% | 0,4% |

Fonte: IBGE

Nota

1. Até o 4º trimestre de 2005 os dados das Unidades da Federação com menos de 4 (quatro) informantes estão desidentificados com o caracter x. A partir do 1º trimestre de 2006 a desidentificação passou a ser feita para menos de 3 (três) informantes.
2. Os totais por região, de janeiro a junho de 2012, são dados provisórios.

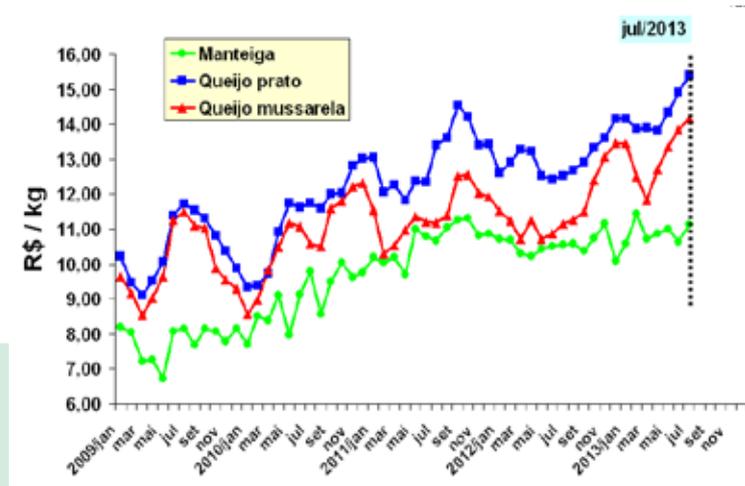
Na região Norte, Rondônia reduziu a sua produção em - 6,5%, de 208,9 milhões de litros no primeiro trimestre de 2012 para 195,4 milhões de litros em 2012. O Acre reduziu a sua produção em - 2,7% e os demais estados aumentaram a sua produção: Amazonas (+ 35,5%); Roraima (+ 160,8%); Pará (+ 8,1%); e Tocantins (+ 5,4%).

Na região Centro-Oeste, apenas o Mato Grosso do Sul aumentou a sua produção no primeiro trimestre de 2013, em + 3,9%, sendo que os demais estados reduziram as suas produções na comparação com o primeiro trimestre de 2012: Mato Grosso (- 6,3%); Goiás (- 2,2%); e Distrito Federal (- 54,7%).

No que se refere aos derivados lácteos, em São Paulo, seus preços internos no atacado apresentaram grande correlação com o movimento dos preços pagos ao produtor da matéria-prima e das importações (Gráfico 10). No varejo, os preços dos derivados dependem da evolução dos preços no atacado e do comportamento da demanda interna, apresentando poucas oscilações abruptas (Gráfico 11).

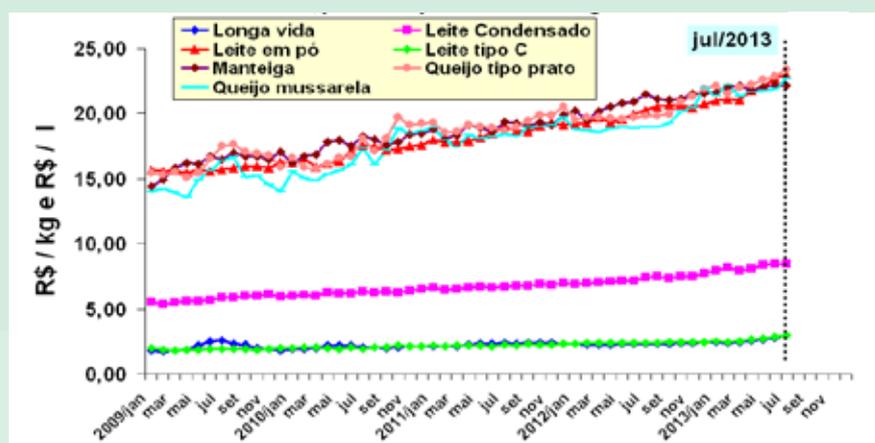
Na cidade de São Paulo, entre julho de 2012 e julho de 2013, os preços no atacado dos derivados lácteos aqui apresentados mostraram aumento: manteiga (+ 5,5%); queijo tipo prato (+ 22,8%); e queijo mussarela (+ 27,0%). No varejo, os preços também apresentaram alta: leite em pó integral (+ 13,3%); manteiga (+ 3,0%); leite condensado (+ 13,6%); leite tipo C (+ 24,8%); queijo tipo prato (+ 17,7%); queijo mussarela (+ 19,4%); e longa vida (+ 29,9%). Nesse mesmo período, o IGP-M apresentou variação de + 5,2%.

Gráfico 14 – São Paulo (cidade): Preços no atacado da manteiga, queijo tipo prato e queijo mussarela, jan. 2009 a jul./2013 – Em R\$/kg



Fonte: Instituto de Economia Agrícola - IEA

Gráfico 15 – São Paulo (cidade): Preços dos derivados (fracionados), no varejo, do leite condensado, leite em pó integral, leite longa vida, leite tipo C, manteiga, queijos tipo prato e mussarela, jan. 2009 a jul./2013 – Em R\$/kg e R\$/l



Fonte: Instituto de Economia Agrícola - IEA

2.3. Balança comercial de lácteos

Entre janeiro e julho de 2013, a balança comercial de lácteos (NCMs 0401 0000 a 0406 9999) apresentou déficit de US\$ 245,8 milhões, com exportações de US\$ 54,8 milhões (22,9 mil t¹) e importações de US\$ 300,6 milhões (86,4 mil t).

As exportações no período apresentaram aumento de + 4,9%, e as importações se reduziram em - 14,3%, ambas em valor, na comparação com o mesmo período do ano anterior. Nesse período, o déficit se reduziu em - 17,7% , de US\$ 298,7 milhões para US\$ 245,8 milhões (Gráfico 12).

Nesses primeiros sete meses, foram importadas 30,6 mil t de leite em pó integral - NCM 0402 2110 - (US\$ 117,0 milhões e US\$ 3.818,5/t), representando 38,9 % do valor total importado, enquanto no mesmo período do ano anterior foram importadas 33,8 mil t (US\$ 134,0 milhões e US\$ 3.955,7/t), representando 38,2% do valor total importado, uma redução de - 10,5% em quantidade e de - 14,5% em valor.

1. Não se trata de quantidade em equivalente leite. É o peso líquido do produto exportado/importado.

As origens das importações de leite em pó integral, entre janeiro e julho, foram: Argentina (50,3% do valor total, a um preço médio de US\$ 3.836,1/t); Uruguai (40,3% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 3.743,4/t); e Chile (9,4% do valor total importado, a um preço médio de US\$ 4.068,7/t).

O segundo produto mais importado nesse período foi o leite em pó desnatado (NCM 0402 1010), representando 13,1% do valor total importado ou US\$ 39,4 milhões e 10,7 mil t; seguido pelo queijo mussarela (NCM 0406 1010), que representou 11,6% do valor total importado ou US\$ 34,7 milhões e 8,0 mil t. Seguem-se outros vinte e quatro derivados lácteos complementando o valor total importado.

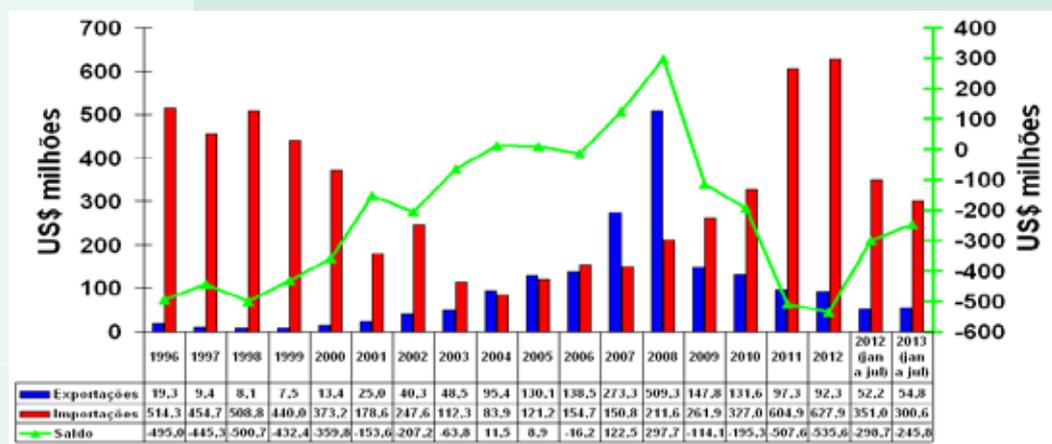
No que se refere às exportações, nos sete primeiros meses de 2013, foram exportadas 16,7 mil t de leite condensado (NCM 0402 9900), em um valor total de US\$ 35,6 milhões (US\$ 2.122,3/t), representando 65,0 % do valor total exportado, enquanto no mesmo período do ano anterior foram exportadas 13,7 mil t, no valor de US\$ 29,3 milhões (US\$ 2.140,6/t), representando 56,3% do valor total exportado. Houve, portanto, um aumento de + 18,2% das exportações de leite condensado em termos de quantidades e de + 17,5% em termos de valor.

O segundo produto mais exportado nos primeiros sete meses foi Outros cremes de leite etc (NCM 0401 5029), representando 16,7% do valor total exportado ou US\$ 9,1 milhões e 3,7 mil t; seguido pelos queijos fundidos (NCM 0406 3000), representando 5,5% do valor total exportado ou US\$ 3,0 milhões e 721,9 t. Seguem-se outros vinte e cinco derivados lácteos complementando o valor total exportado.

Nesses primeiros sete meses, as exportações brasileiras totais de lácteos foram destinadas a um total de trinta e nove países, sendo os principais, em valor: Venezuela (19,4% do total exportado); Arábia Saudita (14,2 % do total); Angola (11,9 % do total); e demais países 54,5%. No mesmo período, as importações, em valor, tiveram origem em dezoito países: Argentina (49,5% do total importado); Uruguai (34,9% do total); e França (4,3% do total); e demais países 11,3%.

As projeções da OECD/FAO para as exportações líquidas do país indicam que o comércio exterior de lácteos permanecerá deficitário nos próximos dez anos, representando, no entanto, pequena parte da produção nacional.

Gráfico 16 – Lácteos: Balança comercial (NCMs 0401 0000 a 0406 9999), 1996 a 2013 (jul.) – Em US\$ milhões



Fonte: MDIC

Relativamente à defesa comercial, Brasil e Argentina prorrogaram, em 29/1/2013, o acordo entre os setores privados dos dois países, de quotas de importação de leite em pó, que foi fixada em 3,6 mil t/mes. O acordo deverá vigor até janeiro/2014.

Adicionalmente, por intermédio da Resolução CAMEX nº 2, de 5/2/2013, DOU de 6/2/2013, foi prorrogado o direito antidumping definitivo, por um prazo de até cinco anos, aplicados às importações brasileiras de leite em pó, integral ou desnatado, não fracionado, originárias da Nova Zelândia e União Européia, comumente classificadas nos itens 0402 1010, 0402 1090, 0402 2110, 0402 2120, 0402 2910, 0402 2920 da Nomenclatura Comum do MERCOSUL – NCM, a ser recolhido sob a forma das alíquotas ad valorem de 3,9% para as importações originárias da Nova Zelândia e 14,8% para as importações originárias da União Européia.

Desperta preocupação no setor produtivo a atual discussão sobre uma possível isenção do imposto de importação sobre os produtos lácteos, devido à retração da produção interna e ao aumento dos preços dos derivados. Em 30/7/2013, pela Resolução CAMEX nº 60, o MDIC reduziu o imposto de importação do soro em pó de 28% para 2% ad valorem, pelo período de doze meses, sujeito a uma cota de duas mil t, devido a problemas de desabastecimento.

3. Considerações finais

No cenário interno, a produção de leite apresentou crescimento de + 4,6% aa entre 2008 e 2012. A estimativa de aumento para 2013 é de + 2,0%. A redução deveu-se à seca no Nordeste mas principalmente ao aumento dos custos de produção vis-à-vis os preços pagos ao produtor, que foram insuficientes para manter a produção crescendo a taxas elevadas nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Para 2014 a previsão de aumento da produção é de + 3,0%, devendo alcançar 34,7 bilhões de litros, estimando-se uma melhor relação preços/custos da atividade.

Para os próximos dez anos, as projeções da OECD/FAO estimam uma diminuição dessa velocidade de aumento da produção, de + 3,3% aa entre 2003 e 2012 para + 2,1% aa entre a média 2010 - 12 e 2022.

Estima-se que o aumento do consumo interno e das exportações irão sustentar o aumento dos preços pagos ao produtor, em torno de US\$ 0,50/litro, mas a redução da rentabilidade da atividade impedirá um aumento maior da produção.

O aumento da produção deverá encontrar concorrência pelo uso da terra, água e mão-de-obra, aumentando o custo de produção, e estará crescentemente sujeito a condições climáticas adversas. As importações continuarão a ser importantes para complementar o abastecimento do mercado interno e não se estima que ocorram superávits na balança comercial de lácteos nos próximos dez anos.

A balança comercial de lácteos em 2014 deverá continuar sendo deficitária, com importações de 1,0 bilhão de litros e exportações de 217,8 milhões de litros.

A vantagem comparativa da produção nacional repousa na produção com base em

pastagens e não em alimentos concentrados de grãos, o que deverá manter a competitividade da produção nacional face aos preços pagos ao produtor.

O consumo interno aparente de 175,4 litros/*per capita*/ano, em equivalente leite, previsto para o país em 2013, ainda está aquém do verificado em países vizinhos como Argentina e Uruguai, o que abre um espaço importante para o crescimento da produção nacional, dada a continuidade do crescimento econômico e a expansão da demanda.

Para 2014 espera-se um aumento de + 1,5% no consumo de equivalente leite, devendo alcançar 178,0 litros/*per capita*/ano

Estando os produtos lácteos entre os produtos agropecuários que mais recebem subsídios nos países desenvolvidos, as medidas de defesa comercial são vitais para o setor, como é o caso das medidas anti-dumping e das cotas de importação de leite em pó da Argentina, impedindo a concorrência de produtos com subsídios na origem ou internalizados a preços inferiores aos verificados no mercado internacional.

Desperta preocupação no setor produtivo a atual discussão sobre uma possível isenção do imposto de importação sobre os produtos lácteos, devido à retração da produção interna e ao aumento dos preços dos derivados. A continuidade do aumento da produção está relacionada a uma melhor remuneração do produtor, dado o parque industrial instalado no país.

A partir de 1º de julho entraram em vigor os novos preços mínimos do leite: regiões Sul e Sudeste (R\$ 0,67/l) região Centro-Oeste, exceto Mato Grosso (R\$ 0,65/l); região Norte e Mato Grosso (R\$ 0,60/l) e região Nordeste (R\$ 0,69/l), um aumento de + 10,5% na comparação com o ano anterior. Esses preços são a base de valor para a contratação de Financiamento para Estocagem de Produtos Integrantes da Política de Garantia de Preços Mínimos (FEPM) e Financiamento para Garantia de Preços ao Produtor (FGPP), junto ao sistema financeiro.

No cenário internacional, de acordo com os dados da OECD/FAO, a produção mundial de leite em geral deverá crescer a uma taxa de + 2,3% aa nos próximos dez anos, entre a média de 2010 - 12 e 2022, aumentando de 737,1 milhões de t para 905,1 milhões de t, impulsionada pelo aumento do consumo e do comércio, pelo crescimento econômico e populacional e urbanização, principalmente nos países em desenvolvimento como China, Sudeste Asiático e Índia.

A maior parte desse acréscimo da produção, ou 73,7% do total, deverá originar-se nos países em desenvolvimento, principalmente da Ásia: a Índia, que inclui leite de búfalos, participará com 29,3% do acréscimo e a China participará com 9,0% do aumento previsto da produção. Será seguida pela América Latina que participará com 13,4% do acréscimo, sendo o Brasil responsável por 3,9% e a Argentina por 2,6% do aumento; pela Europa (9,3% do aumento), sendo 4,6% do acréscimo devido à UE - 27. A África participará com 7,0% do aumento. Os Estados Unidos com 8,7%; e a Nova Zelândia participará com 3,1% da produção adicional entre 2010 - 12 e 2022.

Se for considerado o acréscimo da produção dos principais derivados lácteos manteiga, queijo, leite em pó desnatado e integral, os países desenvolvidos e em desenvolvimento

devem apresentar participações aproximadamente iguais, de 49,0% e 51,0%, respectivamente, na comparação entre 2010 -12 e 2022.

Entre os fatores que balizarão a produção de lácteos nos próximos anos, estão as frequentes ocorrências de abruptas variações climáticas, a escassez de terra, água e mão-de-obra, o respeito ao meio-ambiente e ao bem-estar dos animais, as pressões de custos devido ao contínuo aumento dos preços da energia e grãos, e a crescente participação no mercado internacional da produção com base em pastagens, sujeita de maneira mais intensa às variações climáticas. A volatilidade de preços está vinculada aos baixos estoques e à pequena proporção da produção, em torno de 7,0%, que é comercializada no mercado mundial.

Os preços internacionais nominais médios anuais entre 2013 - 22, na comparação com a média do período 2003 - 12, mostram significativos aumentos para os principais produtos: a manteiga deverá aumentar seu preço em + 30,5 %; o queijo deverá aumentar + 24,0 %; o leite em pó desnatado deverá aumentar + 28,9%; e o leite em pó integral aumentará seu preço em + 31,3%.

O leite em pó desnatado será a commodity que mais aumentará as suas exportações entre a média dos anos 2010 - 12 e 2022, no percentual de + 27,4%; seguida pelo queijo, em + 21,6%; pela manteiga em + 19,2%; e pelo leite em pó integral, em + 18,3%. A Nova Zelândia, a Austrália, a UE (27) e os Estados Unidos permanecem sendo os principais exportadores.

Enquanto o aumento da demanda interna e internacional por produtos lácteos dará impulso ao aumento da produção nacional, a alta dos custos de produção não acompanhada pelo aumento dos preços, deverá reduzir a rentabilidade da atividade, reduzindo a produção, considerando-se o atual conjunto de variáveis econômicas e de políticas públicas que influenciam a atividade.

MANDIOCA E PRINCIPAIS DERIVADOS

CLÁUDIO LUIZ DA SILVA CHICHERCHIO



1. Introdução

De grande versatilidade, a cultura é totalmente aproveitada, não só a parte aérea (folhas e hastes) como também a raiz. As folhas têm seu aproveitamento na alimentação humana (suplemento), e na animal (triturada). As hastes, na alimentação animal, sob a forma de silagens e fenos e ainda *in natura*. A raiz, na alimentação humana, animal e ainda pelas indústrias (principalmente de farinha, de féculas e de energia).

Quadro 1 – Usos e utilidades da raiz de mandioca

| | | | | | | |
|-----------|----------------|---|---|--|---|--------------------------------------|
| Mandioca | Parte aérea | Folhas | Alimentação animal (triturada) e humana (suplemento) | | | |
| | | Hastes | Alimentação animal (silagens, fenos e <i>in natura</i>) | | | |
| | Raiz | Alimentação humana | Cozidas, fritas, bolos, biscoitos, pães, tortas, rosas, cremes, pudins, etc | | | |
| | | Alimentação animal | Cruas, cozidas, desidratadas (farinhas, raspas e pellets) | | | |
| | | Indústria | Amido (fécula) | Amido nativo e amido modificado | Uso alimentício (amido nativo e amido modificado) | Glucose, maltose, gelatinas, féculas |
| | | | | Amido Industrial (nativo e modificado) | Adesivos, têxtil, papel e celulose, farmacêutica, explosivos, calçados, tintas, embutidos, etc) | |
| | | Indústria | Amido fermentado | Uso humano/ alimentício | Confeitarias, padarias, indústria de biscoitos, pães | |
| | | | Farinhas | Consumo humano | Farinhas de mesa Farinha panificada | |
| | | Indústria | | Raspas | Consumo animal | Rações balanceadas |
| | | | Farinhas de raspas | | Alimentação animal Alimentação humana | |
| Indústria | Consumo animal | Rações balanceadas | | | | |
| Indústria | Álcool | Combustíveis Desinfetante Bebidas Perfumarias/Farmacêutica | | | | |

Fonte: Embrapa, Conab/Dipai/Gerab

Nota: Ourém/PA - sabão produzido a partir do tucupi.

Observa-se, assim, a enorme importância no processo alimentar, uma vez que contém quantidades significativas de cálcio (50 mg/100g), fósforo (40 mg/100 g) e vitamina C (25 mg/100g), apesar de pobre em proteínas e outros nutrientes. Em contraste, as folhas da mandioca são boa fonte de proteínas e ricas no aminoácido lisina. No campo da energia renovável a cultura também se destaca vez que figura como mais uma fonte de produção de etanol, de plásticos biodegradáveis, além de usos no setor têxtil, cosmético e alimentício (humano e animal).

2. Cenário

A matéria-prima vem obtendo expressivos aumentos desde 2012, em função, principalmente, da grande seca que atingiu a região nordeste, concorrendo para que a produção nacional reduzisse a oferta da raiz principalmente na Bahia e Maranhão.

A precipitação de chuva, em alguns estados do sul brasileiro, também contribuiu para a diminuição na oferta, pois com o solo úmido em demasia o trabalho de arranquio da raiz com maquinário tem que ser interrompido.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE em 2012 o Brasil ficou em quarto lugar como maior produtor mundial de raiz de mandioca. Ainda, de acordo com os dados liberados por aquela instituição, a quarta cultura mais produzida no país, com 23,4 milhões de toneladas e atrás, apenas, da cana-de-açúcar, soja e milho (1ª e 2ª safras).

No atual cenário com pouca disponibilidade de raiz, estima-se uma ligeira elevação nos preços para o semestre que se inicia, além do histórico aquecimento da demanda.

É projetado para 2014, por Agentes de Mercado, o aumento de área a ser plantada, manutenção na produtividade por hectare e cotações em níveis acima dos Preços Mínimos, inclusive ao longo do restante de 2013.

3. Mercados Internacional

3.1. Oferta

No último monitoramento realizado em novembro de 2012 pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação - FAO projetou-se para aquele ano, quando comparada a 2011, aumento da produção mundial de raiz de mandioca na ordem de 6,99%. Observa-se, na Tabela1, que no período 2009 a 2012 a produção esteve crescente, associada a ganho em produtividade e expansão da área plantada.

A Tailândia, apesar de possuir as maiores plantas industriais para a produção de fécula vem perdendo espaço para a produção de cana, fazendo com que a Indonésia e o Vietnã ganhem destaque com a modernização tecnológica para a fabricação de produtos como amidos modificados, glucose e maltose, com maior valor agregado.

Recentemente foi divulgado que a Nigéria pretende substituir trigo importado para diminuir a dependência alimentar, adicionando 40% de amido na panificação. Pretende, ainda,

exportar 900.000 t de mandioca chips e 182.000 t de alta frutose, que é utilizada na substituição do açúcar contido em refrigerantes e ainda transformar 11 milhões de t de mandioca em etanol, o que resultaria em aproximadamente 1,2 bilhão de litros do biocombustível.

No final de maio/2012 foi inaugurada, em Moçambique, destilaria com capacidade de produção de 2 milhões de litros de etanol de mandioca, com máxima de 30 mil litros por semana. O escoamento será por Maputo, uma vez por semana.

Tabela 1 – Produção mundial de mandioca – principais produtores - mil toneladas

| País/Ano | 2009 | 2010 | 2011* | 2012** |
|-----------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|
| Mundo | 242.002 | 242.023 | 263.303 | 281.718 |
| África | 123.675 | 130.535 | 145.040 | 153.751 |
| Nigéria | 36.822 | 42.533 | 52.403 | 57.564 |
| República do Congo | 15.055 | 15.050 | 15.195 | 15.495 |
| Gana | 12.231 | 13.504 | 14.910 | 15.463 |
| Angola | 12.828 | 13.859 | 14.334 | 14.825 |
| Moçambique | 9.100 | 9.331 | 10.133 | 10.549 |
| Tanzânia | 5.916 | 4.392 | 4.700 | 5.029 |
| Uganda | 2.952 | 3.017 | 2.712 | 2.654 |
| Outros Africanos | 28.771 | 28.849 | 30.653 | 32.172 |
| América Latina | 32.742 | 33.217 | 33.900 | 34.710 |
| Brasil | 26.030 | 24.354 | 25.329 | 21.449 |
| Paraguai | 2.610 | 2.624 | 2.638 | 2.652 |
| Colômbia | 2.202 | 2.364 | 2.264 | 2.170 |
| Outros Sul Americanos | 1.900 | 3.875 | 3.669 | 8.439 |
| Ásia | 85.387 | 78.087 | 84.177 | 93.068 |
| Tailândia | 30.088 | 22.006 | 21.912 | 26.601 |
| Indonésia | 22.039 | 23.918 | 25.957 | 28.170 |
| Vietnam | 8.530 | 8.596 | 9.898 | 10.294 |
| Índia | 9.623 | 8.060 | 8.743 | 8.870 |
| China continental | 8.700 | 8.000 | 9.000 | 10.000 |
| Camboja | 3.497 | 4.247 | 5.158 | 4.750 |
| Filipinas | 2.044 | 2.101 | 2.210 | 2.967 |
| Outros Asiáticos | 866 | 1.159 | 1.299 | 1.416 |
| Oceania | 198 | 185 | 187 | 189 |

Fonte: ?

Legenda: (*) com base nos dados apurados pela FAO, sendo 2011 uma estimativa.

(**) com base nos dados apurados pela FAO, sendo 2012 uma projeção. Os dados relativos ao Brasil são baseados nos levantamentos do IBGE

3.2. Preços

Aproximadamente 85% do total das exportações mundiais de derivados de mandioca são realizadas com o comércio de fécula.

A Ásia, grande cultivadora da matéria-prima para produção de amido, chips e pellets (para alimentação animal), encontra na Tailândia a maior responsável pela exportação de fécula. Em 2009 tal exportação foi de aproximadamente 1,80 milhão de t, em 2010 - 1,74 milhão de t, em 2011 - 1,89 milhão de t, em 2012 - 2,23 milhões de t e até maio de 2013, aproximadamente 930,54 mil t, conforme registros disponibilizados pela Thai Tapioca Starch Association (TTSA). Verifica-se ao longo de 2009 uma média de US\$ 291,75/t, em 2010 US\$ 512,13/t, em 2011

US\$ 509,06/t, em 2012 US\$ 440,67/t e em 2013, US\$ 473,10/t.

Ainda, de acordo com o órgão anteriormente citado, a produção na Tailândia está assim distribuída: Chip/Pellet = 8% para uso doméstico e 32% para exportação; Fécula = 19% domésticos e 36% exportações; e Etanol = 5%.

4. Mercado nacional

4.1. Oferta

Tabela 2 – IBGE – mês = junho 2013

| Brasil, região e UF | Variável x Ano da safra | | | | | | | |
|---------------------|--------------------------|------------------|-------------------------|------------------|----------------------|-------------------|--------------------|---------------|
| | Área plantada (hectares) | | Área colhida (hectares) | | Produção (toneladas) | | Rendimento (kg/ha) | |
| | Safra 2012 | Safra 2013 | Safra 2012 | Safra 2013 | Safra 2012 | Safra 2013 | Safra 2012 | Safra 2013 |
| Brasil | 2.516.681 | 2.182.007 | 1.703.733 | 1.518.039 | 23.414.267 | 21.449.146 | 13.743 | 14.130 |
| Norte | 857.910 | 835.565 | 494.027 | 485.280 | 7.750.259 | 7.540.158 | 15.688 | 15.538 |
| Rondônia | 40.324 | 33.069 | 32.871 | 27.727 | 588.307 | 500.869 | 17.897 | 18.064 |
| Acre | 58.507 | 48.149 | 44.898 | 47.259 | 897.160 | 936.633 | 19.982 | 19.819 |
| Amazonas | 95.399 | 92.029 | 78.646 | 81.333 | 926.297 | 974.716 | 11.778 | 11.984 |
| Roraima | 6.210 | 6.210 | 5.800 | 5.800 | 77.192 | 77.192 | 13.309 | 13.309 |
| Pará | 610.409 | 622.321 | 301.364 | 298.930 | 4.808.743 | 4.689.542 | 15.957 | 15.688 |
| Amapá | 12.800 | 12.120 | 12.698 | 11.850 | 149.355 | 134.720 | 11.762 | 11.369 |
| Tocantins | 34.261 | 21.667 | 17.750 | 12.381 | 303.205 | 226.486 | 17.082 | 18.293 |
| Nordeste | 1.088.496 | 825.012 | 712.214 | 556.112 | 5.976.103 | 4.995.287 | 8.391 | 8.983 |
| Maranhão | 196.564 | 189.693 | 196.564 | 189.693 | 1.529.579 | 1.474.566 | 7.782 | 7.773 |
| Piauí | 99.746 | 68.391 | 60.835 | 38.238 | 319.629 | 281.213 | 5.254 | 7.354 |
| Ceará | 172.198 | 148.758 | 89.117 | 80.668 | 468.724 | 638.825 | 5.260 | 7.919 |
| Rio Grande do Norte | 31.025 | 19.827 | 29.078 | 10.484 | 235.855 | 100.167 | 8.111 | 9.554 |
| Paraíba | 27.068 | 20.964 | 20.518 | 17.328 | 157.876 | 153.667 | 7.695 | 8.868 |
| Pernambuco | 83.954 | 74.224 | 45.868 | 49.960 | 341.851 | 422.483 | 7.453 | 8.456 |
| Alagoas | 32.135 | 36.368 | 17.515 | 18.001 | 269.947 | 240.448 | 15.412 | 13.357 |
| Sergipe | 58.988 | 55.677 | 30.730 | 28.908 | 450.486 | 425.968 | 14.659 | 14.735 |
| Bahia | 386.818 | 211.110 | 221.989 | 122.832 | 2.202.156 | 1.257.950 | 9.920 | 10.241 |
| Sudeste | 193.231 | 172.380 | 156.563 | 145.921 | 2.798.872 | 2.273.702 | 17.880 | 15.582 |
| Minas Gerais | 86.676 | 81.980 | 59.702 | 58.544 | 823.983 | 823.972 | 13.802 | 14.074 |
| Espírito Santo | 11.929 | 11.186 | 11.714 | 9.404 | 206.929 | 158.243 | 17.665 | 16.827 |
| Rio de Janeiro | 19.663 | 20.469 | 19.662 | 19.973 | 324.449 | 237.587 | 16.501 | 11.895 |
| São Paulo | 74.963 | 58.745 | 65.458 | 58.000 | 1.443.511 | 1.053.900 | 22.052 | 18.171 |
| Sul | 293.195 | 280.115 | 267.075 | 261.801 | 5.589.930 | 5.378.303 | 20.930 | 20.543 |
| Paraná | 159.115 | 162.986 | 159.115 | 162.986 | 3.869.080 | 3.693.145 | 24.316 | 22.659 |
| Santa Catarina | 45.598 | 42.320 | 29.055 | 26.838 | 529.648 | 506.906 | 18.229 | 18.888 |
| Rio Grande do Sul | 88.482 | 74.809 | 78.905 | 71.977 | 1.191.202 | 1.178.252 | 15.097 | 16.370 |
| Centro-Oeste | 83.849 | 68.935 | 73.881 | 68.925 | 1.299.103 | 1.261.696 | 17.584 | 18.305 |
| Mato Grosso do Sul | 30.902 | 31.388 | 30.902 | 31.388 | 634.529 | 692.020 | 20.534 | 22.047 |
| Mato Grosso | 23.891 | 24.310 | 23.891 | 21.300 | 349.917 | 351.321 | 14.646 | 14.458 |
| Goiás | 28.132 | 12.000 | 18.164 | 12.000 | 299.602 | 199.800 | 16.494 | 16.650 |
| Distrito Federal | 924 | 1.237 | 924 | 1.237 | 15.055 | 18.555 | 16.293 | 15.000 |

Fonte: IBGE

Visualiza-se na Tabela 2, a menor oferta da matéria-prima em 2013, de acordo com o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola – LSPA realizado pelo IBGE em junho deste ano, disponibilizado e divulgado em julho. Tal fenômeno vem sendo fator fundamental para o aumento de preços, pois incorreu na necessidade de importação de outros estados produtores, para fins de abastecimento e suprimento nas Unidades da Federação, com queda de produção.

A época de plantio em nível nacional vai de abril a outubro, dependendo da variedade, ciclo e ainda das condições climáticas e preço no mercado. A colheita ocorre ao longo do ano, com maior incidência no intervalo de maio a agosto. Após, ocorre o preparo do solo e o início do plantio. A melhor rotação da cultura se faz com adubos verdes, milho, algodão e soja.

Tradicionalmente a época do ano em que o preço de mercado obtém as melhores cotações compreende o período de outubro a fevereiro, por ter a maior incidência de chuvas, o que dificulta o arranquio e, conseqüentemente, acarreta na menor disponibilidade da raiz.

Destaca-se, porém, que o contraste climático, ou seja, a seca, também influencia diretamente no preço de mercado. Esse fator tem sido apontado como o maior incentivador da alta de preços, pois diminuiu a área plantada e reduziu a área colhida e, conseqüentemente, a oferta da raiz.

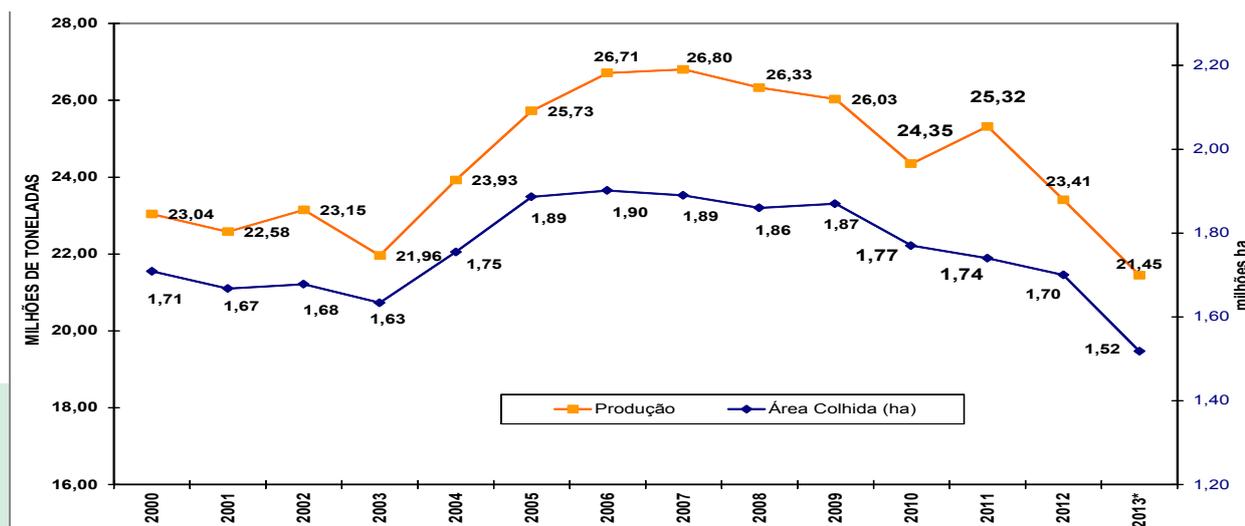
Por outro lado, regiões produtoras, principalmente Paraná, São Paulo e Mato Grosso do Sul, anteciparam a colheita do 2º semestre, aproveitando os ótimos preços de mercado, comercializando a raiz in natura, como também a farinha de mandioca, tanto à Região Nordeste como à Região Norte.

A previsão de produção elaborada pelo IBGE em julho/13 é de 21,4 milhões de t, o que corresponde a uma queda de 8,4% em relação à safra colhida em 2012, que foi de 23,4 milhões de toneladas.

Nesse contexto, apura-se que a produtividade média nacional tem melhorado, passando de 13,7 t para 14,1 t, portanto, acréscimo de 2,9%, porém, registra-se decréscimo na área colhida, de 1.703.733 ha em 2012 para 1.518.039 hectares, registrando queda de 10,9%, e assim, redução na quantidade produzida e na ofertada, aquecendo os preços no mercado, tanto da matéria-prima in natura quanto de seus principais derivados, ou seja, farinha e fécula.

Neste ano o Pará, maior Estado produtor nacional, é responsável por 4,68 milhões de toneladas de raiz, ou seja, 21,8% da produção nacional. Na sequência vem o Paraná com produção estimada de 3,7 milhões de t, equivalente a 17,2% da produção brasileira, seguido do Maranhão com 1,47 milhão de t, representando 6,8%, caindo a Bahia para o quarto lugar, com 1,25 milhão de t, ou seja, 5,8% do total nacional.

No Gráfico 1, registra-se histórico da produção de raiz de mandioca, no período de 2000 a 2013, evidenciando-se a queda na produção à partir de 2011 em função, principalmente, da severa seca na região nordeste, que se estende até 2013.

Gráfico 1 – Histórico da produção de mandioca x área colhida no Brasil


Fonte: IBGE

Legenda: (*) 2012/2013 = Estimativa junho/2013

Nota: Elaborado pela Conab

A farinha de mandioca por ter produção caseira ou industrial é de difícil mapeamento, utilizando-se assim, como referência para fins de elaboração de políticas públicas, o comportamento do mercado e os índices técnicos relativos ao consumo apresentados abaixo, elaborados pelo IBGE, com base na Tabela 3 abaixo.

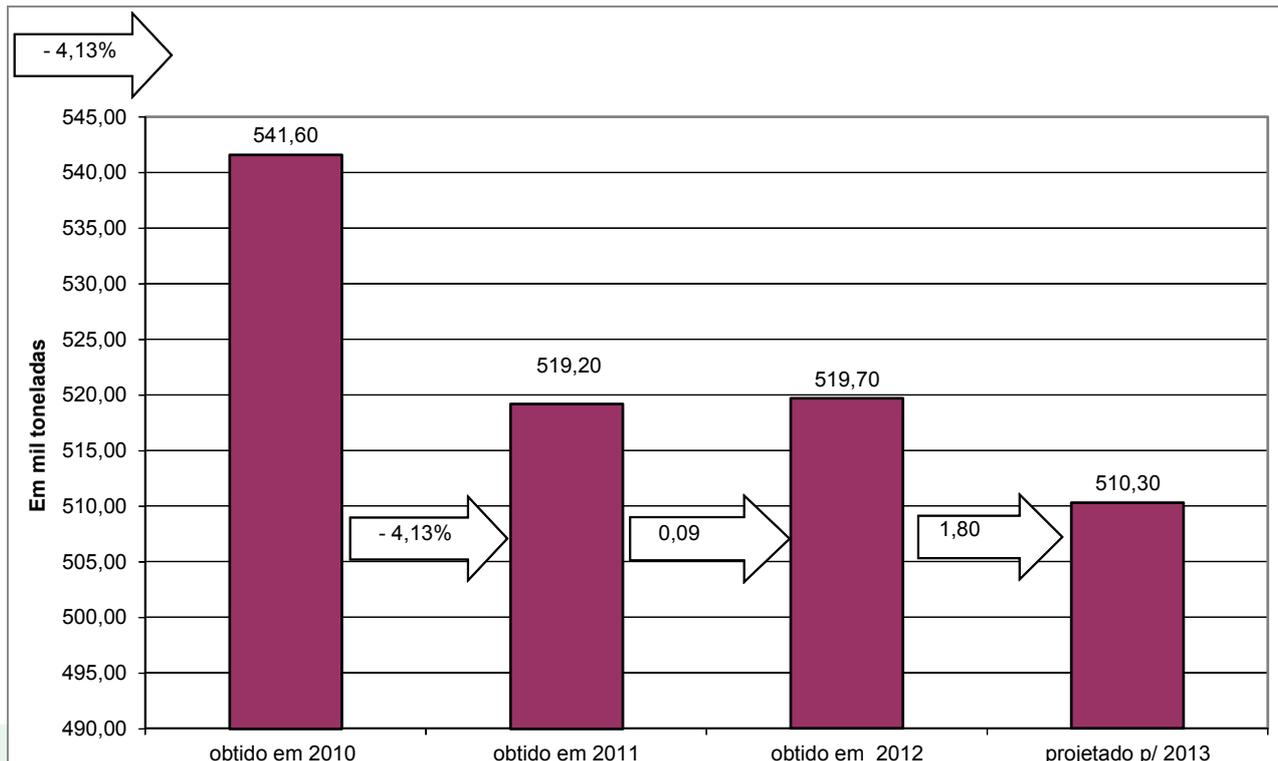
Tabela 3 – Aquisição alimentar domiciliar *per capita* anual (quilogramas)

| Ano 2008 | | | |
|-----------------|--------------|-------------|--------------|
| Brasil e Região | Mandioca | | |
| | Mandioca | Farinha | Fécua |
| Brasil | 1,766 | 5,33 | 0,774 |
| Norte | 2,784 | 23,537 | 1,564 |
| Nordeste | 1,352 | 9,674 | 1,442 |
| Sudeste | 0,989 | 1,173 | 0,358 |
| Sul | 4,12 | 0,812 | 0,299 |
| Centro-Oeste | 2,031 | 1,286 | 0,654 |

Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares

O Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada – Cepea/Esalq-SP em parceria com a Associação Brasileira dos Produtores de Amido de Mandioca – Abam divulgou trabalho em abril deste ano, relativo à produção de fécula em 2012, comparando-a à produção obtida em 2011. Observou-se que, praticamente, a fabricação permaneceu estável. Na oportunidade, projetou-se que em 2013 haveria uma redução na ordem de 1,8% (ver Gráfico 2), factível de revisão caso os preços praticados no mercado sejam compensadores.

Gráfico 2 – Cenário fécula 2012



Fonte: Esalq/Cepea

Ainda no estudo recém-divulgado, constatou-se que o Estado do Paraná manteve o desempenho de anos anteriores, concentrando a produção de fécula em 2012, processando 374,3 mil t, representando 72% da produção total brasileira, seguido do Mato Grosso do Sul, com 88,2 mil t (17%) e, logo após, por São Paulo, com 48 mil t (9,2%). Santa Catarina, Pará e Bahia completam o restante da produção de 9 mil t, representando 1,7%.

4.2. Preços

4.2.1. Raiz

No Estado do Pará a cotação média nominal anual do preço pago ao produtor, verificada em 2010 foi de R\$ 171,31/t; em 2011 R\$ 206,66; em 2012 R\$ 202,67/t e em 2013, até julho R\$ 449,54/t, destacando que, a exemplo da Bahia e Maranhão, os preços elevados em 2013, de uma maneira geral, foram motivados pela menor oferta do produto, em boa parte devido às condições climáticas desfavoráveis.

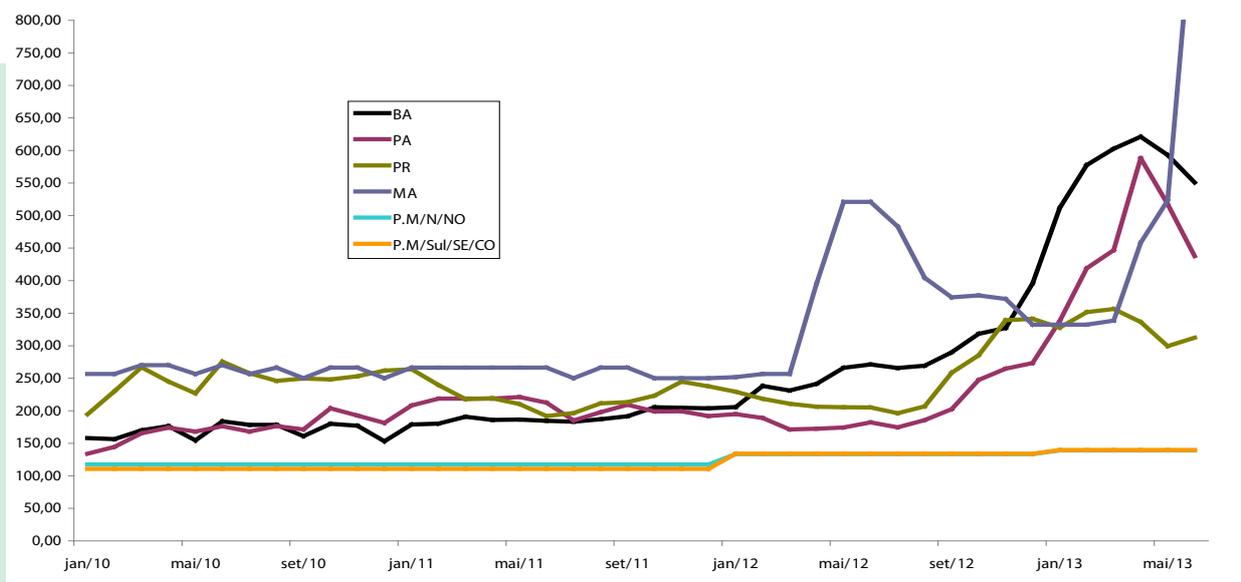
No Estado do Paraná, a cotação média nominal anual dos preços pagos ao produtor rural, verificada em 2010 foi de R\$ 246,20/t; a registrada em 2011 R\$ 222,49/t; em 2012 de R\$ 241,88/t e em 2013, até julho, R\$ 357,23/t. Alerta-se para as ofertas de matéria-prima no segundo semestre deste ano que tendem a ser insuficientes para suprir toda a demanda, visto o arranquio antecipado, realizado para aproveitar os bons preços no mercado, atendendo dessa forma as indústrias locais e as demandas das regiões norte e nordeste. Além disso, e diante das disputas entre fecularias e farinheiras, prevê-se a manutenção de preços em alta.

No Maranhão a cotação média verificada em 2010 foi de R\$ 261,26/t; em 2011 de R\$ 260,89/t, em 2012 R\$ 378,79 e em 2013, até julho, R\$ 563,85/t. O fator clima seco contribui, decisivamente, para a menor oferta da raiz e elevação de preços.

Na Bahia a cotação média verificada em 2010 foi de R\$ 168,94/t; em 2011 de R\$ 190,23, em 2012 R\$ 276,67 e em 2013, até julho, R\$ 568,81/t. Os preços médios relativos aos dois últimos anos estão associados ao clima seco e, portanto, à menor oferta da raiz.

O Gráfico 3 apresenta o comportamento dos preços da raiz de mandioca nos principais Estados produtores (Pará, Bahia, Paraná e Maranhão), ora avaliado no período de janeiro de 2010 a junho de 2013.

Gráfico 3 – Raiz – preços recebidos pelo produto R\$/t



Fonte: Conab

4.2.2. Farinha

Quanto ao mercado de farinha, observou-se que no Estado do Paraná o preço médio em 2010 registrou R\$ 50,40/sc 50 kg, em 2011 R\$ 47,08/sc 50 kg, em 2012 R\$ 61,22/sc 50kg, e em 2013 (até julho) R\$ 111,79/sc 50 kg. O comportamento de preços em 2013 é motivado pela maior demanda de outros estados, que sofreram com as sequelas decorrentes da seca, e assim pouca oferta da matéria-prima.

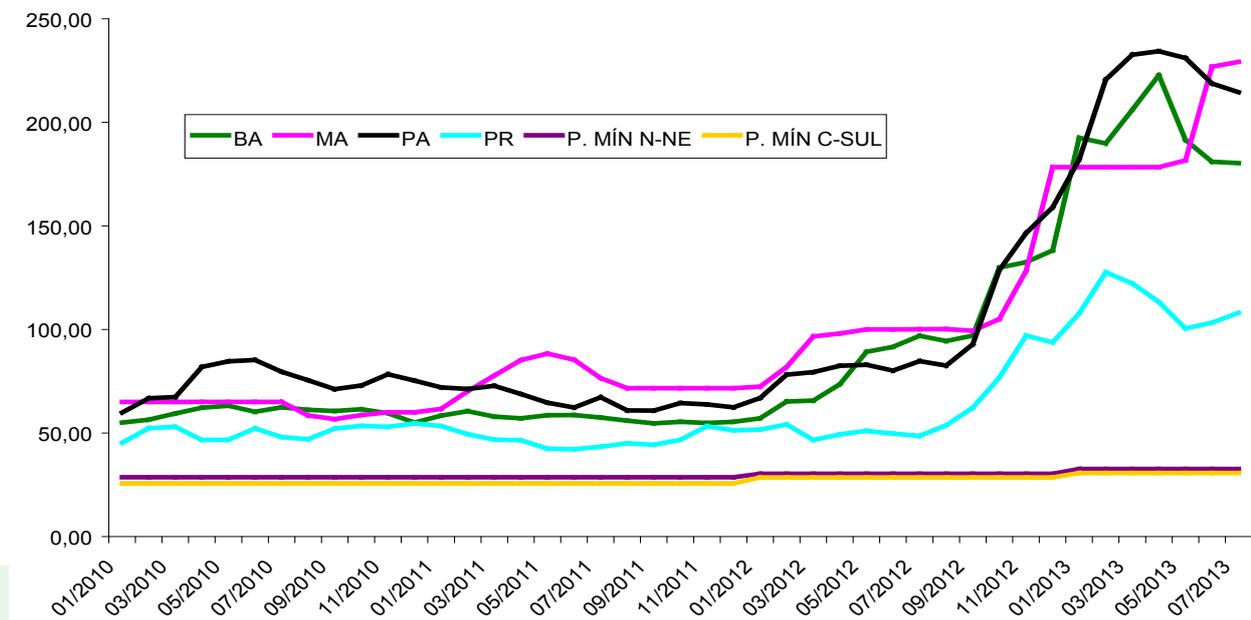
No Estado da Bahia os preços apresentaram um processo de recuperação a partir de 2011, cuja média foi de R\$ 57,08/sc 50 kg, em 2012 de R\$ 94,26/sc 50 kg e em 2013, até julho, a média aponta para R\$ 194,85/sc 50 kg. Os preços médios em 2012 e 2013 estão vinculados ao clima adverso (seco) que reduziu a oferta de matéria-prima e a necessidade de abastecimento da farinha na região sul, principalmente, Paraná e São Paulo.

Observa-se, no Estado do Pará, variação nos preços decorrentes da maior precipitação de chuva, verificando em 2010 um preço médio de R\$ 74,86/sc 50 kg, em 2011 R\$ 65,96/sc 50 kg, em 2012 R\$ 97,01/sc 50 kg e em 2013, até julho, uma média de R\$ 219,16/sc de 50 kg.

No Estado do Maranhão os preços médios estão assim registrados; em 2010 R\$ 62,40/sc de 50 kg, em 2011 R\$ 75,27/sc 50 kg, em 2012 R\$ 105,21/sc 50 kg e em 2013, até julho, R\$ 192,99/sc 50 kg.

No Gráfico 4 observa-se o comportamento dos preços da farinha de mandioca (recebidos pelo produtor) nos Estados da Bahia, Pará, Paraná e Maranhão, no período de janeiro de 2010 a junho de 2013.

Gráfico 4 – Raiz – preços recebidos pelo produto R\$/t

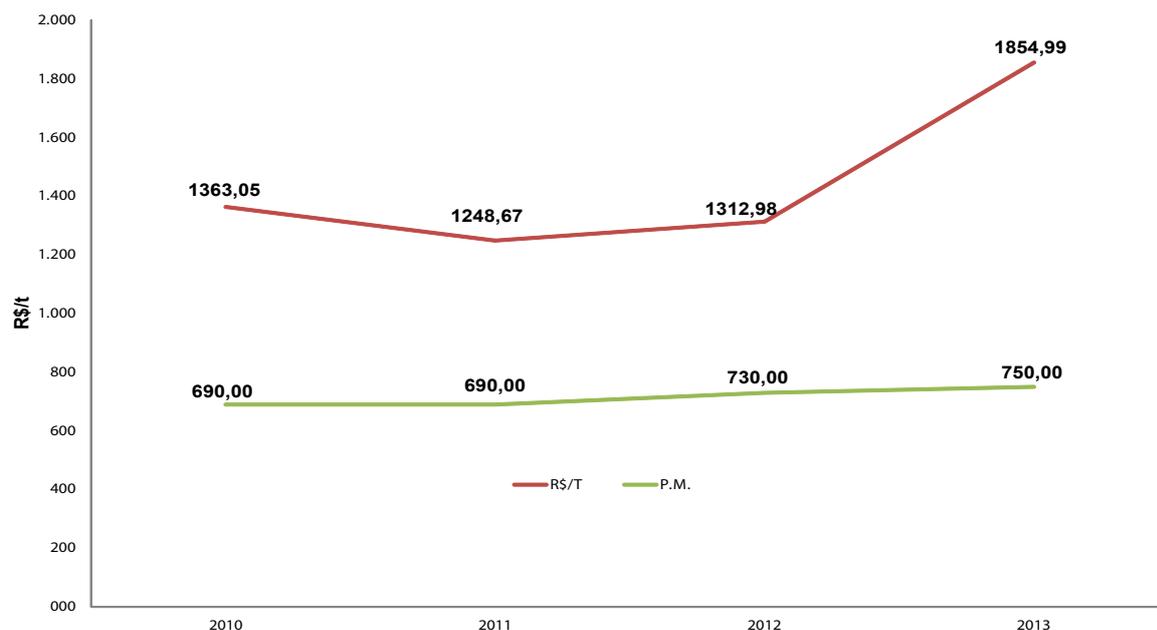


Fonte: Conab

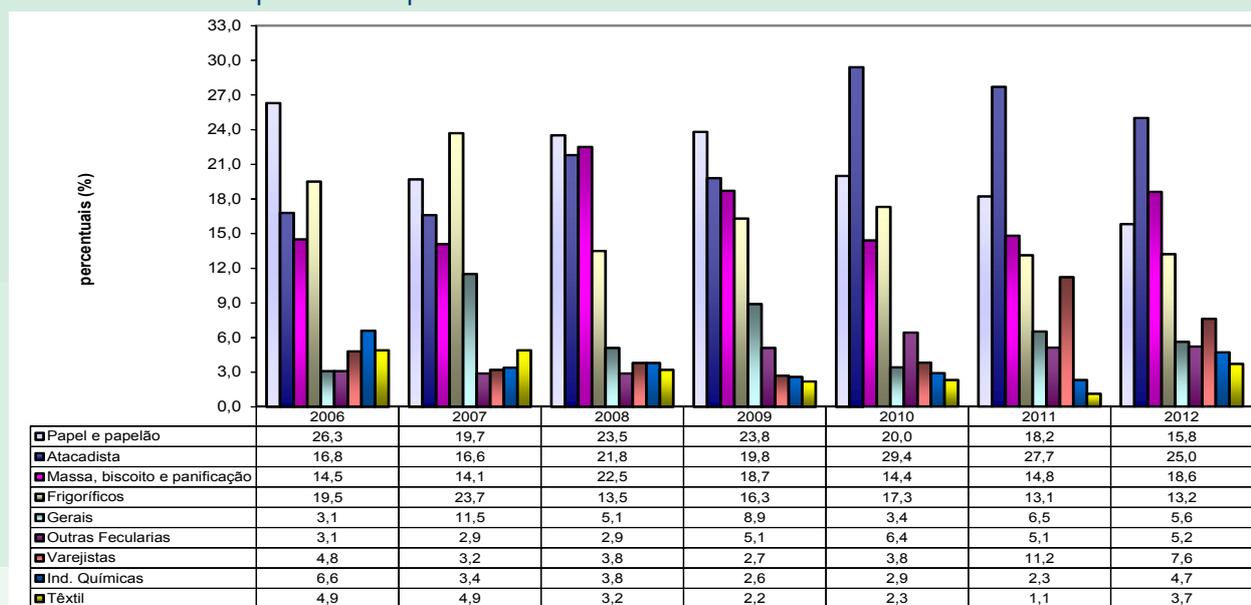
4.2.3. Fécula

Em 2010, em decorrência de fatores climáticos adversos (seca em alguns períodos e chuvas em outros) a média dos preços (R\$ 1.363,05/t) elevou-se consideravelmente, conforme registrado no Gráfico 5. Em 2011, a maior oferta da matéria-prima no Paraná causou impacto na cotação média de mercado (R\$ 1.248,67/t), registrando-se declínio. Em 2012 e 2013, as médias de preços apontam para crescimento, em função da maior disputa pela matéria-prima, não só entre as indústrias farinheiras como também entre as fecularias, e ainda entre farinheiras e fecularias.

No Gráfico 6, visualizam-se os principais mercados consumidores de fécula, elaborados com base nas informações coletadas pelo Cepea/Esalq e divulgadas em abril deste exercício.]

Gráfico 5 – Fécula – preços médios anuais – R\$/t no Centro-Sul


Fonte: Conab

Gráfico 6 – Venda por setor – percentual


Fonte: Esalq/Cepea

Nota: Elaborado pela Conab

4.3. Importação/exportação

Quanto à evolução nacional de exportações de fécula de mandioca, a base de dados da Secretaria de Comércio Exterior – Secex/Mdic registra que em 2007 o Brasil exportou 12,8 mil t; em 2008, 9,3 mil toneladas de fécula, em 2009, 9,3 mil t; em 2010, 5,9 mil t; em 2011, 6,76 mil t, em 2012, 7,2 mil t e em 2013, até junho, 4,5 mil t. A retração deve-se, essencialmente, aos preços menos competitivos no mercado externo, principalmente quando comparados às exportações efetuadas pela Tailândia.

Em 2009 a média de preços da fécula de mandioca exportada pelo Brasil foi de US\$ 596,24/tonelada, em 2010 US\$ 902,74/t; em 2011 US\$ 823,87/t, em 2012 US\$ 868,77/t e em 2013,

até junho, registra-se US\$ 925,72/t.

A Tailândia, no período de janeiro a junho/13, registra a média de US\$ 485,07/tonelada (FOB Bangkok), o que a torna extremamente competitiva dentre os demais países exportadores.

O Paraguai, em igual período de 2013, registra média de US\$ 713,36, por tonelada de fécula exportada.

Quanto às importações do mesmo produto, o Brasil internalizou 13,0 mil t em 2007; em 2008, 9,9 mil t; em 2009, 2,0 mil t; em 2010, 14,8 mil t; em 2011, 19,0 mil t, em 2012, 12,2 mil t e em 2013, até junho foram importadas 4,4 mil t. As quantidades mencionadas nos últimos três anos estão associadas aos picos positivos nos preços da raiz de mandioca e da própria fécula no mercado interno, inviabilizando, em alguns momentos, o uso do derivado nacional por parte dos segmentos mencionados no Gráfico VI.

4.4. Atuação governamental

No decorrer do ano de 2012, conforme demonstrado na Tabela IV, foram gastos R\$ 22.754.035,96 na aquisição de produtos associados à raiz, farinha (mandioca e tapioca), fécula, tapioca, massa e raspa de mandioca, no total de 24.258.203 kg, por meio do PAA.

Tabela 4 – Aquisição de mandioca e derivados pelo PAA no ano de 2012

| Produto | R\$ | Kg |
|---------------------|----------------------|-------------------|
| Farinha de mandioca | 5.575.237,55 | 3.161.951 |
| Farinha de tapioca | 235.207,10 | 83.974 |
| Fécula de mandioca | 55.432,40 | 28.099 |
| Massa de mandioca | 83.880,81 | 38.999 |
| Polvilho | 871.225,08 | 276.702 |
| Raiz de mandioca | 15.285.456,22 | 20.463.010 |
| Raspa de mandioca | 19.809,40 | 8.527 |
| Tapioca | 622.987,40 | 195.981 |
| Torta de aipim | 4.800,00 | 960 |
| Total | 22.754.035,96 | 24.258.203 |

Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares

Ainda no campo das políticas públicas, merece destaque a elevação dos preços mínimos para a raiz de mandioca e derivados (farinha e fécula), para a safra 2013/14 e 2014, bem aceita pelo setor produtivo. Na tabela V constam os preços mínimos que irão vigorar a partir de janeiro de 2014.

Tabela 5 – Preços mínimo para raiz de mandioca e derivados

| Região | Raiz de mandioca (R\$/tonelada) | | | Farinha de Mandioca (R\$/kg) | | | Fécula/Goma (R\$/kg) | | |
|----------------|---------------------------------|---------------|------------|------------------------------|---------------|------------|----------------------|---------------|------------|
| | Safra 2012/13 | Safra 2013/14 | Variação % | Safra 2012/13 | Safra 2013/14 | Variação % | Safra 2012/13 | Safra 2013/14 | Variação % |
| CentroSul | 139,57 | 170,00 | 21,8 | 0,6142 | 0,8300 | 35,1 | 0,75 | 1,02 | 36,0 |
| Norte-Nordeste | 138,98 | 188,00 | 35,3 | 0,6632 | 0,9000 | 37,8 | 0,872 | 1,20 | 37,6 |

Fonte: Conab

5. Fatores positivos e críticos

Sinaliza-se para 2014 o aumento de área plantada, principalmente no Paraná e São Paulo, o início da recuperação da área baiana, maranhense, paraense e amazonense, tendo como alicerce os preços praticados no mercado e a garantia governamental com os preços mínimos que irão vigorar no início do próximo ano.

Cita-se, assim, como fatores críticos os reflexos ocasionados pela grande seca ocorrida na região nordeste no ano de 2012 e sua difícil recuperação, além da geada e chuvas na região sul, que comprometem a produtividade e o abastecimento.

6. Perspectivas para a safra 2013/14

Para formulação desta análise prospectiva de oferta e demanda de mandioca e derivados, período de 2013/14, considerou-se como base de referência o histórico de produção, o acompanhamento do mercado já mencionado nas páginas anteriores e os incentivos governamentais (preços mínimos) que irão vigorar a partir de janeiro de 2014.

Considerando que o Valor Bruto da Produção – VBP, resultado da multiplicação do preço médio pago ao produtor pela quantidade prevista pelo IBGE como produzida em 2013 (ver Tabela 6), apresenta crescimento quando se compara o período de Janeiro-Abril a Janeiro-Junho, constata-se mais um fator para acreditar na expansão na área a ser plantada, já a partir de setembro deste ano, visto o preço de mercado estar bem remunerador.

Assim, prevê-se, em função de informações colhidas na Câmara Setorial, em observação ao histórico do LSPA e com base nos ótimos preços pagos aos produtores rurais ao longo de 2012 e 2013 recuperação de área nos Estados do Pará e Amazonas, nos mesmos patamares registrados em 2012.

Na Bahia a perspectiva é de recuperação de área plantada e melhora na produtividade, visto a sinalização de melhora no clima.

Na região Centro-Sul a perspectiva, segundo informações obtidas na última reunião da Câmara Setorial, é de aumento variável de 8 a 10% na área plantada, com manutenção da atual produtividade.

Ainda, segundo recentes levantamentos de Custos de Produção nas principais regiões produtoras do Paraná e Mato Grosso do Sul, observa-se aumentos quando confrontados os custos em janeiro aos de maio. Assim, em Ivinhema – MS o acréscimo é de 25,35%, em Marechal Cândido Rondon – PR 14,86% e em Paranavaí, também no Paraná, 11,33%.

As elevações nos custos de produção estão associadas aos gastos com mão-de-obra, operação com máquinas, transporte externo, fertilizante e despesas administrativas.

Tendo em vista o ciclo da cultura de 12 a 18 meses, projetou-se um aumento nacional de no máximo 8% de área a ser colhida, ou seja, passando de 1.518,0 mil ha, (previsão do IBGE), para 1.639,5 mil ha. Ao manter-se a produtividade em 14,13 t/ha, possivelmente se obterá uma

oferta próxima a 23,2 milhões de toneladas de raiz na safra 2013/14.

Desta maneira, ponderando-se que a quantidade projetada para a safra 2013/14 será próxima à registrada em 2012 e considerando-se a necessidade de abastecimento de matéria-prima na região nordeste, a manutenção das atividades industriais no Centro-Sul, ou seja, provavelmente, os mesmos cenários já constatados em 2012 e 2013, conclui-se que os preços permanecerão próximos aos já apresentados neste trabalho.

Tabela 6 – VBP – Raiz de mandioca

| Região - UF's/Ano | Média Siagro jan - abr | | | Média Siagro jan - jun | | |
|----------------------------|---------------------------|-------------------|-----------------------|---------------------------|-------------------|-----------------------|
| | VR médio | PRD. junho | VBP | VR médio | PRD. junho | VBP |
| Região Norte | 729,73 | 7.540.158 | 5.502.311.812 | 811,86 | 7.540.158 | 6.121.520.359 |
| RO | 730,00 | 500.869 | 365.634.370 | 750,00 | 500.869 | 375.651.750 |
| AC | 740,00 | 936.633 | 693.108.420 | 980,00 | 936.633 | 917.900.340 |
| AM | 1.160,00 | 974.716 | 1.130.670.560 | 1.350,00 | 974.716 | 1.315.866.600 |
| RR | 910,00 | 77.192 | 70.244.720 | 940,00 | 77.192 | 72.560.480 |
| PA | 447,97 | 4.689.542 | 2.100.774.130 | 457,80 | 4.689.542 | 2.146.872.328 |
| AP | 890,00 | 134.762 | 119.938.180 | 930,00 | 134.762 | 125.328.660 |
| TO | 230,17 | 226.486 | 52.130.283 | 275,19 | 226.486 | 62.326.682 |
| Região Nordeste | 605,81 | 4.995.287 | 3.026.178.167 | 632,47 | 4.995.287 | 3.159.352.518 |
| MA | 365,26 | 1.474.566 | 538.599.977 | 497,37 | 1.474.566 | 733.404.891 |
| PI | 344,97 | 281.213 | 97.010.049 | 349,04 | 281.213 | 98.154.586 |
| CE | 320,37 | 638.825 | 204.660.365 | 362,12 | 638.825 | 231.331.309 |
| RN | 705,64 | 100.167 | 70.681.842 | 739,75 | 100.167 | 74.098.538 |
| PB | 752,00 | 153.667 | 115.557.584 | 774,67 | 153.667 | 119.041.215 |
| PE | 741,98 | 422.483 | 313.473.936 | 755,22 | 422.483 | 319.067.611 |
| AL | 734,38 | 240.448 | 176.580.202 | 748,75 | 240.448 | 180.035.440 |
| SE | 909,38 | 425.968 | 387.366.780 | 889,17 | 425.968 | 378.757.967 |
| BA | 578,28 | 1.257.950 | 727.447.326 | 576,11 | 1.257.950 | 724.717.575 |
| Região Sudeste | 499,55 | 2.273.702 | 1.135.827.834 | 518,13 | 2.273.702 | 1.178.061.849 |
| MG | 510,00 | 823.972 | 420.225.720 | 580,00 | 823.972 | 477.903.760 |
| ES | 413,98 | 158.243 | 65.509.437 | 405,59 | 158.243 | 64.181.778 |
| RJ | 770,00 | 237.587 | 182.941.990 | 778,00 | 237.587 | 184.842.686 |
| SP | 304,22 | 1.053.900 | 320.617.458 | 308,91 | 1.053.900 | 325.560.249 |
| Região Sul | 257,30 | 5.378.303 | 1.383.819.434 | 271,36 | 5.378.303 | 1.459.474.230 |
| PR | 343,08 | 3.693.145 | 1.267.044.187 | 330,69 | 3.693.145 | 1.221.286.120 |
| SC | 191,49 | 506.906 | 97.067.430 | 230,04 | 506.906 | 116.608.656 |
| RS | 237,32 | 1.178.252 | 279.622.765 | 253,36 | 1.178.252 | 298.521.927 |
| Região Centro-Oeste | 282,85 | 1.261.696 | 356.874.919 | 292,49 | 1.261.696 | 369.029.257 |
| MS | 299,86 | 692.020 | 207.509.117 | 291,53 | 692.020 | 201.744.591 |
| MT | 209,43 | 351.321 | 73.577.157 | 234,62 | 351.321 | 82.426.933 |
| GO | 339,27 | 199.800 | 67.786.146 | 351,31 | 199.800 | 70.191.738 |
| DF | 719,00 | 18.555 | 13.341.045 | 679,00 | 18.555 | 12.598.845 |
| Brasil | 475,05 | 21.449.146 | 10.189.377.995 | 505,26 | 21.449.146 | 10.837.384.273 |

Fonte: IBGE. Levantamento sistemático da produção agrícola – LSPA; Conab. Siagro



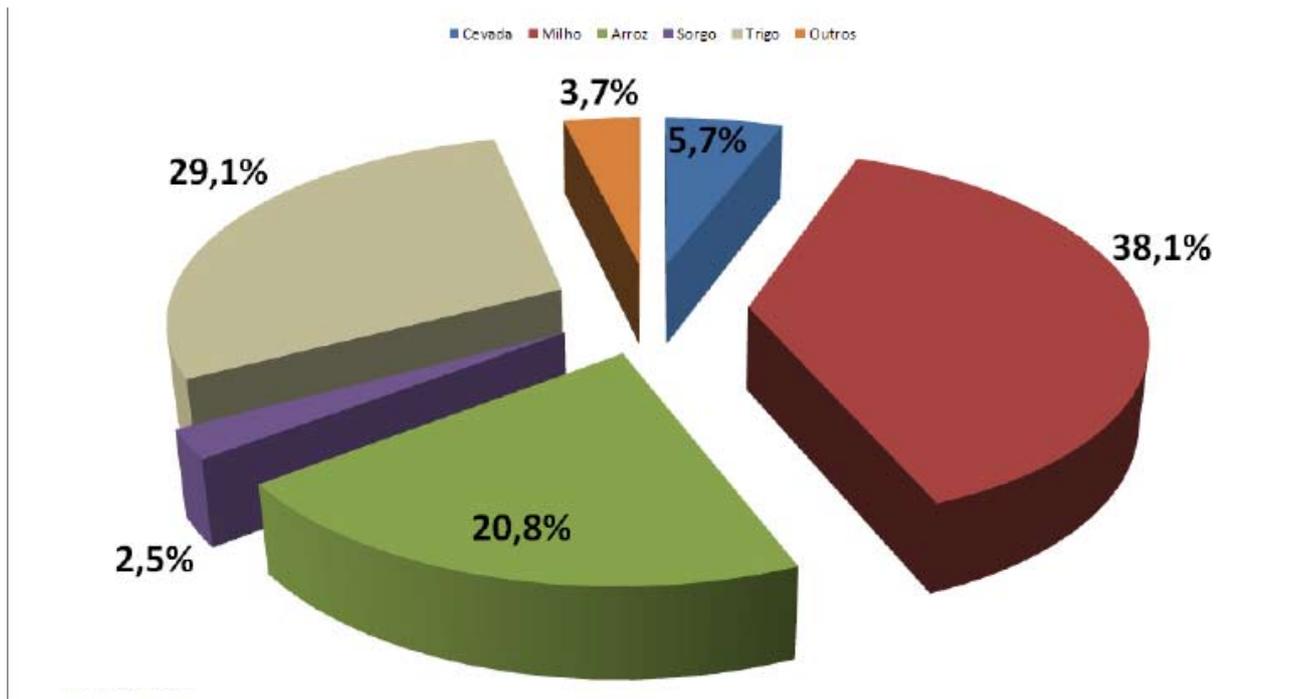
1. Introdução

A cultura do milho é considerada uma das mais importantes dentro do cenário da produção agropecuária no mundo. Podem-se citar algumas utilizações deste cereal que justifiquem tal importância, tais como:

- 1.Principal fonte de energia dentro do processo de nutrição animal, sendo o cereal mais largamente consumido pelos setores de aves e suínos;
- 2.Pode ser utilizado na alimentação humana como flocos, farinha e óleo, além de fazer parte de vários processos da indústria alimentícia e de bebidas;
- 3.Uma importante matriz energética na produção de biocombustível como o etanol, principalmente nos Estados Unidos.

Por essa razão, a produção deste cereal é importante na balança comercial de muitos países e atualmente é o grão mais produzido no mundo, sendo responsável por 38,1% de todos os grãos produzidos, seguido pelo trigo (29,1%), e arroz (20,8%).

Gráfico 1 – Participação % dos principais grãos produzidos no mundo 2012/13



Fonte: USDA

Portanto, o que afeta a dinâmica de oferta e demanda de milho, também afeta diretamente a economia de muitos países importantes dentro do cenário de intercâmbio comercial internacional.

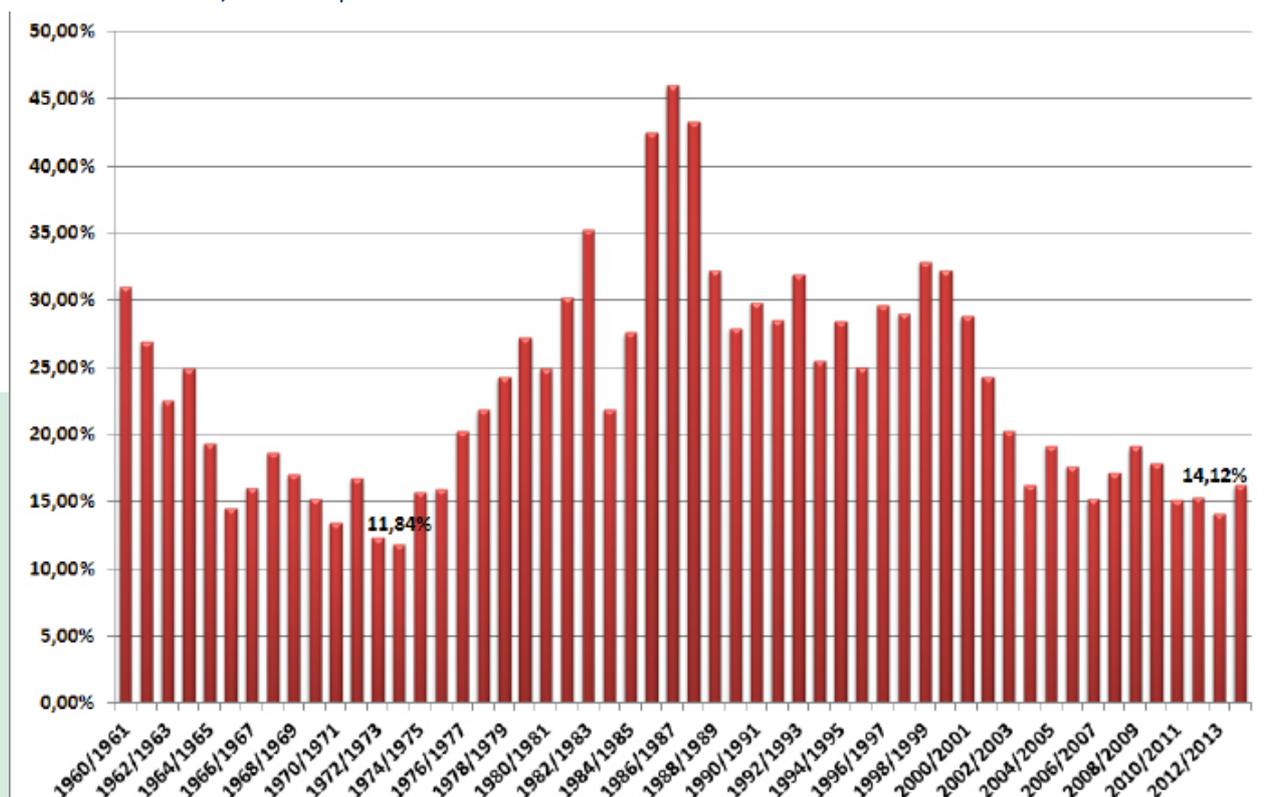
O objetivo deste trabalho é traçar uma análise prospectiva da produção e preços de milho para a safra 2013/14, observando fatores como suprimento e consumo de milho no mundo e no Brasil, no sentido de subsidiar o setor agrícola nacional na tomada de decisão justamente em um momento de programação de produção para a próxima safra.

2. Panorama internacional

A safra 2012/13 foi marcada por algumas particularidades que foram fundamentais para o direcionamento mundial do mercado de milho. Primeiramente, os Estados Unidos, principal produtor mundial do cereal, sofreu com uma das maiores secas já registradas, que atingiu, sobretudo, o Meio Oeste, região onde se concentra o maior volume de milho e soja.

Em função deste acidente climático, a produção norte americana de milho, estimada inicialmente em 370,0 milhões de toneladas, baixou para 273,8 milhões, provocando uma forte redução da participação dos Estados Unidos no mercado externo. Este país se viu obrigado a importar 4,2 milhões de toneladas para atender a demanda interna, abrindo espaço principalmente para o Brasil, o qual atingiu 22,3 milhões de toneladas exportadas em um ano safra.

A quebra da safra estadunidense influenciou na produção mundial que, como anda muito ajustada com o consumo, gerou uma relação estoque/consumo mundial do grão de 14,12%, a menor desde a safra 1973/74, que equivale a 57 dias de consumo.

Gráfico 2 – Relação estoque/consumo mundial de milho


Fonte: USDA

No entanto, na safra 2013/14 a situação se desenha de forma diferente. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos – USDA, divulgou no último dia 12/08 o relatório de oferta e demanda, onde mesmo com uma produção abaixo da expectativa inicial, devido ao atraso no plantio, os Estados Unidos tem uma possibilidade de colher 349,6 milhões de toneladas, ou seja, a maior safra já registrada. Neste contexto, os estoques finais estadunidenses serão recompostos, bem como os estoques mundiais.

Tabela 1 – Milho: oferta e demanda mundial – ago/13

| Safra | Estoque inicial | Produção | Importação | Consumo | | Exportação | Estoque final | Estoque/Consumo |
|-----------------------|-----------------|----------|------------|---------|---------|------------|---------------|-----------------|
| | | | | Ração | Total | | | |
| Mundo | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 147.798 | 824.168 | 89.626 | 490.254 | 818.848 | 96.619 | 146.125 | 17,8% |
| 2010/2011 | 146.125 | 831.679 | 92.311 | 501.224 | 850.557 | 91.254 | 128.304 | 15,1% |
| 2011/2012 | 128.304 | 883.281 | 99.931 | 505.494 | 862.227 | 116.887 | 132.402 | 15,4% |
| 2012/2013 | 132.402 | 858.778 | 97.528 | 517.470 | 871.909 | 93.692 | 123.107 | 14,1% |
| 2013/2014 | 123.107 | 957.146 | 105.857 | 557.056 | 927.926 | 104.016 | 150.168 | 16,2% |
| Estados Unidos | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 42.504 | 332.549 | 212 | 130.199 | 281.615 | 50.270 | 43.380 | 15,4% |
| 2010/2011 | 43.380 | 316.165 | 703 | 121.908 | 295.123 | 46.481 | 28.644 | 10,0% |
| 2011/2012 | 28.644 | 313.949 | 746 | 115.470 | 279.035 | 39.182 | 25.122 | 9,0% |
| 2012/2013 | 25.122 | 273.832 | 4.191 | 113.035 | 266.711 | 18.162 | 18.272 | 6,9% |
| 2013/2014 | 18.272 | 349.597 | 762 | 129.546 | 290.844 | 31.116 | 46.671 | 16,0% |

Fonte: USDA

Além da boa safra norte americana, países como Argentina, Ucrânia, China e Brasil terão ou estão tendo colheitas bem acima das expectativas. Para a Argentina, o USDA estimou uma produção de 26,5 milhões de toneladas para a safra 2012/13; contudo, o Ministério de Agricultura, Pecuária e Pesca da Argentina reviu seus números iniciais para a safra que recém

terminou a colheita, chegando a 32,1 milhões. Para a próxima safra, segundo a mesma fonte, os produtores argentinos deverão colher cerca de 27,0 milhões de toneladas.

Nesta mesma estimativa, este Departamento, prevê a retomada da Ucrânia no cenário mundial de milho com uma produção de 29,0 milhões para 2013/14 frente a uma produção cerca de 8,0 milhões de toneladas menor em 2012/13 que atingiu um valor de 20,9. Com isso a participação deste país no mercado internacional do cereal tende a aumentar.

Por isso, provavelmente estes países poderão ajudar a suprir a demanda mundial por milho, mesmo diante de uma estratégica menor participação estadunidense neste mercado.

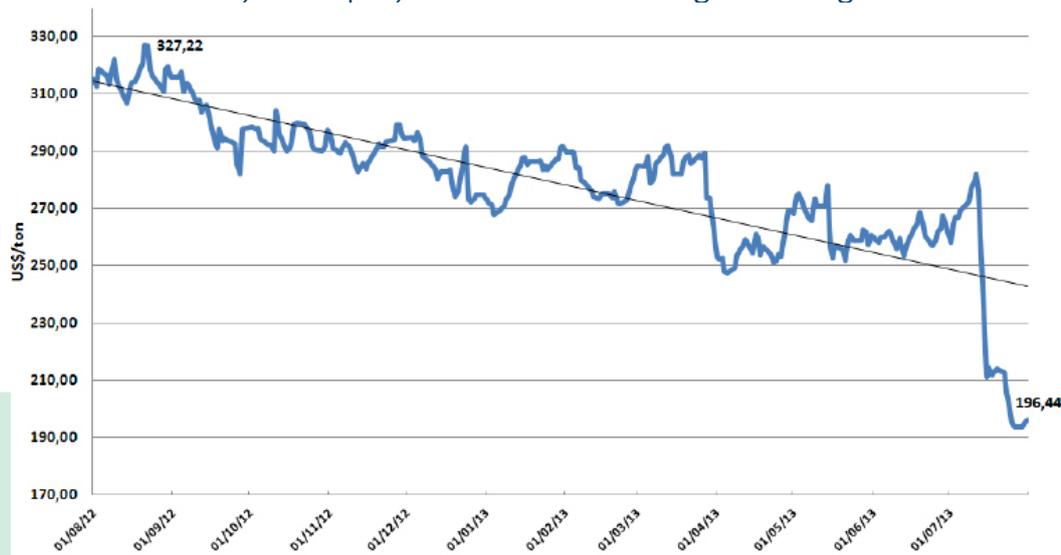
Tabela 2 – Milho: oferta e demanda mundial – ago/13

| Safra | Estoque inicial | Produção | Importação | Consumo | | Exportação | Estoque final | Estoque/Consumo |
|-----------------------|-----------------|----------|------------|---------|---------|------------|---------------|-----------------|
| | | | | Ração | Total | | | |
| Argentina | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 970 | 25.000 | 7 | 5.000 | 6.900 | 16.504 | 2.573 | 37,3% |
| 2010/2011 | 2.573 | 25.200 | 6 | 5.300 | 7.300 | 16.349 | 4.130 | 56,6% |
| 2011/2012 | 4.130 | 21.000 | 7 | 4.800 | 7.000 | 17.146 | 991 | 14,2% |
| 2012/2013 | 991 | 26.500 | 10 | 4.800 | 7.300 | 19.500 | 701 | 9,6% |
| 2013/2014 | 701 | 27.000 | 10 | 5.300 | 8.300 | 18.500 | 911 | 11,0% |
| Ucrânia | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 937 | 10.486 | 21 | 5.000 | 5.700 | 5.072 | 672 | 11,8% |
| 2010/2011 | 672 | 11.919 | 38 | 5.400 | 6.500 | 5.008 | 1.121 | 17,2% |
| 2011/2012 | 1.121 | 22.838 | 49 | 6.500 | 7.800 | 15.157 | 1.051 | 13,5% |
| 2012/2013 | 1.051 | 20.922 | 50 | 6.400 | 7.700 | 13.500 | 823 | 10,7% |
| 2013/2014 | 823 | 29.000 | 50 | 7.500 | 9.100 | 18.000 | 2.773 | 30,5% |
| China | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 51.183 | 163.974 | 1.296 | 118.000 | 165.000 | 151 | 51.032 | 31,1% |
| 2010/2011 | 51.302 | 177.245 | 979 | 128.000 | 180.000 | 111 | 49.415 | 27,5% |
| 2011/2012 | 49.415 | 192.780 | 5.321 | 131.000 | 188.000 | 91 | 59.335 | 31,6% |
| 2012/2013 | 59.335 | 205.600 | 3.000 | 144.000 | 207.000 | 50 | 60.885 | 29,4% |
| 2013/2014 | 60.885 | 211.000 | 7.000 | 156.000 | 224.000 | 50 | 54.835 | 24,5% |
| União Européia | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 6.532 | 59.147 | 2.758 | 46.500 | 61.300 | 1.569 | 5.568 | 9,1% |
| 2010/2011 | 5.568 | 58.625 | 7.385 | 9.900 | 64.900 | 1.096 | 5.222 | 8,0% |
| 2011/2012 | 5.222 | 68.089 | 6.113 | 53.900 | 69.200 | 3.287 | 6.937 | 10,0% |
| 2012/2013 | 6.937 | 58.539 | 10.800 | 53.000 | 69.000 | 1.700 | 5.576 | 8,1% |
| 2013/2014 | 5.576 | 65.056 | 7.500 | 53.000 | 70.000 | 2.500 | 5.601 | 8,0% |

Fonte: USDA

A China e União Europeia, apesar de terem a tendência de aumentar a produção, possuem um consumo elevado, sobretudo em função do crescimento chinês, levando a um aumento da demanda por proteína animal, forte consumidora de milho. Países como Japão, México e Coréia do Sul deverão manter seus postos como principais demandantes do grão no cenário externo, mas ainda assim a previsão de consumo mundial é menor que a de produção mundial. Por essa razão, a tendência de preços no mercado externo é de baixa, invertendo a curva de preços do milho que vinha com valores altos desde o final de 2010, saindo de US\$ 327,22/ton para US\$ 196,44/ton.

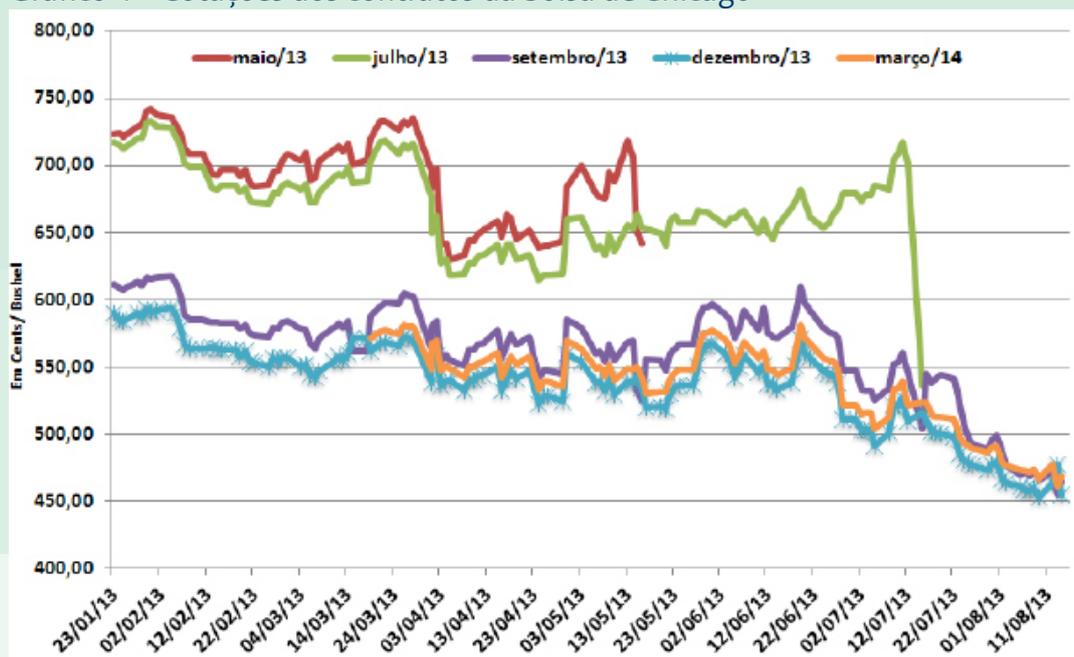
Gráfico 3 – Evolução dos preços de milho em Chicago 1ª entrega – Ano 2013



Fonte: CMEGroup

Este fato é evidenciado ao se analisar os contratos futuros a partir de setembro/13, onde as negociações estão ocorrendo com valores abaixo de US Cents 470/bushel, conforme apresentado no Gráfico 4.

Gráfico 4 – Cotações dos contratos da bolsa de Chicago



Fonte: CMEGroup

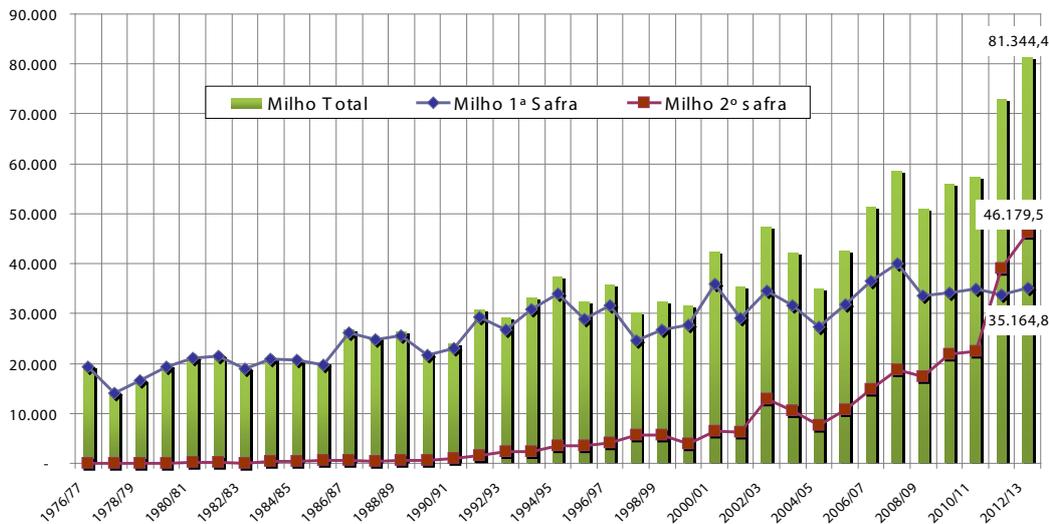
3. Panorama nacional

O Brasil está alcançando mais uma safra recorde, chegando a 81,3 milhões de toneladas, ou seja, um incremento de praticamente 11,5% em relação à safra 2011/12. Apesar dos problemas climáticos de secas e altas temperaturas ocorridas em nos Estados do Nordeste brasileiro e o atraso do plantio da soja e milho na Região Centro-Oeste, principalmente, para o Estado do Mato Grosso, onde se imaginava uma possível quebra de safra, mas devido às boas condições climáticas, a 2ª safra mais uma vez superou a 1ª.

Além do aumento de produtividade média, o direcionamento do plantio de milho para

a 2ª safra provocando um aumento de área, também foi determinante para o incremento da produção daquela que já foi considerada a safrinha.

Gráfico 5 – Evolução da produção de milho – 1ª e 2ª safras e milho total

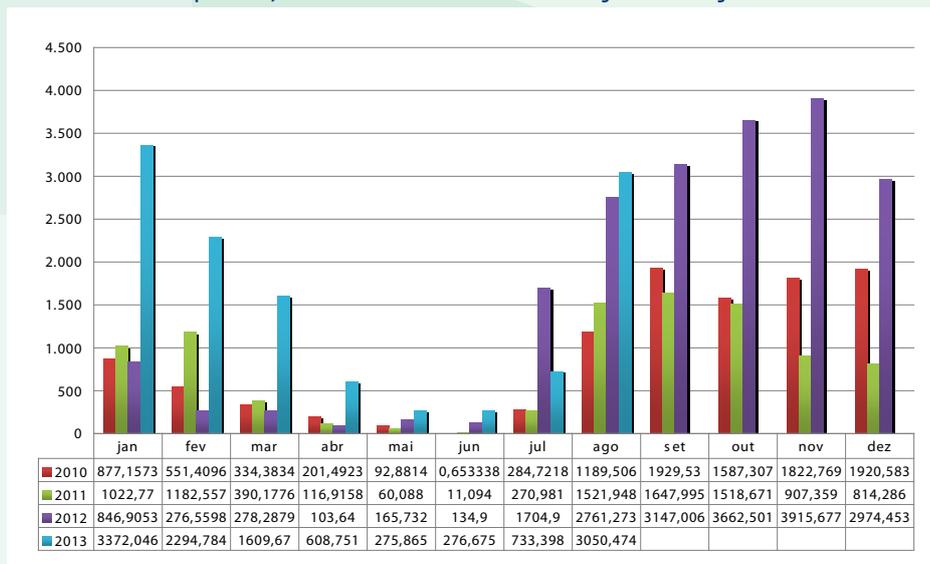


Fonte: Conab

Além do aumento de produção, vale ressaltar a participação brasileira no mercado externo de milho, sendo o maior destaque para o volume exportado na safra 2011/12 (corresponde o período de fevereiro de 2011 a janeiro de 2012), onde foram exportadas 22,3 milhões de toneladas.

Vale lembrar que a quebra da safra dos Estados Unidos, diminuindo a participação daquele país nas exportações mundiais do cereal, foi o maior fator de influência para o direcionamento dos principais demandantes mundiais para o produto brasileiro. Entretanto, os prêmios dos portos, devido ao longo tempo de espera para embarque, trabalharam em boa parte do tempo com valores negativos, o que afetou a lucratividade dos produtores locais.

Gráfico 6 – Exportações brasileiras de milho jan/10 a jul/13



Fonte: MDIC/Secex

Entretanto, mesmo com um cenário diferente, configurando boas safras dos Estados Unidos, Argentina e Ucrânia, aliando-se a isso preços mais baixos no mercado externo e as dificuldades logísticas, há expectativa de um bom movimento de exportação do milho brasileiro,

talvez menor que o do ano anterior porém bem próximo, estimando-se em 17,5 milhões de toneladas., lembrando que de fevereiro a agosto deste ano já foram exportadas 8,8 milhões.

Assim sendo, com um consumo interno estimado em 52,1 milhões de toneladas, deverá haver um estoque final de 18,2 milhões de toneladas, certamente o maior estoque da história, o que leva a crer que existirá uma forte pressão baixista para os preços internos.

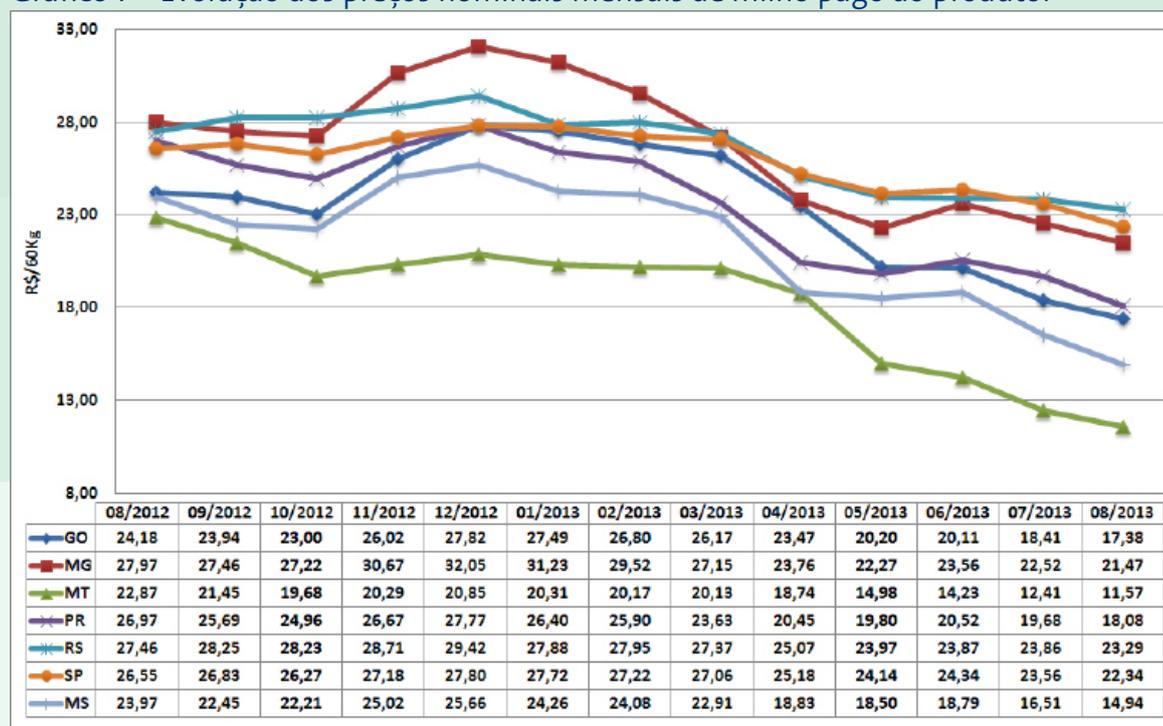
Tabela 3 – Milho: oferta e demanda mundial – set/13

| Produto | Safra | Estoque inicial | Produção | Importação | Suprimento | Consumo | Exportação | Estoque final |
|---------|---------|-----------------|----------|------------|------------|----------|------------|---------------|
| Milho | 2008/09 | 7.675,5 | 51.003,8 | 1.181,6 | 59.860,9 | 45.414,1 | 7.333,9 | 7.122,8 |
| | 2009/10 | 7.112,8 | 56.018,1 | 391,9 | 63.522,8 | 46.967,6 | 10.966,1 | 5.589,1 |
| | 2010/11 | 5.589,1 | 57.406,9 | 764,4 | 63.760,4 | 48.485,5 | 9.311,9 | 5.963,0 |
| | 2011/12 | 5.963,0 | 72.979,5 | 774,0 | 79.716,5 | 51.533,4 | 22.313,7 | 5.869,4 |
| | 2012/13 | 5.869,4 | 81.344,4 | 500,0 | 87.713,8 | 52.053,9 | 17.500,0 | 18.159,9 |

Fonte: Conab

O reflexo deste cenário já começa a ser notado com a queda nos preços nos últimos meses para todos os principais Estados produtores de milho. No Gráfico 7 é observado, pelo preço médio mensal pago ao produtor (sendo o mês de agosto/13 até o dia 15/08) que muitos destes Estados já estão trabalhando com valores abaixo do preço mínimo vigente, gerando a necessidade de intervenção governamental, em especial o Estado do Mato Grosso, que deverá finalizar sua colheita em 19,9 milhões de toneladas.

Gráfico 7 – Evolução dos preços nominais mensais de milho pago ao produtor



Fonte: Conab

4. Perspectivas para a safra nacional 2013/2014

4.1. Análise de rentabilidade

Antes de se esboçar uma projeção de área e de preços para a próxima safra é importante se ter uma ideia do direcionamento da área plantada no Brasil pois, além dos preços internos atuais deve-se levar em consideração um estudo de rentabilidade da soja e do milho,

principalmente por que estes produtos são concorrentes por área na 1ª safra, onde a oleaginosa, atualmente, encontra-se com preços bem mais elevados.

Portanto, segue-se um estudo de rentabilidade da cultura da soja, comparativamente à cultura do milho para o Estado do Paraná, construído a partir dos dados de custo de produção da Conab, do mês de maio/2013, para o Município de Campo Mourão (devido a sua importância para o Estado do Paraná e por este ser o principal produtor de milho total e 1ª safra).

Nota-se, tomando por base os preços atuais e as produtividades médias de cada produto, uma superioridade dos resultados apresentados, em favor da lavoura de soja, com uma margem líquida, neste momento, de 71,3%, frente à margem negativa de 4,6% da lavoura de milho, considerando somente despesas de custeio.

Caso a análise seja feita pelo custo variável, observa-se uma margem negativa para o milho de - 28,5% contra a margem positiva de 62,0% da soja.

Diante disso é bem provável que haja uma diminuição de área para o milho 1ª safra, com tendência de aumento da área 2ª safra, o que pode representar um risco maior, pois a 2ª safra tem um período mais limitado de plantio, em relação ao período chuvoso, porém menor que o trigo, em função das possibilidades de geada.

Tabela 4 – Comparativo da análise de rentabilidade de milho 1ª safra e soja Campo Mourão - PR
 Produtividade média soja: 3.000 kg/ha
 Produtividade média milho: 7.000 kg/ha

| Discriminação | Preços mercado - Produtor Soja | | Preços mercado - Produtor Milho | |
|------------------------------------|-----------------------------------|----------------------|------------------------------------|----------------------|
| | 64,00 R\$/ha | R\$/60kg R\$/60kg | 17,00 R\$/ha | R\$/60kg R\$/60kg |
| Análise financeira: | | | | |
| A - Receita bruta | 3.200,00 | 64,00 | 1.948,33 | 16,70 |
| B - Despesas: | | | | |
| B1 - Despesas de custeio (DC) | 918,25 | 18,37 | 2.037,18 | 17,46 |
| B2 - Custos variáveis (CV) | 1.215,57 | 24,31 | 2.503,83 | 21,46 |
| B3 - Custo operacional (CO) | 1.485,27 | 29,71 | 2.869,98 | 24,60 |
| a) Margem bruta s/ DC (A-B1) | 2.281,75 | 45,64 | -88,85 | -0,76 |
| b) Margem bruta s/ CV (A-B2) | 1.984,43 | 39,69 | -555,50 | -4,76 |
| c) Margem líquida s/ CO (A-B3) | 1.714,73 | 34,29 | -921,65 | -7,90 |
| Análise quantitativa: | kg/ha | 60kg/ha | kg/ha | 60kg/ha |
| Ponto de equilíbrio s/ DC | 860,86 | 14,35 | 7.319 | 121,99 |
| Ponto de equilíbrio s/ CV | 1.139,60 | 18,99 | 8.996 | 149,93 |
| Ponto de equilíbrio s/ CO | 1.392,44 | 23,21 | 10.311 | 171,86 |
| Indicadores | | | | |
| Receita sobre o custeio | (A/B1) | 3,48 | (A/B1) | 0,96 |
| Receita sobre o custo variável | (A/B2) | 2,63 | (A/B2) | 0,78 |
| Receita sobre o custo operacional | (A/B3) | 2,15 | (A/B3) | 0,68 |
| Margem bruta (DC) / Receita | (a/A) | 71,3% | (a/A) | -4,6% |
| Margem bruta (CV) / Receita | (b/A) | 62,0% | (b/A) | -28,5% |
| Margem líquida (CO) / Receita | (c/A) | 53,6% | (c/A) | -47,3% |

Fonte: Conab/Dipai/Sugof/Geole

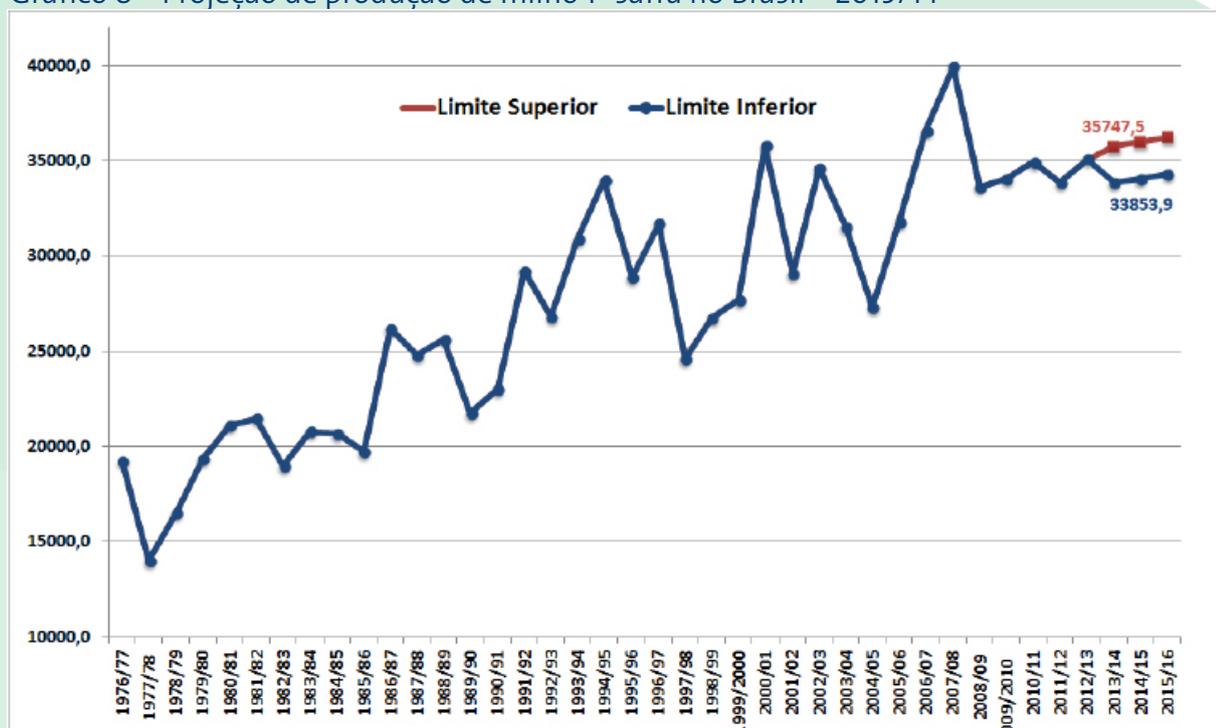
Neste mesmo raciocínio devem seguir os produtores dos Estados de Goiás e Mato Grosso do Sul. Para o Estado do Mato Grosso, o maior concorrente poderia ser o algodão; contudo este depende de uma grande infraestrutura que poucos produtores possuem, o que leva a imaginar que se o milho 2ª safra perder área para o algodão, a proporção deverá ser pequena.

4.2. Produção 2013/2014

Devido à superioridade de rentabilidade da soja em relação ao milho, na 1ª safra, prevê-se que para safra 2013/14 poderá haver um decréscimo das áreas de milho, em detrimento da área de soja, o que não necessariamente significa afirmar diminuição da produção.

Isto porque, na safra 2012/13 houve uma considerável quebra na Região Nordeste, sobretudo no Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia, devido à seca e ao ataque da lagarta *Helicoverpa armigera*.

Gráfico 8 – Projeção de produção de milho 1ª safra no Brasil – 2013/14



Fonte: Conab

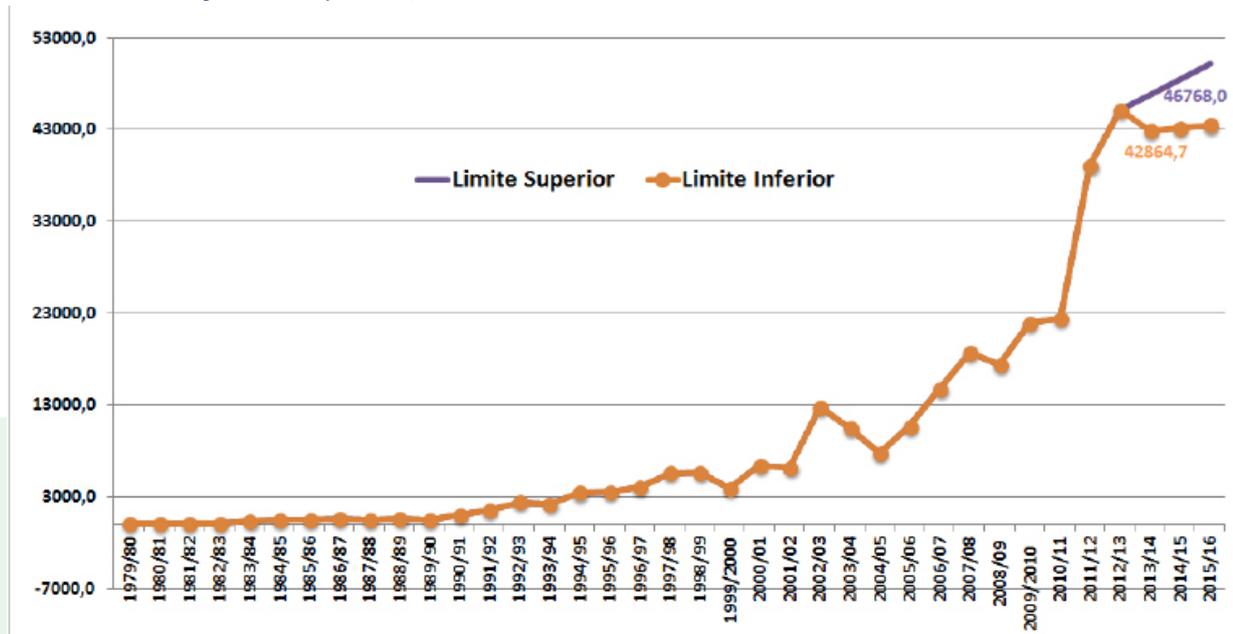
Contudo, usando modelos estatísticos, estima-se que a 1ª safra de milho fique variando entre 33,8 e 35,7 milhões de toneladas, onde dentro de uma produtividade média de 5,09 ton/ha (a média da 1ª safra de 2012/13), a área poderá variar entre um decréscimo de 3,6% ficando com uma área de 6,6 milhões de ha ou um pequeno acréscimo de 1,8%, chegando a 7,0 milhões de há. Porém, diante das condições de mercado é mais seguro acreditar que deverá haver redução na área e, conseqüentemente, da produção, trabalhando-se dentro do limite inferior apresentado no gráfico.

Em contrapartida, provavelmente os produtores que têm a possibilidade de plantar as duas safras de milho, optarão por diminuir mais significativamente a 1ª safra e, podendo aumentar a 2ª safra. Contudo, diante das perspectivas de preços e os altos custos de produção do grão, há a possibilidade de um menor investimento na lavoura o que acarretaria em perda de produtividade média.

Há que considerar que nas duas últimas safras, as condições climáticas da 2ª safra, principalmente para o Centro Oeste, foram excelentes, com períodos chuvosos nos meses em que, normalmente, já não ocorrem grandes índices pluviométricos, como maio, junho e julho.

Neste contexto, acredita-se que a 2ª safra poderá trabalhar dentro dos limites apresentados no gráfico, variando entre 42,9 e 46,8 milhões de toneladas, ou seja, ainda acima da 1ª safra e, por sua vez, concentrada em regiões onde há os maiores entraves logísticos.

Gráfico 9 – Projeção de produção de milho 2ª safra no Brasil – 2013/14

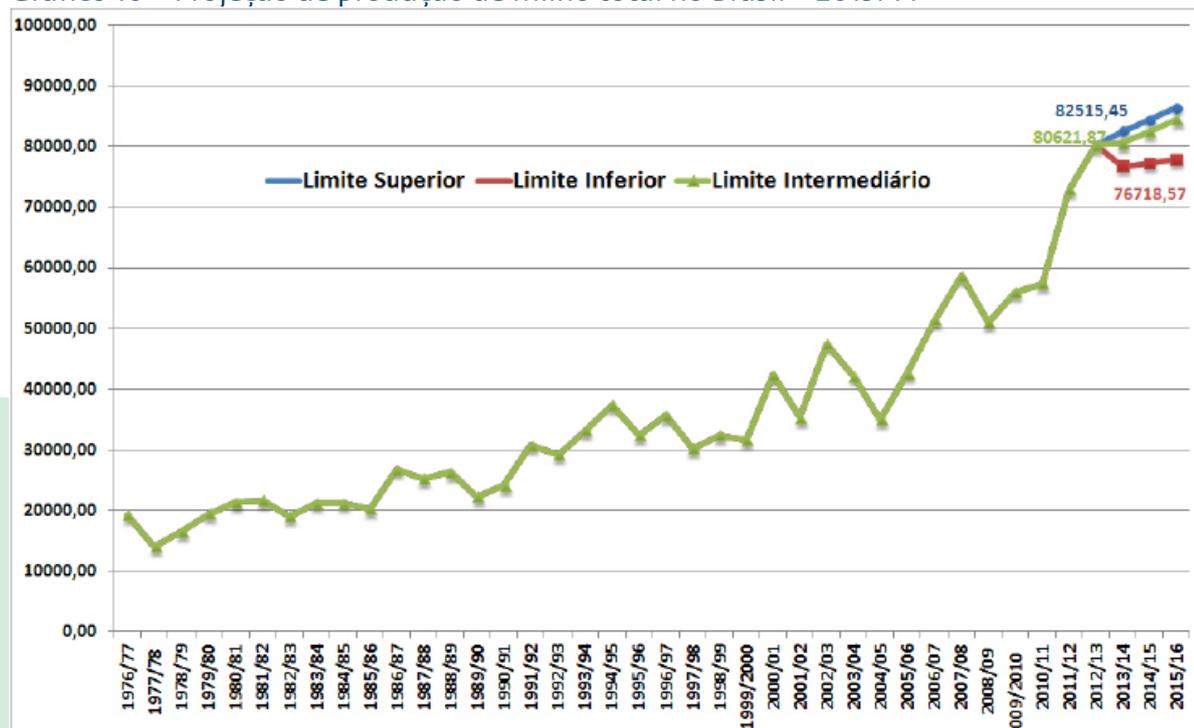


Fonte: Conab

Assim, ao utilizar a soma das duas áreas há a possibilidade do Brasil produzir na safra 2013/14:

1. 82,5 milhões de toneladas de milho, considerando a soma do limite superior da 1ª e 2ª safra;
2. Se tomar por base a soma dos limites inferiores de 1ª e 2ª safras do grão, a safra total de milho poderá chegar a 76,6 milhões de toneladas, sendo esta uma hipótese bastante provável;
3. Poderá haver também, pela redução da 1ª safra (limite inferior) e aumento da 2ª (limite superior), um volume produzido do cereal de 80,6 milhões de toneladas, ou seja, praticamente sem variação em relação à safra 2012/13.

Gráfico 10 – Projeção de produção de milho total no Brasil – 2013/14



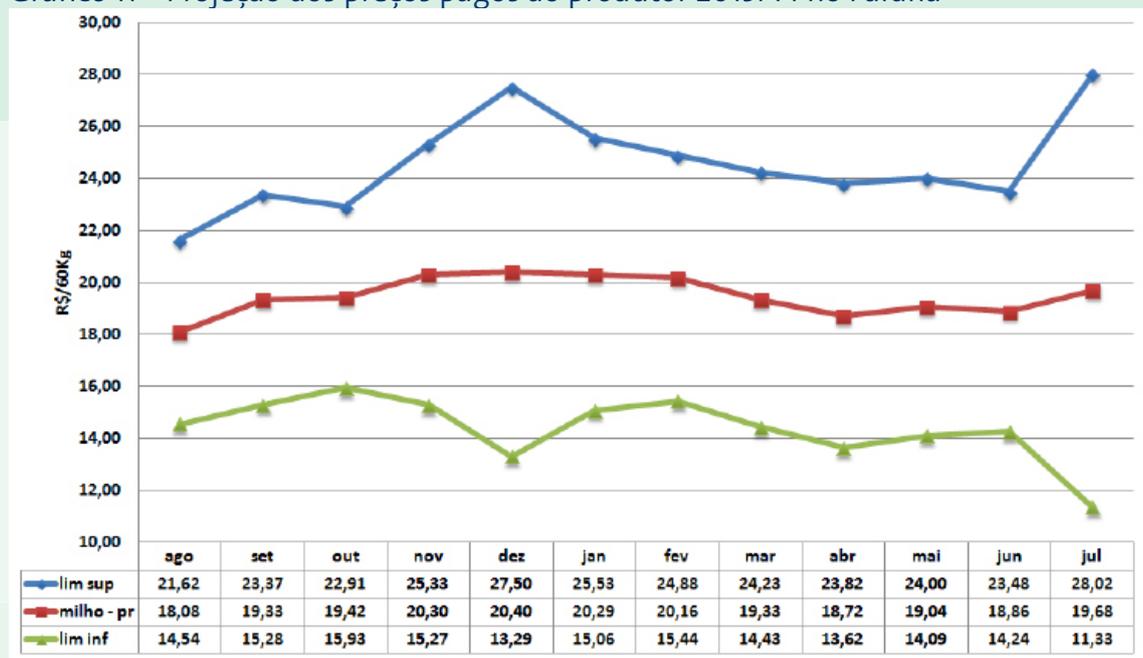
Fonte: Conab

4.3. Preços

Dentro desta expectativa de área e da conjuntura atual, tanto internacional quanto nacional, foram projetados os preços médios para os Estados do Mato Grosso e Paraná, por serem importantes produtores de milho e, também, os principais exportadores.

Para o Estado do Paraná, onde há menor custo logístico e maior proximidade com o porto, os preços do milho deverão ao longo da safra 2013/14 variar entre o limite inferior e a linha média, com valores de 15,00 a 19,00/60 Kg, podendo entre maio e julho de 2014, por ser uma entressafra norte americana, valores mais próximos dos R\$ 19,00/60Kg.

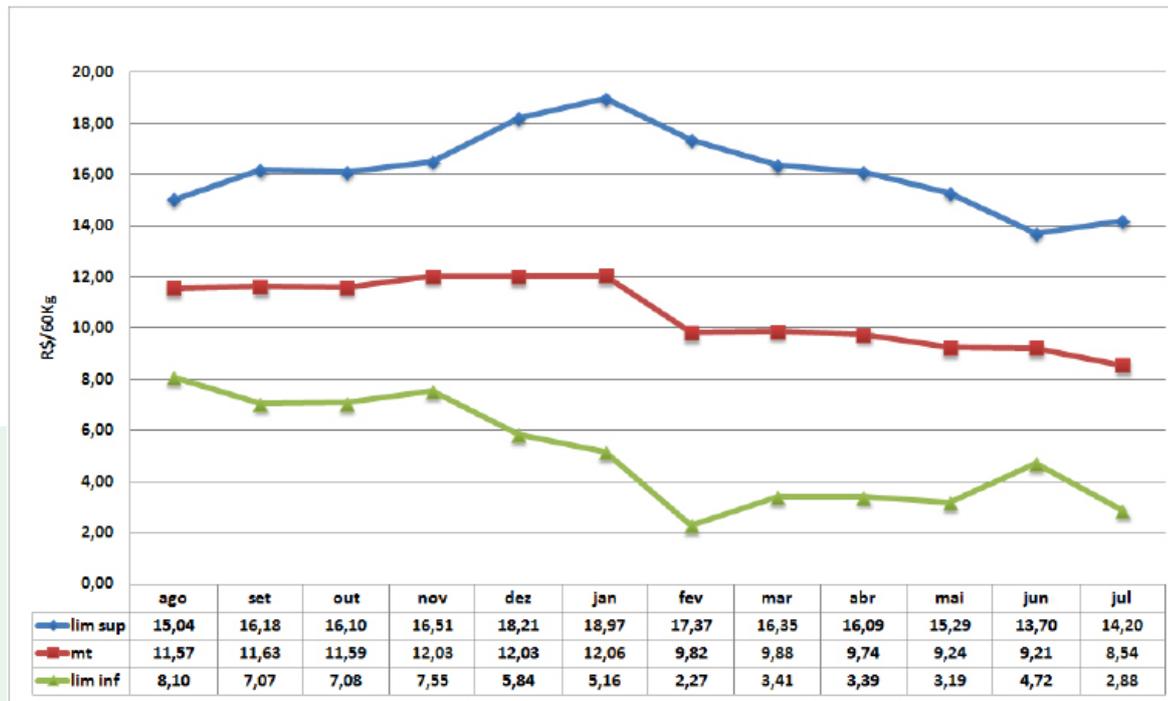
Gráfico 11 – Projeção dos preços pagos ao produtor 2013/14 no Paraná



Fonte: Conab

É provável que no Estado de Mato Grosso, mais sensível às mudanças de oferta e demanda devido aos altos custos logísticos que envolvem este estado, os preços médios do Estado trabalhem de agosto a fevereiro dentro do limite médio, com preços podendo chegar abaixo de R\$ 12,00/60Kg e para algumas regiões mato-grossenses valores inferiores a R\$ 10,00/60Kg. No entanto, dependendo de como estiver o andamento da safra 2014/15 dos Estados Unidos, os preços podem se recuperar a partir de março ficando mais próximos dos valores do limite superior.

Gráfico 12 – Projeção dos preços pagos ao produtor 2013/14 no Mato Grosso



Fonte: Conab

5. Conclusão

Diante do que foi exposto neste trabalho, a tomada de decisão do produtor brasileiro deve-se tomada dentro de algumas possibilidades e oportunidades oferecidas ao longo da safra 2013/14.

Com os preços mais baixos a partir do 2º semestre de 2013, além de um alto volume de milho em estoque de passagem, o milho perderá área para soja, fazendo com que o direcionamento do maior volume da safra de milho fique na 2ª safra se concretize.

Contudo, tendo em vista a baixa rentabilidade do grão e a pouca possibilidade de recuperação dos preços domésticos, um novo incremento em área na 2ª safra de milho pode não ser uma situação recomendável, inclusive por se tratar de uma safra de maior risco climático e com localização do maior volume de produção em regiões de difícil escoamento.



O Brasil foi o 22º maior exportador mundial de produtos com 1,44 % de participação total em 2011.

As exportações brasileiras têm evoluído ano a ano, apesar de uma pequena queda em 2012, se comparadas a 2011, de 5,3%. Naquele exercício (2012), o Brasil reduziu suas exportações de 256.040 milhões para 242.580 milhões de dólares.

A diminuição da receita de exportação se deve à queda de 4,9% do índice de preços, devido ao recuo das cotações de commodities, principalmente de minério de ferro, em razão do menor dinamismo das economias avançadas.

Em volume, as exportações brasileiras mantiveram-se praticamente no mesmo patamar de 2011, com redução de somente 0,3%.

Os três principais produtos exportados pelo Brasil em 2012 foram: minério de ferro com 33.244 milhões de dólares, em seguida o petróleo e derivados com 30.986 milhões de dólares e em terceiro lugar o complexo soja com 26.122 milhões de dólares.

Em relação a 2011 tal complexo (terceiro lugar) e máquinas e equipamentos (quinto lugar) foram os únicos produtos entre os dez maiores exportados no país que tiveram um crescimento positivo em 2012, ou seja, o complexo soja com 8,2% de aumento e máquinas e equipamentos com apenas 1,1%.

Ainda, em 2011, as exportações brasileiras representaram, aproximadamente, 10,34% do PIB nacional e em 2012, 10,77%. Neste panorama, as exportações do complexo soja repre-

sentam 1,16% do PIB brasileiro e está entre os três maiores produtos exportados, representando 10,8% de todos os embarques.

1. Panorama internacional

1.1. Oferta mundial

1.1.1. Safra 2012/13

O quadro de Oferta e Demanda Mundial, divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), referente ao mês de agosto/2013 estimou para a safra mundial de 2012/13 uma produção de aproximadamente 267,58 milhões de toneladas, assim distribuídas: Estados Unidos com 30,66% ou 82,05 milhões de toneladas, o Brasil com 30,64% ou 82,00 milhões de toneladas e a Argentina com 18,50% ou 49,50 milhões de toneladas e que, juntos, são responsáveis por aproximadamente 79,80% da produção mundial.

Em relação à safra 2011/12, a produção da safra 2012/13 teve um aumento de 11,88%, motivado mais em função dos problemas de produtividade ocorridos nos EUA e na América do Sul no ano de 2011, mas se comparado à safra 2010/11 que foi de 263,92 milhões de toneladas, a safra 2012/13 teve um aumento de apenas 1,38%.

Segundo o USDA, em maio de 2012, dos três maiores países produtores de soja na safra 2012/13, a safra americana foi estimada em 87,22 milhões de toneladas, mas também devido a problemas climáticos, com fortes secas e altas temperaturas ocorridas nos principais estados produtores na época de plantio, tal safra sofreu uma drástica queda, tendo esta estimativa, posteriormente, sendo lançada em 77,84 milhões de toneladas, ou seja, uma redução de aproximadamente 14,08%, em relação à safra 2011/12.

1.1.2. Safra 2013/14

Já para a safra mundial de 2013/14 o USDA faz previsão em torno de 281,71 milhões de toneladas, ou seja, um aumento de 5,28%, em relação à safra 2012/13.

Especificamente para os Estados Unidos, após três anos consecutivos de quebra de safra, a estimativa é de que a safra a ser colhida a partir de setembro de 2013, fique em torno de 88,59 milhões de toneladas, ou seja, crescimento de 7,97%, em relação à safra 2012/13.

Para o Brasil e, sempre em consonância com as informações do USDA, a safra que será colhida a partir de fevereiro de 2014 fique em 85,00 milhões de toneladas, um crescimento de 3,65%, em relação à safra anterior.

Já na Argentina este aumento deve ser de 8,08%, com uma produção de 53,50 milhões de toneladas para a referida safra.

Estes três principais países: Estados Unidos com 31,45% da produção mundial, Brasil com 30,17% e Argentina com 18,99%, serão responsáveis por 80,60% do total produzido.

1.2. Demanda internacional

O consumo mundial de soja vem aumentando, gradativamente, nos últimos anos, sendo associado ao crescimento da população mundial e ao aumento do poder aquisitivo das pessoas, principalmente nos países em desenvolvimento como a China, Índia e Brasil.

A Tabela 1 de Oferta e Demanda Mundial, divulgado pelo USDA estimou que o consumo mundial da safra 2009/10 alcançaria 209,11 milhões de toneladas, e na safra 2013/14 chegaria à 238,47 milhões de toneladas, ou seja, um incremento de 14,03%, nas últimas 5 safras.

As importações mundiais de soja para a safra 2012/13 deverão ficar próximas a 104,45 milhões de toneladas, significando 10,97% superior à safra anterior.

Ainda, segundo o USDA, a China, responsável por 66,05% da demanda mundial e que nos últimos cinco anos vem aumentando significativamente suas importações, ampliando de 50,33 milhões de toneladas na safra 2009/10 para 69,00 milhões de toneladas na safra 2013/14, mesmo com desaceleração econômica ocorrida no país, deverá continuar com suas importações aquecidas.

1.3. Relação entre estoque e o consumo mundial

Devido a problemas de oferta com a quebra de produção nos Estados Unidos e na América do Sul e ao crescente aumento da demanda chinesa já citada, a relação estoque/consumo mundial diminuiu 13,24% entre a safra 2010/11 e a safra 2012/13, passando de 71,72% para 62,21%, respectivamente.

Já a safra 2012/13, comparada com a de 2013/14, o Usda estima uma ótima produção na América do Sul e nos Estados Unidos, com um aumento de 16,15% da relação estoque/consumo, passando de 62,21% para 72,26%, respectivamente.

Tabela 1 - Oferta e demanda mundial – Produção soja mundo

| Produção soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
|--|----------------|----------------|----------------|--------------------------|--------------------------|
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 ⁽¹⁾ | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| Brasil | 69.000 | 75.300 | 66.500 | 82.000 | 85.000 |
| Estados Unidos | 91.417 | 90.605 | 84.192 | 82.055 | 88.599 |
| Argentina | 54.500 | 49.000 | 40.100 | 49.500 | 53.500 |
| China | 14.980 | 15.100 | 14.480 | 12.800 | 12.500 |
| Índia | 9.700 | 9.800 | 11.000 | 11.500 | 12.300 |
| Paraguai | 6.462 | 7.128 | 4.043 | 9.367 | 8.400 |
| Canadá | 3.581 | 4.445 | 4.298 | 4.930 | 5.300 |
| Outros | 10.763 | 12.546 | 14.539 | 15.431 | 16.116 |
| Total | 260.403 | 263.924 | 239.152 | 267.583 | 281.715 |
| Importação soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| China | 50.388 | 52.339 | 59.231 | 59.000 | 69.000 |
| Europa | 12.695 | 12.488 | 11.957 | 12.250 | 12.100 |
| México | 3.523 | 3.498 | 3.606 | 3.350 | 3.550 |
| Japão | 3.401 | 2.917 | 2.759 | 2.700 | 2.760 |
| Taiwan | 2.469 | 2.454 | 2.285 | 2.400 | 2.500 |

| Importação soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
|---|----------------|----------------|----------------|----------------|--------------------------|
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| Indonésia | 1.620 | 1.898 | 1.922 | 1.920 | 2.100 |
| Tailândia | 1.660 | 2.139 | 1.906 | 1.925 | 2.030 |
| Egito | 1.638 | 1.644 | 1.638 | 1.650 | 1.700 |
| Vietnã | 231 | 924 | 1.225 | 1.350 | 1.380 |
| Coréia do Sul | 1.197 | 1.239 | 1.139 | 1.150 | 1.200 |
| Outros | 8.081 | 7.189 | 5.554 | 6.426 | 6.132 |
| Total | 86.853 | 88.729 | 93.222 | 94.121 | 104.452 |
| Exportação soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| Brasil | 28.578 | 29.951 | 36.315 | 39.200 | 41.500 |
| Estados Unidos | 40.798 | 40.957 | 37.150 | 35.788 | 37.694 |
| Argentina | 13.088 | 9.205 | 7.368 | 7.100 | 13.700 |
| Paraguai | 4.070 | 5.226 | 3.574 | 5.500 | 5.000 |
| Canadá | 2.247 | 2.943 | 2.932 | 3.500 | 3.450 |
| Outros | 2.657 | 3.418 | 4.928 | 5.550 | 6.054 |
| Total | 91.438 | 91.700 | 92.267 | 96.638 | 107.398 |
| Esmagamento soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| China | 48.830 | 55.000 | 60.970 | 64.650 | 67.650 |
| Estados Unidos | 47.673 | 44.851 | 46.348 | 45.178 | 46.130 |
| Argentina | 34.127 | 37.614 | 35.886 | 32.900 | 37.000 |
| Brasil | 33.701 | 36.330 | 38.083 | 35.250 | 37.000 |
| Europa | 12.959 | 12.355 | 12.245 | 12.470 | 12.230 |
| Índia | 7.400 | 9.400 | 9.600 | 9.700 | 10.000 |
| México | 3.600 | 3.625 | 3.675 | 3.650 | 3.800 |
| Outros | 20.826 | 22.085 | 20.896 | 23.905 | 24.664 |
| Total | 209.116 | 221.260 | 227.703 | 227.703 | 238.474 |
| Estoque final soja mundo - Milhões de toneladas | | | | | |
| País/Safra | 2009/2010 | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 | 2013/2014 ⁽²⁾ |
| Argentina | 22.277 | 22.872 | 18.100 | 25.950 | 27.072 |
| Brasil | 17.480 | 23.636 | 12.916 | 17.756 | 21.206 |
| China | 13.259 | 14.558 | 15.924 | 11.594 | 13.864 |
| Estados Unidos | 4.106 | 5.852 | 4.610 | 3.407 | 5.987 |
| Índia | 1.573 | 505 | 316 | 391 | 866 |
| Outros | 3.516 | 4.298 | 2.991 | 3.121 | 3.273 |
| Total | 62.211 | 71.721 | 54.857 | 62.219 | 72.268 |

Fonte: USDA

1.4. Preços internacionais

Com a crise econômica nos Estados Unidos, em julho de 2008, que afetou a economia mundial, a cotação de grão de soja na Bolsa de Chicago (CBOT) foi de UScents 1.658,00/bu (US\$ 725,00/T); o maior valor praticado até 2012.

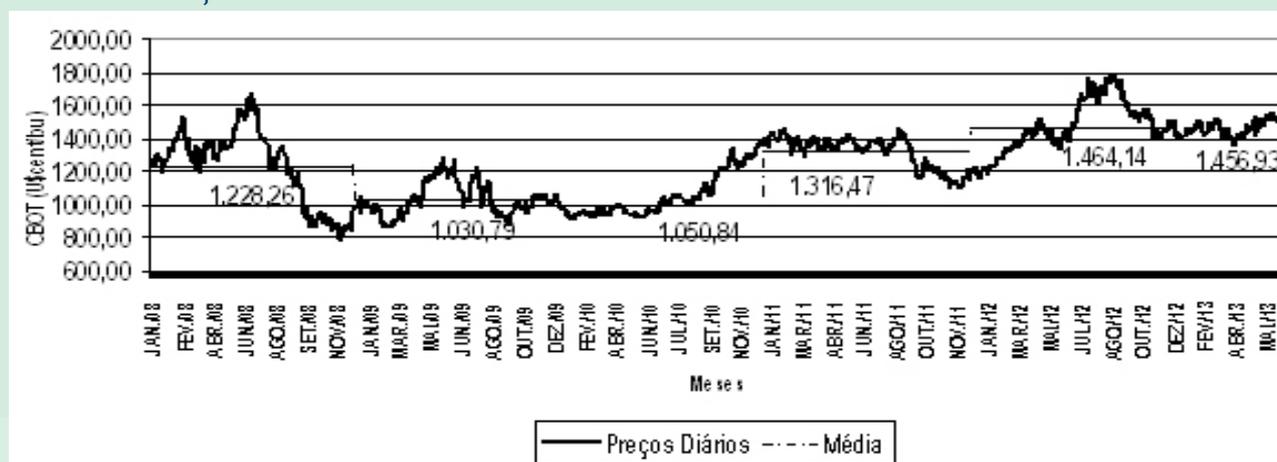
Já em 2012, devido a menor oferta no mercado internacional e a grande demanda, como citado anteriormente, os preços spot neste mercado foram os maiores realizados historicamente.

No início de janeiro de 2012 os preços praticados na Bolsa de Chicago (CBOT) estavam próximos de UScents 1.200,00/bu (US\$ 440,92/T). Após a confirmação das perdas de produção no Brasil e Argentina, devido ao La Nina, os preços primeira entrega (spot) começaram a subir e fecharam a UScents 1.503,00/bu, (US\$628,10/T) em abril de 2012.

Com a divulgação das perdas na safra 2012/13, ocasionadas pelo clima nos principais estados produtores americanos, os preços voltaram a subir e fecharam a UScents 1.771,00/bu (US\$ 650,73/T) em setembro de 2012; o maior preço praticado historicamente.

Com isto, os preços que vinham em alta em 2012 começaram o ano de 2013 em UScents 1.418,60bu (US\$ 521,25/T) e mesmo com uma safra recorde no Brasil e na Argentina, na CBOT não baixaram, pois os estoques mundiais estavam baixos e havia, ainda, o temor de que o Brasil (segundo maior produtor e exportador de soja no mundo) não conseguisse suprir as importações chinesas devido aos problemas de logística, principalmente nos portos, de modo que, em março de 2013, os preços CBOT chegaram a UScents 1.508,40/bu (US\$ 554,24/T).

Gráfico 1 – Preços CBOT



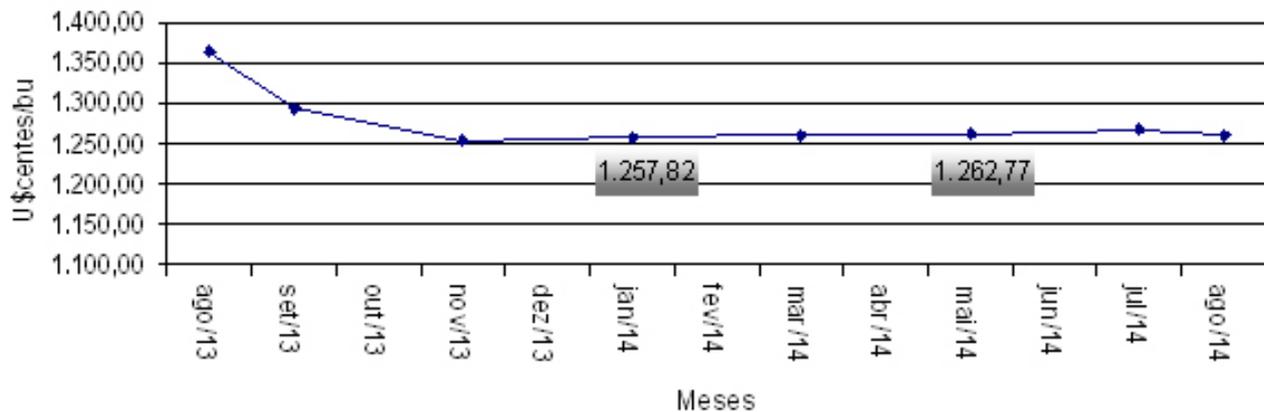
Fonte: CME Group

Após um longo período de chuvas que atrasou o plantio de soja norte-americana e com uma previsão de mais um ano de seca nos principais Estados produtores daquele país, os preços que já estavam alto passaram para UScents 1.613,20/bu (US\$ 592,75/T) em julho de 2013.

Com a safra mundial estimada em 281,71 milhões de toneladas e um estoque de passagem de 72,26 milhões de toneladas, as mais elevadas dos últimos tempos, a Bolsa de Chicago prevê uma queda nos preços para 2013. Assim, seguem as evoluções dos preços médios de soja no mercado internacional para os contratos de 1ª entrega, negociados na Bolsa, a partir de Agosto de 2013 e projeção de preços para 2014, a partir das cotações médias de vários contratos spot em 2013.

Observa-se, portanto, que os preços internacionais a serem praticados na próxima temporada (2013/14) devem situar-se em patamares inferiores aos praticados na safra 2012/13, e no início do ano de 2014 devem está a UScents 1257,82/bu (US\$ 462,17/T). Já em maio de 2014, mês de maior exportação brasileira de soja em grãos, devem situar-se em UScents 1262,77/bu (US\$ 463,99/T).

Gráfico 2 – Perspectiva de preços futuro para 2014



Fonte: CME Group

2. Panorama nacional

2.1. Oferta e demanda brasileira

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a safra brasileira 2011/12, devido a problemas climáticos ocorridos em dezembro de 2011, com secas e altas temperaturas (La Nina), principalmente nos Estados do Sul do Brasil, foi estimada em 66,39 milhões de toneladas, um decréscimo de 11,8%, em relação à safra anterior, que foi de 75,32 milhões de toneladas.

A Conab estimou, também, que apesar da pouca oferta na safra 2011/12, as exportações brasileiras seriam de 32,47 milhões de toneladas e o consumo interno, 36,75 milhões de toneladas, finalizando um estoque de passagem de apenas 444 mil toneladas; o menor estoque de passagem, dos últimos anos.

Sem nenhum problema climático e com os preços internacionais e nacionais em alta, na safra 2012/13 a Conab estimou aumento de área de aproximadamente 10,7% e colheita de 81,45 milhões de toneladas, ou seja, um acréscimo de 22,7%, em relação à safra anterior, com consumo interno de 42,40 milhões de toneladas e exportação estimada em 37,81 milhões de toneladas, finalizando um estoque de passagem de aproximadamente 1,84 milhões de toneladas ainda bem abaixo da média histórica de 2,44 milhões de toneladas.

Tabela 2 – Oferta e demanda Brasil⁽¹⁾ - em mil toneladas

| Descrição/Safra | Soja em grãos: | | |
|----------------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | 2010/2011 | 2011/2012 | 2012/2013 (*) |
| Estoque inicial | 2.607,2 | 3.016,5 | 444,0 |
| Produção | 75.324,3 | 66.383,0 | 81.456,7 |
| Importação | 41,0 | 266,5 | 150,0 |
| Suprimento | 77.972,5 | 69.666,0 | 82.050,7 |
| Esmagamento | 38.050,0 | 33.800,0 | 38.622,7 |
| Semente e outros | 3.920,0 | 2.954,0 | 3.778,7 |
| Consumo total | 41.970,0 | 36.754,0 | 42.401,4 |
| Exportação | 32.986,0 | 32.468,0 | 37.810,0 |
| Estoque final | 3.016,5 | 444,0 | 1.839,3 |

Fonte: Conab, MDIC/Secex, Sindicato Nacional da Indústria de Alimentação Animal – Sindirações, Associação Brasileira das Indústrias de Oleos Vegetais - Abiove

Legenda: (*) Estimativa;

(1) Refere-se ao ano civil de janeiro a dezembro.

2.2. Preços e paridade de exportação

Com a pouca oferta de produtos nos mercados internacional e nacional, os preços CBOT, que estavam altos no ano de 2012, continuaram em ascensão em 2013, influenciando, diretamente nos preços do mercado interno.

Assim, os preços em Paranaguá (PR) iniciaram o ano de 2013 no valor de R\$ 75,73/60 kg em janeiro, chegando ao valor mínimo de R\$ 58,53/60 kg em abril.

Como podem ser observados na tabela a seguir, os preços praticados no primeiro semestre de 2013, na maior parte do tempo foram maiores que os realizados em 2012, e, em média, 3,51% superiores aos do ano anterior em Sorriso-MT e 11,20% em Cascavel-PR.

Tabela 3 – Média de preços pago ao agricultor

| | R\$/60 Kg | | | | | |
|------------|------------|------------|--------|---------------|---------------|-------|
| | 2012 | | % | 2013 | | % |
| | SORRISO-MT | SORRISO-MT | | CASCADEL - PR | CASCADEL - PR | |
| 1ª semana | 39,06 | 47,00 | 20,33 | 47,60 | 60,57 | 27,25 |
| 2ª semana | 39,52 | 47,00 | 18,93 | 46,90 | 60,57 | 29,15 |
| 3ª semana | 37,34 | 48,90 | 30,96 | 45,40 | 59,17 | 30,33 |
| 4ª semana | 37,88 | 48,60 | 28,30 | 45,70 | 58,47 | 27,94 |
| 5ª semana | 37,06 | 48,20 | 30,05 | 45,81 | 58,45 | 27,58 |
| 6ª semana | 36,56 | 47,40 | 29,65 | 42,80 | 57,50 | 34,35 |
| 7ª semana | 36,48 | 45,68 | 25,22 | 42,80 | 57,50 | 34,35 |
| 8ª semana | 37,00 | 43,74 | 18,22 | 43,48 | 55,12 | 26,78 |
| 9ª semana | 38,88 | 45,65 | 17,40 | 43,54 | 56,00 | 28,62 |
| 10ª semana | 40,66 | 44,26 | 8,85 | 45,64 | 55,70 | 22,04 |
| 11ª semana | 42,66 | 44,48 | 4,27 | 47,13 | 55,00 | 16,70 |
| 12ª semana | 43,28 | 41,20 | -4,81 | 48,30 | 53,00 | 9,73 |
| 13ª semana | 44,34 | 42,24 | -4,74 | 48,30 | 51,70 | 7,04 |
| 14ª semana | 45,30 | 40,84 | -9,85 | 48,80 | 53,00 | 8,61 |
| 15ª semana | 46,63 | 40,87 | -12,35 | 50,45 | 49,90 | -1,09 |
| 16ª semana | 48,20 | 42,80 | -11,20 | 50,92 | 50,00 | -1,80 |
| 17ª semana | 50,00 | 42,68 | -14,64 | 51,50 | 50,50 | -1,94 |
| 18ª semana | 51,51 | 44,26 | -14,08 | 53,06 | 50,90 | -4,07 |
| 19ª semana | 51,42 | 45,06 | -12,37 | 55,46 | 52,00 | -6,24 |
| 20ª semana | 52,36 | 47,10 | -10,05 | 54,84 | 51,00 | -7,00 |
| 21ª semana | 52,84 | 49,52 | -6,28 | 54,90 | 50,60 | -7,83 |
| 22ª semana | 53,32 | 49,88 | -6,45 | 54,77 | 51,80 | -5,42 |
| 23ª semana | 54,86 | 52,65 | -4,03 | 55,10 | 54,25 | -1,55 |
| 24ª semana | 56,34 | 52,10 | -7,53 | 57,50 | 56,82 | -1,18 |
| 25ª semana | 57,40 | 52,85 | -7,93 | 58,20 | 58,67 | 0,081 |
| 26ª semana | 61,80 | 52,70 | -14,72 | 60,90 | 59,75 | -1,89 |
| Média | 45,87 | 46,45 | 3,51 | 49,99 | 54,92 | 11,20 |

Fonte: Instituto Mato Grossense de Economia Agropecuária – IMEA, Conab

Apesar dos altos custos logísticos e com os prêmios médios de porto negativo, os preços de paridade de exportação na safra 2012/13 foram, na maior parte do tempo, vantajosos para exportação, ficando em média 4,9% maiores que os praticados no mercado interno. Assim, as exportações de 2013 de soja são estimadas em 37,81 milhões de toneladas.

Tabela 4 – Paridade do grão estimada para 2013 – principais praças

| Itens de Cálculo | Grão |
|---------------------------------------|----------|
| 1 - Cotação CBOT - UScents/bu (*) | 1.465,14 |
| 2 - Prêmio - Paranaguá ou Santos (**) | (16,57) |
| 3 - Preço F.O.B | 1.448,57 |
| 3.1 - FOB - Equivalente em US\$/t | 532,26 |
| 3.2 - FOB - Equivalente em R\$/t | 1.093,26 |
| 3.3 - FOB - Equivalente R\$/60 kg | 65,60 |
| 4 - Despesas Porto em R\$/t | 20,54 |
| 5 - Taxas-Comissões | 2,46 |
| 6 - Corretagem Câmbio (0,1875% s/3.2) | 2,05 |
| 7 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t | 1.068,20 |
| 7.1 - Equivalente R\$/60 kg - Porto | 64,09 |
| 7.2 - Equivalente US\$/60 kg - Porto | 35,43 |
| Câmbio(***): | 2,054 |

| Praça/Produção | Passo Fundo RS | Cascavel PR | Dourados MS | Rio Verde GO | Rondonópolis MT | Sorriso MT |
|--|-------------------|----------------|----------------|-----------------|--------------------|---------------|
| 8 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t | 1.068,20 | 1.068,20 | 1.068,20 | 1.068,20 | 1.068,20 | 1.068,20 |
| 9 - Frete: Porto - Produção (R\$/t) (***) | 67,31 | 79,00 | 118,50 | 134,35 | 179,66 | 252,76 |
| 10 - Quebra técnica | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 1,18 |
| 11 - Sub-total | 1.000,72 | 989,03 | 949,53 | 933,68 | 888,37 | 814,27 |
| 12 - Despesas Administrativas (1%) | 10,01 | 9,89 | 9,50 | 9,34 | 8,88 | 8,14 |
| 13 - Paridade em R\$/t | 990,71 | 979,14 | 940,03 | 924,34 | 879,48 | 806,12 |
| 14 - Equivalente em R\$/60 kg | 59,44 | 58,75 | 56,40 | 55,46 | 52,77 | 48,37 |
| 15 - Equivalente US\$/60 kg - praça | 28,94 | 28,60 | 27,46 | 27,00 | 25,69 | 23,55 |
| 16 - Preços médio para o Estado em 2013 (R\$/60kg) | 55,82 | 55,33 | 54,39 | 50,71 | 52,10 | 47,09 |

Fonte: Conab

Legenda:

*Valor médio CBOT em 2013 (janeiro/julho 2013)

**Valor médio dos prêmios em 2013 (janeiro/julho 2013)

***Valor médio de câmbio em 2013 (janeiro/julho 2013)

****Valor médio dos fretes em 2013 (janeiro/julho 2013)

2.3. Rentabilidade

A Conab estimou em agosto de 2013 que a safra total de grãos de 2012/13 será de 186,14 milhões de toneladas, destas, 81,45 milhões de toneladas são de soja e 80,25 milhões de toneladas de milho, ou seja, 86,87% da produção brasileira de grãos são destes produtos.

O milho primeira safra é o principal concorrente em área de soja, já que é plantado na mesma época e nos mesmos Estados, e tem hoje uma produção estimada em 35,11 milhões de toneladas.

Neste panorama, fazendo uma análise de rentabilidade dos principais Estados produtores de milho e de soja no Brasil, constata-se que as margens brutas do custo variável para soja em grão em 2013, têm-se a rentabilidade de R\$ 27,69/60kg no Mato Grosso, R\$ 35,74/60kg no Paraná, R\$ 27,92/60kg em Goiás e R\$ 44,70/60kg no Rio Grande do Sul. Ao contrário da soja, para o milho, a margem bruta do custo é estimada em R\$ -6,92/60kg no Mato Grosso R\$ -0,78/60kg no Paraná, R\$ 0,27 em Goiás, e R\$ 6,73 no Rio Grande do Sul.

Tabela 5 – Custo de produção

| Custo de produção no Mato Grosso | | | | |
|----------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Produtividade Média (kg/ha) | Soja | | Milho | |
| | 3.100 | | 6.000 | |
| | R\$/ha | R\$/60kg | R\$/ha | R\$/60kg |
| A - Receita Bruta (1) | 2.781,73 | 53,84 | 1.265,00 | 12,65 |
| B - Despesas (2) | | | | |
| B1 - Despesas de Custeio (DC) | 1.025,74 | 19,85 | 1.470,53 | 14,71 |
| B2 - Custos Variáveis (CV) | 1.351,01 | 26,15 | 1.956,90 | 19,57 |
| B3 - Custo Operacional (CO) | 1.490,99 | 28,86 | 2.172,32 | 21,72 |
| a) Margem Bruta - DC (A-B1) | 1.755,99 | 33,99 | -205,53 | -2,06 |
| b) Margem Bruta - CV (A-B2) | 1.430,72 | 27,69 | -691,90 | -6,92 |
| a) Margem Líquida - CO (A-B3) | 1.290,74 | 24,98 | -907,32 | -9,07 |

| Custo de produção no Goiás | | | | |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Produtividade Média (kg/ha) | Soja | | Milho | |
| | 3.000 | | 6.000 | |
| | R\$/ha | R\$/60kg | R\$/ha | R\$/60kg |
| A - Receita Bruta (1) | 2.732,00 | 54,64 | 1.873,00 | 18,73 |
| B - Despesas (2) | | | | |
| B1 - Despesas de Custeio (DC) | 1.159,86 | 22,45 | 1.390,11 | 13,90 |
| B2 - Custos Variáveis (CV) | 1.380,48 | 26,72 | 1.846,18 | 18,46 |
| B3 - Custo Operacional (CO) | 1.530,67 | 29,63 | 2.013,35 | 20,13 |
| a) Margem Bruta - DC (A-B1) | 1.572,14 | 32,19 | 482,89 | 4,83 |
| b) Margem Bruta - CV (A-B2) | 1.351,52 | 27,92 | 26,82 | 0,27 |
| a) Margem Líquida - CO (A-B3) | 1.201,33 | 25,01 | -140,35 | -1,40 |

| Custo de produção no Paraná | | | | |
|-------------------------------|----------|----------|----------|----------|
| Produtividade Média (kg/ha) | Soja | | Milho | |
| | 3.000 | | 6.900 | |
| | R\$/ha | R\$/60kg | R\$/ha | R\$/60kg |
| A - Receita Bruta (1) | 3.037,50 | 60,75 | 2.178,10 | 18,94 |
| B - Despesas (2) | | | | |
| B1 - Despesas de Custeio (DC) | 988,14 | 19,13 | 1.791,28 | 15,58 |
| B2 - Custos Variáveis (CV) | 1.292,24 | 25,01 | 2.267,86 | 19,72 |
| B3 - Custo Operacional (CO) | 1.542,88 | 29,86 | 2.567,68 | 22,33 |
| a) Margem Bruta - DC (A-B1) | 2.049,36 | 41,62 | 386,82 | 3,36 |
| b) Margem Bruta - CV (A-B2) | 1.745,26 | 35,74 | -89,76 | -0,78 |
| a) Margem Líquida - CO (A-B3) | 1.494,62 | 30,89 | -389,58 | -3,39 |

| Custo de produção no Rio Grande do Sul | | | | |
|--|----------|----------|----------|----------|
| Produtividade Média (kg/ha) | Soja | | Milho | |
| | 2.300 | | 7.500 | |
| | R\$/ha | R\$/60kg | R\$/ha | R\$/60kg |
| A - Receita Bruta (1) | 2.331,82 | 60,83 | 2.988,75 | 23,91 |
| B - Despesas (2) | | | | |
| B1 - Despesas de Custeio (DC) | 924,75 | 17,90 | 1.776,82 | 14,21 |
| B2 - Custos Variáveis (CV) | 833,35 | 16,13 | 2.147,67 | 17,18 |
| B3 - Custo Operacional (CO) | 1.541,53 | 29,84 | 2.322,03 | 18,58 |
| a) Margem Bruta - DC (A-B1) | 1.407,07 | 42,93 | 1.211,93 | 9,70 |
| b) Margem Bruta - CV (A-B2) | 1.498,47 | 44,70 | 841,08 | 6,73 |
| a) Margem Líquida - CO (A-B3) | 790,29 | 30,99 | 666,72 | 5,33 |

Fonte: Conab

Legenda:

 (1) Estimativa de preços médio no mês de julho
 (2) Custo de produção realizado em maio de 2013

Nota: Custo de produção dos Estados:

 Soja: Primavera do Leste e Sorriso-MT, Passo
 Milho: Campo Morião e Londrina-PR, Passo

3. Perspectivas para a safra 2013/14

Segundo o USDA, na safra 2013/14 o Brasil deve produzir cerca de 85 milhões de toneladas de grãos de soja e a safra mundial será de 281,71 milhões de toneladas.

Este departamento estima, ainda, que na safra referida a China deve importar cerca de 69,0 milhões de toneladas, contra 59,23 milhões de toneladas da safra 2012/13, ou seja, um aumento de 16,49%, mencionando, também, que o Brasil deve exportar em 2014, aproximadamente 41,5 milhões de toneladas.

Conforme a média mensal dos contratos futuros na Bolsa de Valores de Chicago, de várias semanas em 2013, os preços futuros no mercado internacional para janeiro de 2014 devem ser de UScents 1.257,82/bu (US\$ 462,17/T).

Como os preços no mercado interno acompanham as variações dos preços no mercado internacional, estima-se que os preços médios, para 2014 sejam de R\$ 44,07/60kg em Goiás, R\$ 42,59/60kg no Mato Grosso, R\$ 47,29/60kg no Paraná, R\$ 46,21/60kg no Rio Grande do Sul e R\$ 45,61 no Mato Grosso do Sul.

As médias dos preços internos, estimadas para 2014 são inferiores aos das médias dos preços pagos em 2013 e 2012, mas mesmo assim, ainda serão superiores às médias dos últimos cinco anos.

Tabela 6 – Média dos preços pagos ao agricultor (R\$/60)

| | GO | MT | PR | RS | MS |
|------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| 2008 | 40,12 | 41,12 | 42,12 | 43,12 | 44,12 |
| 2009 | 40,73 | 38,70 | 44,28 | 43,16 | 42,98 |
| 2010 | 34,02 | 33,31 | 36,88 | 36,20 | 35,16 |
| 2011 | 41,33 | 39,21 | 43,19 | 41,60 | 41,33 |
| 2012 | 56,68 | 57,68 | 58,68 | 59,68 | 60,68 |
| 2013* | 50,86 | 47,68 | 54,67 | 53,74 | 51,58 |
| 2014** | 44,07 | 42,59 | 47,29 | 45,98 | 45,61 |
| Média dos 5 anos | 43,97 | 42,90 | 46,73 | 46,21 | 45,92 |
| Preço mínimo para 2014 | 25,11 | 25,11 | 25,11 | 25,11 | 25,11 |

Fonte: Conab

Legenda:

*Valores estimados

**Valor estimado para janeiro de 2014

Com os altos custos em logística e prêmios de porto negativos, estimados para maio de 2014, pressupõe-se que as paridades de exportação para a safra 2013/14 não sejam muito rentáveis como foram as duas últimas safras, por isto os agricultores devem ficar atentos para estes valores.

Tabela 7 – Paridade do grão estimada para 2014 – principais praças

| Itens de Cálculo | Grão |
|---------------------------------------|----------|
| 1 - Cotação CBOT - UScents/bu (*) | 1.262,77 |
| 2 - Prêmio - Paranaguá ou Santos (**) | (40,04) |
| 3 - Preço F.O.B | 1.222,73 |
| 3.1 - FOB - Equivalente em US\$/t | 449,28 |
| 3.2 - FOB - Equivalente em R\$/t | 1.010,87 |
| 3.3 - FOB - Equivalente R\$/60 kg | 60,65 |
| 4 - Despesas Porto em R\$/t | 22,50 |
| 5 - Taxas-Comissões | 2,70 |
| 6 - Corretagem Câmbio (0,1875% s/3.2) | 1,90 |
| 7 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t | 983,78 |
| 7.1 - Equivalente R\$/60 kg - Porto | 59,03 |
| 7.2 - Equivalente US\$/60 kg - Porto | 35,43 |
| Câmbio(***): | 2,2.500 |

| Praça/Produção | Passo Fundo RS | Cascavel PR | Dourados MS | Rio Verde GO | Rondonópolis MT | Sorriso MT |
|--|-------------------|----------------|----------------|-----------------|--------------------|---------------|
| 8 - Preço - Porto s/rodas em R\$/t | 983,78 | 983,78 | 983,78 | 983,78 | 983,78 | 983,78 |
| 9 - Frete: Porto - Produção (R\$/t) (****) | 50,00 | 68,00 | 116,00 | 118,00 | 160,00 | 252,00 |
| 10 - Quebra técnica | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 0,18 | 0,18 |
| 11 - Sub-total | 933,60 | 915,60 | 867,60 | 865,60 | 823,60 | 731,60 |
| 12 - Despesas Administrativas (1%) | 9,34 | 9,16 | 8,66 | 8,66 | 8,24 | 7,32 |
| 13 - Paridade em R\$/t | 924,26 | 906,44 | 858,92 | 856,94 | 815,36 | 724,28 |
| 14 - Equivalente em R\$/60 kg | 55,46 | 54,39 | 51,54 | 51,42 | 48,92 | 43,46 |
| 15 - Equivalente US\$/60 kg - praça | 24,65 | 24,17 | 22,90 | 22,85 | 21,74 | 19,31 |
| 16 - Preços médio para o Estado em 2014 (R\$/60kg) | 45,98 | 47,25 | 45,61 | 44,07 | 42,59 | 42,59 |

Fonte: Conab

Legenda:

- *Valor médio CBOT estimado para maio 2014
- **Valor dos prêmios estimado para maio 2014
- ***Valor do câmbio previsto na última Ata do Copom/BC para 2014
- ****Valor médio dos fretes em maio 2013

Com os preços do mercado internacional em baixa e um alto estoque de passagem mundial, e principalmente nacional, além de uma rentabilidade calculada como negativa para a produção de milho primeira safra, muitos agricultores devem substituir as áreas de plantio de milho pelas lavouras de soja.

Além disto, em virtude dos altos preços internacionais e nacionais em 2013, as áreas de plantio de soja devem aumentar em aproximadamente 5% na safra 2013/14, ficando em 29,11 milhões de toneladas, com 3% de variação para mais ou para menos, podendo alternar entre 28,23 e 29,98 milhões de hectares.

Com produtividade esperada de 3.000 quilos por hectare, a produção brasileira de grão de soja é estimada em 87,32 milhões de toneladas, com 3% de variação para mais ou para menos. Já a produção pode alternar entre 84,70 e 89,94 milhões de toneladas.

O consumo Brasileiro de grão de soja deve ser de aproximadamente 44,83 milhões de toneladas e a exportações, levando em consideração as importações chinesas para 2014,

deverão ser de 40,34 milhões de toneladas, com 3% de variação para mais ou para menos. As exportações deverão ficar entre 39,13 e 41,55 milhões de toneladas.

Tabela 8 – Oferta e demanda Brasil – Estimativa para 2014

| Brasil | 2012/13 | -3% | 2013/14 | 3% |
|-----------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Área plantada | 27,72 | 28,23 | 29,11 | 29,98 |
| Produtividade | 2.939 | 2.910 | 3.000 | 3.090 |
| Produção | 81.456,70 | 84.698,46 | 87.318,00 | 89.937,54 |
| Estoque Inicial | 444,00 | 1.784,12 | 1.839,30 | 1.894,48 |
| Oferta total | 81.900,70 | 86.482,58 | 89.157,30 | 91.832,02 |
| Consumo total | 42.401,40 | 43.481,22 | 44.826,00 | 46.170,78 |
| Exportações | 37.810,00 | 39.132,97 | 40.343,27 | 41.553,57 |

Fonte: Conab



1. Introdução

A origem exata do sorgo é desconhecida, mas sabe-se que ocorreu ou no continente africano ou asiático. Embora seja uma cultura antiga, somente a partir do século dezenove foi expandida para outras regiões. Nos países em desenvolvimento o sorgo, principalmente o grânifero, destina-se à alimentação humana de mais de 500 milhões de pessoas, enquanto nos demais países a cultura é utilizada, essencialmente, como alimento animal.

É uma cultura importante, sendo o quinto cereal mais produzido no mundo e atrás, apenas, do arroz, trigo, milho e cevada. Sua maior área produzida localiza-se na África, enquanto a maior produção está na América do Norte, México e EUA. É também uma cultura que apresenta bastante versatilidade, podendo ser utilizada na alimentação humana e animal, servindo de matéria-prima para a produção de álcool anidro, bebidas alcoólicas, colas, tintas, vassouras, na extração de açúcar, produção de amido e óleo comestível.

Para utilização específica na agropecuária, o sorgo é destinado à ração animal, silagem e pastejo. Com o uso de variedades híbridas de elevadas qualidades e produtividades, vem se transformando numa cultura de grande expressão para a produção animal (ração), devido a um conjunto de fatores como: seu alto potencial de produção; a boa adequação à mecanização, a reconhecida qualificação como fonte de energia para arraçãoamento animal, a sua grande versatilidade (feno, silagem e pastejo direto) e facilidades de adaptação às regiões mais secas, o que a torna uma cultura mais segura que a do milho, porém, com preços também menos convidativos.

No Brasil são cultivados quatro tipos de sorgo:

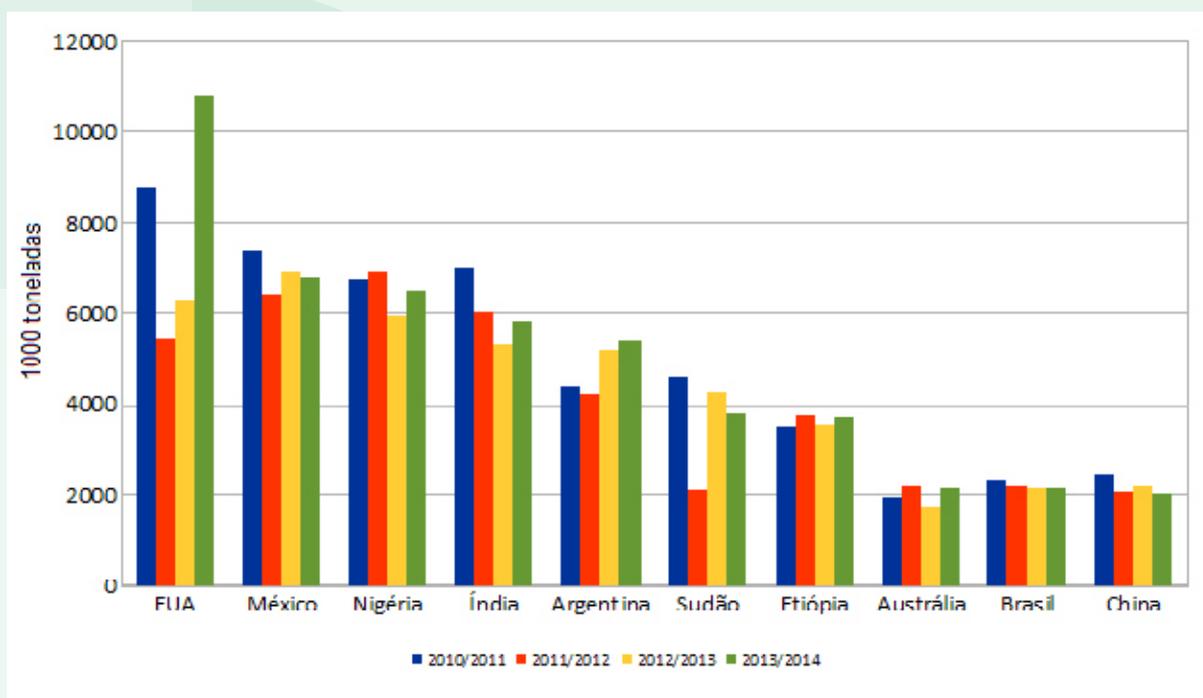
- a) Granífero: sorgo de porte baixo, com grande produção de grãos e adaptado à colheita mecanizada;
- b) Forrageiro: sorgo de alta estatura, com grande produção de matéria verde, sendo utilizado principalmente para pastejo, corte verde, fenação e cobertura morta;
- c) Sacarino: sorgo de alta estatura, com colmos doces e produção mínima de grãos. Mais voltado para a produção de etanol e açúcares;
- d) Vassoura: sorgo de elevada estatura podendo atingir 3 metros, cuja panícula é utilizada para a confecção de vassouras, através da palha.

Neste artigo serão apresentadas análises dos mercados nacional e internacional de sorgo, com uma breve revisão do histórico recente do produto, objetivando, com base neste cenário, projetar a safra 2013/14, bem como sinalizar para a cadeia produtiva do produto, em especial os agricultores, as perspectivas e a viabilidade para a próxima safra de sorgo.

2. Panorama internacional

Como citado anteriormente, os maiores produtores de sorgo estão localizados principalmente na América do Norte, sendo os Estados Unidos e o México os países de maior produção. Nos dados estimados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), os EUA devem ultrapassar a produção mexicana de sorgo nesta safra, o que não acontece desde a safra 2010/11 - Gráfico 1. Tal ocorrência se prende à questão climática desfavorável, que afetou bastante a produção mexicana de sorgo, reduzindo-a em 1,5% (100 mil toneladas), somada à situação muito boa das lavouras norte-americanas. Os demais produtores apresentados estão em ordem decrescente, de acordo com a produção estimada na safra 2013/14.

Gráfico 1 – Produção mundial de sorgo entre 2010 e 2013, em países selecionados



Fonte: USDA, 2013

A produção mundial de sorgo, para a safra 2013/14, está estimada, de acordo com o último relatório de Oferta e Demanda do USDA, em 61,9 milhões de toneladas, representando um aumento de cerca de 7,9% (4,53 milhões de toneladas) em relação aos 57,7 milhões de toneladas produzidas na safra 2012/13. Já o consumo mundial, estimado em 60,95 milhões de toneladas, mostra um aumento de 5,36% (3,1 milhões de toneladas), em relação as 57,84 milhões de toneladas da safra anterior. Com esse crescimento o estoque final do produto deve aumentar em quase 300 mil toneladas, representando aumento de pouco mais de 11%, como apresentado na Tabela 1:

Tabela 1 - Quadro de oferta e demanda mundial de sorgo entre 2009 e 2014

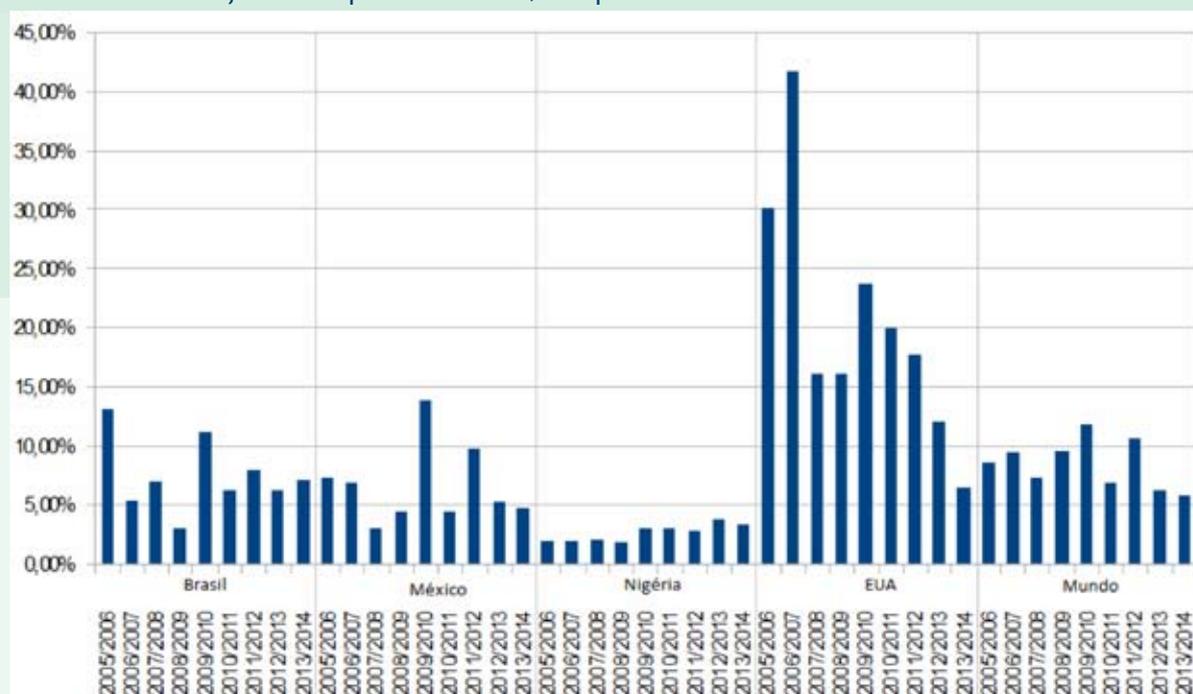
| Safra | Estoque inicial | Produção | Importações | Oferta total | Consumo | | Exportação | Estoque Final | |
|--------------|-----------------|----------|-------------|--------------|-------------|--------|------------|---------------|-------|
| | | | | | Alimentação | Ração | | | |
| Mundo | | | | | | | | | |
| 2009/2010 | 6.608 | 54.088 | 6.323 | 67.019 | 25.356 | 30.808 | 56.164 | 6.674 | 4.181 |
| 2010/2011 | 4.181 | 62.485 | 6.721 | 73.387 | 26.849 | 33.954 | 60.803 | 6.752 | 5.832 |
| 2011/2012 | 5.832 | 54.038 | 5.006 | 64.876 | 22.806 | 31.971 | 54.777 | 6.530 | 3.569 |
| 2012/2013 | 3.569 | 57.368 | 6.890 | 67.827 | 24.579 | 33.265 | 57.844 | 6.525 | 3.458 |
| 2013/2014* | 3.458 | 61.898 | 7.670 | 73.026 | 26.791 | 34.156 | 60.947 | 8.240 | 3.839 |

Fonte: USDA

Legenda: *estimativa

Apesar desse razoável crescimento na produção, a relação estoque/consumo diminuiu no mundo, podendo ser observado que essa é uma tendência que acontece com a maioria dos maiores produtores de sorgo do mundo como apresentado no gráfico 2, que ainda conta com dados do Brasil. Esse aumento na demanda, como se pode inferir da tabela 1, veio, principalmente, da parcela de consumo para alimentação, com um avanço um pouco menor para a utilização para consumo para rações.

Gráfico 2 – Relação estoque/consumo, em países selecionados entre 2005 e 2014

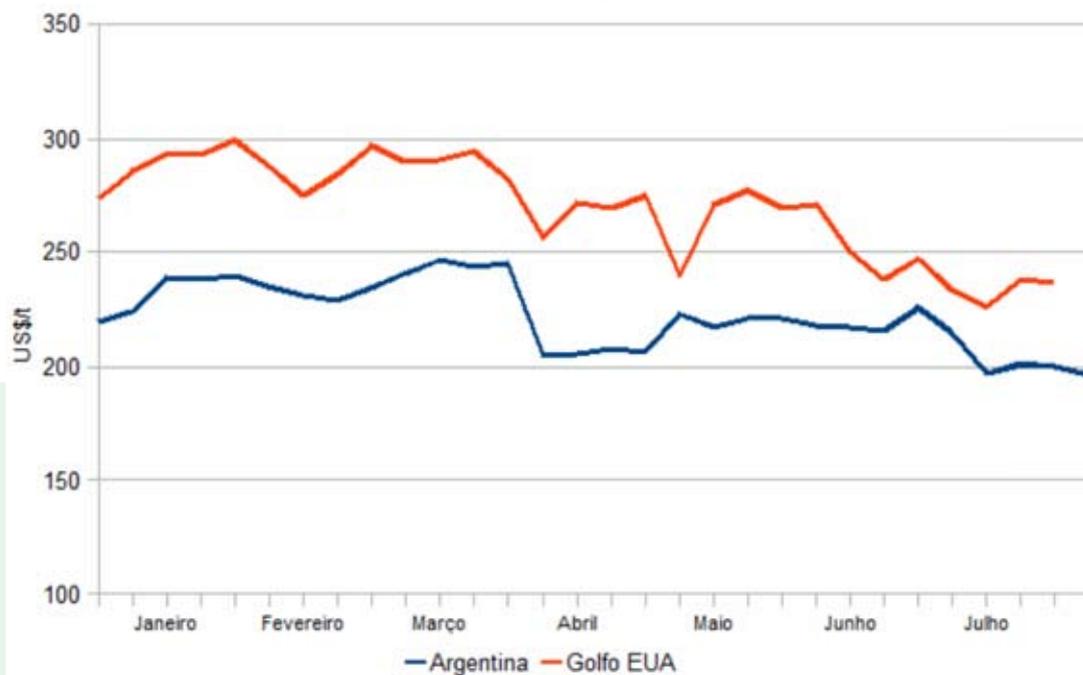


Fonte: USDA

2.1. Preços internacionais

Com a aproximação do período de colheita no México e nos EUA, os preços de sorgo estão mais baixos, seguindo a sazonalidade normal do produto, que normalmente se encontra em patamares baixos no meio do ano, com recuperação após o mês de agosto. Com os preços do milho em baixa, essa retomada deve ser bem inferior à vista em anos anteriores. Ainda assim, até o momento, a média anual dos preços de 2013 está 5,14% superior à média de 2012 na Argentina, e estável para o Golfo do México.

Gráfico 3 – Preços nominais de sorgo na Argentina e no Golfo do México, em 2013



Fonte: La Secretaría de Agricultura, Ganadería, Pesca y Alimentos de la Nación – SAGPyA, 2013; Food and Agriculture Organization of the United Nations – FAO, 2013

Diante deste panorama o que se espera é que os preços aumentem no segundo semestre, até pelo aumento na demanda do produto e pela falta deste, somado ao fato de ter ocorrido uma diminuição na área plantada para essa safra em relação ao que era esperado, em função da falta de umidade em alguns pontos do Texas e de Kansas; importantes centros produtores.

Por outro lado, o problema reside novamente nos baixos preços do milho, que estão bem próximos aos preços de sorgo e, se realmente acontecer uma safra recorde de milho, pode-se esperar a mesma tendência de 2011, quando os preços no segundo semestre não foram tão bons e acabaram abaixo dos preços do primeiro semestre. Como será visto mais adiante, o preço do milho e do sorgo são bem correlacionados entre si.

3. Panorama nacional

3.1. Oferta e demanda

Novamente, a safra de sorgo sofreu diminuição em relação à safra passada: se a seca já havia prejudicado a produção no Nordeste na última safra, esse ano o efeito foi ainda pior, com uma queda de quase 50% na produtividade baiana, que já havia despencado na safra anterior. Houve também a redução drástica da produção do grão no Piauí, com a área plantada

bem inferior à da última safra. Em Goiás, maior produtor, a redução da área se deu mesmo sob condições desfavoráveis para o milho, como atraso no plantio, entretanto, os preços do milho que vinham elevados, foram suficientes para que o produtor o preferisse ao sorgo.

Segundo dados do “11º Levantamento de Avaliação da Safra de Grãos”, da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o estado de Goiás lidera a produção nacional com 918,3 mil toneladas, queda de quase 9% em relação à safra anterior, seguido por Mato Grosso (442,4 mil toneladas) e por Minas Gerais (427,9 mil toneladas). Este fato mudou desde o último levantamento, quando Minas Gerais figurava com a segunda maior produção de Sorgo.

Tabela 2 – Área plantada, produtividade e produção total de sorgo, entre 2011 e 2013

| Região/UF | Sorgo - Brasil | | | | | | | | |
|-----------------------|--|---------|---------|---|---------|---------|--|---------|---------|
| | Série histórica de área plantada em mil hectares | | | Série histórica em produtividade em kg/ha | | | Série histórica de produção em mil toneladas | | |
| | 2010/11 | 2011/12 | 2012/13 | 2010/11 | 2011/12 | 2012/13 | 2010/11 | 2011/12 | 2012/13 |
| Norte | 20,2 | 21,5 | 19,1 | 1.789 | 1.736 | 1.923 | 36,1 | 37,3 | 36,7 |
| TO | 20,2 | 21,5 | 19,1 | 1.789 | 1.736 | 1.923 | 36,1 | 37,3 | 36,7 |
| Nordeste | 126,6 | 101,9 | 92,3 | 1.764 | 758 | 397 | 223,4 | 77,2 | 36,7 |
| PI | 5,8 | 5,7 | 1,2 | 2.672 | 2.130 | 1.080 | 15,5 | 16,4 | 1,3 |
| CE | 2,6 | 0,3 | 0,6 | 2.516 | 236 | 125 | 6,5 | 0,1 | 0,1 |
| RN | 8,1 | 1,1 | 2,2 | 2.455 | 930 | 1.000 | 19,9 | 1,0 | 2,2 |
| PB | 0,1 | 0,2 | 0,2 | 800 | 1.500 | 800 | 0,1 | 0,3 | 0,2 |
| PE | 2,8 | 0,6 | 1,0 | 675 | 582 | 625 | 1,9 | 0,3 | 0,6 |
| BA | 107,2 | 92 | 87,1 | 1.674 | 642 | 371 | 179,5 | 59,1 | 32,3 |
| Centro-Oeste | 494,0 | 483,0 | 478,4 | 3.120 | 3.160 | 3.011 | 1.541,4 | 1.526,2 | 1.440,5 |
| MT | 111,0 | 151,4 | 151,4 | 1.833 | 2.780 | 2.711 | 203,5 | 420,9 | 442,4 |
| MS | 48,5 | 29,0 | 29,0 | 2.500 | 2.700 | 2.800 | 121,3 | 78,3 | 42,0 |
| GO | 322,6 | 296,5 | 296,5 | 3.600 | 3.369 | 3.147 | 1.161,4 | 998,9 | 918,3 |
| DF | 11,90 | 6,10 | 6,10 | 4.640 | 4.600 | 4.500 | 55,20 | 28,10 | 37,80 |
| Sudeste | 157,3 | 150,3 | 170,7 | 2.940 | 3.460 | 2.895 | 462,4 | 519,9 | 494,2 |
| MG | 126,8 | 126,1 | 151,1 | 2.901 | 3.519 | 2.832 | 367,8 | 443,7 | 427,9 |
| SP | 30,5 | 24,2 | 19,6 | 3.102 | 3.150 | 3.382 | 94,6 | 76,2 | 66,3 |
| Sul | 19,3 | 30,2 | 28,4 | 2.631 | 2.030 | 2.465 | 50,7 | 61,3 | 70,0 |
| PR | 1,6 | 1,8 | - | 3.770 | 3.700 | - | 6,0 | 6,7 | - |
| RS | 17,7 | 28,4 | 28,4 | 2.528 | 1.924 | 2.465 | 44,7 | 54,6 | 70,0 |
| Norte/Nordeste | 146,8 | 123,4 | 123,4 | 1.768 | 928 | 659 | 259,5 | 114,5 | 73,4 |
| Centro-Sul | 670,6 | 663,5 | 663,5 | 3.064 | 3.176 | 2.959 | 2.054,5 | 2.107,4 | 2.004,7 |
| Brasil | 817,4 | 786,9 | 786,9 | 2.831 | 2.824 | 2.634 | 2.314,0 | 2.221,9 | 2.078,1 |

Fonte: Conab

3.2. Preços nacionais

Os preços recebidos pelos produtores estão em declínio em 2013. Anúncios de boa safra de milho no Brasil, estimativa de produção recorde nos EUA, entre outros, são os motivos dessa queda, pois, o sorgo apresenta uma produção em menor escala comparativamente às principais commodities agrícolas (milho e soja), seu consumo atua de forma subsidiária ao milho na composição de ração animal-, que acaba refletindo no seu preço-, que é muito relacionado ao do milho, normalmente ficando abaixo de 80% do preço deste.

Para exemplificar essa relação entre os preços foi utilizada uma correlação simples en-

tre os preços nominais de sorgo e milho em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, com resultados bem relevantes, ficando acima de 0,95 em GO e MT e, em 0,94 para Minas Gerais. Quanto mais próximo de 1 esse valor, maior a relação entre o movimento de uma variável em relação à outra, mostrando que os preços de sorgo são bem sensíveis às variações no preço do milho.

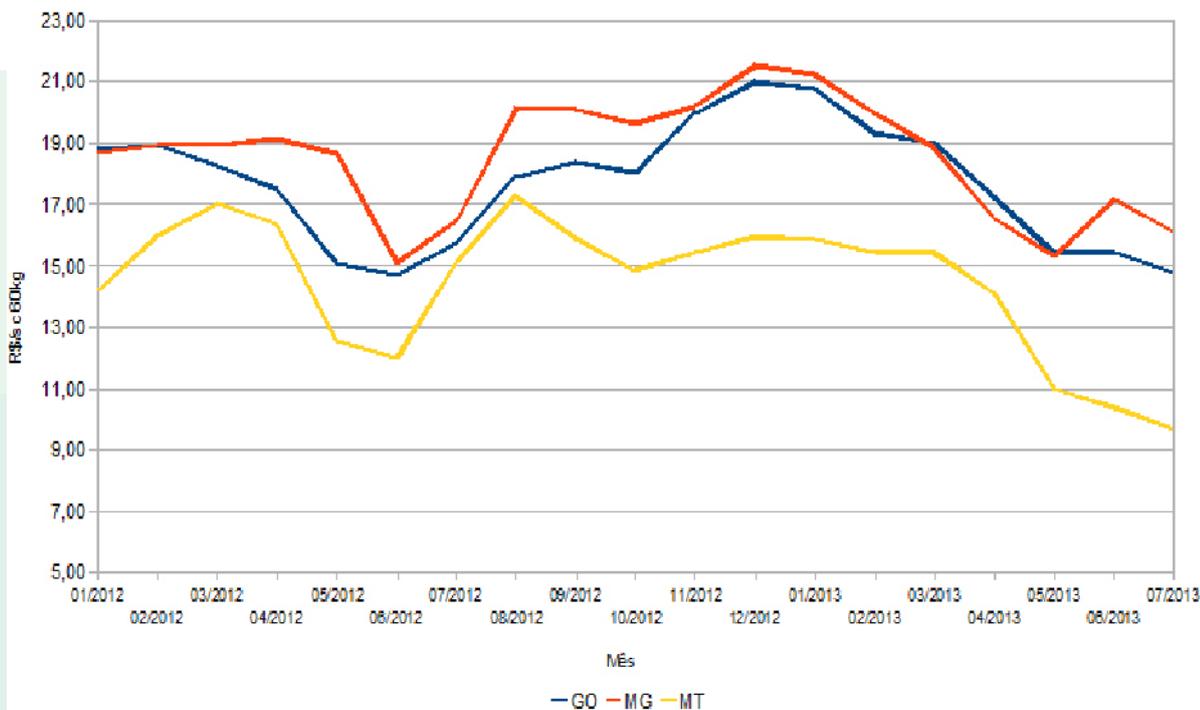
Tabela 3 – Correlação entre preços de sorgo e milho (de 2000 e 2013)

| BA | GO | MG | MS | MT | PE | PR | RS | SP |
|----------|----------|----------|----------|----------|----------|---------|----------|----------|
| 0,763383 | 0,978766 | 0,947785 | 0,980324 | 0,818074 | 0,869998 | 0,90624 | 0,982892 | 0,852543 |

Fonte: Conab, 2013

Dessa forma, pode-se observar que o sorgo vem sofrendo com a grande produção de milho tanto aqui quanto lá fora, pois, este está forçando os preços para baixo e, como se verá a seguir, acabou afetando a rentabilidade do produto e preocupando o produtor, que viu o preço praticado muito próximo ao preço mínimo estabelecido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) em MG e GO (preço mínimo de R\$13,98, e abaixo do preço mínimo em MT (preço mínimo de R\$11,16).

Gráfico 4 – Preços nominais de sorgo em Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, entre 2012 e 2013



Fonte: Conab, 2013

3.3. Rentabilidade

Com base nos dados da Conab, comparando a rentabilidade da safra 2012/13 de sorgo e milho (safra das secas) na Praça de Rio Verde – Goiás assumindo como base o mês de maio/13, tanto para os preços recebidos, quanto para o custo de produção, pode-se observar que o milho apresenta, com ampla margem, maior rentabilidade econômica em comparação ao cultivo de sorgo.

A margem bruta sobre as despesas de custeio é de 42,92% para o milho e 15,19% para o sorgo. A margem bruta sobre o custo variável e sobre o custo operacional para o milho atinge 21,27% e 11,45%, frente aos valores negativos do sorgo, respectivamente, de 5,8% e 26,44%. Estes resultados mostram que, na atual conjuntura, os produtores de sorgo de Rio Verde estão

operando abaixo dos custos variáveis, ou seja, estão conseguindo pagar o que foi gasto no campo, mas as outras dívidas como seguros, juros, transporte (este o mais importante componente desse item, em valor) entre outros, acabam ficando acima da receita com o cultivo de sorgo. Os produtores de milho, mesmo com os preços bem mais baixos que nos outros anos têm sua margem de lucro reduzida, mas conseguindo honrar os compromissos.

Tabela 4 – Comparativo de rentabilidade sorgo e milho, em Rio Verde-GO

Produtividade média sorgo: 3000 kg/ha

Produtividade média milho: 3900 kg/ha

| Discriminação | Preços mercado - Produtor Sorgo | | Preços mercado - Produtor Milho | |
|-----------------------------------|------------------------------------|----------------------|------------------------------------|----------------------|
| | 14,75 R\$/ha | R\$/60kg R\$/60kg | 19,52 R\$/ha | R\$/60kg R\$/60kg |
| A - Receita bruta | 737,5 | 14,75 | 1.268,8 | 19,52 |
| B - Despesas: | | | | |
| B1 - Despesas de custeio (DC) | 625,46 | 12,49 | 724,24 | 11,15 |
| B2 - Custos variáveis (CV) | 780,24 | 15,59 | 998,95 | 15,37 |
| B3 - Custo operacional (CO) | 932,46 | 18,64 | 1123,46 | 17,28 |
| a) Margem bruta s/ DC (A-B1) | 112,04 | 2,26 | 544,56 | 10,68 |
| b) Margem bruta s/ CV (A-B2) | -42,74 | -0,84 | 269,85 | 6,63 |
| c) Margem líquida s/ CO (A-B3) | -194,96 | -3,89 | 145,34 | 2,42 |
| Análise quantitativa: | kg/ha | 60kg/ha | kg/ha | 60kg/ha |
| Ponto de equilíbrio s/ DC | 2.544,24 | 0,85 | 2.226,15 | 0,57 |
| Ponto de equilíbrio s/ CV | 3.173,86 | 1,06 | 3.070,54 | 0,79 |
| Ponto de equilíbrio s/ CO | 4.551,67 | 1,26 | 3.453,26 | 0,89 |
| Indicadores | | | | |
| Receita sobre o custeio | (A/B1) | 1,18 | (A/B1) | 1,75 |
| Receita sobre o custo variável | (A/B2) | 0,95 | (A/B2) | 1,27 |
| Receita sobre o custo operacional | (A/B3) | 0,79 | (A/B3) | 1,13 |
| Margem bruta (DC) / Receita | (a/A) | 15,19% | (a/A) | 42,92% |
| Margem bruta (CV) / Receita | (b/A) | -5,80% | (b/A) | 21,27% |
| Margem líquida (CO) / Receita | (c/A) | -26,44% | (c/A) | 11,45% |

Fonte: Conab/Dipai/Sugof/Geole

4. Perspectivas para a safra 2013/2014

4.1. Produção

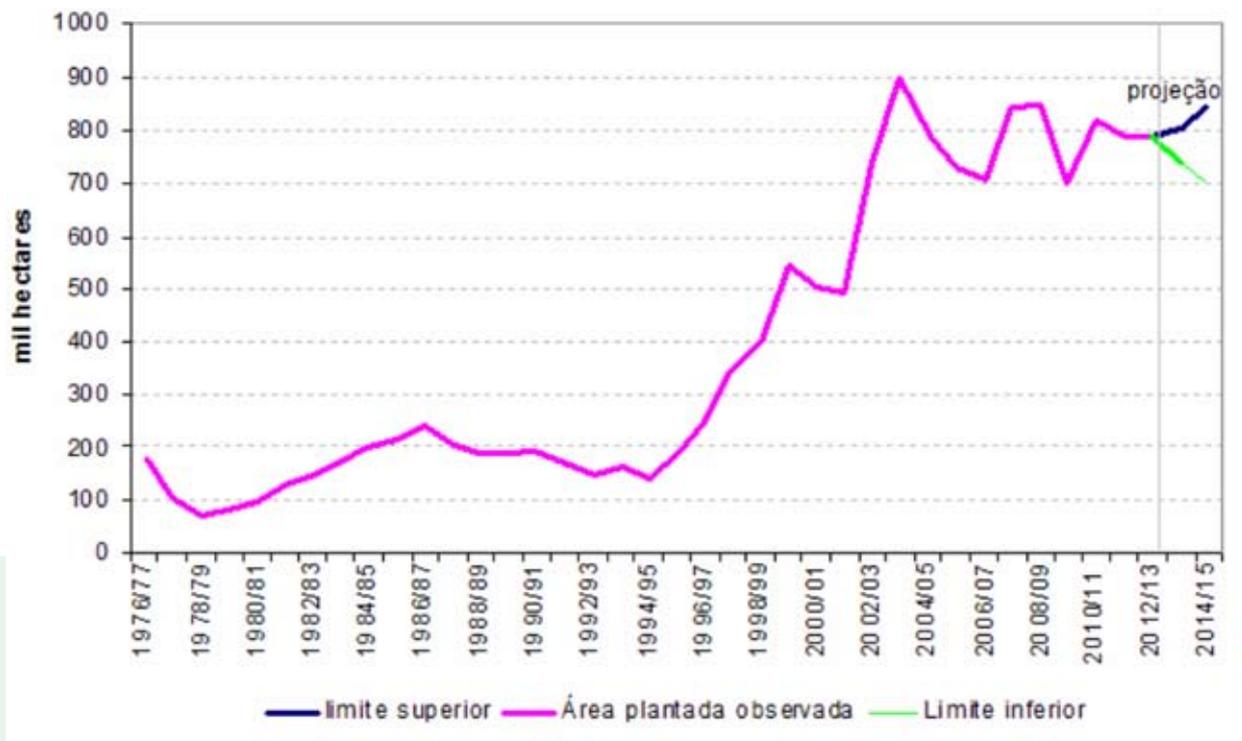
Considerando as estimativas para essa safra como corretas para o Brasil e bem plausíveis para os EUA, resta estimar a safra 2013/14 (o que não acontece com os preços, que serão vistos na próxima seção).

Começando pelos EUA, a colheita do produto que começa em setembro, deve ser quase 13% maior que a da safra 2012/13, mas com ganho de produtividade de expressivos 27,7%, em comparação com a última safra, que sofreu bastante com a seca na região.

Com isso, estima-se que os estoques cresçam bastante ao final do período, dobrando seu nível atual, de acordo com dados de agosto do USDA. Isso está alinhado com a política de aumento de estoques para evitar falta de produto, como ocorrido na safra passada, causado pela seca.

Para o Brasil, o cenário da atual safra é de área estável e produção um pouco menor com preços muito baixos devido a aderência dos preços de sorgo com os preços de milho, que ficaram abaixo do preço mínimo em alguns estados nos meses de junho e julho.

Gráfico 5 – Área plantada e estimativa entre 1976 e 2015



Fonte: Conab

Como fator altista a ser destacado tem-se a recuperação da produção nordestina de sorgo, que poderia facilmente elevar a produção em mais de 10%, porém, os preços ruins e a péssima performance do produto na safra atual são fatores que devem empurrar a produção para baixo, principalmente se tudo ocorrer bem na safra de verão, pois com preços que não cobrem os custos totais em várias praças, o produtor deve ficar receoso de plantar sorgo na próxima safra.

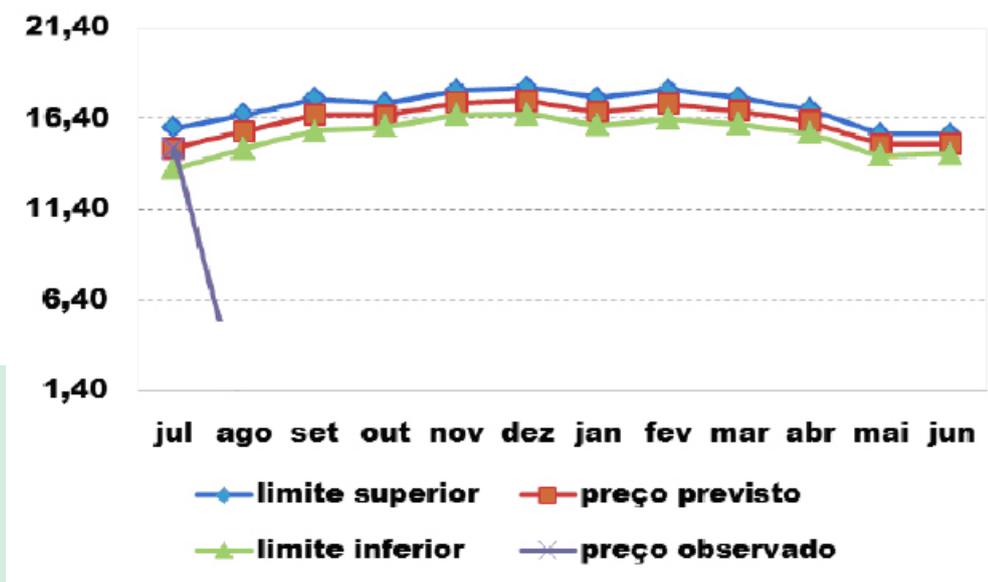
Assim, segundo essa modelagem, a área plantada deve ficar entre 740 mil hectares e 802 mil hectares.

4.2. Preços

Para cálculo da tendência de preços foi utilizado um modelo estatístico, levando em consideração a sazonalidade do produto durante vários quinquênios, buscando um modelo de previsão ajustado por esse componente temporal. A série temporal utilizada se inicia em 2001, sendo utilizados dados da produção em Rio Verde, Goiás.

Através desse modelo são previstos os preços, que com a utilização dos componentes sazonais, mostram uma tendência de alta a partir de agosto, como seria de se esperar em um ambiente estável.

Gráfico 6 – Previsão de preços entre julho de 2013 e junho de 2014



Fonte: Conab/Dipai/Geole

Os preços devem descolar um pouco dessas projeções iniciais, devido ao problema da superprodução de milho nos EUA, e os preços do sorgo, como já visto, são colados com o preço do milho. Assim, esse aumento mostrado no gráfico 6 deve atrasar um pouco, chegando a ficar abaixo do mínimo para várias localidades.

O preço deve, então, aumentar até o final do ano, porém, próximo ao limite inferior calculado no modelo, pela questão de haver estoques altos, informação essa não captada pelo modelo. Para 2014, os preços reais devem se manter próximos aos patamares de hoje, a não ser que ocorra algum outro choque, pois, um choque de demanda não é esperado e a oferta não deve variar demais em comparação ao previsto para a safra 2013/14.

5. Conclusão

Com a supersafra de milho nesse ano, os estoques devem ficar nos níveis mais elevados dos últimos anos, conformando uma situação de preços mais estáveis, pois no caso de produção abaixo do esperado, esses estoques podem ser utilizados para suprir a falta de oferta do produto, servindo, assim, como um redutor nesses casos não previstos.

Nesse cenário, a produção nos EUA, maior produtor mundial do grão, deve cair na próxima safra, enquanto no Brasil, a produção deve ficar estabilizada ou até mesmo recuar levemente nos principais Estados, ficando o Nordeste, que já perdeu grande parte da produção nos últimos dois anos, como o local onde a produção de sorgo deve aumentar.

Para minimizar o risco do produtor em trabalhar com prejuízo, deve haver investimentos em pesquisas de novas variedades e tecnologias, para que a produtividade por hectare compense os preços mais baixos e diminua o intervalo entre a rentabilidade do sorgo e do milho.



Ministério da
Agricultura, Pecuária
e Abastecimento

